LIBRARY OF PRINCETON
MAR 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

BX
4820
.F726
1933

IMPRIMATUR

Ex commissione Emmi. Card. Archiepiscopi Flum. Jan.

R. P. MARCELLUS RENAUD S. J.
Praep. V. Prov. Brasil. Centralis.

Die 2 Julii 1932.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Numero de ordem... Nº 1020

P. LEONEL FRANCA S. J.

Catholicismo

— E —

Protestantismo

"Roma, a Egreja e o Anticristo"
do Sr. ERNESTO LUIZ DE OLIVEIRA
á luz da critica

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

1933
SCHMIDT - EDITOR
RUA SACHET, 27
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA LEIA EDITORA
R. QUINTINO BOCAIUVA, 291 - 2º
TEL. 34-2277 - CX. POSTAL 7129
CEP 01004 - SÃO PAULO, S.P.

SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ML — Migne, J. P. *Patrologiae cursus completus,* Series *latina,* Parisiis 1844 ss. 221 vol. O numero romano indica o volume; o arabico, a columna.

MG — Migne, J. P. *Patrologiae cursus completus,* Series *graeca,* Parisiis 1857 ss. 161 vols. Citações como acima.

Weimar, D. Martin Luthers, *Werke.* Kritische Gesamtsausgabe, Weimar, 1833 ss. E' a edição critica mais recente das obras de Lutero, ainda incompleta.

Erl. M. Luther, *Saemtliche Werke,* Erlangen 1826 ss.

De Wette, Luthers M., *Briefe, Sendschreiben und Bedenken* vollstaendig gesammelt von W. M. L. De Wette, Berlin, 1825 - 28.

Enders, Dr. Martin Luthers *Briefwechsel* bearbeitet und mit Erlaueterungen versehen von Dr. M. Ernest Ludvig Enders, Frankfurt a. M. 1884 ss.

IRC. A Igreja, A Reforma e a Civilização por Leonel Franca S. J. 2.ª edição, Rio, 1928.

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/catholicismoepro00fran

PREFACIO

No mundo das ideas ha poucos espectaculos tão bellos como o de uma polemica sincera. A lucta de duas intelligencias, que se desembaraçam nobremente das influencias perturbadoras das paixões, e, estimuladas pelo amor desinteressado da sciencia, multiplicam os argumentos, aprofundam a erudição, aguçam a perspicacia da analyse, representa um esforço digno do homem, coroado dos mais certos e solidos resultados. Das discussões elevadas beneficia sempre a verdade.

O prazer de um espectaculo assim, de par com as vantagens de um progresso real no esclarecimento de grandes questões, foi o que, por um momento esperamos ao vermos, com o sub-titulo: "Replica ao livro 'A Igreja, a Reforma e a Civilização' do Rev. Leonel Franca S. J." a obra do Snr. Ernesto Luiz de Oliveira sobre "Roma, a Igreja e o Anticristo". Depois do meu modesto trabalho sobre os pontos fundamentaes que separam catholicos e protestantes, um estudo alentado de critica a estender-se por mais de 370 paginas in 8.º promettia cerrar mais de perto o debate, eliminar de vez as argumentações provadamente inoperantes e firmar para sempre algumas conclusões definitivas.

Foi uma illusão. A realidade mentiu ás esperanças. O livro do Snr. Ernesto não adeanta um ponto

á controversia; repisa apenas, em mau português, velhos logares communs mil vezes refutados no proprio estudo a que o autor pretendia replicar.

Antes de tudo, notamos que a defesa d"O Problema religioso na America Latina" de EDUARDO CARLOS PEREIRA, que dera occasião ao meu livro, foi posta á margem. Haviamos demonstrado como o fallecido pastor presbyteriano no seu assalto contra a Igreja, falseára citações, mutilára textos, inventára estatisticas, multiplicára affirmações contradictorias etc., etc. Com a excepção de uma só tentativa — e veremos mais tarde quão desastrada — o novo advogado do protestantismo desamparou, de todo em todo, o seu correligionario. Mais. O prefaciador do trabalho recente, o Snr. E. W. KERR confessa-nos que o livro de EDUARDO PEREIRA se "resente de uns poucos saltos violentos na urdidura e sequencia da materia... a documentação escassa além de protestante quasi toda, e sem pormenores quanto ás fontes; finalmente, a manifesta vontade de chegar ao fim, isto é, a pressa latina" p. 7. Archivemos a confissão. O livro do professor paulista que, a seu tempo, se havia inculcado como o melhor trabalho do protestantismo brasileiro, é hoje declaradamente julgado insufficiente, obra de fancaria, feita ás pressas, atabalhoada, sem contacto com ás fontes, unilateral, incoherente. E' bom que o digam agora; melhor fôra se o houvessem dicto antes. *Haec olim meminisse juvabit*.

E o novo livro? Valerá mais que o outro? Infelizmente, nem tanto. Salvo no volume da mole, ERNESTO LUIZ DE OLIVEIRA fica abaixo de EDUARDO CARLOS PEREIRA.

A primeira impressão que para logo fere o leitor, ao chegar cançadamente á ultima pagina, é a de uma desordem geral, de uma ausencia completa de plano e

de unidade na architectura do livro. Os capitulos vão-se succedendo, sem nexo, com "saltos violentos na urdidura e sequencia da materia." Lá, por meia altura da obra, de improviso, abre-se um estudo com o titulo "horas eucaristicas", e sobre a missa, a transubstanciação, a eucharistia na historia, seguem-se quase 70 infindaveis paginas, decalcadas sobre um artigo de *la Grande Encyclopédie française*. Quem tal crêra? Tomar como guia de um estudo sobre a Eucharistia, no anno de 1930, um artigo da *Grande Encyclopédie,* é arrojo scientifico singular! Mas a que proposito esta digressão que representa quase 1/5 do livro? E' a resposta a pequeno artigo publicado num semanario religioso de Campinas Evidentemente este "ensaio critico e historico" poderá ser o que quiserem, mas está fóra de logar: *non erat his locus*.

A esta digressão já chegára o leitor, fatigado por outra, pouco menos extensa. Mais de 50 paginas emprega o Snr. Ernesto Luiz de Oliveira, para demonstrar com Daniel, Newton, S. Paulo e o Apocalypse na mão, que a Igreja de Roma é, nem mais nem menos, do que a Babylonia, a grande Prostituta do Apocalypse e o Papa em pessôa, o Antichristo dos prophetas. Prova evidente aos seus olhos é que o Summo Pontifice em Roma é *"adorado"*, (p. 146) (1) que a

(1) Apenas eleito o Summo Pontifice, os cardeaes, reunidos em conclave, lhe prestam repetidas vezes a homenagem de sua veneração e obediencia. A estes actos o ceremonial pontificio designa com o termo "adoração", que, não só na linguagem classica, mas ainda no uso biblico e ecclesiastico tem frequentemente o significado de tributo de veneração, respeito, acatamento. Abraham **"adora"** os filhos de Heth (Gen. XXIII, 7); Jacob "adora" Esau (Gen. XXXIII, 3); Moysés "adora" o seu sogro Jethro (Exodo XVIII, 7); David "adora" Jonatas, (I Sam. XX, 41), e Saul (I Sam. XXIV, 9) e em infinitos outros logares. Assim, como Abraham, Moysés, David, "adoram" os cardeaes o Papa recem-eleito. Que faz o Sr. Ernesto? Dá ao termo "adoração" a significação estricta de "culto latreutico", e accusa os cardeaes (não sei que idea faz elle do sacro collegio) de idolatria e o Papa de usurpar as honras da Divindade. Evidentemente, é o anti-Christo. — Ignorancia ou má fé?

Lei canonica denomina o Papa: "Senhor Deus Papa". (!!) p. 148; que os "caracteristicos da grande Apostasia dos ultimos tempos são claramente vistos no frontespicio da Igreja de Roma: a prohibição do casamento e a do uso de carnes" (p. 150). Todas estas admiraveis descobertas, o illustre professor as vae enunciando com uma seriedade aruspicina, sem suspeitar sequer o ridiculo a que se expõe aos olhos de qualquer leitor, não digo altamente instruido, mas simplesmente sensato.

As acrobacias hermeneuticas com que o engenheiro-exegeta tenta identificar o Papa com a Anti-Christo do Apocalypse dariam, se nos sobrasse espaço, para distrair amenamente os leitores por algumas horas. Um exemplo só. Numa visão do Apocalypse apparece a grande Besta com dez cornos que representavam dez reis, etc. Commenta o Snr. ERNESTO: "Em outros termos: esses dez reis reinarão contemporaneamente com o Anticristo. E' interessante notar-se que não só se dividiu o imperio Romano do Occidente em dez reinos, quando foi da invasão dos Barbaros [quando ainda não havia começado o reinado fatidico. Cfr. p. 141], como ainda, dentro do mesmissimo territorio existem agora, as seguintes nações: 1.ª Inglaterra; 2.ª França; 3.ª Belgica; 4.ª Portugal; 5.ª Espanha; 6.ª Suissa; 7.ª Italia; [a 8.ª i. e. a Autria foi esquecida por lapso typographico] 9.ª Hungria; 10.ª Iugo-Slavia. Eis ahi os dez reis reinando contemporaneamente com o Papa Rei de Roma". ps. 161-2. Todo absorvido pelas difficuldades do labor exegetico o professor esqueceu a geographia. E a Rumenia? E a Allemanha? e a Grecia? e a Turquia? e a Tcheco-Slovaquia? e S. Marinho? e Andorra? Onde estão os dez reinos? E quantos eram quando os Habssburgo sob a sua corôa reuniam tantas nações hoje independentes? E quantos eram quando a Italia, a Allemanha e Espanha se acha-

vam divididas entre tantos pequenos soberanos independentes? Quantas infantilidades ridiculas!

Uma vez embrenhado nas prophecias eschatologicas, o critico do Paraná não resistiu á tentação de vaticinar o fim do Papado. "Se o reinado do Anticristo tem de durar 1260 anos e se só no ano de 774 apresentou-se elle com as insignias do seu poder temporal e espiritual, temos que no ano 2034 da nossa era terá fim esse fatidico reinado" (p. 141) — Já haviamos indicado no nosso livro (p. 188) esse fraco que LUTERO transmittiu nos seus descendentes. "On sait qu'une maladie du protestantisme aussi ancienne que lui, fut la manie de prédire la chute de la puissance pontificale. Les erreurs, les bévues les plus enormes, le ridicule le plus solennel, rien n'a pu le corriger; toujours il est venu à la charge" DE MAISTRE *Du Pape,* Paris-Lyon 1819, p. 669. Para CARLOS PEREIRA o pontificado de Pio IX assignalava a data fatal "da suprema decadencia." O Snr. ERNESTO D'OLIVEIRA teve tambem o animo de affrontar "le ridicule le plus solennel," mas foi prudente, recuou "a data fatal" para um futuro discretamente distante. Só os netos da geração presente poderão ter o consolo de saudá-lo propheta.

Nestas perspectivas apocalypticas que lhe turvam a serenidade da visão, o professor da Escola Polytechnica de Curityba vê, de Roma, se espalharem pelo mundo "duas sortes de clerigos, os seculares, como nuvens de gafanhotos e os regulares, como exercitos de cavallaria... seres infernaes com suas doutrinas venenosas (que) podem damnificar apenas a quem as adopte e pratique." p. 164.

Estes "seres infernaes" "organizaram um systema de moral destinado a tornar facil o perdão dos pecados *sem contrição nem arrependimento,* de tal modo que o que não se excusa pelo fim que justifica os meios,

escapa pela compensação oculta," etc., etc. (p. 164). As provas vae pedi-las o nosso erudito autor á casuística. PASCAL ou PAUL BERT resurgem inesperados. Dir-se-ia que as "Provinciaes" sairam hontem do prelo, que sobre ellas a critica até hoje não pronunciou nenhuma sentença definitiva, que sobre as suas citações truncadas, falseadas, malsinadas nada até hoje existe de provado. O Snr. ERNESTO vive ainda na beatifica ignorancia de todo este trabalho de erudição, de analyse, de historia séria. Alguns casinhos de moral bem escabrosos e bem adulterados poderiam arripiar os cabellos de seus leitores e provocar-lhes a mais justificada indignação contra moralistas tão degenerados? Isto lhe basta. São mutilados os textos? E' inteiramente desfigurado o sentido? que importa? O fim é bom; os meios estão justificados. (1)

(1) Não entra no nosso plano examinar estes casos. Citaremos apenas, por amostra, o primeiro. Trata-se de investigar até que ponto o dever obriga a consciencia a dizer a verdade. **Gury**, afim de concretizar a doutrina, pergunta se uma mulher, que teve a infelicidade de cair em adulterio, é obrigada a confessá-lo ao marido se a interrogar sobre o ponto. E responde, com a quase totalidade dos moralistas, que não, como não é obrigado o réu a confessar o crime ao juiz. Deste caso, quem tal crera? infere o Sr. Ernesto que "a Igreja de Roma sancciona o adulterio" p. 165. Já não me admira a perspicacia intellectual de quem encontra a doutrina sobre o adulterio num caso que trata dos limites da sinceridade. Maravilha-me a coragem moral de quem não trepida em assacar á Igreja catholica a mais grave das accusações sobre a inconsistencia de taes fundamentos. Queria o Sr. Ernesto saber sinceramente o que ensina o P. **Gury** sobre a fidelidade conjugal? Era abrir a sua "Teologia moral", **no capitulo em que trata ex-professo da questão.** Ahi veria, sob o titulo geral de "Peccados de luxuria" que o "adulterio, além de ser peccado contra a castidade, inclue tambem uma violação da justiça, como o evidencia não só a razão mas varios trechos da Sagrada Escriptura". **Comp. Theol. Moralis**[5], Romae, 1887, t. I, p. 413-414. Eis o que, sobre o assumpto, doutrina o P. Gury. Mas era necessario incommodar um grande moralista para saber o que ensina a Igreja, em materia tão elementar? Porque não abriu o illustre professor um dos catecismos que andam pelas mãos dos nossos meninos? Ahi veria entre "as principaes obrigações dos que se unem pelos laços do matrimonio christão" a de "guardarem um ao outro **inviolavel a fidelidade conjugal".** E se lhe parecia ainda excessivo este trabalho de documentação para fundar requisitorio tão momentoso, era sair á rua e interrogar á queima-roupa o primeiro catholico que lhe cruzasse os passos: "A Igreja

A esta primeira impressão de um livro mal architectado, sem unidade nem coherencia, indigesto e desordenado, se vêm ajuntar outras observações que lhe tiram todo o credito e valor scientifico.

A primeira e mais elementar exigencia de qualquer trabalho dessa natureza é a exactidão e rigor das citações. Em se tratando então de obra polemica esta é condição absolutamente indispensavel, é a primeira regra de um *fair play*, da attitude leal dos que se batem pela verdade. No meu modesto trabalho que deu origem ao debate timbrei de severidade neste ponto; de todos os trechos adduzidos indiquei minuciosamente a proveniencia; onde — raras vezes — não me foi possivel ir á fonte primeira, indiquei com lisura o autor de segunda mão que me subministrara a cita. Qualquer leitor, adversario ou não, achava-se assim habili-

---

catholica sancciona o adulterio?" O professor, estou certo, teria uma resposta verdadeira. Mas o cathedratico da Escola de Curitiba teve por desnecessarias estas informações e, com processos analogos ao que acabamos de ver, affirma desassombradamente que a Igreja romana não só legitima o adulterio mas ainda "patrocina a corrupção das senhoras honestas e das moças honestas", "sanciona a pratica de todos os pecados, inclusive o da mentira e da blasfemia", "sanciona o roubo" etc. etc. — Logo no limiar desse estudo affirma o Sr. Ernesto que no "intuito de adquirir influencia politica, os romanistas organisaram um sistema de moral destinado a tornar facil o perdão dos peccados **sem contrição nem arrependimento...**" p. 164. Ou o Sr. professor está gracejando ou abusa indignamente da ingenuidade dos seus leitores. Esta doutrina de perdão sem arrependimento é **especificamente luterana** e explicitamente **condemnada pela Igreja Catholica** (Concilio de Trento sess. XIV, can 4). Ao escrupuloso apologista do protestantismo esqueceu citar o texto official em que os catholicos ensinam a doutrina que lhes assaca. Não o tratarei da mesma forma. As palavras de Lutero aqui ficam exaradas textualmente: "Se um sacerdote vos deu a absolvição e credes firmemente que estaes absolvidos, estaes na realidade... **seja qual for a vossa contrição... E serão condemnados os que se não quizerem crer verdadeiramente absolvidos, antes de estarem certos de ter contrição**". **Werke**, Ed. Weimar, t. I, p. 323 — E neste estilo e com estes fundamentos continua o terrivel requisitorio. Que muito depois que elle mimosee o clero catholico, secular e regular, com as amabilidades de "seres infernaes", a envenenarem o mundo com as suas doutrinas? Só folgaria eu de saber como é que na moral puritana se qualificam certos processos de polemica.

tado a confrontar immediatamente as minhas affirmações e averiguar, por si, o valor das fontes e a fidelidade na sua interpretação.

Ao meu adversario não pareceu bem corresponder-me com igual gentileza. São sem conta os casos em que citações capitaes para a argumentação e sobre cuja authenticidade pode nascer no animo do leitor a mais legitima suspeita, se apresentam, sem a menor referencia ás fontes onde foram bebidas. E' a omissão de um dever grave.

Omissão que se torna tanto mais lamentavel quanto, em outras occasiões, o Snr. ERNESTO revela o mais completo e total desconhecimento dos autores que allega. A p. 257, por exemplo, é citado um trecho de S. Thomaz com estas indicações: *Summa,* 3: O, 11, C. Não ha tomista capaz de deslindar este logogrypho. Visivelmente, as obras do grande escolastico, não as conhece o polytechnico curitybano sequer pela lombada. (A p. 242 repetem-se as mesmas algaravias, mas desta vez ficam por conta do seu prefaciador E. W. KERR). Sobre a Eucharistia allega-se na p. 227 como de S. EUSÉBIO, um trecho, com a indicação *Ecc. Theol.,* III, 1. Ora, EUSÉBIO, *santo,* a patrologia conhece um bispo de Vercelli, no sec. IV, do qual, porém, não nos restam senão tres epistolas. EUSÉBIOS, que não são canonizados, apontam-se pelo menos 6, que se distinguem pelo nome da cidade em que nasceram ou de que foram bispos: de Alexandria, de Cesarea, de Dorylea, de Emeso, de Nicomedia, de Thessalonica. Muito provavelmente o Srn. ERNESTO queria citar o *De ecclesiastica theologia* de EUSÉBIO de Cesaréa, que não é santo, mas a falta de pratica lhe baralhou as noções mais elementares de patristica. Na pag. 173 leem-se estas palavras "sob a autoridade de *Lugonis,* Bon, Spor," etc. Já o leitor terá advertido que esse LUGONIS, irreconhecivel á primeira vista, é um genitivo la-

tino do celebre jurista DE LUGO, cujo nome soou tão novo aos ouvidos do nosso professor que o transcreveu tal qual para o português, como quem falasse nas Catilinarias de CICERONIS.

E o mal é ainda mais grave. O apologista do protestantismo não só appela para autores que nunca viu, mas atreve-se a criticar despachadamente doutrinas que não se deu ao trabalho de estudar sequer pela superficie. E' doloroso dizê-lo, mas a verdade impõe-se. Não ha talvez um dogma ou um ensinamento catholico que o Snr. ERNESTO exponha com fidelidade objectiva. O que nós cremos sobre o primado e a infalibilidade do papa, sobre a tradição, os sacramentos, as indulgencias, a justificação — tudo, passando pela entrosagem de sua exposição, sae completamente desfigurado. Não é penoso ver assim um critico dispensar-se da obrigação obvia de informar-se exactamente do que pretende julgar e condemnar? Escrever um livro nestas condições representa, sem contestação, uma notavel economia de trabalho intellectual, mas, com esta vantagem, acarreta o pequeno inconveniente da perfeita nullidade dos resultados. O Snr. ERNESTO, com o seu descaso pelas exigencias positivas da methodologia scientifica, deixou-se levar para o reino das chimeras; inventou, modificou, deformou a seu talante as theorias que critica, esgrimiu bravamente contra estes fantasmas creados pela sua imaginação apaixonada, e... venceu-os heroicamente. (1). Mas a doutrina catholica,

(1) Um exemplo entre muitos, e este de mais responsabilidade porque feito sobre uma doutrina cuja exposição se achava sob os olhos do autor. Tratando da conciliação da liberdade com a graça, dissera-mos que a Igreja catholica reconhecia no homem o livre arbitrio diminuido mas não destruido pelo peccado original. Assim "o homem é ainda senhor de seus actos, e, pela liberdade, o artifice dos seus destinos. A graça eleva, fortifica, sobre-naturalisa a vontade, mas no segredo insondavel de sua acção nas almas, respeita-lhe sempre a independencia nativa. A felicidade suprema da gloria será conquista dos

essa nem sequer foi attingida. A balistica do engenheiro mirou outros alvos irreaes.

Não menos ainda que as citações aereas e as deformações doutrinarias, são as innumeras contradições, são os erros palmares, a enxamearem por toda a obra, desvirtuando-lhe e annullando-lhe todo o valor.

Logo na *Carta Prefacio* p. 16 lê-se: "Donde concluimos reta e necessariamente que até S. Revma. se acha contaminado pelo terrivel virus protestante, o do livre exame individual!... E ao deante demonstraremos isso mais amplamente." Identica affirmação ás ps. 76 e 87. Pouco adeante: "E, por essa forma, temos em S. Revma. o mais bem acabado campeão da fé cega, sob o ceu destes Brasis." (p. 19). — "Tres paginas bastam para metamorfoear um "contaminado pelo livre exame", na "mais bem acabado campeão da fé cega".

Fóra de allusões pessoaes, sempre desagradaveis, abra o leitor a p. 22: "A mesma calumnia se levanta (pelos catholicos) quanto aos livros do que se compõe o Velho Testamento das Biblias protestantes, os quaes se acham todos integralmente conformes com os das Biblias catholicas e com as dos hebreus." Bem claro; nós catholicos *calumniamos* os protestantes, quando affirmamos mutilado o Antigo Testamento de suas Biblias; os livros que o compõem "*se acham integralmen-*

---

nossos esforços, premio das nossas virtudes, triunfo de nossa liberdade sobre o mal. As palavras de S. Paulo: **gratia Dei mecum**, resumem admiravelmente toda a economia da predestinação divina. Deus e eu: Deus com a graça, eu, com a minha livre cooperação: eis os elementos essenciaes e inseparaveis da nossa glorificação sobrenatural. Não se poderia melhor conciliar a **gratuidade das generosidades divinas** com a grandeza da dignidade humana" (p. 424). Que faz o Sr. Ernesto? Cita-me o trecho até "liberdade sobre o mal;" dá-lhe um sentido pelagiano **inteiramente incompativel com os periodos seguintes discretamente subtraidos á verificação dos seus leitores**, e sobre esta escamoteação constróe todo o seu capitulo sobre a Justificação pela fé!!

te conformes" com os das nossas Biblias. Continue o leitor: "A differença vem de ter o concilio de Trento, em 1631, mandado encorporar ao Velho Testamento os livros apocrifos, ou sejam, de Judite, Tobias, Baruque, Sabedoria, Ecclesiastico e Macabeus." — Ahi está; o A. T. das Biblias protestantes é "integralmente conforme" com o das nossas Biblias; mas apesar desta omnimoda identidade, ha, pelo menos, (o Snr. ERNESTO calou outras differenças) *ó livros* no nosso A. T. *que não se acham no protestante*. E nós catholicos... *calumniamos* quando affirmamos haver differença!! — Leia a p. 40: "Foi sob a autoridade do Velho Testamento que se fundou a Egreja, pois foi pelo testemunho delle que S. Pedro justificou a sua primeira predica da qual resultou a fundação da Egreja." Não critiquemos a argumentação; registemos apenas que a fundação da Egreja resultou da primeira predica de S. Pedro. A memoria não lhe foi propicia. Vinte paginas depois, se nos diz que "S. Pedro, por sua apostasia, espiritualmente deixou de pertencer á Egreja". p. 61. — Como! deixou de pertencer á Egreja que ainda não havia sido fundada! Afinal, Snr. ERNESTO, quando foi fundada a Igreja? Pela pregação de S. Pedro, ou antes de suas pregações? Ponha-se de accordo comsigo mesmo e depois discutiremos.

Os erros numerosos, visiveis, palmares vão formigando, sem economia nem pudor, pelo livro afóra. Na citação acima já o leitor terá advertido o primeiro, de chronologia elementar "O Concilio de Trento *em 1631,* mandou encorporar ao Velho Testamento os livros apocrifos" p. 22 (1). Um concilio de Trento *em 1631*

(1) Quanto aos livros "apocrifos" que o concilio de Trento "mandou encorporar ao Velho Testamento", o illustre cathedratico não se informou bem. O canon do Antigo Testamento, definido dogmaticamente em Trento, no anno de 1546 (eis a verdadeira data, meu caro senhor) poderá encontrá-lo reproduzido no chamado **Decretum Gelasii** (492-496), na carta de Innocencio I (405) a Exsuperio bispo de

é uma especie de independencia do Brasil em 1880. Quem é que ignora que a celebre assembléa ecumenica da cidade subalpina se reuniu em 1545 e, depois de varias interrupções, se encerrou em 1563?

Fiquemos ainda em chronologia "Os frades de S. Domingos, porém, ainda não tinham attingido á perfeição a que chegaram com "São Torquemada" e por isso o *Santissimo* Papa Pio V, com suma caridade mais que evangelica, julgou que devia correr em auxilio á inexperiencia delles: no anno *1235 convocou o concilio de Narbona,* de cujos decretos extrahimos as seguintes notas." p. 312 — Maravilhoso! De S. Pio V conheciamos varios milagres, mas não sabiamos que, na "sua caridade mais que evangelica" tivesse chegado a reunir um concilio *tres seculos antes de vir a este mundo!!* S. Pio V, Snr. governou a Igreja de 1566 a 1572. Não abuse de nossa credulidade.

A p. 223, o autor desejando "mostrar como os grandes santos *da primitiva Igreja* entenderam", as palavras eucharisticas, rompe corajosamente a lista com o nome de S. Bernardo. — Pôr o grande abbade de Claraval que *viveu no seculo* XII entre os santos da *primitiva igreja* é um tanto ousado.

E a chronologia da historia profana não é mais feliz que a da historia ecclesiastica. P. 314: 'Exactamente desse tom são as leis de São Luis VIII, rei de

---

Tolosa, no Concilio Romano, reunido em 382 sob o pontificado de S. Damaso, no concilio de Hippona (393) e nos de Carthago (419 e 397), no celebre **Codex Claromontanus** que remonta provavelmente ao seculo III, na versão grega dos LXX que foi a Biblia de que se serviram quase sempre os Apostolos. O concilio de Trento não fez portanto nenhuma addição arbitraria, "mandando encorporar apocrifos;" definiu apenas a tradição catholica, suprimindo duvidas que existiram em alguns escritores ecclesiasticos e foram perfilhadas pelo protestantismo nascente. E' esta, precisamente, a missão do magisterio ecclesiastico instituido por Christo. Os protestantes nunca terão uma autoridade infalivel que lhes possa garantir o caracter inspirado de nenhum livro santo. O seu principio de fé é uma antinomia irreductivel.

França. Imagine-se se não fosse santo." — Illustre cathedratico da Escola Polytechnica de Curityba, chame o primeiro preparatoriano approvado em historia para lhe lembrar que Luiz VIII rei da França não era santo, e que o Luiz, rei de França, que era santo não era VIII.

A. p. 48: "Para multiplicarem as copias desse Livro (a Biblia) os *protestantes inventaram a arte de imprimir;* e hoje todos os departamentos da cultura humana são abençoados por essa descoberta." — Affirmação despachada que vem revolucionar a chronologia das descobertas. Até aqui se julgava que a arte de imprimir havia sido inventada por Guttemberg *em meados do seculo XV*. De 1462 a 1500, só na Allemanha conservam-se os nomes de mais de mil impressores. No periodo ainda dos incunabulos, Moguncia e Colonia, que eram governadas pelos seus arcebispos eleitores, possuiam respectivamente 5 e 21 typographias. Os padres e religiosos foram em quase toda a parte os pioneiros da nova arte e muitos dentre elles se fizeram compositores. Officinas de typos installaram nos seus mosteiros os conegos regulares de Boromuster em 1470, os benedictinos de Augsburgo em 1472, de Bamberga em 1474; de Blaubeuren em 1475, os Premonstratenses de Schussenried em 1478, os Augustianos de Burenberg em 1479. Em 1487, Adolfo Occo, medico do arcebispo de Moguncia escrevia a um impressor que a nova arte "illuminara realmente o seculo pela misericordia do Omnipotente. E' sobretudo a Igreja catholica que lhe é particularmente obrigada; a recente descoberta lhe deu nova gloria e dotou-a de tantos livros cheios de sciencia divina." (1). Na França e na Italia, na Espanha e na Inglaterra, na Polonia e na Suecia, á sombra dos mosteiros e sob a protecção e estimulo das altas

(1) Cfr. Janssen, Geschichte des deutschen Volkes, t. I-VIII, Freiburg i. B. 1897, c. 1.

autoridades ecclesiasticas multiplicaram-se rapidamente as officinas typographicas. Em 1476 já se imprimia em Paris a primeira Biblia *francesa;* no anno seguinte, apparecia em Valença, uma versão da Escriptura *em dialecto valenciano,* feita por Bonifacio Ferrer, irmão de S. Vicente Ferrer. De 1470 a 1500 Veneza teve mais de 200 typographias e em 1500 cerca de 50 trabalhavam simultaneamente. Lutero portanto ainda não havia nascido e a arte de Guttemberg, acolhida e abençoada pela Igreja se espalhara por toda a Europa. Como é que o Snr. Ernesto de Oliveira vem ensinar aos seus clientes que "os protestantes inventaram a arte de imprimir" para vulgarizar a Biblia? Só falta agora attribuir-lhes a gloria de haverem descoberto tambem a America e inventado a polvora.

Entre estes homericos cochilos nos conhecimentos mais rudimentares da historia ecclesiastica ou profana, merece ainda contada a imprevista canonização de um grande escriptor ecclesiastico que não só nunca teve essa honra mas provavelmente morreu fóra da Igreja. Abrindo-se a p. 37, os olhos admirados caem em "S. Tertuliano", realçado em versalete. O apologista africano acaba de receber da generosidade do professor paranaense a nunca possuida aureola da santidade. E o S. inopportunamente canonizador obstina-se teimoso em acompanhar o desacostumado nome. A p. 226, S. Tertuliano apparece-nos ainda uma vez santificado pelo nosso autor, pouco exigente na distribuição da gloria excepcional. Ás pp. 207 e 256 é Clemente Alexandrino que indevidamente vem distinguido com a mesma honra.

Nugas de pouco valor, dirá alguem, ninharias sem importancia. Talvez; mas altamente significativas. Todas estas cincadas, incomprehensiveis em quem tenha o menor traquejo pessoal dos documentos, revelam no cathedratico de Curityba, em escriptor de todo em

todo hospede nos assumptos que versa. Quem quer que tenha manuseado os antigos autores ou folheado, ainda que por alto, os annaes do christianismo não envolve uma citação de S. Thomaz naquella confusão de cifras inintelligiveis nem canoniza Tertuliano nem situa o concilio de Trento em 1631. O Snr. Ernesto de Oliveira evidentemente não compulsou nunca os grandes autores dos seculos de fé (1). As fontes historicas da vida e da doutrina christã são para elle fechadas com sete sigilos. Como esperar, pois, de um homem que nunca entrou em contacto directo com os escriptos, os monumentos e a mentalidade de uma época, a interpretação justa e critica de um ou outro trecho violentamente arrancado ao seu ambiente natural? Fallece-lhe a primeira e mais indispensavel condição para qualquer trabalho, de indole historica, sério e consciencioso: a familiaridade com as fontes. Não temos, portanto, pela frente um investigador que, na sinceridade de uma pesquiza scientifica, tenha formado o seu juizo sereno sobre o assumpto e no-lo venha expôr desapaixonadamente. Resta apenas o compilador, o compilador que, servindo-se de outros compiladores, respiga, aqui e ali, no seu restolho, o que lhe parece conveniente á confirmação de ideas preconcebidas.

Em qualquer outro paiz do mundo, de cultura religiosa mais apurada, os proprios protestantes teriam sido os primeiros, a julgarem com justiça um livro que tanto lhes vinha comprometer a reputação scientifica (2). O "Antichristo" do Snr. Ernesto de Oli-

(1) Não ha talvez um S. Padre ou Doutor da Igreja, citado pelo Sr. Ernesto de Oliveira, cujas doutrinas não sejam por elle inteiramente desfiguradas. Se nos sobrar tempo e paciencia, e, sobretudo, se o exigirem as necessidades da polemica, daremos, um dia, deste asserto a mais minuciosa e documentada demonstração.

(2) Ultimamente, depois dos primeiros enthusiasmos de propaganda artificial, já começa a ouvir-se alguma nota discordante dentro dos proprios arraiaes protestantes. "O Jornal Baptista", orgam da

VEIRA, seguindo então o curso de seus destinos naturaes passaria, inoffensivo e despercebido. Aqui não. Mal sahiu o livro a lume, os pastores embocaram a "tuba sonora e bellicosa" e, numa porfia de emphase, proclamaram-no "colossal", "estupendo", "esplendido", "argumentação fulminante", "argumentação mathematica", "a mais notavel obra da actualidade". E, com este ruflar de caixas, começou a sua propaganda nos arraiaes "evangelicos".

Não ha para o protestantismo brasileiro symptoma tão grave e doloroso. O estalão intellectual, por onde se aferem os valores da sciencia religiosa, é realmente de typo inferior. Mais; um juizo destes atraiçoa uma attitude de lastimavel hostilidade ao catholicismo. Se a obra do Snr. ERNESTO foi saudada com tão desproporcionadas expressões de regosijo, foi apenas, porque vulgarizou uma meia duzia de objecções contra a Igreja, objecções sediças, exhaustas, mil vezes refutadas — da casuistica a Galileu — mas que impressionam sempre as massas irreflectidas e indefesas. Nas 370 paginas do novo in 8.° os pastoresinhos do interior encontrarão material abundante para alimentar o desrespeito, a animosidade, o odio incomprehensivel ao catholicismo, que parece ser o fito unico da actividade protestante no Brasil.

Pareceu-nos, por isto, conveniente dar duas pala-

Convenção Baptista Brasileira começou no seu n.° de 26 de Nov. de 1931, uma serie de notas criticas "ao livro de polemica protestante... pois seus erros são muitos e graves a nosso ver." p. 13. O proprio Emilio Kerr, que, numa especie de prefacio, quiz servir de paranympho ao trabalho do seu correligionario, não parece ainda muito satisfeito com a sua execução. "Um livro tão simples, diz elle, a p. 9, que apenas acena para o passado, talvez não vise merecer o titulo de resposta official e definitiva á obra de Leonel Franca." — O Autor, já se vê, é mais indulgente em julgar a propria obra. Ao depôr a penna exclama consolado: "Cremos haver dado plena satisfação á parte biblica e á parte historica do livro do Rev. L. F. sem o menor receio confiamos no julgamento dos espiritos desapaixonados." p. 373. — Em optica, não são infrequentes as illusões e os erros de perspectiva.

vras de resposta á "Replica" ao meu modesto trabalho sobre a *Igreja, a Reforma e a Civilização*. Resposta: não nos exprimimos talvez com exactidão. Nada ou quase nada ha de novo a responder. Trata-se apenas de mostrar que a pretendida "Replica" mente ás suas promessas e não corresponde ao seu nome. Não replica, mas repisa os mesmos erros já confutados e cuja refutação não foi levada em conta. E' processo de polemizar tão economico quão inefficiente. Todos conhecemos a psychologia dos leitores communs. Não haverá talvez 1 sobre 100 que se dê ao trabalho de confrontar serenamente os dois textos afim de julgar, sobre este cotejo completo, com quem fica definitivamente a victoria da razão. Contando como esta inercia mental da maioria, o meu adversario repetiu um sem numero de argumentos que já haviam sido eliminados e omittiu discretamente outros, decisivos na controversia. Minha tarefa será, portanto, restabelecer o estado verdadeiro da questão e pôr assim de manifesto a innocuidade de uma replica sem consistencia. Dahi a necessidade indeclinavel de citarmos longamente o nosso livro anterior. Fá-lo-emos indicando apenas o numero da pagina, com as iniciaes IRC, como as referencias do Snr. Ernesto Luiz de Oliveira, sem outras indicações, são tiradas do seu livro *"Roma, a Egreja e o Anticristo"*, S. Paulo, 1931.

Cingiremos o nosso trabalho aos pontos fundamentaes, tratados mais desenvolvidamente n"'A Igreja, a Reforma e a Civilização". Acompanhar as interminaveis e inopportunas digressões do meu adversario fôra ampliar inutilmente a controversia. Hoje o Snr. Ernesto divaga sobre a transubstanciação, o Anti-christo, a justificação pela fé; amanhã, o seu provavel successor embrenhará pela confissão, pelo culto das imagens, pela veneração aos santos, pelo Purgatorio etc., etc. E como não ha verdade catholica, que algu-

ma seita protestante não tenha posto em duvida, teriamos aberto um debate sem fim sobre todo o christianismo. Ficaremos firmes no campo escolhido; a questão que nelle se discute é fundamental; havemos de liquidá-la, com rigor e serenidade.

LIVRO I

INTRODUCÇÃO

A Igreja é o prolongamento de Christo na terra. Dos bens divinos que Elle trouxe ao homem, — luz da fé para as intelligencias, graça de regeneração para a vida sobrenatural das almas — ella é a depositaria fiel e incorruptivel. Sociedade dos redimidos, destinada a perpetuar atravez das gerações os beneficios da Redempção, Christo confiou-lhe o poder de magisterio infallivel que preservasse os seus ensinamentos das corrupções humanas; organizou-a de modo visivel a todas as consciencias sinceras que buscassem luz e paz; e estabeleceu-a inamovivelmente sobre uma autoridade indestructivel que lhe assegurasse, com um centro de unidade, a duração, a vida, a força, a integridade da fé na disciplina da ordem. Magnificamente S. Agostinho: "na cathedra da unidade pôs Deus a doutrina da verdade, in cathedra unitatis doctrinam posuit veritatis." (1).

Rasgar a tunica inconsutil desta sociedade santa, tecida pelas mãos divinas, erguendo soberbamente o proprio individualismo, fragil e oscillante, contra a unidade, preservadora da fé e do amor, é attentar voluntariamente contra a obra de Christo e collocar-se fóra

(1) S. Agostinho, Epist., CV, 16.

do seu plano redemptor. As vestiduras da fé christã, já dizia o grande bispo de Carthago, S. Cypriano, não poderá possui-las quem divide e dilacera a Igreja de Christo. Possidere non potest indumentum Christi qui scindit et dividit Ecclesiam Christi." (1).

Eis o peccado inexpiavel do protestantismo e a fonte originaria de todas as suas desgraças. As paixões dos grandes revoltados do seculo XVI obscureceram os esplendores incomprehendidos desta economia divina e, num gesto fatal, destruiram, quem sabe por quanto tempo, a unidade religiosa do Occidente, que, trazia em germe, a unidade espiritual da inteira familia humana. O Christianismo assim diminuido entrou rapidamente a desintegrar-se, preparando nas almas desamparadas de certezas superiores, o caminho ao scepticismo, á indifferença, á ausencia de vida religiosa, solida e profunda, a este vazio indescriptivel que aflige tanta parte do nosso mundo contemporaneo. Quem se der ao trabalho de comparar o symbolo de Nicéa com a *Essencia do christianismo* de Harnack poderá medir a distancia percorrida e sondar os abysmos de negação, abertos pelo protestantismo na sua marcha destruidora do Evangelho.

Aqui está, com a grande culpa, o erro fundamental dos Reformadores. As discussões sobre imagens ou reliquias, transubstanciação ou consubstanciação, purgatorio ou invocação dos santos, são secundarias em confronto da questão fundamental que decide da propria existencia de todo e qualquer protestantismo. Christo mandou escrever um Evangelho e atirá-lo, indefeso, ao capricho de todas as interpretações individuaes, ou fundou uma instituição permanente, conservadora fiel da sua doutrina e transmissora autorizada de sua vontade, baluarte da verdade revelada, e cidade visivel ás

(1) S. Cypriano, M. L. IV, 504.

almas que O procurassem? (1). Na hypothese da religião christã identificar-se com um livro, que cada individuo interpreta a seu talante, Christo teria fundado uma religião, sem organização social, sem unidade nem autoridade, teria dividido em logar de unir, dispersado em vez de concentrar, semeado entre os homens, não os beneficios da paz, mas os germes de discordias infinitas e inevitaveis, abandonando as almas a todas as angustias e torturas da duvida a respeito de todos os ensinamentos e preceitos, cuja observancia, no entretanto, Elle proclamára indispensavel á salvação. Nesta hypothese o protestantismo teria razão, e, apesar de suas antinomias internas, teria encontrado no seculo XVI o segredo do christianismo perdido havia 1500 annos. Se, porém, o divino Salvador fundou uma instituição permanente; se lhe prometteu a assistencia infrustravel de seu Poder afim de que continuasse a ensinar pelos seculos afora o que Elle houvera ensinado, sem que nunca, contra ella, pudessem prevalecer as forças do mal, se Jesus fundou uma Igreja, a *sua* Igreja, *Ecclesiam meam,* depositaria de sua fé e de sua graça, então o protestantismo está fóra desta Igreja e portanto do caminho da verdade. Como S. Cypriano no seculo III, podemos hoje repetir-lhe: "não pode possuir a Christo, quem dilacera e divide a Igreja de Christo."

Eis porque, no nosso trabalho anterior acerca do protestantismo, concentramos o debate sobre este ponto fundamental, confrontando a regra de fé estabelecida por Christo na instituição do magisterio vivo e in-

(1) **Leibniz:** "Cum igitur Deus O. M. Ecclesiam constituerit in terris, tanquam civitatem sacram super montem positam, sponsam suam immaculatam, et voluntatis suae interpretem, cujus unitatem per totum orbem caritate colligandam usque adeo commendavit, et quam audiri jubet ab omnibus qui ethnicis aut publicanis aequiparari nolunt, consequens est ut modum constituerit quo **voluntas Ecclesiae**, interpres voluntatis divinae, **cognosci possit**." **Systema theologicum**, § LXI, Ed. Lov. 1845, p. 176.

fallivel da sua Igreja com o principio dispersivo e dissolvente do livre exame introduzido pela Reforma. Não nos arrependemos agora; ao primitivo plano conservaremos ainda a mesma fidelidade, discutindo as objecções que a um ou outro dos argumentos então adduzidos julgou poder oppor o Snr. LUIZ ERNESTO DE OLIVEIRA.

CAPITULO I

O primado de S. Pedro no Novo Testamento

---

§ 1. *O Primado de Pedro no Evangelho.*

Logo no principio da vida publica de Christo se vão esboçando os primeiros lineamentos da futura Igreja. Em torno do Salvador se agrupam alguns discipulos que o seguem mais de perto; é uma pequena sociedade de "irmãos"; dentre elles, Jesus escolheu "Doze" que denominou apostolos e a cuja formação consagrou especial sollicitude. Naturalmente os Apostolos começaram a pensar de um "Primeiro", no Collegio dos Doze. Tal era a organização da Synagoga, onde um Pontifice presidia religiosa e civilmente ao Synhedrim. Se estivera na intenção de Christo estabelecer o igualitarismo deveria propô-lo manifestamente. Que faz Jesus? Recommenda a humildade, mas não destroe a autoridade. Quando os apostolos, rudes ainda, disputavam entre si sobre a primazia, o Salvador, poderia cortar cerce por todas as contendas, dizendo simplesmente — se esta fôra a sua vontade — "sereis todos iguaes". Não; Jesus insiste sobre a modestia mas affirma um primado: "*O maior* entre vós seja como o ultimo e o *que governa* como o que serve" (Luc. 22, 26). E adduz a comparação consigo mesmo: Elle, o

Mestre e o Senhor, estava entre os discipulos como quem servia.

A promessa, porém, explicita e majestosa do primado, fê-la Christo num dos momentos mais solemnes da sua vida. Terminado o ministerio da Galilea, pouco antes de subir a Jerusalém, reuniu Jesus os seus discipulos em Cesaréa de Philippe, para lhes fazer a grande revelação de sua divindade e lhes declarar os planos de fundação da sua Igreja sobre Pedro. "Que dizem os homens do Filho do homem?" Os apostolos referem as differentes opiniões que corriam entre o povo. "E vós que dizeis de Mim?" pergunta ainda Jesus. Toma, então, Pedro, a palavra, e illuminado do Alto: "Tu és o Christo, Filho do Deus vivo." "Bemaventurado és, Simão Barjona, responde Jesus, porque não foi a carne e o sangue que a ti o revelou, mas sim o meu Pae que está nos céus. E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E eu te darei as chaves do reino dos Céus. E tudo o que ligares na terra será ligado tambem nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado tambem nos Céus." (*Math.* XVI, 16-19).

Não repetiremos aqui o commentario, já feito, desta passagem magnifica. Os argumentos então desenvolvidos para mostrar como ellas encerram a promessa de um primado de jurisdicção conferido a Pedro na Igreja de Christo *conservam intacta toda a sua força primeira*. O Snr. Ernesto de Oliveira, conforme um louvavel costume que havemos de pôr em evidencia innumeras vezes, repete as mesmas objecções já resolvidas e cala discretamente as soluções apresentadas. Senão, vejamos.

Tu es Petrus — O argumento tirado do primeiro versiculo não colhe, diz o Snr. Ernesto, porque a pedra sobre a qual Christo diz, ha de construir a sua Igre-

ja não é o Apostolo mas o proprio Christo. "Em resumo: nosso Salvador não disse a S. Pedro: "tu és *pedra* e sobre esta *pedra* edificarei a minha Igreja", mas disse-lhe: tu és um fragmento da pedra (e isto é o que significa o seu nome) da pedra que confessaste; e sobre esta pedra que sou eu, edificarei a minha Igreja; em outros termos: 'edificarei a minha Igreja sobre mim e não sobre ti.' E fragmentos da mesma pedra são todos os santos que constituem a Igreja." p. 53.

O leitor confrontando a paraphrase do Snr. OLIVEIRA com o texto evangelico já percebeu tudo o que lhe enxertou desastradamente a sua exegese tendenciosa, "fragmento da pedra *quê confessaste*... sobre esta pedra *que sou eu*" não existem absolutamente em toda a pericope evangelica onde Jesus Christo não fala uma só vez de si, mas só *de* Pedro e *a* Pedro. Ora toda esta interpretação visivelmente apaixonada já nós haviamos excluido nestes termos: "Quem quer que leia despreoccupadamente o passo de S. MATHEUS para logo se persuadirá que, em todo elle, Christo só se dirige a Pedro: *tibi* dico, *tu* es, *tibi* dabo, quidquid *ligaveris*. Não ha como isolar um inciso em que o Salvador entrasse a falar de si. Todos os membros do texto se articulam, se compaginam num todo, cuja continuidade não é possivel interromper sem lhe quebrar as harmonias divinas." IRC. p. 15.

— Mas entre *Petrus* e *petra,* ha a differença que passa entre seixo e rocha, fragmento de pedra e pedra. — Não ha tal. Esta differença só existe na versão grega. O nome *Petra,* feminino, não se adaptava a designação de um homem. O traductor grego, hellenizando o original KEFAS preferiu a forma *Petrus*. Todas as outras versões, onde não havia este inconveniente, conservaram, como pode conservar o francês moderno, a identidade da forma verbal nos dois incisos do versiculo. Pode verificar-se na versão arme-

na, ethiopica, coptica, persa, chaldaica, syriaca, arabica e eslava. Tudo isto já havia sido dito... debalde.

"Christo falava aramaico. Ora em aramaico nenhuma differença verbal entre Pedro e pedra. Traduzido á letra, o texto original de S. MATHEUS dizia: tu és Pedra (*Kefa*) e sobre esta Pedra (*Kefa*) edificarei a minha Igreja. Desfaz-se assim a ultima apparencia de arrimo a que se abordôa, desesperada, a exegese protestante. Como, poder, com effeito, affirmar razoavelmente a diversidade na significação de duas palavras *identicas*, usadas na *mesma frase*, e referindo-se uma á outra por um *demonstrativo* emphatico? (1) I R C. p. 15.

Mais. Reduzir o nome de Kefas a um fragmento de pedra, e "fragmentos da mesma pedra são todos os santos que constituem a Igreja." p. 53, é falsear todo o sentido do Evangelho. "Se não era Simão esta pedra fundamental da Igreja porque lhe mudou Christo o nome em Pedra? Tu te chamarás Cephas, isto é, Pedra, disse-lhe Christo no primeiro dia que o viu; (*Joan.* 1. 42) *tu és Pedra* (2), repete-lhe Christo ago-

(1) Note bem o Snr. Ernesto: a palavra pedra, no 2.º membro é precedida do demonstrativo esta, super hanc petram; este demonstrativo refere-se a uma pedra de que já falara Christo. Ora, não ha no texto outra senão o Cefas, a pedra do tu és Petrus. A "confissão" de S. Pedro só existe na fantasia dos protestantes; e o esta exige grammaticalmente uma outra pedra de que já se houvesse falado e a que o demonstrativo se reporta. A frase é do mesmo feitio que esta outra: "O Corcovado é um rochedo e sobre este rochedo se elevou o monumento a Christo Redemptor." Se nesta proposição, como na proposição evangelica, rochedo não significa a mesma cousa num e noutro inciso, quebremos a penna e ponhamos um cadeado nos labios, que não haverá meio de manifestar com fidelidade o nosso pensamento. — Quando, portanto, chamamos de illogica e antigrammatical a distincção injustificada dos primeiros protestantes na sua lucta contra Roma, exprimimos apenas a mais simples e innegavel das realidades.

(2) Note-se a força da expressão de Christo. Não lhe diz: tu te chamas, mas tu es Pedra; não é uma metaphora accidental, é um nome a indicar a essencia de sua missão, que será lembrada todas as vezes que o designarem. Simão Bar Jona será sempre na Igreja de Deus conhecido com o nome de Cephas, Pedra, Rocha.

ra. Por ventura os nomes impostos por Deus são palavras vazias, figuras sem significado, sombras sem realidade?... Como! tanto apparato de circunstancias, tanta gravidade de palavras, tanta solemnidade de formulas *(Bemaventurado és tu... E eu te digo: tu és Pedro)*, para dizer que Pedro será "um fragmento" uma pedrinha no grande edificio do reino de Deus! Mas "fragmento", pedrinha são todos os ficis, todos os membros da sociedade christã. E qual seria, neste caso, o significado desta scena, uma das mais graves, das mais majestosas, das mais solemnes do Evangelho? Algo parecido com o *parturiunt montes!!* Não! não! ante a exegese protestante revolta-se a consciencia christã num brado da mais justificada indignação." IRC. p. 16. Como vê o leitor, o Snr. ERNESTO não faz senão repisar o que já havia sido refutado.

E a falta de originalidade continúa. — Pedro não podia ser a pedra fundamental porque em varios pontos da Escriptura, Christo é designada como a pedra fundamental da Igreja. "Se nestes passos Jesus se nos apresenta indiscutivelmente como a pedra fundamental da Igreja, com o testemunho do proprio S. Pedro, o texto de Matheus não póde levar a entendimento differente." p. 55. — Sempre o mesmo equivoco impenitente. Como se uma dignidade *conferida por Christo* derogasse ás prerogativas essenciaes do Salvador. Porque antes de escrever esta objecção o Snr.

Ao investi-lo na dignidade suprema do seu Reino, Christo lhe muda o nome como, no Antigo Testamento, Deus mudara o de Abrahão, ao constitui-lo pae de muitos povos (**Gen.** XVII, 5) e o de Jacob ao fazê-lo chefe do seu povo eleito (**Gen.** XXXV, 10). Reduza-se agora o alcance do nome imposto pelo Salvador ao de um simples fragmento de pedra como o são "todos os santos que constituem a Igreja," e estas palavras evangelicas perdem toda a sua significação. Pedro ou Cefas, poderia chamar-se tanto Simão como André e Thiago, João e Bartholomeu. As solemnes e majestosas expressões de Christo não teriam razão de ser: seriam uma superfluidade incomprehensivel.

ERNESTO não passou os olhos pela p. 17 da IRC? Ahi já encontraria tudo explicado. "Quem jámais contestou que Christo era a pedra viva, a pedra angular do christianismo? Não é este o objecto da controversia; trata-se de saber se o pescador da Galiléa foi *tambem por Christo* designado como pedra da sua Igreja. Aqui bate o ponto. Abro o Evangelho e leio que de si affirma o Salvador: "eu sou a luz do mundo" *(Joan* VIII, 12). Consoante á regra do novo exegeta concluiremos sem hesitar: logo nenhum apostolo é, ou, póde ser luz do mundo. Abro novamente o livro sagrado e caem-me os olhos sobre estas outras palavras proferidas igualmente pelo Salvador: "vós sois a luz do mundo" *(Math.* V, 15). (1). Contradicção? nenhuma. Ha luz e luz, como ha pedra e pedra. Luz, Christo, por essencia, por natureza, por brilho proprio como a do sol. Luz, os apostolos, por missão, por participação, por viva reflexão de alheios resplendores, como a dos planetas. Assim, pedra Christo, pedra fundamental, pedra primaria, sobre cuja solidez divinamente inconcussa repousa inabalavel todo o edificio religioso do christianismo. Pedra Simão, por vontade de Christo (tu és Pedra), pedra Simão, tambem ella inquebrantavel e inamovivel por fiança divina (as portas do inferno não prevalecerão). Christo, pedra invisivel; Simão pedra visivel, porque toda a sociedade externa e visivel deve apoiar-se num poder supremo tambem visivel e externo." Bem a talho S. JE-

(1) Outro exemplo mais relacionado com o nosso. Abro S. Paulo, 1 Cor. III, 11; "Ninguem póde pôr outro fundamento senão o que já está posto que é Christo Jesus." Continuo a ler o Apostolo, escrevendo aos Eph. II, 20: "sois... membros da familia de Deus, edificados sobre o fundamento dos apostolos e dos prophetas, de que Jesus Christo é a pedra angular." O ultimo inciso de S. Paulo explica tudo: fundamento Christo, fundamentos os apostolos, mas estes emtanto fundamentos emquanto firmados em Christo e por vontade sua. Assim pedra Christo, e pedra Simão, estabelecida e posta por Christo.

RONYMO: "Assim como [Christo] communicou luz a seus apostolos para que se chamassem a luz do mundo, do mesmo modo a Simão que tinha fé na pedra-Christo, deu o nome de Pedra; e segundo a metaphora da pedra com razão lhe é dicto: edificarei a minha Igreja *sobre ti*". (1).

A evidencia da exegese tradicional, serenados os estos das polemicas apaixonadas, acabou impressionando os protestantes mais autorizados. SCHELLING já dizia: "Estas palavras de Christo são decisivas para o primado de S. Pedro entre os apostolos; só *toda a cegueira do espirito de partido* poderia desconhecer o valor demonstrativo destas expressões, ou attribuir-lhes outro significado." (2). H. J. HOLTZMANN: "A celebre pericope da Pedra (XVI, 17-18) apezar de todas as *exegeses tendenciosas de antigos e novos protestantes*, deve referir-se á pessoa do apostolo." (3). H. A. W. MEYER: "*Sem duvida* aqui se attribue a Pedro o primado entre os apostolos... O *expediente nascido tantas vezes da polemica contra Roma* que o proprio Pedro não seja a pedra... é *falso.*" (4). Numa das obras mais recentes de exegese, o Dr. H. D. WENDLAND assim commenta o texto celebre de S. MATHEUS: "Na previsão de sua

(1) S. Jeronymo, In Math. 16, (ML. XXVI, 117).

(2) "Diese Worte Christi sind ewig entscheidend fuer den Primat des h. Petrus unter den Aposteln; es gehoerte die ganze Verblendung des Parteigeistes dazu, das Beweisende dieser Worte zu verkennen. oder den Worten einen anderen als diesen Sinn unterzulegen." Schelling, Philosophie der Offenbarung, p. 301.

(3) "Die beruehmte Felsenrede XVI, 17-18 ist trotz aller alt und neuprotestantischen Tendenzexegese auf die Person des Apostels zu beziehen." — H. J. Holtzmann, Lehrbuch der neutestament. Theologie, Leipzig. 1897, p. 430.

(4) "Ohne Zweifel wird uebrigens hier dem Petrus der Primat unter den Aposteln zuerkannt... Die oft von der Polemik gegen Rom ergriffene Auskunft, mit dem Felsen sei nicht Petrus selbst... gemeint, is unrichtig." H. A. W. Meyer, Kritisch-exegetisches Handbuch ueber das Evangelium des Matthaeus, 6.ª ed. Goettingen, 1876, pagina 351.

morte Jesus dá ao grupo dos discipulos uma fórma de mais consistencia que precedentemente. Declara a sua vontade de construir a sua Igreja e de dar-lhe *Pedro como fundamento*. A Pedro, depositario do Evangelho, confere, com a condemnação e o perdão, o poder e o meio de fixar as fronteiras da Communidade e de a separar de qualquer outra. Esta Communidade realisa o verdadeiro Israel, casa e povo de Deus" (1).

Em França os professores da faculdade de theologia protestante não falam de outro modo. Para P. F. JALAGUIER o terreno em que se collocaram os catholicos "est à nos yeux le seul vrai." (2). A interpretação protestante, é aos olhos de H. MONNIER: "par trop alambiquée et tendancieuse." (3) e citações deste teor poderiam adduzir-se ainda de J. S. ROSENMUELLER, KUINOEL, TH. KEIM, K. v. HASE, O. PFLEIDERER, WELLHAUSEN, JUELICHER, WEISS, KEIL, MANSEL, BLOOMFIELD, THOMPSON, ALFORD e outros muitos sem mais esforço de erudição que o de consultar as obras criticas dos principaes heterodoxos modernos. Muitos destes autores allegamos no nosso trabalho, mas por aqui o Snr. ERNESTO LUIZ julgou melhor passar em discreto silencio. Escrevendo ha poucos annos na Allemanha, um dos mais notaveis exegetas nossos, KNABENBAUER, dizia serenamente: "Outrora aos interpretes catholicos incumbia a tarefa, aliás facil, de provar que *super hanc petram* se referia áquelle que pouco antes tinha sido chamado Pedra... Hoje podemos omittir este trabalho. Finalmente neste ponto cederam os protestantes aos sãos principios da razão e ás leis do falar humano." (4). Feliz de quem por lá combate! O que nos centros cultos do Velho mundo é

(1) H. D. Wendland, Die Eschatologie des Reiches Gottes bei Jesus, Guetersloh, 1931.
(2) P. F. Jalaguier, De l'Eglise, Paris 1899, p. 219.
(3) H. Monnier, Notion de l'Apostolat, p. 133.
(4) Knabenbauer, Comment. in Matt., in h. locum, t. II, p. 55.

armadura carcomida e oxydada, esquecida entre a imprestabilidade dos ferros velhos, é a panoplia com que sae ainda á estacada, muito denodado, ancho e lampeiro, o protestantismo cá da terra.

As chaves do reino dos Ceus. Na pericope de S. MATHEUS, o versiculo anterior não está isolado; o pensamento de Christo continua a desenvolver-se sob outras formas que se confirmam e se illuminam reciprocamente. Continuando a dirigir-se a Pedro, diz o Salvador: *Dar-te-ei as chaves do reino dos ceus.* — Dar a alguem as chaves de um reino ou de uma casa significa conferir-lhe o poder neste reino ou nesta casa. "A entrega das chaves, escreveu WISEMAN, foi sempre o symbolo da transmissão da autoridade soberana do governo." (1). Pedro, portanto, em nome e por vontade do Mestre invisivel exercerá na sua Igreja, o poder das chaves, isto é, commenta o insuspeito LOISY, "de uma maneira geral todo o exercicio da autoridade ecclesiastica no que se refere ao tratamento das pessoas." (2).

Que oppõe o Snr. ERNESTO á evidencia da exegese classica?

— "As chaves que nosso Salvador deu a S. Pedro... de maneira alguma podem designar a suprema autoridade no Reino de Deus, porque as chaves nesse sentido continuam na sua propria mão (*Apc.*, II. 7)... Como poderia dizer Jesus que a chave do Reino de Deus continuava na sua propria mão, si tivesse commetido essa autoridade a S. Pedro?" p. 55. — Parece incrivel! Dir-se-ia que Jesus dera ao apostolo um mólho de chaves, que, uma vez no bolso de Simão já não podiam achar-se nas mãos de Christo! As chaves, Se-

(1) **Wiseman**, em **Migne**, **Démonstrations evangéliques**, 1852, t. XV, p. 918-919.
(2) **Loisy**, **Les Évangiles synoptiques**, t. II, p. 11.

nhor, significam a autoridade, e esta autoridade continua em Christo como em seu principio e fonte, e em Pedro como no seu representante, delegado e vigario. Sempre o mesmo erro pueril de julgar que Deus fica privado de um attributo porque o communica ás suas creaturas. Christo constitue a S. Pedro, pastor do seu rebanho, *pasce oves meas?* logo, já não é pastor. Christo confere aos seus apostolos o poder de perdoar os peccados (*Joan.* XX, 23)? logo Christo já não póde perdoar peccados. Na ordem natural, communica Deus a toda a autoridade a indispensavel jurisdicção para o exercicio de suas funcções *(omnis potestas a Deo, Rom.* XIII, 1)? logo Deus já não tem jurisdicção sobre as suas creaturas. Ao chefe da familia, Deus (ex quo omnis paternitas. *Eph.* III, 15) commette os direitos e os deveres da paternidade? logo Deus já não é Pae. Quanta puerilidade a nascer de um preconceito tenaz! Não, Snr. Ernesto. Na ordem sobrenatural, Pedro é chefe visivel da sociedade espiritual das almas sem nada derogar á autoridade soberana de Christo, como na ordem da natureza, o chefe da sociedade civil exerce a sua autoridade suprema sem com isto ferir a soberania absoluta de Deus.

Continua o critico. "Se é incabivel a interpretação romana, (1) não vemos que outro entendimento se possa dar á metafora empregada por nosso Salvador, senão que por ella se concedeu a S. Pedro o insigne privilegio de abrir o reino de Deus aos judeus e aos gentios, o que realizou este Apostolo por sua ardente pregação no dia de Pentecostes, e depois, na casa de Cornelio". p. 55. — Interpretação inteiramente gratuita; não ha uma só palavra no texto que a insinue. Só a podia inspirar o proposito acirrado de excluir de Pedro qualquer autoridade. Gratuita, só? não;

(1) Inverificada a condição, como acabamos de ver, rue, por si, todo o condicionado. Mas ainda assim o discutiremos.

incompativel com o contexto. Christo não está predizendo este ou aquelle facto historico particular; expõe a organização de sua Igreja (aedificabo ecclesiam meam), a organização estavel e duradoura, que lhe ha de conferir a sua indestructibilidade na lucta contra as forças dissolventes do mal, que "não hão de prevalecer contra ella." Uma allusão a uma pregação de S. Pedro ou a algum facto particular de sua vida seria de todo descabida. — A incompatibilidade com o versiculo seguinte po-la-emos logo em relevo. (1). — "Tanto assim é que jámais encontramos o apostolo no exercicio de um acto sequer que denote a autoridade que se lhe attribue." p. 56 (2). — A affirmação é historicamente falsa e logicamente defeituosa. A verdade historica, iremos logo apurá-la. Logicamente, o adversario confunde uma *questão de direito* com uma questão de *facto*. Supponhamos, por um instante, que nenhum facto houvesse na historia da igreja primitiva que nos mostrasse a S. Pedro no exercicio de sua autoridade. Que inferir dahi? Duas conclusões seriam possiveis. Primeira: S. Pedro, tratando-se de apostolos, escolhidos por Christo e por elle investidos do carisma excepcional da infallibilidade, não julgou conveniente ou não teve occasião de exercer os poderes que lhe havia Christo confiado. Segunda possibilidade: Pedro exerceu de facto o primado, mas a historia da igreja primitiva não nos conservou memoria deste exercicio normal de sua jurisdicção. Que sabemos com effeito da Igreja apostolica? O que nos conservam os *Actos,* um pequeno livro, de 28 capitulos que não enchem 40 paginas de um in 8.°. E destes apenas

(1) Será mister dizer que a difficuldade do Snr. **Ernesto de Oliveira** é uma reedição immutada da que havia proposto **Eduardo Carlos Pereira**, e já fôra uma vez refutada? (Cfr. I. R. C. p. 29).

(2) O que não impede ao Snr. **Ernesto** de escrever 10 paginas depois que S. Pedro "representou o papel preponderante nos primordios do Reino de Deus." p. 65.

os 12 primeiros são consagradas á nascente igreja. A começar do cap. XIII, S. Lucas restringe a narração ás viagens de S. Paulo de quem fôra o companheiro fiel. Que sabemos pelos Actos da actividade dos outros apostolos e das suas relações com Pedro? Muito pouco. Ainda assim, como veremos, mais que sufficiente para mostrar em Simão o chefe do Collegio apostolico. Esta, porém, como dissemos é uma questão de facto, de cuja solução é independente a questão de direito. Christo conferiu ou não a um dos seus discipulos a dignidade de chefe supremo da sua Igreja? Eis o ponto essencial. Sim? então este primado existe e existirá sempre, quaesquer que sejam os nossos conhecimentos ou as nossas ignorancias acerca do modo com que se exercitou neste ou naquelle periodo da vida da Igreja. Continuemos a ouvir a voz divina de Christo.

— "*Tudo o que ligares na terra será ligado* tambem nos céus e tudo (1) o que desligares na terra será desligado tambem no céu." Commentamos este texto, aliás tão evidente: "A autoridade liga e desliga com leis, preceitos e penas. Toda a lei impõe uma obrigação e toda obrigação *(ob-ligatio)* é um ligame de consciencia. A Pedro promette Christo a *plenitude* do poder soberano (*quodcumque, tudo*) e, afim de realçar a efficiencia deste poder soberano, accrescenta que Deus *confirmará* e *ratificará* nos céus as sentenças do Apostolo. Não se podia de maneira mais peremptoria e decisiva significar a amplitude, a efficacia, a indepen-

(1) Ahi tem o Snr. **Ernesto** a nova incompatibilidade entre a sua interpretação anterior e este versiculo. O protestante diz: Com pregar S. Pedro duas vezes por primeiro, aos gentios e aos judeus, estão verificadas as promessas evangelicas. Christo diz: "**tudo** o que ligares na terra, será ligado no céu," sem nenhuma restricção nem de tempo nem de espaço. — E não é isto submetter a palavra sagrada ás torturas indiziveis de uma exegese cegamente apaixonada?

dencia relativa a qualquer outro poder humano, da suprema magistratura do chefe da Igreja. Suas sentenças são decisões autoritativas e juridicas, engendram o direito e o dever, não podem ser revogadas por nenhuma potestade terrena .No reino de Christo, e em todas as coisas que são da alçada da sociedade religiosa, Pedro é autoridade suprema, universal e inappellavel." IRC. p. 25.

Visivelmente agastado, o Snr. ERNESTO, depois de transcrever o texto acima, commenta: "O vicio desse arrazoado do campeão catholico está em tomar um texto isoladamente (1) e sobre elle exercitar, com a maior desenvoltura, o abuso das ampliações (2); pois esse mesmo poder de ligar com a respectiva sancção no Céu, que nosso Salvador conferiu a S. Pedro, foi por elle mesmo conferido e nos mesmissimos termos, a todos os apostolos, a qualquer igreja particular e até "a dois ou tres congregados em seu nome." (3).

---

(1) Isoladamente? Não, illustre Senhor; a exegese exposta articula este versiculo com os outros precedentes já tão torturados pela hermeneutica protestante; articula-o com o Evangelho de S. Lucas, onde Christo confia a Pedro a missão de confirmar os seus irmãos na fé, promettendo-lhe para que esta não desfalleça, o apoio infrustravel de sua oração theandrica; articula-o com o Evangelho de S. João, onde Christo de novo commette a S. Pedro a missão de pastorear o seu rebanho; articula-o com a historia de 20 seculos da Igreja que saúdam em S. Pedro e nos seus quase trezentos successores o Vigario de Christo e o seu representante na terra. Isoladamente? Não; nós inserimos o versiculo capital em todos os seus contextos. immediatos e mediatos, evangelicos e post-evangelicos. E os protestantes? Riscam-no simplesmente dos seus textos sagrados. Uma disposição capital de Christo na organização da sua Igreja fica para elles inoperante, lettra morta.

(2) Como assim, Snr.? Porque affirmar, sem provar? Destaque do commentario transcrito uma só frase que não seja consequencia logica e incontrastavel do "**tudo** o que ligares na terra **será ligado nos céus.**"

(3) Lá isso não! O texto evangelico diz assim: "Onde dois ou tres estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio delles **(Math.,** XVIII, 20). — Onde é que diz o Salvador "nos mesmissimos termos" que tudo o que ligarem "dois ou tres congregados em seu nome" será ligado tambem nos céus? Manifestamente, o Snr. **Ernesto de Oliveira,** perturbado com o texto inopportuno, ficou com a

— Que o Salvador tivesse conferido ao Collegio apostolico a mesma plenitude de poderes que a Pedro, já o sabiamos; não é novidade descoberta pelo Snr. ERNESTO que a p. 27 da I R C poderia ler como "não ha nenhuma incompatibilidade entre estas duas verdades. Um soberano diz a um general: "General, confio-te todo o meu exercito. Tens plenos poderes para dirigir energicamente a campanha e levar a patria á victoria. Tudo o que fizeres para defendêr a nação desde já o sancciono como se por mim fôra feito. Dias depois fala o mesmo soberano ao estado maior no meio do qual se acha o generalissimo escolhido: "Confio-vos o meu exercito. Tendes plenos poderes para dirigir energicamente a campanha etc." Que hermeneuta sophista haverá ahi que pretenda inferir das ultimas palavras do soberano que já não ha generalissimo no exercito e que a plenitude do commando foi estendida a *cada* um dos officiaes presentes? Quem poderá sustentar sensatamente haver incompatibilidade entre os poderes do Estado Maior e a chefia de um só? Ninguem. Ambos as expressões são, não só conciliaveis, mas apresentam juridicamente toda a exactidão desejavel. Diz-se em rigor de direito que um *corpo moral* possue todos os poderes de que se acha investido o seu chefe. Porque esquecer esta regra de senso commum quando se trata de interpretar o Evangelho para fantasiar contradicções que não existem" etc., etc. Como vê, Snr. ERNESTO, a sua objecçãosinha já havia sido considerada e resolvida. Porque repeti-la teimosamente como se nada se houvera dito? E' isto discussão sincera? desejo real de conhecer a verdade ou obstinação de preconceitos irreductiveis?

Não, tratemos a palavra de Deus com mais submissão e reverencia. Em S. MATHEUS, c. 16 diz

visão offuscada e viu no Evangelho o que no Evangelho não se encontra. Segundo texto, e este sacro, que encontramos falseado.

Christo *só a Pedro*: "tudo o que ligares na terra será ligado no céu... "Logo, *Pedro só* tem a plenitude dos poderes na Igreja de Deus. Em S. MATHEUS, c. 18 diz Christo *aos seus apostolos com Pedro*: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus..." Logo, no Collegio apostolico com Pedro, reside tambem a plenitude dos poderes ecclesiasticos. Eis o Evangelho. E o catholicismo ensina que no Papa só, successor de S. Pedro, reside a plenitude dos poderes, e que no corpo episcopal em união com o Papa — successão do Collegio apostolico com Pedro — se acha igualmente a mesma plenitude de jurisdicção. Eis a *Igreja* catholica. Entre a palavra de Christo e a constituição da sua Igreja fiel, a equação é perfeita. Que fizeram os protestantes das duas grandes palavras do Senhor? Atiraram uma contra a outra e destruiram ambas. No protestantismo não ha nem uma pessôa nem um corpo moral com plenitude de poderes delegada por Christo para ligar e desligar. Evidentemente, não nos achamos em face da Igreja fundada pelo Salvador.

Ainda neste ponto, termina o Snr. ERNESTO, citando um commentario de A. PEREIRA DE FIGUEIREDO, ao c. 18 de S. MATHEUS, passo do qual o theologo regalista de POMBAL pretende inferir a these gallicana da sujeição do Papa ao Concilio. Transcrita a innocua citação, termina o protestante: "Está então fragorosamente refutado o Rev. Franca por outro membro do magisterio infallivel (1) da sua propria Igreja" p. 60. — Notavel maneira de argumentar! Só a Biblia, só a Biblia! clamam a cada passo os protestantes. Aper-

(1) Cada vez que o Snr. **Ernesto** tem o ensejo de oppôr um a outro, dois theologos ou escritores catholicos de opinião diversa, lá vem o inseparavel apposto: "o membro do magisterio infallivel." Se o illustre engenheiro julga assim frisar alguma contradicção no ensino catholico engana-se redondamente; dá apenas mais uma prova de não haver comprehendido migalha da doutrina que estuda e critica. E esta ignorancia não é muito meritoria.

ta-se-lhes o cerco com a Escritura nas mãos; elles escapam pela tangente e vão procurar qualquer theologo gallicano e semi-jansenista que tenha escrito alguma incoherencia apaixonada contra o primado de Roma, e gritam satisfeitos: Refutação fragorosa!!! Não, Snr. ERNESTO, vamos ao Evangelho que é infallivel e deixemos ANTONIO DE FIGUEIREDO que não é infallivel. No *Evangelho* está escrito que Christo disse a Pedro: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus! E da palavra de Christo não ha refutação fragorosa: manet in aeternum!

Mas o trecho de S. MATHEUS não é isolado. Passemos rapidamente por S. LUCAS para chegarmos logo a S. João. Em S. LUCAS, XXII, 31 sgs., disputavam os apostolos sobre o primado. Toma Christo a palavra e dirigindo-se a S. PEDRO: "Simão, Simão, Satanaz *vos* pediu com instancia para vos joeirar como trigo; mas eu roguei *por ti,* para que a tua fé não desfaleça, e tu, uma vez convertido (1) confirma os teus irmãos." Muito poderiamos dizer sobre este texto notavel, mas seremos breve salientando sobretudo o admiravel parallelismo com o outro *logion* do Senhor em S. MATHEUS. Christo fala *só* a Pedro. Simão, roguei por *ti*... *tu* confirma os teus irmãos. Dá-lhe portanto uma missão relativa aos outros apostolos — teus irmãos. Que missão é esta? Satanaz *vos* tenta; o Collegio apostolico é ameaçado na sua fé; as portas do inferno impugnam. Qual o meio de preservar o thesouro divino e impedir que o pequenino collegio não seja disperso ao sopro do ventilabro que joeira?

(1) Uma vez, ποτε, é formula indeterminada, sem nenhuma restricção de tempo, "em se offerecendo occasião." Convertido, ἐπιστρέψας póde significar, arrependido de tua culpa, ou, talvez melhor, "por tua vez." A frase poderia pois traduzir-se e "tu, por tua vez, em se apresentando a occasião, confirma os teus irmãos."

Christo ora *por Pedro,* para que, não desfallecendo *a sua fé,* pudesse confirmar os seus irmãos. A unidade, a estabilidade, a vida da Igreja descançam na pureza intangivel da fé; a pureza e a integridade da fé, defende-as Pedro assistido pela oração infrustravel de Christo: *Ego rogavi pro te ut non deficiat fides tua.* Pedro é pelo Salvador instituido o seu ministro para confirmar na fé os seus irmãos contra os assaltos de Satan. (1). Eschematicamente poderemos salientar esta harmonia entre S. Matheus e S. Lucas no seguinte quadro (2):

Perigo:	As portas do Inferno impugnarão a Igreja.	Satanaz quer joeirar-vos como trigo.
Remedio:	Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.	Eu roguei por ti para que não desfalleça a **tua** fé e **tu,** uma vez convertido, confirma os teus irmãos.
Effeito:	**As portas do inferno não** prevalecerão.	Satanaz não dispersará.

Vamos logo á investidura do primado na scena admiravel narrada por S. João XXI. 15 sgs. Ainda uma vez o Senhor dirige-se a Pedro e só a Pedro, chamando-o pelo nome proprio com a solemnidade das outras occasiões já referidas e salientando-o entre os outros. "Simão, filho de Jonas, tu me amas, *mais* que

(1) Contestando que deste trecho se possa inferir o dom da infallibilidade conferido por Christo a S. Pedro, escreve o Snr. **Ernesto** a p. 124: "E naquella mesma noite caiu Pedro fragorosamente sem que de nada lhe valesse a intercessão de Jesus Christo." Mas, illustre Senhor, Christo não orou para que Pedro não caisse, mas para que a sua fé não desfallecesse. Não confundir impeccabilidade com infallibilidade; são cousas muito distinctas. — Que significam então as palavras do Senhor? Ouvi a admiravel exegese: "Trata-se neste texto não da infallibilidade mas precisamente da sua fallibilidade." p. 125. — Christo diz: Roguei por ti para que a tua fé não desfalleça. **Ernesto de Oliveira** commenta: minha oração não terá effeito porque serás fallivel como qualquer outro. Notavel poder hemeneutico!

(2) Cfr. **M. D'Herbigny, Theologica de Ecclesia,** Paris, Beauchesne, 1921, t. I, 2.ª ed., p. 261-264.

estes?" Por tres vezes com ligeira modificação repete o Senhor a pergunta e, por tres vezes, á resposta humildemente affirmativa de S. Pedro lhe diz: "Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas." Prestes a deixar a terra, Christo confia ao Apostolo, já tantas vezes por elle distinguido, a guarda de seu rebanho, de todas as suas ovelhas, sem nenhuma excepção, oves *meas,* agnos *meos*. Cordeiros ou ovelhas que Pedro não apascenta não são de Christo.

Desenvolvemos amplamente esta prova. Que lhe oppõe de novo o Snr. Ernesto? Nada, nada. — A scena de S. João, diz elle, tem apenas para S. Pedro o alcance de uma simples restauração no apostolado de que havia sido destituido. A prova *evangelica* de que S. Pedro decaira da sua dignidade apostolica, essa ficou no tinteiro de Ernesto de Oliveira, como já havia ficado no de Carlos Pereira. Mas, ainda assim, dado que Pedro "tivesse decaido, até ali não havia sido reintegrado no munus apostolico? Não foi Pedro o primeiro dos apostolos a quem Jesus resuscitado honrou com uma apparição singular? Mais. Antes da scena que narramos, descrita por S. João no cap. 21, conta o mesmo evangelista, no capitulo anterior, a apparição de Christo a todos os apostolos (excepto Thomé) na tarde do dia de sua Resurreição e as palavras que então lhes dirigiu: "Como o meu Pae me enviou, assim *eu vos envio a vós*... Recebei o Espirito Santo, a quem perdoardes os peccados lhe serão perdoados, a quem os detiverdes lhe serão detidos" (*João*, XX, 21-23). Pedro favorecido por Christo de uma visita particular, Pedro investido do poder de perdoar os peccados, Pedro ainda não havia sido restaurado na sua dignidade de apostolo? inadmissivel!" I R C p. 31.

Isto já havia sido escrito. Não, retoma o Snr. Ernesto: "Uma commissão geral, conferida a uma reunião de pessôas, não entende com algum extranho

que entre ellas se ache; porque então teriamos egualmente de admittir que varias promessas de eterna assistencia feitas por Jesus a seus apostolos em conjuncto, couberam tambem a Judas de Kerio." p. 61. Affirmar que S. Pedro, já distinguido por Jesus com uma apparição singular era um "extranho" no Collegio Apostolico e a quem Christo não falava, não communicava o Espirito Santo, não enviava como o Pae O enviara; estabelecer uma comparação entre S. Pedro, que logo depois de sua queda recebera um olhar misericordioso de Jesus e chorara amargamente a sua culpa com Judas, o empedernido de quem Christo havia dicto que melhor lhe fôra não houvesse nascido — é muito, é demais, Snr. ERNESTO! E' preciso depôr as escamas de um preconceito tenaz para ler o Evangelho com olhos mais puros, mais sinceros, mais de ver. (1).

Mas que seja. Que S. Pedro tivesse decaido da sua dignidade apostolica, que nella ainda não tivesse sido reintegrado. Foi-o nesta occasião. Em que ter-

---

(1) Ao commentar esta scena admiravel de belleza e profundidade, a petrophobia do Snr. Ernesto desvaira-lhe o juizo a ponto de dar cincadas no grego mais elementar, "Nem sequer ousa S. Pedro dizer que o amava e, muito menos que o amava mais do que os outros; pretende apenas o ultimo logar na escala dos afectos que podem vincular um homem a outro: estima-o!" p. 63. — A razão philologica ou semantica desta portentosa conclusão é, diz o professor, que S. Pedro não emprega o verbo ἀγαπάω que significa amo. mas φιλέω tenho em grande conta, estimo. O grego do Novo Testamento deve ser um livro fechado com 7 sigillos para o preclaro hellenista do Paraná. A differença precisa entre os dois verbos é que φιλέω indica um amor mais affectivo e mais terno, como o que nos liga aos parentes e amigos intimos. Cfr. F. Zorell, **Novi Testamenti Lexicon graecum**, p. 603. Com este amor, Deus ama o seu Filho Unigenito (**S. João**, V, 20). Com este amor, Jesus amava Lazaro (**S. João** XI, 3, 36), a João, o discipulo predilecto (**Ibid.** XV, 2). Com este amor, diz Christo que o amavam os seus discipulos (**Ibid.** XVI, 27); com este amor, amavam os primeiros christãos a S. Paulo (**Ad Titum** III, 15) etc., etc. Vem o Snr. **Ernesto** e corrige magistralmente: φιλέω, indica o ultimo logar na escala dos affectos!! Não seria mais prudente estudar melhor e não querer rebaixar S. Pedro á custa de tantas heresias philologicas e theologicas!

mos? Em termos taes que lhe restituem não só o apostolado *mas o primado promettido* em S. MATHEUS. "Que inconveniente, commenta S. AGOSTINHO, se Pedro depois desse peccado (da negação) é constituido *pastor da Igreja*, como Moysés, depois de ferir o egypcio, foi feito Chefe da Synagoga." (1). Constituido pastor da Igreja, S. Pedro é, como Moysés, o chefe escolhido por Deus para o governo do seu povo. Insistamos nas *palavras de Christo*. O poder que lhe confere o Salvador é amplissimo. Sua fonte immediata é o proprio Christo; seu objecto, contido na latitude de significado do termo *apascenta*, ποίμανε, empregado na Escritura para designar a potestade real e a dignidade messianica (*Ps.* 2, 9; *Math.* II, 6; *Is.* XLIV, 28, etc., etc.); sua extensão, tão illimitada quanto as ovelhas e os cordeiros de Christo, sem nenhuma excepção. "Nada se exceptua, onde nada se distingue" diz S. BERNARDO (2). S. João faz-nos aqui realmente assistir á investidura do primado em toda a amplitude com que havia sido promettido em S. MATHEUS.

— "Pastor de todas as ovelhas e de todos os cordeiros, embarga o nosso adversario... mas não pastor dos outros pastores, a menos que não tenhamos de entender por cordeiros, as ovelhas, e por ovelhas, os pastores". p. 65. — O antiromanismo do Snr. ERNESTO impede-lhe de ler serenamente a palavra divina. Nos Evangelhos só Christo é designado *pastor;* este titulo

---

(1) "Quid ergo incongrunm si Petrus post hoc peccatum factus est pastor Ecclesiae, sicut Moyses post percussum aegyptium factus est rector illius synagogae?" **Contra Faustum**, XXII, 7, (**ML**, XLII, 445). Muito frequente e muito expressiva na archeologia christã é esta aproximação entre o chefe eleito por Deus para legislador e conductor do seu povo e o supremo jerarcha da nova sociedade nascida do Segundo Pacto entre Deus e a humanidade. Cfr. **Garrucci, Storia dell'arte cristiana**, Prato, 1879, vol. V; **Kneller** em **Stimmen aus Maria Laach**, 1901, I, 237-257.

(2) "Nihil excipitur ubi distinguitur nihil." **S. Bernardo, De consideratione**, II, 15.

não é dado a nenhum dos discipulos (1). O collegio apostolico constitue o *pequenino rebanho, pusillus grex* (*Lc.*, XII, 31); Christo é o unico pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas προβάτων (*Ioan* X, 15), (o mesmo termo que se encontrará depois na scena do primado); ha ainda outras ovelhas, diz Jesus "que não são deste redil (dos Judeus), é preciso adduzi-las para que ouçam a minha voz e se faça um só *rebanho* e *um só pastor.*" Eis o que nos apresenta o Evangelho: Christo, unico pastor, todos os demais, cordeiros e ovelhas suas (oves *meas*) a constituirem o seu rebanho. Ao sair deste mundo, Christo não o deixará orfão de pastor; quer legar-nos, no dizer de S. Ambrosio, "um vigario de seu amor." (2). A Pedro e só a Pedro, confia o munus de apascentar, em seu nome e com sua autoridade, sem nenhuma restricção, suas ovelhas e seus cordeiros.

"Mas tambem S. Paulo era pastor de *todas* as egrejas (II *Cor.* XI, 28) e de todos os homens! (*Act.* XXII, 15). Donde, etc." — O Snr. Ernesto está trucando de falso a Escritura. Porque não citou os textos a que allude? Fiado na inercia de 99 sobre 100 dos leitores que não tomariam o trabalho de averiguar as citações, o puritano autor embarcou-lhes uma mercadoria avariada. Leiamos os passos indicados. II *Cor.* XI, 28: "Sem falar de tantas outras cousas lembrarei os meus cuidados de cada dia, a sollicitude de todas as igrejas?" Cuidados e sollicitude, eis o de que fala

(1) Mais tarde, já constituida a Igreja, os apostolos ou bispos são chamados pastores, mas sempre com uma restricção que lhes limita a funcção a uma determinada parte do rebanho. "Cuidae de vós e de toda a grei na qual (igreja de Epheso) o Espirito Santo vos estabeleceu bispos para governar a Igreja de Deus." Act. XX, 28; "Apascentae o rebanho de Deus que vos foi confiado, qui in vobis est." I Petr. V, 2. Pastor immediatamente constituido por Christo e sobre todas as suas ovelhas, Pedro e só Pedro. E' a Biblia, snrs. protestantes.

(2) S. Ambrosio, In Luc. LX, c. 24 (ML. XV, 1848).

S. Paulo. Sollicitude é preoccupação, zelo, carinho, cuidado. Sollicitude de todas as igrejas, póde ter e tem todo o apostolo, sem que isto implique nenhuma jurisdicção e menos ainda jurisdicção suprema. *"Pastor"* de todas as igrejas, é pura invenção do Snr. ERNESTO. Mais um texto falsificado; é o *terceiro*.

Act. XXII, 15. Ananias diz a S. Paulo convertido: "Tu lhe (a Christo) *servirás de testemunho deante de todos os homens,* das coisas que viste e ouviste." Servir de *testemunha,* isto é, attestar, dizer o que se viu o ouviu, transforma-se na exegese escamoteadora do Snr. ERNESTO em *"pastor...* de *todos* os homens." Se isto não é, que será, falsear a expressão de um autor? Subimos a *quatro*.

Resumamos a admiravel harmonia e concatenação dos textos evangelicos, estudados até aqui, com as palavras syntheticas de FRANZELIN: "Em toda a parte é a mesma pessoa que attesta e institue, Christo, fundador da Igreja; a mesma pessoa á qual, singularmente, se referem o testemunho e a instituição, Simão Pedro; o mesmo termo, isto é, as mesmas pessôas, sobre as quaes Pedro é constituido, a saber, o collegio apostolico e a Igreja universal designada sob nomes diversos: *minha Igreja, o reino dos céus, os teus irmãos, minhas ovelhas, e meus cordeiros;* o mesmo objecto real, isto é, o mesmo poder promettido e instituido sob differentes figuras: *pedra* da Igreja, *chaves* do reino, *firmamento* da fé, *pastorado* do rebanho de Christo; por ultimo, o mesmo fim, na promessa e na instituição, a propria organização, a segurança indefectivel, a unidade visivel da Igreja." (1).

---

(1) **Franzelin, De Ecclesia Christi,** th. 10, Romae 1887, p. 126.

Tal a constituição de Igreja, como a estabeleceu Christo e como resalta do exame directo, sereno e imparcial, do Evangelho. Mas o Evangelho não é um pergaminho morto que nos chegou embalsamado no pó das bibliothecas. E' um livro vivo e que começou a ser vivido pelos primeiros christãos e foi sempre vivido na Igreja. Como entenderam os nossos primeiros paes na fé estes textos evangelicos? Qual a interpretação que lhes deram e como, em harmonia com elles, organizaram a sociedade religiosa das almas baptizadas?

Para respondermos a esta pergunta fizemos uma sondagem na historia e mostramos, citando textos e mais textos, como, pelo primado de Pedro, está o testemunho solemne, irrefragavel da Igreja universal. Citamos padres e escritores isolados; entre os *latinos*, TERTULIANO, S. CYPRIANO, S. AGOSTINHO, S. AMBROSIO, S. JERONYMO, S. MAXIMO, S. OPTATO DE MILEVIO, S. LEÃO MAGNO; entre os *gregos*, ORIGENES, S. EPIPHANIO, S. GREGORIO DE NAZIANZO, S. GREGORIO NYSSENO, S. CYRILLO DE ALEXANDRIA, S. NILO, THEOPHILATO, S. CHYSOSTOMO; entre os *orientaes*, S. EPHREM e S. APHRAATES. Quem quer que não seja de todo leigo na literatura dos 5 primeiros seculos da nossa éra terá saudado nestes nomes os principes da sciencia e da santidade christã. — Citamos os testemunhos collectivos, e por isso infinitamente preciosos, das differentes igrejas, crystallizados nos seus livros officiaes de orações, reproduzindo alguns trechos da liturgia *grega, syriaca e eslavo-russa,* justamente as mais afastadas de Roma. — Citamos por ultimo a affirmação solemne e majestosa da Igreja reunida nas suas assembléas universaes. Os concilios ecumenicos de Ephéso, Chalcedonia, Nicéa (2), Lyão, Constança, e Florença proclamam unanimes o primado de Simão Pedro, a que por ultimo as recentes descobertas ar-

cheologicas vieram trazer ainda a confirmação de seu depoimento insuspeito (Cfr. I R C., paginas 35-39; 529-532).

A nossa exegese não é uma tortura de textos, improvisada para legitimar uma revolta de paixões mal dominadas. E' o caudal sereno e tranquillo da verdade que avança no correr dos seculos, avolumado continuamente pela contribuição dos maiores genios e dos maiores santos de que se ufana a historia do christianismo.

A esta nuvem de testemunhos que oppôs o Snr. Ernesto de Oliveira? Não quiz falar elle,, deu a palavra a Antonio Pereira de Figueiredo: "Nas suas epistolas mostrou Launoy que pela interpretação que toma por esta pedra a pessoa de S. Pedro não se acham mais que dezesete padres; e os que se acham pela outra passam de quarenta e quatro." p. 67. — O honesto Snr. Oliveira tinha deante dos olhos a *prova provada da falsidade desta asserção*. Sem pretender absolutamente ser exhaustivo eu havia citado 21 *padres e 6 concilios ecumenicos,* além dos documentos *liturgicos* e *archeologicos*. No emtanto, citado Figueiredo, prosegue despreoccupadamente: "A' lista de dezenove Doutores (1) que S. Revma. apensou

(1) Aliás 21. E porque calar os 6 concilios ecumenicos? Porque omittir toda a demonstração monumental da archeologia? porque passar em silencio o testemunho precioso das mais antigas liturgias orientaes? — Já que a lista dos 21 não satisfaz ainda ao Snr. Ernesto, elevemo-la ainda. Eusebio de Cesarea, Demonstratio evang. l. 3, c. 5 (MG, XXII, 216, 220); S. Epiphanio, Ancor., c. 9. (MG., XLIII, 33); Asterio de Amasea, Hom. 8 in Petrum et Paulum (MG. XL, 268); Macario de Magnesia, Apocriticus, I, 3, c. 27; Proclo, bispo de Constantinopla, Or. in transfig. n. 2. (MG., LXV, 767); S. Cyrillo de Jerusalém, Cat. 17, n. 4; 11, n. 3. (MG., XXVIII, 997, 693); Victorino, In epist. ad Gal., l. 1, p. 9. (MG., VIII, 1155); Gaudencio, bispo de Brescia, Sermo 20. (ML., XX, 995); Cassiano, Contra Nestorium, 3, c. 12. (ML., L, 67); S. Maximo, de Turim, Hom. 54, (ML., LVII, 333); Firmiliano, de Cesarea, Epist. ad Cypr. n. 17, Ed. Hartel, p. 821. Ahi tem o Snr. Ernesto mais 11 nomes a accrescentar á lista anterior.

ao seu volume, em abono da interpretação catholica, podemos oppôr uma outra, superior a quarenta e quatro (1) de doutores tão canonicos e tão ecumenicos como os outros em abono da interpretação de S. AGOSTINHO, por nós adoptada e defendida." p. 68. — Porque então não oppôs? Se o Snr. ERNESTO já tinha "44 doutores tão canonicos e tão ecumenicos" como os já citados, porque não os allegou no seu livro, com as referencias exactas? Simples trabalho de copista. E a occasião era tanto mais azada, quanto haviamos escrito textualmente: "Entre os Santos Padres não ha *um* só que *negue* ter Christo concedido a Pedro o primado de jurisdicção na Igreja universal." IRC. p. 35. Que magnifica opportunidade de oppôr 44, onde se negava a existencia *de um só!* Mas que faz o Snr. ERNESTO? A esta minha frase que elle qualifica de "affirmação ousada," responde: "Conhecemos um. E é quanto basta para destruir a proposição aventada". p. 71. E cita depois S. Paulo. O que diz o Apostolo das Gentes, veremos logo. Mas a resposta é de toda descabida. Haviamos pedido um S. Padre, e o Snr. ERNESTO cita um Apostolo. S. Paulo não é Santo Padre, Snr.; esta expressão é technica, tem o seu significado preciso, só se applica aos escritores não inspirados. A autoridade de S. Paulo, se existisse, seria, sem

(1) Como folgariamos de conhecer 44 nomes de SS. Padres e doutores, que, nos cinco primeiros seculos (a estes reduzimos o nosso inquerito) negaram o primado de Pedro! — Uma pergunta, á margem da questão presente. Se assim é, se para a interpretação de S. Matheus se podem citar, de um lado e de outro, autoridades de grande peso, porque impugnar a interpretação catholica? Se o principio fundamental do protestantismo é o livre exame das Escrituras, porque não poderão os catholicos livremente interpretar S. Matheus como o entenderam S. Ambrosio ou S. Jeronymo, S. Gregorio ou S. Cyrillo, o concilio de Epheso ou de Calcedonia, e, em harmonia com esta interpretação, organizar a estructura social da sua Igreja? Como explicar, na logica das proprias doutrinas adversarias, esta propaganda do protestantismo em paiz catholico? Porque este antagonismo acirrado, este odio mal contido contra tudo o que é romano?

duvida, superior a de qualquer doutor da Igreja; mas não era disto que se tratava. E se é exacto que na Epistola aos Galatas "não se podia negar o primado de S. Pedro em termos mais explicitos," p. 17, como explicar que *nenhum S. Padre* tivesse visto e repetido esta negação tão manifesta de S. Paulo? Como entender que, num ponto fundamental para a constituição da Igreja, o Apostolo das gentes fosse contrariado por todos os doutores e concilios durante 15 seculos de christianismo?

Está, portanto de pé, a "affirmação ousada"; "entre os Santos Padres não ha *um só* que *negue* ter Christo concedido a Pedro o primado de jurisdicção na Igreja universal." A posição dos reformadores do seculo XVI, contrasta, em antithese completa, com toda a historia do christianismo. — O leitor já terá notado os termos da proposição acima; com ella não negamos a existencia de interpretações allegoricas e praticas do *Tu es Petrus*, que, se encontram, essas sim, com frequencia nos SS. Padres. Quem quer que se ache familiarizado com a literatura patristica, sabe distinguir a exegese literal e dogmatica da parenetica. Nas suas homelias ou escritos destinados á edificação dos fieis, supposto o sentido literal e proprio do texto de S. MATHEUS — *absolutamente incontestado e universalmente admittido* — frequentemente desenvolvem os Padres os sentidos *accomodaticios* ou as *applicações moraes*. Não era necessario fazer de antemão polemica anti-protestante ou antigallicana em todas as praticas dominicaes. Respigar estes topicos como argumentos em favor de uma these — como fizeram os protestantes e os regalistas gallicanos typo LAUNOY ou A. DE FIGUEIREDO — é dá-la como desesperada. Que o diga o insuspeito LOISY: "semelhantes interpretações poderão ter sido propostas pelos antigos commentadores em vista das applicações moraes

e relevadas pela exegese protestante com interesse polemico. Mas se quisermos transformá-las em sentido historico do Evangelho, não passam de *distincções nullas que fazem violencia ao texto.*" (1).

Se contra a nossa "ultima affirmação ousada," o Snr. ERNESTO, apesar de ter entre mãos 44 carabinas embaladas não disparou uma só, tentou todavia afastar de combate duas das grandes autoridades, que haviamos allegado em favor da exegese classica: a de S. AGOSTINHO e a de S. JOÃO CHRYSOSTOMO, pretendendo, haviam estes dois grandes genios affirmado proposições contradictorias que se entredestruiam. Ao exame pausado da ecclesiologia de S. AGOSTINHO que o Snr. ERNESTO, por nunca o haver lido, chama "o grande protestante do seculo V," consagraremos um estudo especial em excursus a este Livro I.

De S. CHRYSOSTOMO haviamos lembrado o texto em que se affirma, era "Pedro o corypheu daquelle côro (apostolico), a bocca de todos os apostolos, o chefe daquella familia, o prefeito de todo o orbe, o fundamento da Igreja." (2). — Não, embarga o Snr. ERNESTO, S. CHRYSOSTOMO escreveu tambem: "Jesus não disse que edificou a sua Igreja sobre Pedro, porque elle não edificou a sua Igreja sobre um

(1) **A. Loisy, Les évangiles synoptiques**, t. II, p. 7, 8. A existencia, portanto, destas interpretações patristicas, não era necessario que o Snr. **Ernesto** se desse ao trabalho de ir procurá-la em **Launoi** ou **Pereira de Figueiredo**; já a haviamos indicado anteriormente, IRC, p. 36.

(2) **Hom.** in illud: "**Hoc scitote**", n. 4, **MG.**, LVI, 275. — O Snr. **Ernesto** traduz "chori illius coryphaeus," "conforme a voz unanime dos companheiros." Engano de latim, illustre professor. S. Chrysostomo não allude á opinião dos companheiros; diz que S. Pedro era "o corypheu do côro apostolico" (o coryfeu, era o chefe do côro; a palavra χορυφαῖος, entre os padres gregos, é empregada frequentemente para designar commando, governo, autoridade). A metafora de "corifeu do côro apostolico" é parallela ás que se seguem; sob diversas figuras exprime-se invariavelmente a qualidade de superior, de jerarcha supremo.

homem, mas, sobre a fé. Que significa, então, 'sobre esta pedra'? Significa: sobre a confissão contida em suas palavras. E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. *Sobre esta pedra,* isto é, sobre a fé contida em tua confissão." *Hom.* LIV, 2, sobre *Math.,* XVI, 18." (p. 70). — Havendo, pois, contradicção entre as duas citações, devemos preferir esta ultima; "a primeira não passa de uma expressão hyperbolica, colhida em um discurso cheia dos seus caracteristicos arrebatamentos; ao passo que a segunda consta de um comentario calcado sobre o proprio texto em debate" p. 70. — Equivoco, illustre professor, um e outro texto são tirados igualmente de homelias. O peior, porém, é que S. Chrysostomo repete, á saciedade, a sua interpretação tanto nos discursos arrebatados quanto nos frios e ponderados commentarios. Vê-se que as obras do Santo não são familiares ao cathedratico paranaense. Pedro é *"a base da Igreja."* (in illud.: Vid. Dom. hom. 4. n. 3; *MG.* LVI, 123) e" *o fundamento da fé"* (C. lud. et theat. *MG.* LVI, 265). Commentando S. Math. XVIII, 15: "Emquanto Christo assim falava aos seus discipulos... Pedro, principe do côro apostolico, bocca dos discipulos, columna da Igreja, fundamento da fé, fundamento da confissão, pescador de todo o orbe... disse etc." (*Hom. de decem mill. tal.* n. 3; *MG.* LI, 20). A Pedro confiou Christo: "o governo effectivo de toda a Igreja." (*De paenit. Hom.* 5. n. 2) "a administração do universo." (*In Joann. hom. LXXIII,* numero 1).

Como conciliar então esta exegese, innumeras vezes repetida, com o trecho allegado pelo Snr. Ernesto? Nada mais simples. O que o Santo quer sublinhar é que o Senhor fundou a sua Igreja não sobre Pedro, como homem, como individuo particular, mas sobre Pedro, *confessor* da fé, e, como tal, funda-

mento da Igreja que sobre a fé repousa. Excluir de Pedro, com estas locuções, um primado de verdadeira jurisdicção, nunca passou pelo espirito de CHRYSOSTOMO. (1). Senão é continuar a ler *esta mesma homilia* citada pelo Snr. ERNESTO, que, não sei porque motivo, subtraiu aos olhos do leitor os topicos mais interessantes e decisivos. "Passa então [Christo] a declarar como muitos hão de crer, anima-lhe [a Pedro, trata-se da sua fé] a coragem e *o constitue pastor.*" Se falara da fé em absoluto e em abstracto, estas conclusões não se seguiriam das palavras de Christo. Pouco adeante: "O que é proprio de Deus, a saber, perdoar peccados, tornar a Igreja inconcusa no embate de tantas ondas, tornar um pescador mais *firme que a pedra* no meio dos assaltos de todo o mundo, tudo isto [Christo] promette dar-lhe [a Pedro]." Se a estas expressões tão inequivocas quisermos accrescentar o commentario vivo dos factos lembraremos ainda que o santo patriarcha de Constantinopla, duas vezes injustamente condemnado por dois synodos reunidos no Oriente e exilado pelo imperador, *appelou para Roma,* para Innocencio I, afim de que declarasse a nullidade (nullum habere robur) das sentenças contra elle pronunciadas. Assim entendia o primado de Pedro e de seus successores um dos maiores, talvez o maior dos Padres gregos. CHRYSOSTOMO contra CHRYSOSTOMO? Não: a doutrina e a vida do Santo apresentam a coherencia da verdade e a simplicidade da linha rẹcta.

(1) O mesmo se diga de **S. Cyrillo e S. Hilario** que o Snr. **Ernesto** lembra sem lhes citar os textos. Quando estes vierem, discuti-los-emos.

§ 2. *O primado de S. Pedro na Igreja primitiva.*

Contra o primado de S. Pedro, tão evidentemente attestado nos Evangelhos, julgam os protestantes poder tirar da historia primitiva da Igreja dois grupos de argumentos: a existencia de alguns factos incompativeis com esta primazia, a ausencia absoluta de vestigios do seu exercicio.

Entre os factos do primeiro genero avultam a missão de S. Pedro á Samaria e o incidente de S. Paulo com S. Pedro em Antiochia.

Missão a Samaria. "Quando os apostolos que estavam em Jerusalém, ouviram que a Samaria havia recebido a palavra de Deus enviaram para lá Pedro e João." *Act*. VIII, 14. — Dahi, inferem os protestantes, que Pedro, mandado, pelos outros apostolos não lhes podia ser superior. Respondi que, no texto, o termo empregado ἀποστέλλειν, enviar, não implica nenhuma relação de igualdade ou superioridade entre quem envia e quem é enviado. Enviar, é obter efficazmente que outro vá, mandando, aconselhando ou pedindo. E' linguagem corrente: o capitulo enviou o bispo a Roma, os irmãos enviaram ao pae, o irmão mais velho; o exercito enviou o general ao soberano. Tratava-se de uma missão difficil, como a de aggregar os samaritanos, odiados pelos judeus, á igreja nascente. Os apostolos que se achavam em Jerusalém reuniram-se, e, em deliberação commum á qual certamente não podia ser alheio o proprio S. Pedro, enviaram para lá, com S. João, o principe dos apostolos, cuja autoridade podia resolver definitivamente as difficuldades da missão espinhosa e cortar cerce pelas murmurações do nativismo estreito de certos judai-

zantes. O Snr. Ernesto não ficou contente com esta explicação obvia. Lendo-se "enviar", diz elle "aggrava-se muito mais" a posição catholica. E arma, solemne, o syllogismo seguinte: "*Maior*: Disse nosso Salvador: "Não é o servo maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que aquelle que o enviou." *João,* XIII, 16. *Menor*: Ora S. Pedro, diz a Santa Escritura, foi *enviado* pelos apostolos... *Conclusão*. Logo, S. Pedro não era maior do que os apostolos. p. 77.

O syllogismo majestoso do Snr. Ernesto de Oliveira... tem apenas... 4 termos. E' muito para uma conclusão logica, Snr. O "enviou" da maior, não é o mesmo da "menor". No original de S. João, no capitulo citado, o "enviou" traduz o verbo grego πέμπω, que, entre outras significações, tem a de enviar ou acreditar uma embaixada. O contexto precisa-lhe o significado "não é o servo maior que o seu senhor," e, no texto parallelo de *S. Math.* X, 24, "não é o discipulo maior do que o seu mestre." Christo estabelece a sua superioridade acima dos discipulos. Neste sentido, é perfeitamente exacto dizer-se que o "enviado não é maior do que aquelle que o enviou," como o embaixador não tem mais autoridade do que o chefe de estado que lhe deu as credenciaes. Outras são as expressões verbaes, outro o contexto que emoldura a pericope dos *Actos*. Aqui não é um soberano que dá credenciaes a um embaixador; são os apostolos que se reunem para deliberar qual delles convém, vá resolver pessoalmente o caso delicado dos samaritanos. Não ha, portanto, maneira de extrair do "enviaram" de S. Lucas um argumento contra o primado de S. Pedro. — E' digno de attenção como os protestantes, quando se trata de diminuir o Principe dos apostolos se contentam de semelhantes ninharias, elles, que resistem obstinadamente á evidencia das majestosas e

singulares expressões dirigidas por Christo ao humilde pescador da Galiléa. (1).

— O argumento Achilles, do Snr. Ernesto, é a attitude de S. Paulo em relação a S. Pedro, qual nos é descrita principalmente na Epistola aos Galatas. — E' triste e deloroso; tratamos este ponto com especial cuidado, resolvendo sinceramente todas as difficuldades protestantes. Tudo debalde. O professor volta a martellar automaticamente as mesmas objecções do Snr. Eduardo Pereira como se nada houvera sido explicado. Refaçamos brevemente ainda uma vez o trabalho já feito tantas outras.

Os primeiros convertidos á nova fé vinham do judaismo. Na igreja mãe de Jerusalém, os apostolos por não romperem violentamente com os seus antigos correligionarios continuaram com fidelidade as praticas e ritos antigos; subiam ao templo a fazer oração ás horas do costume, submettiam-se ás purificações legaes etc. Foi S. Pedro quem, por uma revelação do céu, abriu as portas da Igreja á gentilidade, baptizando o centurião Cornelio; foi ainda S. Pedro, com S. João, que aggregaram á nova igreja, os scismaticos e odiados samaritanos. — Eram as primeiras affirmações do universalismo christão sobre o particula-

(1) Citáramos, em abono da nossa interpretação, outros textos da Escritura, em que o "enviaram" longe de implicar uma autoridade, é usado para exprimir relações de inferior a superior. Assim: "os israelistas enviaram Phineas e os principes das tribus a Galaad." Commenta o Snr. **Ernesto:** "Não lhe acode o exemplo; a nação é maior do que os que foram enviados." p. 77. O illustre professor tem o segredo critico de interpretar as expressões de um regimen theocratico de ha 3000 annos com a mentalidade da soberania popular do **Contracto Social** de Rousseau. — Diziamos ainda: "os fieis de Antiochia enviaram Paulo e Barnabé aos apostolos de Jerusalém". — Não, embarga o Snr. **Ernesto**, o verbo empregado é τάσσω, o que fizeram foi "assentar que sobre esta questão subissem Paulo e Barnabé com alguns outros, aos apostolos e presbiteros de Jerusalém." p. 77. — Foi, precisamente, o que succedeu no nosso caso: os apostolos assentaram entre si que Pedro e João descessem até a Samaria.

rismo judaico. A perseguição que sobreveiu depois da morte de S. Estevam veiu offerecer o ensejo de alargar estas conquistas. Alguns christãos fugitivos que se retiraram para a Phenicia, a ilha de Chypre e Antiochia, começaram a pregar o nome do Senhor Jesus aos gregos, convertendo grande numero. O ruido destes acontecimentos chegou até á igreja mãe de Jerusalém, que para lá enviou logo a Barnabé. Vendo elle o immenso campo que se abria ás esperanças da nova fé, foi a Tarso e de lá trouxe consigo Paulo e ambos trabalharam, durante um anno, em Antiochia, onde se fundou assim, a primeira igreja mixta, composta de elementos judaicos e gentios, e onde pela primeira vez os discipulos se denominaram christãos. *Act.* c. XI.

As difficuldades iam começar. De volta á Antiochia, após uma excursão missionaria pela ilha de Chypre, pela Pamphylia e pela Phrygia, encontraram os apostolos a nova christandade em effervescencia. Alguns elementos vindos de Jerusalém haviam inculcado a necessidade da circumcisão mosaica como clausula essencial para a salvação. Grande foi a perplexidade e a agitação dos animos. Para acalmá-los e resolver definitivamente a questão foi deliberado que se consultassem os apostolos. Paulo e Barnabé subiram a Jerusalém. S. Paulo diz-nos expressamente ter sido uma revelação que o levara a emprehender esta viagem. Partiu para expôr á igreja mãe o Evangelho que pregava e de modo particular "aos principaes afim de que vissem se não corria ou não tinha corrido em vão." *Gal.* II. 2. (1). Os principaes, continua Paulo,

(1) Os δοκοῦντες são os chefes da Igreja e provavelmente os que são nomeados pouco abaixo Thiago, Pedro e João, as columnas da igreja. "A traducção da Vulgata **qui videbantur esse aliquid** (II, 2-6) póde dar a impressão falsa que Paulo lhes contesta a superioridade real, mas a locução grega nada disto suggere e os padres gregos nem mesmo o suspeitaram. Para elles, como para os

qualquer que fosse a sua autoridade, nada ajuntaram, nenhuma observação me fizeram; (1) antes, vendo, como a mim houvera sido confiado a evangelização dos incircumcisos como a Pedro a dos judeus, (2), Thiago, Pedro e João me estenderam a dextra em signal de communhão fraterna.

Até aqui nada contra o primado de S. Pedro.

---

classicos, οἱ δοχοῦντες ou οἱ δοχοῦντες εἶναι τι significa simplesmente os principaes, os chefes, as personalidades em evidencia". **F. Prat, La théologie de S. Paul**, Paris, Beauchesne, 1927, t. I, 14.ª ed., p. 54. **Lightfoot**, uma das mais abalizadas autoridades da exegese anglicana cita a frase de **Herodiano**, historiador do 2.º seculo: "os membros do senado que eram considerados (τους δοχοῦντας) e os mais veneraveis pela idade." **Cornelio Schrevel**, no seu **Lexicon graeco latinum** traduz δοχοῦντες , **qui sunt in aliqua existimatione.** — Inutil dizer que para o Snr. **Ernesto**: "não deixa de ser calculadamente pejorativo dizer S. Paulo que os apostolos S. Thiago, S. Pedro e S. João eram **reputados por alguma cousa** na Igreja." p. 81. Vêr o que já foi dicto em IRC, p. 46, em exclusão desta esdruxula e impossivel exegese.

(1) "Quelle que pût être d'ailleurs leur autorité (ὁποῖοί ποτε ἦσαν) **qualescumque essent**, plutôt que **quales aliquando fuerint**) cela m'importe peu, cela n'a rien à faire à la question. **Pour** ce qui me concerne, ils ne m'ajoutèrent rien, ils ne me donnèrent **de leur cru** (sens propre de la voix moyenne) que je n'eusse déjà: nihil mihi contulerunt." **F. Prat, Op.** cit., p. 55.

(2) Deste passo infere o Snr. **Ernesto**: "os campos jurisdiccionaes desses dois apostolos eram separados: o apostolado de S. Pedro confinava-se aos judeus e o de S. Paulo aos gentios. Mas como poderia ser assim si S. Pedro era o Supremo Pastor universal?" p. 82. Esta repartição do campo de evangelização não foi exclusiva; S. Pedro como S. Paulo nunca a consideraram como tal. Citamos (p. 47) pelo menos 11 passos tirados dos Actos e das Epistolas do Apostolo das gentes em apoio desta affirmação. Mas que montam demonstrações da Escritura contra a obstinação da Petrophobia protestante? O nosso autor não só continua a repetir impavidamente a mesma objecção **provadamente insubsistente**, mas chega a affirmar que "de caber a S. Pedro o apostolado dos judeus e a S. Paulo e dos gentios, segue-se **necessariamente** que S. Paulo e não S. Pedro foi effectivamente o pastor da Igreja de Roma." p. 83. Não sabiamos que a historia se constróe com o apriorismo de syllogismos claudicantes. Todos os testemunhos apontam-nos S. Pedro como fundador da Igreja de Roma. O **proprio S. Paulo**, antes de lá ir, já attesta a existencia de uma igreja "cuja fé era conhecida em todo o mundo." **Ad Rom.**, I, 8; cujos fieis "estavam cheios de caridade e de sciencia," (XV, 8) com superiores ecclesiasticos a quem prestavam "obediencia notoria em toda a parte" que alegrava o Apostolo. Mas que importam os factos? S. Pedro não podia ter fundado a Igreja de Roma porque assim o exige a hermeneutica preconcebi-

Surge uma discussão numa igreja fundada por Paulo; para resolvê-la, o grande Apostolo, movido por uma *revelação do céu*, vae consultar as columnas da Igreja; "afim de não correr em vão;" expõe-lhes o seu Evangelho; os apostolos não fazem nenhuma advertencia; antes lhe estendem a mão, em signal de solidariedade e communhão fraterna e, este gesto approbativo, S. Paulo oppõe-no victoriosamente aos detractores do seu apostolado. (1).

Vamos ao episodio da Antiochia. Achavam-se nesta cidade os dois grandes apostolos; Pedro costu-

---

da dos protestantes, da qual **"se segue necessariamente"** que todos os factos que se lhe oppõem, ainda attestados por S. Paulo, são inexistentes. — "A divisão jurisdiccional dos campos, insiste o professor, só se deu depois dos factos assignalados pelo Rev. Franca (**Gal.** II, 9)." p. 82. Falso! Os factos por mim allegados vão até o ultimo capitulo dos Actos, isto é, até o captiveiro de S. Paulo em Roma. — Ainda: "O facto de pregar um eventualmente em campo de outro não quer dizer que exercitasse actos jurisdiccionaes. Por suas cartas vemos que eles só as dirigiram ás igrejas que se achavam dentro da orbita que lhes traçou a divina investidura." p. 82. Falso! S. Paulo escreveu aos **hebreus**. S. Pedro dirigiu a sua epistola aos christãos "do Ponto, da Galacia, da Cappadocia, da Asia e da Bithynia" isto é, de quase toda a Asia Menor, onde havia pregado e fundado numerosas igrejas precisamente S. Paulo, que escreveu tambem elle uma carta aos Galatas. Manifestamente o Snr. **Oliveira** está com a visão perturbada; não enxerga as cousas mais visiveis, e deixa cair irreflectidamente no papel todas as affirmações que lhe vêm ao bico da penna, comtanto que sejam contra o primado de S. Pedro.

(1) Deste aperto de mãos a logica poderosa do Snr. **Ernesto** tira conclusões mirabolantes, "deram-lhe as dextras de parceria" isto é, receberam-no em pé de perfeita egualdade." p. 71. — Uma applicação contemporanea desta consequencia. Um interventor estadoal é accusado de irregularidades na gestão do seu cargo. Vae ao Rio, expõe ao Chefe do Governo provisorio os seus actos; o presidente com o seu ministerio approva-o e, em signal da identidade de orientação e de procedimento, aperta-lhe cordialmente as mãos. Ah! intervem o professor curitybano, estas "dextras de parceria" supprimiram todas as gradações na autoridade; o chefe do Governo recebeu o interventor estadoal "em pé de perfeita igualdade." Todas as jerarchias anteriores, supprimiu-as o gesto thaumaturgo. — Mas S. Paulo declara aos Corinthos que "em cousa alguma foi inferior aos mais eminentes apostolos." — Perfeitamente, na dignidade apostolica que lhe contestavam os seus adversarios. Como os Doze, S. Paulo foi enviado immediatamente por

mava (συνήσθιεν, imperfeito de habito) comer com os Gentios sem nenhuma attenção ás pretenções do rigorismo phariseu. Senão quando sobrechegam de Jerusalém alguns judeus-christãos, dos que viviam na roda de Thiago. Temendo talvez escandalizá-los, S. Pedro retraiu-se e já não tomava as refeições com os baptizados vindos da gentilidade. O exemplo do chefe dos apostolos fez impressão profunda em todos; o proprio Barnabé deixou-se levar e tambem elle se retirou da mesa dos gentios. S. Pedro julgára talvez que o opportunismo adoptado na igreja de Jerusalém, seria tambem inoffensivo em Antiochia. Não o era; S. Paulo, que tantas luctas já sustentára contra os judaizantes, viu logo toda a vantagem que os seus adversarios poderiam tirar deste *exemplo do Chefe da Igreja*. O apostolo das gentes conhecia a humildade generosa e a grandeza d'alma de Simão. Não hesitou, pois, para o bem-geral, de o admoestar em publica assembléa (1) do seu procedimento incoherente. Pedro acquiesceu; S. Paulo triumphára contra os rigoristas que já não poderiam appellar para a autoridade irrefragavel do Principe dos Apostolos.

Christo, tambem elle vira a Christo, "Tambem elle recebera a sagração divina do seu Apostolado. Apostolo era-o tambem no sentido pleno e genuino da palavra, apostolo era-o tão legitimamente como os eleitos da Galiléa e não inferior a nenhum delles na **dignidade apostolica**. Sua igualdade aos Doze na missão evangelizadora do mundo — eis o que Paulo pretende demonstrar aos corinthios nesta epistola. Haverá, porém, no Collegio apostolico uma autoridade superior, um primaz investido por Christo na suprema jurisdicção de Igreja. S. Paulo não o affirma nem o nega. Era aqui uma questão descabida, era assumpto de todo **alheio ao seu intento**. Paulo passa por cima e vae direito ao amago da **controversia que fervia em Corintho**." IRC, p. 43. Tambem hoje os bispos não são, no poder da ordem episcopal, em nada inferiores ao Papa. Tudo isto, já havia sido escrito. Como de costume, o Snr. **Ernesto** fez vista grossa e requentou as difficuldades já resolvidas de **Eduardo C. Pereira**.

(1) "O grego κατὰ πρόσωπον significa simplesmente em presença, face a face, sem nenhuma intenção hostil e sem o ar de desafio que o latim in **faciem** poderia suggerir." F. Prat, **Op. Cit.**, p. 59. E mais ainda o vulgar de **E. de Oliveira** "eu lhe resisti na

Ha, em todo este incidente, algo que se opponha ao primado de S. Pedro? Nada, absolutamente nada.

S. Paulo discordou de *uma doutrina ensinada* por S. Pedro? Não. O accordo de principios entre os dois apostolos era completo. A universalidade do christianismo já havia sido *definida por S. Pedro* em Jerusalém; a pratica da doutrina já havia sido actuada *pelo proprio S. Pedro* em Antiochia.

S. Paulo desobedeceu a *alguma ordem ou preceito* do Principe dos Apostolos? Tão pouco. Nada havia elle ordenado. Que houve? Apenas uma *attitude pessoal* de S. Pedro, que, dada a influencia de sua autoridade e as circunstancias do logar em que se achava, era reprehensivel, porque poderia causar serios embaraços á causa da evangelização dos gentios. Achamo-nos, portanto, em face de um erro de procedimento sobre que S. Paulo julgou dever advertir publicamente a S. Pedro, para vantagem da Igreja universal. Tudo isto nada, nada envolve que importe num desconhecimento da autoridade do principe dos apos-

---

cara" p. 80. Com mais impropriedade trivial de termos, o incidente de Antiochia é intitulado pelo professor "**Briga** providencial de S. Paulo com S. Pedro." Não houve briga nenhuma, Snr. Briga importa contenda de desavindos que se reciprocam doestos e insultos. Nada disto se passou. S. Paulo reprehendeu em publico a S. Pedro **et hic finis**. Mas os farejadores de escandalo gostam de armar a effeito e com uma falta completa do senso de reverencia nos querem pintar os dois santos a brigarem, isto é, a trocarem injurias deante da assembléa dos fieis. Contanto que se humilhe S. Pedro! — Que contraste no commentario delicado de S. Agostinho, onde sôa inconfundivel o accento christão: "Pedro acceitou com santa e piedosa humildade a **observação** que utilmente lhe fizera Paulo inspirado pela liberdade do amor, deixando dest'arte aos posteros o raro exemplo de se não dedignarem de ser corrigidos pelos **inferiores** onde quer que se desviassem do recto caminho: exemplo mais raro e mais santo que o deixado por Paulo aos inferiores que, por defender a verdade evangelica ousarem resistir confiadamente sem lesar a fraterna caridade. Em Paulo louvemos a justa liberdade, em Pedro a santa humildade." **Epist.** 82, n. 22. (**ML.**, XXXIII, 285-6). Eis como fala o que o Snr. **Ernesto** chama "o grande protestante do seculo V", "o maior dos doutores que a Igreja de Roma honra entre os seus santos, mas de cujos ensinos se esqueceu." p. 224. Quem esqueceu que S. Paulo era inferior a S. Pedro?

tolos. Attitudes como estas em face dos Papas tomaram innumeros santos em circunstancias analogas. S. Irineu com S. Victor; S. Catharina de Sena, com os Papas de Avinhão, S. Bernardo com Eugenio III. Amanhã o Snr. ERNESTO armará todos estes santos, como armou quixotescamente a S. Paulo em "campeões antipapaes."

Já tivemos ensejo de mostrar até como do exame minucioso do episodio de Antiochia resulta mais uma confirmação da supremacia de S. Pedro na Igreja primitiva. Não nos repetiremos. Cfr. IRC. p. 50. Ahi tambem explanamos desenvolvidamente como S. Paulo, em todas as occasiões que se lhe offereceu de referir-se a Pedro, insinua inequivocamente o alto conceito em que tinha a sua dignidade singular; "chama-o quase sempre Cephas, o nome aramaico que lhe impusera Christo, como que a relembrar a alta funcção de pedra fundamental da Igreja. Com excepção de um só logar, — excepção explicavel pela opportunidade de salientar o nome de Thiago, — todas as vezes que menciona os apostolos a Pedro cede sempre o logar de honra. (Ver os logares citados e commentados a p. 51). Na epistola aos Galatas diz que tres annos depois de sua conversão subiu a Jerusalém para *ver a Pedro* e com elle passar quinze dias. Porque em Paulo esta sollicitude de ver a Pedro e não aos outros apostolos? Responde CHRYSOSTOMO: "Depois de tantas e tão preclaras façanhas... foi visitar a Pedro *como a superior* e mais antigo." E notae a energia intraduzivel do original grego já sublinhada pelo mesmo CHRYSOSTOMO: "Não disse ἰδεῖν senão ἱστορῆσαι que se costuma empregar no sentido de quem vae visitar as grandes e esplendidas metropoles dignas de ser admiradas e conhecidas (1)." I R C, p. 52.

(1) **S. João Chrysostomo, Comment. in epist. ad Gal. I, 11. (MG., LXI, 631).**

Tudo isto foi necessario esquecer e deixar numa sombra injusta para que pudesse avultar, mal engonçado, pelo protestantismo, o manequim do "campeão antipapal."

Taes os factos, que se allegam, como incompativeis com a primazia de S. Pedro. Bagatellas, exegeses contorcidas e apaixonadas de trechos biblicos conhecidos e commentados por 15 seculos de christianismo que nelles nada encontraram contra a autoridade de S. Pedro e dos seus successores.

O outro argumento a que já nos referimos é tirado *do silencio*. — Na igreja primitiva não apparecem vestigios de exercicio desta jurisdicção suprema de S. Pedro. — Este silencio, se fosse real, nada provaria contra o direito existente. S. Pedro, investido por Christo, na dignidade de Chefe da Igreja, conservaria a plenitude dos seus direitos ainda que *de facto* não os exercitasse. A questão de *facto* explicar-se-ia ou pela condição excepcional dos apostolos, sobre os quaes não se fazia sentir a necessidade de uma intervenção superior, ou pela escassez dos nossos documentos relativos á historia da igreja primitiva.

Esta advertencia, apenas para precisar o valor logico dos argumentos; porque não é esta a situação real em que nos encontramos. Só não vêem em S. Pedro a primeira figura da igreja primitiva os que estiverem com os olhos obnubilados por uma antipetrite incuravel. E' S. Pedro quem prega por primeiro o Evangelho (*Act.* I, 14), quem baptiza os primeiros gentios (II. 41; X, 9); os ouvintes compungidos dirigem-se "*a Pedro* e aos outros Apostolos"; Pedro lhes responde e promulga a lei da recepção na Igreja acceitando novos fieis que Jesus Christo não recebera (II, 37-39).

Pedro é o primeiro thaumaturgo; ao lado de S.

João excelle; só elle fala, só elle opera o milagre; e os prodigios multiplicam-se tanto que, outrora como a Christo, se levavam os enfermos nas praças para que *veniente Petro,* ao menos a sua sombra os attingisse.

Pedro é quem promulga de modo autoritativo a *lei da successão apostolica,* no preenchimento da vaga de Judas. (1).

Pedro é quem fala em nome do collegio apostolico e o defende perante o Synhedrin (2).

S. Pedro ainda, quem inflige terriveis castigos aos primeiros violadores dos bens ecclesiasticos; quem condemna o primeiro herege simoniaco. (V, 4; VIII, 20).

S. Pedro, ao reunir-se o concilio de Jerusalém para decidir a controversia dos ritos judaicos e da admissão dos gentios, é quem dirime autoritativamente a questão. (XV,7). — "Não sabemos como possa affirmar isto sem manifesta torcitura dos factos, diz o Snr. Ernesto; porque na Biblia está bem claro que foi S. Thiago quem falou por ultimo, quem resumiu as opiniões de todos e quem disse: "a vista do que eu julgo." p. 85. — Na Biblia está o que obstinadamen-

(1) "Todo o primado de jurisdicção de S. Pedro nessa conjuntura, embarga o Snr. Ernesto, limitou-se a uma proposta. Bem se vê que indica antes falta de jurisdicção." p. 84. — O Snr. Ernesto leu distraidamente a sua Biblia. S. Pedro não propõe, impõe, **Δεῖ, oportet, é necessario, deve fazer-se (Act. I, 21)** são verbos que indicam uma determinação moral, uma obrigação. Mas onde S. Lucas emprega uma expressão que implica um exercicio de autoridade, o livre exegeta traduz para uso dos seus leitores numa simples "proposta" de S. Pedro. Como o preconceito céga!

(2) "Quando muito, commenta chatamente o Snr. Ernesto, isso prova que S. Pedro era bom advogado." p. 85. — Não; S. Pedro não era causidico, era um simples pescador da Galiléa. Se elle tomou a palavra em nome dos Doze, ante as autoridades religiosas do seu paiz, é porque era o primeiro; responsavel pela communidade christã nascente. Falou em defesa dos outros apostolos, como fala um chefe de familia em defesa dos seus, como fala o presidente de uma sociedade em nome dos seus membros. "Bocca dos apostolos, chefe da familia apostolica," commentou, com outra elevação, a perspicacia de **Chrysostomo.**

te não se quer ver, isto é, que depois da discussão, S. Pedro toma a palavra e impõe a sua sentença: "Sabeis irmãos, que desde os primeiros dias ordenou Deus entre nós que *por minha bocca* ouvissem os gentios a palavra de Deus" (V, 7). Em seguida *define*: "Cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus Christo assim como elles tambem o foram" (V., 11). E a controversia terminou, e as duvidas cessaram e a assembléa acolheu com religioso silencio a decisão definitiva de Pedro: *omnis multitudo tacuit*. — Mas S. Thiago falou ainda. — Falou; para discordar de Pedro? para modificar-lhe a sentença? para "resumir opiniões?" como diz o Snr. Ernesto treslendo a sua Biblia? Não; para *adherir* á sua sentença, para confirmá-la com a Escritura: "Simão tem contado como Deus primeiro visitou aos gentios afim de formar delles um povo para o seu nome. *Com isto concordam* as palavras dos prophetas etc., v. (14-15). (1).

(1) Tudo isto já havia sido posto a limpo; mas o Snr. **Ernesto** fechou os olhos e continuou a repetir o mesmo estribilho. Pouco antes da frase que commentamos no texto, escreve ainda com grammatica duvidosa: "Diz o rev. Franca que nesse concilio foi S. Pedro quem primeiro tomou a palavra. Nós o felicitariamos por essa descoberta, si não tivessemos lido na Biblia catholica que S. Pedro levantou-se **(sic)** para falar depois de forte discussão." p. 85. — Para difficuldade já resolvida reimprima-se a resposta já dada: "Pedro não toma a palavra senão "após largo debate." — Mas é natural, nem podia deixar de assim ser [Queriam que elle falasse sem saber do que se tratava? Os enviados da igreja de Antiochia expuseram os seus pareceres. Alguns que haviam pertencido á seita dos phariseus oppuseram-se-lhes propugnando a necessidade da circumcisão. Eis a controversia. Quem a julga? quem a decide?" IRC, p. 57. O que resalta de tudo isto é a falta absoluta de senso historico, de intelligencia desta evolução material das formas accidentaes e contingentes em que se encarna, no tempo, a plasticidade dos principios eternos e essenciaes da vida e da verdade. Na pagina precedente, o Snr. **Ernesto** contestava o papel de S. Pedro na escolha do successor de Judas, porque S. Mathias não fôra nomeado "como nomeia os Papas os seus cardeaes sem eleição e sem sorteio." Agora, não vê a primazia da acção de Pedro na assembléa de Jerusalém, porque a ordem dos debates não obedece materialmente a um regimento interno de camara dos Deputados do seculo XX. Amanhã S. Pedro não será o primeiro dos Papas, porque não affixou bullas nos portaes da basilica Vaticana nem

Pedro ainda quem percorre as igrejas da Judéa, da Galiléa e da Samaria, visitando e consolando a todos (IX, 32, 38, 43) "como um general commenta CHRYSOSTOMO, que passa revista ás suas tropas." (1).

E que opinião tinham os outros apostolos de supremacia de S. Pedro? Abramos os Evangelhos, escriptos durante esta época. *Todos* os evangelistas, *sem excepção de um só, todas as vezes* sem excepção de uma só, em que falam dos Doze ou tecem o catalogo dos seus nomes *dão sempre* a Pedro o primeiro logar, e o dizem explicitamente: *"Primeiro,* Simão que se chama Pedro" (*Math.* X, 2). Disputaram antigamente entre si sobre quem era o primeiro; o primeiro, ei-lo, Simão Pedro. (2).

---

enviou á christandade as suas mensagens nas azas do ether. Infantilidades; o que importa não é a materialidade da indicação chronologica de quem falou ás 9 horas e quem ás 10. O que importa é a realidade viva. E a realidade é que, surgindo sobre materia doutrinal uma forte divergencia entre elementos de duas communidades christãs, a causa foi levada ao **magisterio vivo e authentico** da Igreja. (Não foram interpretar individualmente a Escritura, unica regra de fé para o protestantismo). S. Pedro, no Collegio apostolico toma a palavra, decide e a sua decisão é acatada por todos. S. Thiago confirmou-a com as Escrituras, a assembléa acatou-a com a submissão do silencio. E a palavra de Pedro passou a ser lei universal da Igreja.

(1) Hom. 21, in Act. n. 2. (MG., LX. 165). Sobre este facto o Snr. Ernesto passou em silencio discreto.

(2) Visivelmente agastado por este facto incommodo diz o Snr. Ernesto: "Estas ampliações, pleonasticas um tanto, são simplesmente ridiculas depois do "Thiago, Pedro e João" que acabamos de ler em S. Paulo, precisamente quando falava dos que "eram reputados por alguma cousa"." p. 83. — Pleonasmo nenhum, illustre professor, realidade pura, mathematicamente exacta. Não retiro uma virgula da frase anterior: **todos os evangelistas... todas as vezes... sempre o primeiro logar.** A unica excepção, não nos Evangelhos, mas em S. Paulo, é a que nós mesmos já haviamos indicado e explicado a p. 51, onde, depois de indicarmos as duvidas criticas que pairam sobre essa lição, diziamos: "A preferencia dada aqui a Thiago explica-se naturalmente pelo alto apreço em que o tinham os judaizantes que do nome do bispo de Jerusalém tanto abusavam contra a autoridade de Paulo. Para confutá-los frisa aqui S. Paulo, como por Thiago, tambem por Thiago, primeiramente por Thiago fôra reconhecido por apostolo legitimo." IRC, p. 51.

Eis os innumeros factos que nos mostram S. Pedro por toda a parte e sempre, na propagação da Igreja, na sua administração, na promulgação de suas leis, no exercicio do poder judiciario, na defesa da fé e dos costumes, na tutela da liberdade christã, na iniciativa e na direcção dos actos communs do collegio apostolico — á frente de todos, exercendo visivelmente uma funcção de primeiro. (1).

Dentre estes factos haviamos dicto lealmente que não pretendiamos, "tomado isoladamente, cada um delles fosse sufficiente para estabelecer a suprema jurisdicção do principe dos apostolos." Na sua critica, o Snr. ERNESTO calou honestamente esta importante advertencia preliminar; separou os factos; omittiu alguns, torturou outros, como já vimos, e sobre os restantes exerceu a sua critica facilmente triumphante: não provavam um primado de jurisdicção: "jámais encontramos o apostolo no exercicio da um acto sequer que denote a autoridade que se lhe attribue." p. 56. Menos obcecado pelo preconceito, e mais instruido por

---

Fóra deste caso singular, facilmente comprehensivel pelas circunstancias, tambem S. Paulo, como os evangelistas, dá **invariavelmente a Pedro o primeiro logar.** Incommoda? são factos. Quando os catholicos, portanto, defendem o primado de S. Pedro, não fazem senão dar outra forma grammatical (o abstracto em vez do concreto) ao que ensinava S. Matheus á Igreja primitiva: Primeiro, Simão, que se chama Pedro. E' a Biblia, Senhor.

(1) Por ahi verá o leitor a differença enorme entre a eminencia de S. Pedro, agindo no Collegio Apostolico e as prerogativas de S. Paulo, que o Snr. **Ernesto,** parodiando a argumentação anterior, accumulou para mostrar como "com esses processos ampliativos" se poderia igualmente concluir o primado do Apostolo das Gentes. Os mais serios dos titulos reunidos (eleição immediata de Christo, testemunho prestado deante de todos os povos, actividade de zelo conquistador) demonstram que S. Paulo era apostolo, **como o eram os Doze da Galiléa,** tambem elles immediatamente escolhidos pelo Salvador e por Elle enviados para attestarem o seu nome a todas as nações da terra. (**Lc.** XXIV, 47; **Act.** I, 8). Aos outros titulos, quando não falsos, fallece-lhes todo o valor probativo. — "Quem fundou a Teologia sistematica? S. Paulo. Quem fundou a Teologia apologelica? S. Paulo." p. 86. Quid inde? Lavoisier fundou a Chimica moderna, logo... é presidente da Republica francesa.

4 seculos de estudos biblicos, WEIZSAECKER, um dos exegetas mais abalizados do protestantismo contemporaneo, é de parecer que "Pedro, sem contestação é o *primeiro homem da christandade primitiva.*" (1). Os factos, a razão e a Escritura estão evidentemente com WEIZAECKER.

Tal a estructura da Igreja delineada nos Evangelhos e actuada já nos primordios de sua existencia historica. Comparando o plano divino com as pulverizações do desaggregamento protestante salientámos o contraste que salta aos olhos mais distraidos. No christianismo oriundo da reforma do seculo XVI não se encontram os elementos essenciaes, estabelecidos por Christo para a conservação e vida da sua Igreja. Sob o titulo de "'mais pedras para o ar," o Snr. ERNESTO quis responder a estas interrogações incommodas. Transcreveremos para aqui as suas respostas, accrescentando-lhes uma ligeira critica: são um especimen precioso da sua maneira de argumentar.

"a) Pergunta. "Que é feito destas magnificas promessas?"

Resposta: A promessa de que a Igreja de Deus,

(1) "Petrus ist ohne Frage der erste Mann in der Urgemeinde." **Das apostolische Zeitalter**, p. 12. Outro protestante **Kattenbusch** mais recente, commentando precisamente um texto da epistola aos Corinthios, (I **Cor.** XV, 5 et segs.) observa que para Paulo "todas as autoridades da **Ecclesia** attestam a resurreição de Christo e entre ellas Pedro apparece como a primeira e a mais consideravel." E' mais uma confirmação do papel protagonista que foi promettido só a Pedro. "Pedro, escreve ainda, realmente deveu possuir uma autoridade **singular**." O interessante estudo de **Kattenbusch** encontra-se na **"Festgabe von Fachgenossen und Freunden A. von Harnack**, 1921, pp. 143-172. E' um volume de estudos varios dedicado a Harnack por occasião do seu 70.° anniversario. O nosso curitybano adoece ainda desta enfermidade que o celebi reitor da Universidade de Berlim diagnosticava "nos egexetas e historiadores protestantes inclinados a depreciar o logar de Pedro entre os apostolos e na communidade primitiva." **A. Harnack, Entstehung und Entwickelung der Kircheverfassung und des Kirchenrechts in der zwei ersten Iahrhunderten**, Leipzig, 1910, p. 6.

representada pelos seus dois ramos historicos, havia de ficar, durante 1260 annos, reduzida á condição de dois cadaveres insepultos nas ruas da Babylonia, a Grande, ou seja nas ruas de Roma, como bem o demonstrou S. Revma. (1) infelizmente se cumpre a nossos olhos." p. 65.

— O Snr. ERNESTO não é grammatico como o seu antecessor EDUARDO PEREIRA e por isso esqueceu a regrinha que reza: pelo mesmo caso por que se faz a pergunta, se dá a resposta. Sobre a promessa inventada pela sua fantasia ardente, em suas divagações apocalypticas, não me quero occupar. Lembro só que as "magnificas promessas" da minha pergunta eram as do Evangelho de S. MATHEUS e de S. JOÃO. Essas *ficaram sem resposta*. — A um devedor insolvente, no dia do vencimento de uma letra, apparece o credor e: "Amigo, diz, que é da tua promessa de saldares hoje a tua divida." "Como, atalha o outro, a promessa de tomar comtigo um sorvete? essa se cumprirá immediatamente aos nossos olhos. Vamos á rua Gonçalves Dias." — A saida do Snr. ERNESTO não vale mais.

"*b*) *Pergunta*: "Onde a pedra fundamental?"

Resposta: A resposta vem-lhe da propria bocca de S. Pedro: "Chegae-vos para Jesus como para a Pedra viva que os homens tinham sim regeitado, mas que Deus escolheu e honrou." p. 66.

— Não era esta a pergunta, distraido senhor. Sobre Jesus Christo, pedra viva e angular da Igreja, não havia duvida, como não havia tambem sobre o passo allegado do discurso de S. Pedro. A pedra de que se tratava era a de que fala S. MATHEUS, quando Jesus, impondo a um dos seus apostolos o nome de

(1) Para evitar equivocos, lembro aos leitores que a minha demonstração visava apenas provar que na I Epistola de S. Pedro o Principe dos Apostolos designava Roma sob a metaphora de Babylonia. O mais é do Snr. Ernesto.

pedra, accrescentou "sobre *esta* pedra, edificarei a minha Igreja." Eis a pergunta, a que cumpria dar uma resposta.

"*c*) *Pergunta*: "Onde o grande edificio?"

Resposta: O grande edificio, a Igreja dos escolhidos, é a *Nova Jerusalém*, que tem doze fundamentos, em cada um dos quaes se lê o nome de um dos doze apostolos do Cordeiro, em pé de perfeita igualdade." p. 66.

— Ainda uma vez, Senhor, não era esta a pergunta. Não interpretavamos, aqui, o Apocalypse; perguntavamos onde está a Igreja que Christo affirmou, *edificaria sobre S. Pedro*: super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam. E porventura a "Nova Jerusalém" construida sobre os doze apostolos é esta babel protestante levantada por LUTERO, CALVINO e ZWINGLIO em pé de perfeita, continua e crescente discordia?

"*d*) *Pergunta*: "Onde as chaves?"

Resposta: As chaves estão nas mãos do Santo, do Verdadeiro, do que abre e ninguem fecha e fecha e ninguem abre." p. 66.

— E o Santo, o Verdadeiro affirmou que daria estas chaves a Pedro, afim de que, sem restricção de tempo nem de espaço, tudo o que elle ligasse na terra fosse ligado nos céus. São estas chaves, que, segundo a palavra infallivel de Christo, se deviam achar nas mãos de Pedro e que debalde procuramos no protestantismo. Esta era a pergunta, senhor; tambem ella ficou sem resposta.

"*e*) *Pergunta*: "Onde o cajado do Supremo Pastor? Talvez com LUTHERO, com CALVINO, com HENRIQUE VIII? Com quem estava antes que nascesse o monge apostata?"

Resposta: Comquanto qualquer dos nomeados, com excepção do catholicissimo HENRIQUE VIII (sic!), por peior que tivesse sido, jámais possa sof-

frer confronto com um GREGORIO VIII, com um BORGIA, com um JOÃO XII ou com um JOÃO XXIII, nenhum delles teve a pretensão de empunhar o cajado do Supremo Pastor que nosso Salvador deixou nas mãos do Divino Espirito Santo." p. 66.

Mais uma empalmação infeliz. Não confrontavamos os costumes individuaes desta ou daquella pessôa, fosse ella um Papa; tratavamos de instituições estabelecidas por Christo. Christo nunca affirmou que deixava o cajado de Pastor ao Espirito Santo. A funcção do Paraclito é inteiramente outra: invisivel, no interior das almas. Nós perguntavamos onde estava o cajado do Pastor que Jesus, ao deixar a terra, *confiou a S. Pedro,* dizendo-lhe "apascenta os meus cordeiros e as minhas ovelhas." Eis a pergunta. E a resposta?

"*f*) "Pobres protestantes, exclama S. Revma. appellam para a Biblia e é a Biblia que os condemna irremissivelmente. Como outrora Christo aos phariseus póde hoje a Igreja catholica dizer aos seus adversarios: Examinae as Escrituras, vós julgaes ter nellas a vida eterna e ellas são as que dão testemunho de mim." Não sabemos como possa o rev. Franca escapar á excommunhão. Na pagina 231 cita elle proprio esse mesmo texto e demonstra que a lição da Biblia catholica: *"Examinae as Escrituras..."* a despeito de todas as approvações da Igreja está errada; a lição é esta: *Vós examinaes as Escrituras...* Ora é precisamente assim que se lê na Versão Brasileira, a dos protestantes." p. 66.

— Custamos a acreditar. Mas é um facto. Todas as vezes que na interpretação de um texto recorremos á lição original das Escrituras ou ao confronto dos codices de mais autoridade, o Snr. ERNESTO nos sae pela prôa com o costumado estribilho. De uma feita, com gosto muito discutivel, chegou mesmo a escrever que

"dada a infallibilidade do Papa que sanccionou o texto da Vulgata, prohibindo alterá-lo, duma virgula siquer, sob pena de excummunhão maior, só nessa pagina por duas vezes incorreu o Rev. Franca, nessa penalidade... duas vezes excommungado com excommunhão maior. p. 81-82. — Estas puerilidades, que não têm resposta, provam, porém, um facto doloroso: o Snr. Ernesto nunca, na sua vida, abriu um Tratado de Theologia catholica ou um manual elementar de exegese. E este homem sae a publico com um in 8.° de 370 paginas para criticar a doutrina da Igreja! E' triste, mas é real. No entretanto já repararam os leitores que tambem aqui o illustre professor escamoteou desairosamente a questão. Esperavamos que o Snr. Ernesto nos viesse mostrar como todas as promessas de Christo estudadas anteriormente se verificaram, pe a pa Santa Justa, no protestantismo. Qual! Quando procuramos o homem, tinha fugido. A proposito ou desproposito de um texto, que não tinha nada que ver com o debate presente, elle está discreteando, com a competencia que acabamos de ver, sobre a infallibilidade das versões biblicas e distribuindo amavelmente excommunhões á direita e a esquerda. E assim tambem esta questão ficou por solver, como sem resposta ficaram todas as perguntas precedentes. — A este capitulo, o illustre polemista, visivelmente satisfeito de sua obra, pôs o cabeçalho victorioso "Mais pedras para o ar."

Voltemos ao Evangelho e concluamos.

A Igreja que Jesus fundou, depositaria de suas promessas, guarda infallivel de seus ensinamentos, *a sua Igreja,* Ecclesiam meam, apparece-nos com signaes inconfundiveis que a todas as almas sinceras permittirão identificá-la com certeza.

E' um *edificio* solido, construido, sobre a rocha,

contra a qual não prevalecerão as potencias do mal. A rocha é Pedro.

E' uma *cidade real,* posta sobre o monte, a todos visivel. Suas chaves estão nas mãos de Pedro.

E' um reino, o *reino de Deus*. O exercicio divino do poder supremo é commettido, primeiro, singularmente a Pedro e, depois, collectivamente, a todo o Collegio dos Doze. Quem a Pedro não se submette, não é cidadão deste reino.

E' um *rebanho,* o rebanho das ovelhas de que, o Messias, é por direito essencial, o Supremo Pastor. A Pedro, confia Jesus o munus de apascentar toda a sua grei. Cordeiros ou ovelhas que Pedro não apascenta, tresmalharam do redil, não são cordeiros ou ovelhas *de* Christo.

Cantemos com a velha liturgia russa: "Oh, S. Pedro, Principe dos Apostolos!... pedra inamovivel da fé, em recompensa da tua confissão, fundamento eterno da Igreja... clavigero dos céus, eleito entre os apostolos para ser depois de Jesus Christo, o primeiro fundamento da Santa Igreja, alegra-te; alegra-te columna inabalavel da fé orthodoxa, chefe do collegio apostolico."

CAPITULO II

O primado de S. Pedro na historia

---

§ 1. *O successor de S. Pedro.*

A sua Igreja, Christo fundou-a para a immortalidade das gerações. A autoridade por Elle instituida deveria assegurar-lhe por entre as vicissitudes da historia, a vida, a unidade, a duração indefectivel.

E' condição essencial de todo o agrupamento humano a de se não poder conservar na ordem sem um principio de unidade harmonizadora. A biologia, a psychologia, a sociologia ahi estão a mostrá-lo com uma evidencia que deslumbra. Desenvolvemos mais amplamente estas considerações em trabalho anterior. O Snr. ERNESTO não julgou conveniente discuti-las. Ás demonstrações mais elementares e mais inconstestaveis das sciencias naturaes e sociaes chamou-as desembaraçadamente de 'sofismas." O Rev. Franca "tira os seu sofismas da "ordem fisica", da "harmonia do corpo humano," da "ordem na sociedade civil" da "necessidade civil" da "exigencia da razão." p. 88.

Estigmatizar um argumento com o ferrete de sofisma e dispensar-se, com isto, de o refutar é um dos processos mais economicos... e mais inoffensivos de discussão. Continúa o Professor: "esquecido de que todas essas alegações se tornam mais apropriadas quando tomamos Jesus Cristo pelo Cabeça da Egreja e o Divino Espirito Santo pelo seu eterno successor na Terra." p. 88. Ou o Snr. ERNESTO não leu "essas alegações," ou as leu tão distraidamente que lhes não percebeu a força demonstrativa. Toda a sua efficacia tendia precisamente a pôr em evidencia que não póde existir nenhuma sociedade *de homens* sem uma autoridade *humana,* não se póde conservar nenhuma ordem, nenhuma coherencia, nenhuma harmonia na multiplicidade sem um principio de *unidade visivel*. O Snr. ERNESTO passa os olhos desattentos e conclue ao avesso das premissas: tudo isto se verfica melhor com o governo do Espirito Santo, *successor de Christo na Terra!* (sic!). Veremos logo a verdade do principio na admiravel unidade e harmonia do protestantismo.

Se a razão exige, como condições essenciaes da ordem nas intelligencias e nas vontades, a existencia ininterrupta de uma autoridade espiritual, humana e visivel, Christo não podia deixar de instituí-la. As obras de Deus não podem ser contrarias ás exigencias da razão, reflexo da luz divina nas nossas almas. Lançae agora os olhos ao Evangelho. Pedro é o fundamento sobre o qual Jesus ha de levantar a sua igreja, que, será indestructivel, não obstante os assaltos de todos os poderes do mal. Imperecivel a Igreja? logo inabalavel o fundamento que a sustenta; a perpetuidade de um edificio é essencialmente condicionada pela solidez estavel de seus alicerces.

Pedro é Pastor a quem Christo confia o cuidado dos seus cordeiros e de suas ovelhas. Pelos seculos além, continuará o rebanho de Christo? Não fal-

tará quem o pastoreie. As ovelhas e os cordeiros de Christo nunca andarão tresmalhadas pelo mundo, sem o Guia infallivel que as alimente, conduza e defenda contra a rapacidade das féras aggressivas.

Pedro continuará, portanto, a viver immortal nos seus successores. Entre a duração da sua existencia e a da vida da Igreja ha uma equação perfeita. A solidariedade é tão indestructivel como a que une a conservação de um rebanho á vida do seu Pastor, a estructura de um edificio á resistencia dos seus fundamentos. Eis a lição dos Evangelhos.

Abramos agora a historia e procuremos os successores de Pedro. EDUARDO PEREIRA, reimprimindo sem critica negações apaixonadas de outrora, contestara a vinda do Principe dos Apostolos a Roma e a fixação da sua séde episcopal na Capital do imperio. Foi mistér restabelecer a existencia inconstestavel do facto. O Snr. ERNESTO não sei se se deu por convencido; é certo, porém, que não voltou a insistir sobre a negação inconsistente.

A demonstração historica da existencia do Papado fica assim mais desembaraçada. Ora, que o bispo de Roma, desde os primordios do christianismo, fosse reconhecido como successor de S. Pedro e como tal — note-se, como tal, não por motivos politicos de ser Roma a capital do imperio — chefe espiritual de toda Igreja é um destes factos tão imponentes, tão majestosos, tão visiveis que a sua demonstração completa quase que se identificaria com a existencia historica do proprio christianismo. Era mister limitarmo-nos. Limitamo-nos, de facto, quase exclusivamente aos cinco primeiros seculos, e neste periodo, resumimos em 30 paginas, não todos, mas alguns dos testemunhos mais importantes.

Testemunhos dos proprios papas, a exercerem na consciencia tranquilla de sua dignidade, a

missão que lhes fora confiada por Christo: S. Clemente, S. Victor, S. Calixto, S. Estevam, Julio I, S. Siricio, Innocencio I, Zosimo, Bonifacio I, Celestino I, S. Leão Magno, Simplicio, Felix II, etc., etc.

Testemunhos dos grandes Padres, Doutores e Santos da Igreja: S. Ignacio, S. Irineu, S. Cypriano, S. Agostinho, S. Jeronymo, S. Optato de Milevio, etc., etc.

Testemunhos da voz universal da Igreja reunida nas suas grandes assembléas ecumenicas de Epheso, Calcedonia, Constantinopla (3.° e 4.°) e Nicéa (2.°).

Testemunhos de toda a vida ordinaria e extraordinaria da Igreja que no Papa viu a sua primeira autoridade indiscutivel para a qual appellam os bispos e fieis, do Oriente e do Occidente, como o seu centro de unidade, em cuja communhão está a pedra de toque da orthodoxia.

Era a justificação indiscutivel da frase de De Maistre:

"Rien dans toute l'histoire ecclésiastique n'est aussi invinciblement démontré, pour la conscience surtout qui ne dispute jamais, que la suprématie monarchique des Souverains Pontifes." (1).

Em face de um debate de importancia decisiva o Snr. Ernesto, encolheu-se discretamente. Ante a massa immensa e esmagadora de documentos e factos não se atreveu a uma contestação fundada e muito menos a uma discussão critica da sua existencia e do seu valor demonstrativo. Apenas acerca do testemunho de S. Ignacio, de S. Clemente e a presidencia do concilio de Nicea fez algumas observações, que não poderemos deixar de discutir lealmente.

---

(1) **De Maistre, Du Pape,** l. I, c. 6. Ed. 1819, p. 44.

O depoimento de S. IGNACIO apresenta um interesse especial. O grande bispo de Antiochia, martyrizado sob Trajano (107 ou 117) é um contemporaneo e discipulo immediato dos Apostolos. Entre as varias epistolas que delle ainda se conservaram, ha uma, endereçada a Roma, que desde a dedicatoria contrasta singularmente no tom e nas expressões com as dirigidas a outras Igrejas. IGNACIO dirige-se "á igreja amada e illuminada pela vontade d'Aquelle que quer tudo o que é, segundo o amor de Jesus Christo, nosso Deus; (á Igreja) que preside tambem no logar da região dos romanos, digna de Deus, digna de honra, digna de bençam, digna de ser attendida, digna e casta; presidente do amor, de posse da lei de Christo, decorada com o nome do Padre," etc. (1).

Commenta o Snr. ERNESTO: "Ao transcrever uma versão latina desse trecho de Santo Ignacio, onde no texto está: *quae etiam praesidet in loco regionis romanorum,* o rev. Franca traduziu: que preside á communhão universal dos fieis!... E por certo não o fez por ignorancia do Latim (2). Em face desse texto de S. IGNACIO, vemos que a Igreja de Roma já tinha uma *"presidencia de amor"* sobre as igrejas da Italia: "no paiz da região dos romanos," era o que logo pas-

(1) "Ignatius... ecclesiae dilectae et illuminatae voluntate ejus qui vult omnia quae secundum caritatem Jesu Christi Dei nostri; quae etiam praesidet in loco regionis Romanorum, digna Deo, digna decore, digna quae sancta praedicetur, digna laude, digna quae voti compos fiat, digne casta et universo caritatis coetui praesidens, Christi legem habens, Patris nomine insignita etc." Ad Rom. Patres Apostolici, Ed. Funk, I, 2.ª ed., p. 213.

(2) Não; não foi por ignorancia do latim. Foi porque o trecho de que dei o sentido (não traduzi, porque não estava entre aspas) não é o que o Snr. Ernesto citou: Praesidet in loco regionis Romanorum; mas, o que vem pouco depois, e que o Snr. Ernesto tinha debaixo dos olhos e não quis ver: et universo coetui caritatis praesidens que dá o sentido do προχαθημένη τῆς ἀγάπης, sem restricções de logar, do original grego.

sou a chamar-se "igreja metropolitana;" mas podemos demonstrar que não era a unica." p. 92 (1).

— A presidencia era de simples amor, o seu ambito era apenas a Italia — duas evasivas, duas falsidades.

A palavra ἀγαπη, caridade, é varias vezes empregada por S. Ignacio no sentido de igreja, communhão dos fieis unidos pelos vinculos da caridade. (*Phil.* XI, 2; *Smyr.* XII, 1; *Tral.* XIII, 1; *Rom.* IX, 3). E neste trecho *não póde ter outra significação,* porque o verbo προχάθημαι presidir, de origem militar e implicando jurisdicção, só se constróe com um complemento que indique o logar em que se preside ou a collectividade a que se preside. A frase do santo martyr affirma, portanto, que a Igreja de Roma presidia, isto é, exercia uma jurisdicção sobre a Igreja ou communhão dos fieis.

Qual o ambito desta jurisdicção? Só a Italia, diz o Snr. Ernesto. Não; no primeiro inciso Ignacio diz o logar onde preside: Roma ou o logar da região dos romanos, como nas outras epistolas diz em *Epheso* etc.; no ultimo inciso, porém, diz "á communhão dos fieis" sem nenhuma restricção de tempo ou de logar. Roma é, pois, simplesmente "a que preside" ou "a que preside á communidade do amor." Continuemos a ler o Santo. "Vós *ensinastes as outras igrejas*. E, eu quero que permaneçam firmes as coisas que vós *prescrevestes* nos vossos ensinamentos" (III, 1). Da

(1) A demonstração que o Snr. Ernesto dá, em seguida, é o canon 6 do concilio de Nicéa; prova, segundo elle, de que "a jurisdicção da Igreja de Roma era apenas provincial." Já o Snr. Eduardo Pereira havia asseverado a mesma cousa. A refutá-lo consagramos uma pagina inteira (IRC, p. 119); o Snr. Ernesto não se dá por entendido. Repete a mesma difficuldade, sem tirar nem pór, nem se incommodar com o que já foi dito. Para o illustre professor de Curityba replicar é repisar e discutir é obstinar-se, como creança amuada, na repetição das mesmas impertinencias. — A refutação da exegese deste canon 6, encontrá-la-á o leitor, além da pagina indicada, nos testemunhos seguintes de Ignacio e Clemente que attestam a supremacia do Papa nas igrejas da Grecia e do Oriente.

igreja romana já haviam partido para outras igrejas, *ensinamentos e preceitos;* a sua autoridade é de magisterio e de jurisdicção. E IGNACIO quer que fiquem firmes, na sua igreja, o que Roma ensinara ou prescrevera: *illa volo, firma sint.* Mais. Com o proprio martyrio ficará a sua igreja viuva de seu pastor: Roma é quem ha de regê-la como bispo. Aos seus cuidados confia S. IGNACIO a sua longinqua Antiochia: "Só Jesus Christo e a vossa caridade a regerão como bispos ἐπισκοπήσει. 'IX. 1. O grande martyr e contemporaneo dos apostolos confia, ao morrer, a sua querida igreja, *situada nos confins do Oriente* á invisivel providencia de Jesus Christo e *aos exclusivos cuidados de Roma*. Como estava elle lembrado do Pastor visivel a quem o divino Pastor, antes de deixar a terra, dissera um dia: pasce agnos meos, pasce oves meas. (1). — Como é que o Snr. ERNESTO, que tinha todos estes textos debaixo dos olhos, nos vem dizer que Roma só exercia uma presidencia de amor *"sobre as igrejas da Italia."?* Por certo não o fez por ignorancia do latim ou da geographia!

— S. IGNACIO entrega a sua igreja da Asia Menor aos cuidados de Roma. Roma a intervir numa igreja da Grecia, eis o que nos mostra, ainda no primeiro seculo do christianismo, a epistola de S. CLEMENTE. Do testemunho que deste documento se podia tirar em favor da estadia de S. Pedro em Roma, haviamos falado a p. 70. Sobre a prova do primado escrevemos a p. 103: "Estamos na idade apostolica. O espirito turbulento de alguns jovens suscita em Corin-

(1) O leitor já terá notado como **S. Ignacio:** 1.º) allude a varias intervenções de Roma em outras igrejas: **alias docuistis;** 2.º) não prende esta supremacia á dignidade politica da capital do Imperio mas a motivos religiosos: Roma é a Igreja "segundo a caridade de Jesus Christo," "de posse da lei de Christo." Assim escrevia um discipulo immediato e coetaneo dos apostolos!

tho disturbios e desavenças. A paz dos fieis é seriamente ameaçada. Quem a restabelece? O Bispo de Roma. S. CLEMENTE, terceiro successor de S. Pedro, escreve aos corinthios palavras affectuosas e paternas sim, como convem ao pastor commum, mas, ao mesmo tempo repassadas de força e autoridade como só as pudera escrever um superior. (1). Com a carta envia tambem o papa os seus legados para compor o dissidio. A efficacia da intervenção não se fez esperar. Restabelecida a harmonia, por muitos annos continuaram os corinthios a ler publicamente nas suas igrejas, durante o officio divino, a epistola do successor de Pedro. Este facto, em que Roma intervem autoritativamente numa igreja distante, de origem apostolica, em vida de S. João, a quem fôra mais prompto e natural o appello, é testemunho de tanto peso que os proprios protestantes não lhe podem obscurecer a importancia." Seguiam-se ainda algumas considerações sobre uma frase de EDUARDO PEREIRA.

Ouçamos agora o Snr. ERNESTO: "Transcreve o rev. Franca um trecho da epistola de S. CLEMENTE de Roma, companheiro dos apostolos S. Pedro e S.

(1) "Os que não obedecerem ao que elle [Christo] **por nosso orgam diz**, saibam que hão de **incorrer em falta** e **involver-se em não pequeno perigo**; nós seremos innocentes deste peccado." **Epist. ad Corinth.** c. 59. (Ed. Funk, I, 135). Abertamente declara S. Clemente: 1.°) que **Christo fala pelos seus labios**; 2.°) que os renitentes serão **reus de grave culpa**. Haverá modo de affirmar menos ambiguamente a propria autoridade? S. **Irineu** referindo-se a esta epistola chama-a "potentissimas litteras, ad pacem eos (corinthios) congregans et reparans fidem eorum." **Adv. Haeres.** III, 3, 3. MG. VII, 850). Até aqui a nota já se achava em IRC. Accrescentamos agora, já que o Snr. **Ernesto** tem a epistola nas mãos e não a lê, mais estes topicos: "Vergonhosas, irmãos meus, muito vergonhosas e indignas de costumes christãos são as noticias que de vós ouvimos." c. 47. Seguem-se as prescrições: "Vós que fostes a causa das sedições **sujeitae-vos obedientes** aos presbyteros e recebei a correcção por penitencia" c. 57. — E adeante: "Grande consolação nos dareis se **obedecendo ao que vos escrevemos** no Espirito Santo, cortardes pelo partidarismo illegitimo." c. 63. Seguem legados do Papa: "Assim fizemos para que saibaes que todo o nosso cuidado tem visado e visa reconduzir-vos, quanto antes, á paz." c. 63.

Paulo, levanta um enorme escandalo por haver o pastor protestante feito apenas uma transcrição resumida desse mesmo passo. Succede, porém, que comparando-se as duas, nada de essencial para o argumento existe na integral que não esteja na resumida, *lana caprina!*... (1). O que, porém, sobremaneira nos interessa é colhermos desse importante documento dos tempos apostolicos, si o bispo de Roma Clemente tinha consciencia de sua supremacia, de seu primado universal, da sua infallibilidade, em summa se já era Papa. Sobre este ponto limita-se o rev. Franca a uma notinha ao pé da p. 70: 'Note-se de passagem a sollicitude pastoral que da Igreja de Corintho mostra o successor de S. Pedro!' (2). Temos essa carta deante dos olhos. (3). O caso resume-se nisto: A Egreja de Corintho, logo depois da morte dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, ignorava ainda que em materia de jurisdicção devia obediencia a Roma e, sem a menor cerimonia, destituiu os seus bispos e os diaconos. O facto ocasionou enorme dissensão. Clemente escreve uma carta a essa Igreja aconselhando-lhe (?) o restabele-

(1) O autor refere-se ao passo de S. Clemente adduzido a p. 70 1RC, para provar a existencia de S. Pedro em Roma, e onde confrontavamos a versão de **Eduardo Pereira** com a original. Succede, porém, que comparando-se as duas, verifica-se que o fallecido grammatico havia **mutilado um periodo de cinco linhas, em que precisamente se fazia allusão ao martyrio de S. Pedro em Roma,** para depois concluir que o documento nada provava em favor da these que se dicutia. — Cortar de um texto o periodo que allude a um facto, e affirmar em seguida que deste facto não ha allusão no texto — parece á consciencia puritana do Snr. **Ernesto** uma bagatella despreziveI: lana caprina. Uma falta desta gravidade que, só ella, praticada voluntariamente, bastaria para lançar na reputação de um polemista uma nodoa indelevel, não faz mossa no cathedratico curitybano. Será que, neste genero de proezas, o illustre cathedratico já se habituou a africas de tanto vulto que estas mutilações criminosas lhe parecem brinquedos de creanças?

(2) Engano, professor. Consagro-lhe **quase duas paginas inteiras:** em vez de duas, cincoenta linhas! Mais um autor visivelmente falseado pelo Snr. **Ernesto:** são 5. **Lana caprina!**

(3) Note o leitor; o texto de S. Clemente está sob os olhos do Snr. **Ernesto.**

cimento da paz. Longe de fazê-lo, porém, em seu nome, o faz em nome da Egreja de Roma: é a Egreja de Roma que aconselha (?) á Egreja irmã. Era a occasião de pronunciar-se o Supremo Pastor sobre o caso de disciplina, de aprovar e reprovar o acto da Egreja em destituir as autoridades ecclesiasticas. Mas sobre isto nem uma palavra! E porque? Porque naquele tempo tinha a Egreja de Corinto o direito de eleger ou dimitir os seus bispos, sem interferencia de ninguem. Eis porque S. Clemente limita-se apenas ao que estava em sua alçada: aconselha!... (1). E o faz, não em seu nome, mas em nome da Egreja de Roma. LIGHTFOOT encontra ahi uma primasia, não do Papa, pois pela carta nem ao menos se poderia saber que Roma tivesse Papa, mas da Egreja de Roma. Nem isso! Para aconselhar não é necessario ter primazia; basta simplesmente mais experiencia." p. 95 (2). — Depois de todas

(1) Aconselha!! O leitor acaba de ler na nota da p. 61 o texto em que S. Clemente exige claramente **obediencia** dos corinthios **sob pena de incorrerem em falta**. Já sabe, como ao lado das cartas, o bispo de Roma enviou seus legados aos quaes se submetteram os rebeldes, voltando a Igreja de Corintho á paz (S. Irineu). Se o Snr. **Ernesto** não nos dissera que tinha o texto clementino sob os olhos, accusa-lo-iamos apenas de escrever historia sem conhecer as fontes. Uma vez, porém que nos declara estar com o documento ao alcance da vista, só nos resta o doloroso dever de elevar a meia duzia o numero dos autores visivelmente falseados pelo advogado do protestantismo. Coisinhas de nada. Lana caprina!

(2) O texto de **Lightfoot** diz: "Undoubtedly... the first step towards **papal** domination." S. Clement of Rome, London 1890, I, p. 70. — Mas não é só **Lightfoot**, protestante, que encontra ahi um testemunho em favor da primazia. São todos os que tiveram a carta de S. Clemente sob os olhos e... a leram. **Harnack**, tambem protestante: "Este escrito prova que já no fim do 1.º seculo a communidade romana possuia uma robusta organização interior, zelava com sollicitude materna pelas **communidades distantes** e entendia falar uma linguagem que fosse simultaneamente expressão de dever, de amor e de autoridade." **Dogmengeschichte**, t. 1, 3.ª ed., 444. **Sohm**, outro protestante, atravez de suas theorias, enxerga na intervenção de S. Clemente: "o accidente mais consideravel em toda a evolução da Igreja." **Kirchenrecht**, 1892, p. 160. — O Snr. **Ernesto** não descobre nada disto nos trechos que lhe desfilam ante a retina. "Nem isso!... Para aconselhar... basta ter experiencia." Emfim, **cada uno estornuda come Dios le ayuda**.

estas façanhas criticas o preclaro professor entôa satisfeito o hymno da victoria: "O rev. Franca lê nessa carta "a sollicitude pastoral do successor de S. Pedro," desse successor que nem ao menos fala em seu proprio nome. (1). E' um cumulo de bôa vontade. Sem duvida é milagre tirar um cavaleiro de um argueiro, mas é maravilha mais estupenda tirar uma montanha donde nem um argueiro existe." p. 96. — E que portento será falsear dois autores em menos de uma pagina?

Resta-nos examinar o concilio de Nicéa, em que, segundo o Snr. Ernesto de Oliveira, o Papa não desempenhou nenhum papel de importancia; não convocou nem presidiu a assembléa. Duas partes a analysar.

"Assevera o rev. Franca: 'E' o papa que convoca, preside e confirma todos os concilios desde o de Nicéa.' Tal não se deu; e podemos assinalar os passos desta escamoteação historica. Na sua excelente Historia dos Concilios diz o bispo catolico romano, Héfele: 'O imperador (Constantino) talvez por sugestão de Osio, julgou não haver melhor meio de restabelecer a paz na Egreja do que convocar um concilio ecumenico. Conta-nos Eusébio como por mui respeitosas cartas convidou os bispos de cada paiz para irem a Nicéa, tão logo como pudessem.' E assim não resta a menor duvida de que quem convocou o concilio de Nicéa foi o imperador e não o Papa... Tres seculos mais tarde assim se exprimiu o sexto concilio ecumenico: 'Levantou-se Ario como adversario da doutri-

(1) Porque Roma se achava sob a ameaça de perseguição, preclaro Senhor. Mas que S. Clemente estava em Roma e de lá escreveu a carta, sabe-o toda a antiguidade christã e toda a modernidade christã e não christã. A historia não se reconstróe com um só documento.

na da Trindade e Constantino e Sylvestre convocaram o concilio de Nicéa.' Em vista do que, já nesse seculo se aliava o Papa ao Imperador na convocação do concilio. Vem agora o Rev. Franca e diz que quem convocou aquelle concilio foi o Papa. E' evidente o processo." p. 93-94.

— Refaçamos o processo para pôr em bôa luz a sua evidencia. Quem o fará será o proprio HEFELE, que o Snr. ERNESTO cita, conforme o seu louvavel e critico systema, sem nenhuma referencia, adulterando-lhe todas as affirmações. Eis textualmente o que diz HEFELE: "Não é possivel determinar se o imperador Constantino, convocando os bispos agiu unicamente em seu nome ou de concerto com o Papa; EUSEBIO e os documentos mais antigos falam só da iniciativa do imperador, *sem negar positivamente a participação do Papa*. O 6.º Conc. ecumenico, celebrado em 680, diz pelo contrario: "Levantou-se Ario etc.". O *Liber Pontificalis* affirma o mesmo facto. Desde esta data, se foi mais e mais propagando a opinião que o imperador e o papa se haviam entendido para convocar juntos o concilio; por maior que seja a vivacidade com que alguns autores protestantes se elevaram contra esta supposição, é verosimil que para uma medida tão grave, o imperador julgasse necessario não agir sem o consentimento e a cooperação d'aquelle que era reconhecido como o primeiro bispo da christandade. Accrescente-se que RUFINO já dissera expressamente (H. E. l. I. c. 1. ML. XXI, 467) que o imperador convocou o synodo *ex sacerdotum sententia*. Se consultou varios bispos sobre o alvitre que tinha em vista, consultou evidentemente o primeiro dentre elles; e a parte que teve este na convocação do concilio foi certamente maior que a dos outros bispos. Do contrario, o 6.º concilio se teria expresso de outro modo. O testemunho deste concilio tem aqui verdadeira importan-

cia. Se elle fôra celebrado no Occidente ou na propria Roma, estas affirmações poderiam parecer suspeitas a certos criticos; mas reuniu-se em Constantinopla, numa epoca em que os bispos desta cidade começavam a affirmar-se como rivaes do de Roma e como os Gregos constituiam a grande maioria dos membros do Concilio, *o seu testemunho* em favor de Roma, mais especialmente em favor da cooperação de Sylvestre, *póde considerar-se como irrecusavel.*" (1). Assim falava HEFELE na sua "excellente historia dos Concilios."

A' questão da *presidencia*. ERNESTO DE OLIVEIRA: "Ainda foi esse mesmo imperador (Constantino) quem presidiu a sua primeira sessão, 'passando depois a cadeira, diz HEFELE, aos *presidentes!*'... Se nenhuma duvida pode existir sobre quem convocou o concilio de Nicéa, informa-nos o douto ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO que foi o imperador quem presidiu a todas as sessões e conta-nos ainda como os ultramontanos adulteraram os originaes das actas dando o imperador como *presente* quando nelas estava *presidente*... (2). Eis a falsidade que o Rev. Franca encampa e lança-nos aos olhos." p. 94.

— Que os Padres do Concilio, á chegada do primeiro imperador christão, lhe houvessem cedido a *presidencia de honra* é o que ha de mais natural e com-

(1) **Hefele, Conciliengeschichte,** tr. fr. t. I, p. 404-407. Mais um autor cujas opiniões falsêa o nosso engenheiro: 7!

(2) Não foram os ultramontanos, Senhor! foi **Eusebio, testemunha ocular** do que se passou no Concilio de Nicéa e muito ligado a Constantino; elle foi quem escreveu textualmente: "Depois disto, (isto é, do discurso de abertura) o imperador cedeu a palavra aos presidentes do Concilio." **De Vita Constantini,** l. III, c. XIII. **MG.** XX, 1069. Mas o Snr. **Ernesto** tem, em historia, uma methodologia toda sua. O que se passou em Nicéa, não o sabem as fontes de primeira mão, as testemunhas presenciaes ou immediatas dos acontecimentos narrados. Quem o ha de informar é o gallicano-regalista **A. P. de Figueiredo** que viveu 1.500 annos, e, **de sciencia propria,** sabe tanto do que se passou no 1.° concilio ecumenico como o Snr. **Ernesto** das façanhas de Tutankam.

prehensivel. (1). Que tivesse CONSTANTINO exercido a *presidencia effectiva*, nada mais falso. Já o Concilio estava funccionando regularmente com os seus presidentes, quando o imperador chegou a Nicéa. Houve então a sessão solemne em que o monarcha, no logar de honra, foi saudado por um dos membros do concilio; terminado o discurso, diz-nos EUSEBIO, o imperador cedeu a palavra aos *presidentes que já haviam guiado as discussões anteriores* afim de que continuassem a dirigir as seguintes. E quando alguns bispos lhe apresentaram queixas contra outros membros da assembléa, o imperador mandou queimar os seus escritos, declarando "que não lhe pertencia decidir sobre os sacertodes." (2).

E quem exerceu a *presidencia effectiva?* Já havíamos escritos sobre o assumpto: "O concilio de Nicéa foi presidido por OSIO, bispo de Cordova e VITO e VICENTE presbyteros romanos — *como legados do papa Sylvestre*. E' ler não os autores protestantes de 12 ou 15 seculos mais tarde, mas as fontes directas onde se bebe a verdade germina da historia. Que OSIO tivesse presidido ao Concilio affirma-o S. ATHANASIO, contemporaneo de facto, (3) affirmam-no implicitamente os proprios arianos escrevendo que elle "publicára o synodo de Nicéa" (4). Que OSIO fosse legado do Papa, di-lo expressamente GELASIO de Cyzico, historiador do Concilio: "Ipse etiam Hosius ex Hispanis... qui Sylvestris episcopi maximae Romae locum obtinebat una cum romanis presbyteris Bitone et Vicentio

(1) Num concilio póde distinguir-se: a presidencia **effectiva** que exerce o governo da assembléa e a direcção dos debates; a **presidencia de honra** que consiste em signaes externos de particular deferencia e respeito, e a **presidencia de protecção,** que toma sobre si a manutenção da ordem, da disciplina e da liberdade entre os membros da assembléa.

(2) **Sozomeno, Hist., Eccle.** l. I, c. XVII. **MG.** t. LXVII, 912.

(3) **Apol. de fuga sua,** c. 5. **(MG.,** XXV, 650).

(4) Ap. **Athanas, Hist.** arian. c. 42 **(MG.,** XXV, 743).

cum aliis multis in consessu illo affuit." (1). Mais. SOCRATES, na sua historia ecclesiastica, enumerando os bispos do concilio cita, em primeiro logar, OSIO, depois VITO e VICENTE e, a seguir, os demais presentes. (2). Os antigos catalogos que indicam a ordem em que os padres subscreveram o symbolo niceno dão sempre o logar de primazia a OSIO, VITO e VICENTE. Como explicar esta preeminencia dada a um bispo espanhol e a dois sacerdotes romanos num congresso reunido no Oriente e no qual assistiam os mais autorizados bispos de Antiochia, de Jerusalém e do Egypto, senão porque representavam o bispo de Roma, cuja *autoridade era universalmente* reconhecida na Igreja, assim oriental como occidental, como consta de textos explicitos anteriores ao concilio? Ainda. Se o Papa não houvera presidido ao primeiro concilio ecumenico, com que verdade poderia o legado pontificio asseverar em Calcedonia, deante de 600 bispos orientaes: "synodum facere nisi auctoritate Sedis apostolicae... *nunquam factum est* nec fieri licuit. (3). Como poderia escrever SOCRATES: "ecclesiastica regula interdictum est, ne praeter sententiam Romani Pontificis quidquam ab ecclesis decernatur?" (4) I R C, p. 119.

Ahi têm os leitores mais uma amostra do estilo polemico do Snr. ERNESTO. Uma questão já havia sido tratada, minuciosamente e á *luz das fontes;* o professor curitybano fecha voluntariamente os olhos, ou finge não vêr; repete os mesmos erros refutados, sem recorrer a um *só documento historico,* apoiando-se num autor parcialissimo... que *viveu* 15 *seculos depois dos factos e fala em demonstrada opposição com*

(1) **Hist. Conc.** Nic. l. II, c. 5 **(MG.,** LXXXV, 1230).
(2) **Socrates, Hist. Eccl.** l. 13 **(ML.,** LXVII, 110).
(3) **Mansi,** VI, 582-B.
(4) **Hist. Eccles.** II, 17. **(ML.,** LXVII, 219).

todas as fontes primarias. E' isto sinceridade? E' isto desejo leal de conhecer a verdade? (1).

Eis a que miseria esqualida se reduzem as poucas tentativas de critica desastradamente ensaiadas pelo defensor do protestantismo. A nossa these, intacta, ahi está de pé. Toda a igreja antiga, desde os tempos apostolicos, foi romana; venerou e acatou no bispo da cidade eterna a autoridade do successor de S. Pedro, constituido por Christo, Pedra fundamental de sua Igreja e Pastor supremo do seu rebanho. (2).

Esta demonstração é decisiva. O Salvador fundou a sua Igreja, assegurando que "as portas do inferno não prevaleceriam contra ella;" enviou os seus discipulos afim de *que ensinassem aos povos* tudo o que

---

(1) Ainda neste capitulo escreve o Snr. **Ernesto:** "O mesmo **Hefele (in loco)** informa-nos que o segundo concilio ecumenico reunido em Constantinopla foi convocado e confirmado pelo imperador Teodosio I e presidido por Melito, bispo de Antiochia. Por morte deste, continuou sob a presidencia de S. Gregorio Nazianzeno. Só por abuso da nossa ignorancia póde o rev. Franca dizer sem mais aquela que "foram os papas de Roma que convocaram e presidiram todos os concilios ecumenicos desde o de Nicéa"." p. 94. — Pobre Hefele, em que mãos caiste! Citemos literalmente o autor torturado impiedosamente pelo engenheiro paranaense: "Este synodo do anno 381 **não foi originariamente considerado como ecumenico**, só foi elevado a esta categoria mais tarde **depois de ter sido reconhecido pelos occidentaes**. Foi convocado como concilio geral da **Igreja grega oriental** e se o Papa não tomou parte na sua convocação **nada se póde dahi inferir contra o seu direito radical de convocar os concilios ecumenicos." Hefele,** Op. cit. I. p. 15. E a p. 62: "Foi precisamente **por causa da approvação do Symbolo pela S. Sé** que no seculo VI, os papas **Vigilio, Pelagio II** e **Gregorio Magno** declararam formalmente que o concilio que o **formulara era ecumenico**." — Mais um autor falsificado pelo Snr. **Ernesto:** são já 8!

(2) A victoria definitiva do catholicismo no campo da critica, confessou-a lealmente o proprio **Harnack:** "Que **Romano** seja igual a **catholico** já o expus, na qualidade de historiador protestante ha 22 annos no meu **Manual de historia dos dogmas**... Desde então a these foi ainda mais accentuada (por exemplo no trabalho bem conhecido de **Wernle**)... E' possivel estabelecer com provas impressionadoras que a concepção catholica da Igreja nascente **é historicamente a verdadeira**, isto é, christianismo, catholicismo e romanismo formam uma identidade historica perfeita." **Theologische Literaturzeitung**, 19 Jan. 1909.

Elle lhes havia ensinado, e para que a malicia dos homens não adulterasse a integridade dos seus ensinamentos lhes prometteu: "estarei comvosco até a consumação dos seculos." (*Math.* XXVIII, 20). A Igreja de Christo não póde portanto prevaricar, não póde trahir o seu mandato divino, e esta Igreja é a igreja catholica, é a igreja de Pedro.

"Quem o duvida! exclama aqui o Snr. Ernesto, mas seria incrivel que se perpetuassem (os successores dos apostolos) nos que apostataram; mormente depois que S. Jeronymo e S. Agostinho nos advertiram de que o Antichristo havia de manifestar-se dentro da Egreja. Fartos estamos de saber que o apostolo se perpetua no ministerio evangelico fiel; o que S. Revma. ainda não demonstrou foi que se perpetua até nos que apostataram, que comporta um papa Rei, que é compativel com a idolatria etc., etc." p. 87.

Apostataram! Então a Igreja dos grandes martyres, a igreja dos Ignacios, dos Irineus e dos Clementes, igrejas de apostatas! A igreja dos grandes doutores, de S. Agostinho e de S. Ambrosio, de S. Jeronymo e S. Chrysostomo, de S. Athanasio e de S. Cyrillo, igreja de apostatas! A igreja universal reunida nos primeiros grandes concilios ecumenicos, antes da scisma de Phocio, onde todo o Oriente e o Occidente representados pelos seus bispos acclamavam no Papa o successor de S. Pedro, igreja de apostatas! A igreja que converteu a Inglaterra, com S. Agostinho, a Allemanha com S. Bonifacio, a Escandinavia com S. Ascario, os povos eslavos com S. Cyrillo e S. Methodio, a Igreja que christianizou e civilizou toda a Europa, a Igreja de S. Bernardo e S. Thomaz de Aquino, de S. Bento, de S. Bernardo e de S. Domingos, de S. Francisco e de S. Boaventura, igreja de apostatas!

E onde estão os que não apostataram? Onde se occulta esta igreja, em que segundo a palavra infal-

livel de Christo, se deve conservar integra a sua doutrina e incorruptivel a sua organização divina? Onde é que se "perpetuou este ministerio evangelico fiel" de que nos fala o Snr. ERNESTO? Que nos mostre este prodigio desconhecido, esta igreja, que fóra da igreja catholica, se vá entroncar nos apostolos e, dahi por uma successão ininterrupta, vá transmittindo até LUTERO o thesouro das verdades christãs. Onde se encontra esta igreja genuinamente christã, em que terras, em que mares se esconde, embuçada na historia? Onde estava o christianismo antes de LUTERO?

"A resposta é simples, acode o Snr. ERNESTO: o Protestantismo não prega um *novo erro,* mas uma *velha verdade,* nem foi a primeira nem a unica reforma que se realizou na igreja de Deus." p. 38. — Miseravel subterfugio! Affirmações aereas! Mas onde estava esta *velha verdade* que ninguem conhecia? Que nos demonstre o professor curitybano, a existencia historica de uma só igreja que ensinasse continuamente esta *velha verdade* dos apostolos ao seculo XV. Vamos além. Já não pedimos a existencia de uma communidade; contentar-nos-iamos com a de *um só homem em cada geração,* que houvesse admittido o que mais tarde pregaram LUTERO e CALVINO. (1). Que venha esta de-

(1) No livro anterior haviamos pedido que se nos demonstrasse a continuidade historica de **um só dos artigos** fundamentaes do protestantismo. "Nada tão facil para nós" acode prazenteiro o Snr. **Ernesto**. E com 4 textos, — 4 apenas — tirados das epistolas de S. Paulo, — demonstra que o Apostolo das gentes ensinara "a guerra ao primado de S. Pedro," "o livre exame," a justificação pela fé," e "a negação do sacrificio da Missa" p. 104. Não é para aqui o evidenciar a inconsistencia dessa exegese cerebrina. Não é esta a questão. Nós tinhamos pedido a demonstração da **continuidade**, etc. — Nada mais facil, replica o Snr. **Ernesto**, começa bravamente por S. Paulo... e mais não disse. De S. Paulo a Lutero, **illustre mathematico, vão 15 seculos. E onde está, nestes 1.500 annos a continuidade** tão facil de demonstrar? Se o protestantismo está nas epistolas paulinas tão á flor da terra, que, com 4 textinhos, o Snr. **Ernesto** o reconstituiu integralmente, como é que não o viram nem o genio nem a sciencia, nem a santidade de S. Jeronymo, de S. Agostinho ou de S. Chrysostomo? Sobre o só artigo da justificação pela

monstração almejada. Que nos appareçam estes augustos solitarios, perdidos na apostasia geral, a transmittirem fielmente, de geração em geração, o patrimonio do christianismo authentico, que, *quasi cursores vitae lampadas tradunt* perpetuavam a chamma da vida. Que o erudito cathedratico de Curityba nos dê esta obra original ainda na literatura protestante. Um livro breve, conciso, documentado com *citações exactas* e opiniões criticamente indiscutiveis. Um trabalho destes seria uma obra nova e teria um valor demonstrativo immensamente maior de que o pesado in 8.° de 370 paginas, que não tem nenhum. Recozimento de velhas infusões inoffensivas, *'Roma a Igreja e o Anticristo'* não ficará na historia senão como um documento psychologico de quanto o sectarismo estreito póde acanhar uma intelligencia que Deus fizera para a luz da verdade.

§ 2. *O magisterio infallivel*

A infallibilidade do magisterio ecclesiastico é um corollario inevitavel da Incarnação do Verbo. Uma doutrina revelada por Deus á humanidade não póde ficar ao arbitrio das discussões e fraquezas humanas. De que nos valeria legar-nos Christo um patrimonio de verdades indispensaveis á salvação, se a sua luz não pudesse chegar inalterada ás intelligencias avidas

---

fé, **Lutero** mais competente que o Snr. **Ernesto**, escrevia: "**Agostinho** fala pouco da fé; **Jeronymo**, nada. **Nenhum entre os doutores antigos** expôs a pura e verdadeira doutrina da fé." ed. Walch. t. IX, p. 1054. A tarefa não era tão facil como a julgava o Snr. **Ernesto**; e por isso... nada mais facil... e ficou-se em S. Paulo torturado... para concluir depois ovante: "Quem nos censurará por preferirmos a agua pura colhida na propria fonte, á zurrapa apodrecida (leiam-se sob a delicadeza desta expressão os nomes de S. Ignacio, S. Irineu, S. Agostinho, S. Jeronymo, S. Athanasio, S. Chrysostomo e S. Thomaz d'Aquino) pelas paulatinas adulterações seculares?" p. 105... E a continuidade, illustre professor?

de certeza e de paz? Confiá-las a um livro, sem haver quem o interprete com autoridade infallivel, é o mesmo que aitrá-las á dissipação de todos os individualismos incoerciveis. Não ha obra alguma, HOMERO ou VIRGILIO, PLATÃO ou ARISTOTELES, sobre cuja interpretação não discutam os commentadores.

Esta relação necessaria entre uma revelação divina e a infallibilidade de um magisterio que a defenda, evidenciou-a nitidamente um racionalista moderno, vindo do protestantismo, W. H. MALLOCK. Um dos primeiros caracteres, exigidos por uma revelação, escreve elle numa obra celebre, é a necessidade de uma infallibilidade absoluta. "Toda a religião que neste ponto renuncia a esta pretensão, confessa, por isto mesmo, que é *uma religião mutilada*. E' uma coisa hybrida, meio natural, meio sobrenatural; na pratica não passa de uma religião natural... Não poderá haver uma revelação infallivel, ou, em outros termos, uma revelação obrigatoria para todos e para cada um, senão na medida em que, para interpretar este testamento, houver um poder de autoridade igual ao do proprio testamento." (1).

Christo não podia deixar a sua obra incompleta. A Igreja continua a Incarnação do Verbo Redemptor. Demonstramos amplamente, com o Evangelho na mão, a existencia deste magisterio vivo, authentico e infallivel (I R C. 140-143) instituido por Christo e reconhecido pela igreja primitiva. Mostramos ainda

(1) **W. H. Mallock, Is life worth of living,** tr. fr. de F. R. Salmon, p. 278-9. E a seguir: "Esta experiencia [que não nos permitte enganar sobre esta verdade] é a do protestantismo e a da situação a que chegou visivelmente depois de tres seculos... Começamos a ver emfim no protestantismo não já a reforma da uma revelação corrompida nem a corrupção de uma revelação verdadeira, mas **a negação pratica de toda a revelação**... Vêde a Inglaterra, a Europa, a America, considerae a condição do protestantismo no mundo inteiro. Encontramos nelle ainda uma religião, mas uma religião na qual não só desapparece o elemento sobrenatural mas o proprio elemento natural se torna nebuloso."

como, ao lado da Igreja, é infallivel tambem o seu chefe e esta infallibilidade se acha implicita e explicitamente affirmada no Evangelho, em todos os passos em que se fala da promessa e da instituição do primado. (1).

"Poucos dogmas catholicos, dissemos então, foram como este, falseados, deturpados, malsinados pela critica myope e malevola de incredulos, liberaes e protestantes." p. 159. Convencidos de que, para dissipar equivocos, nas almas sinceras, bastaria uma explicação verdadeira do dogma catholico tentamos expô-lo com a clareza que nos foi possivel. O Snr. Ernesto fez-nos a honra de transcrever duas paginas inteiras desta explicação, mas tão distrahidamente que incorreu *em todos os falsêamentos e deformações da doutrina catholica* que nella denunciavamos. Veja o leitor.

— "Reuniu-se o Concilio de Constança 'para reformar a Egreja (de Roma) em sua cabeça e em seus membros.' Ora uma Egreja que necessita de reforma em seu cabeça e em seus membros é fallivel da cabeça aos pés! Tal é o caso confessado da Egreja de Roma." p. 98. — Confusão palmar entre *infallibilidade* e *impeccabilidade*. A Igreja nunca affirmou que eram impeccaveis os seus membros e o seu chefe, e portanto, irreformaveis. Reforma, prega ella continuamente em todos os seus sermões, em todos os seus livros, em todos os seus concilios. A vida da Igreja outra cousa não é senão esta reforma continua da nossa pobre natureza humana, decahida e inclinada ao peccado. O que ensinou a Igreja é a sua infallibilidade na interpretação authentica e autorizada da revelação divina. Um homem que assim confunde voluntariamente duas

(1) IRC, p. 182-184. No entretanto o Snr. Ernesto affirma que "o texto unico invocado pelo Rev. Franca" foi o de S. Lucas XXII, 32. Pedimos ao leitor curioso queira reler tudo o que já escrevemos sobre a infallibilidade; será conviente antes de entrarmos no exame das novas difficuldades.

noções, de todo em todo, differentes, esse sim, é inconvencivel da cabeça até aos pés. (1).

— "A infalibilidade que se attribue ao Papa romano nada menos é que um capitulo da secular deificação dessa personagem, predita por S. Paulo (!)" p. 125. — E' a repetição literal do que já dissera EDUARDO PEREIRA. Não haviamos já respondido? IRC p. 165: "Deificação porque? A infallibilidade é um attributo exclusivamente divino? Sim, mas a infallibilidade absoluta, omnimoda, imparticipada. Assim tambem a intelligencia, a vontade e a liberdade são attributos exclusivamente divinos. Dirá o Snr. E. PEREIRA (repetirá agora o Snr. ERNESTO DE OLIVEIRA) que o homem é Deus, porque possue intelligencia que é attributo divino? Opporá talvez que a infallibilidade é incommunicavel. Quem lh'o disse? *Na ordem natural, todos os homens são infalliveis acerca dos primeiros principios*. Ninguem erra a ponto de dizer que 1 + 1 = 3, que o todo é menor que cada uma de suas partes, que uma cousa póde ser e não ser ao mesmo tempo. Ahi está a infallibilidade natural, dom commum a todo o genero humano. Assim o quiz Deus, afim de que os primeiros principios, alicerce e fundamento de todas as construcções scientificas, não vacillassem nas fluctuações da duvida. Na ordem sobrenatural dispôs Christo que o Pastor supremo da Igreja não errasse ao ensinar-nos a sua fé e moral afim de que não cahisse em ruina todo o edificio espiritual de nossa salvação." Não communicou Deus, por inspiração, aos escritores sagrados a sua infallibilidade ao redigirem os livros santos? Por que não poderia communicar, por assistencia providencial, a mesma infallibilidade aos interpretes authenticos e autorizados da sua revelação? Porque escreveram livros infalliveis,

(1) Sobre a peccabilidade, e, portanto, a reformabilidade dos Papas, vêr o que escrevemos a p. 167. Leu-o talvez o Snr. Ernesto?

foram talvez deificados Moysés ou S. Matheus? — Mas o Snr. ERNESTO continuará a falar, impavido e impassivel, de deificação, como EDUARDO PEREIRA falara de apotheose do Papa.

— São, porém, os erros dos Papas infalliveis que lhe subministram o thema para maiores desenvolvimentos. O estudo destes exemplos é precedido deste apparato solemne: "Só encontramos uma difficuldade: entre tantos, escolher um exemplo para dum golpe, lançar por terra todo esse castello de cartas. Ensina a Logica que uma proposição universal afirmativa como esta do Rev. Franca: 'Todos os Papas são infalliveis quando...' se refuta como uma particular negativa: 'certo Papa não foi infallivel quando...'! E com effeito. Se *um* não foi não se póde affirmar que *todos* foram. E' uma questão de facto: basta um." p. 110. — De accordo: comtanto que se nos demonstre a contradicção entre *duas definições dogmaticas*. Acompanhemos de perto o Snr. ERNESTO, nesta demonstração, a vermos, se na originalidade das suas pesquizas conseguiu o que até agora não logrou alcançar nenhum critico, theologo ou historiador. Examinaremos ainda que brevemente todos os seus exemplos.

— *Primeiro exemplo*. Sixto V publicou em 1590 uma edição da Vulgata, prefaciada pela bulla *Aeternus* ille em que se dizia "esta é a actual Vulgata, prescrita e decretada como autentica pelo concilio de Trento e que deve ser usada em todas as igrejas do mundo christão por verdadeira, legitima, autentica e indubitada, em todas as lições publicas e privadas, controversias, pregações e exposições." Pouco depois CLEMENTE VIII publicou outra edição emendada de novo em mais de dois mil logares. Contradicção manifesta. Cfr. p. 111-112.

Dois erros num só exemplo: um de historia, outro de theologia. A bulla "*Aeternus ille*" *não foi promulgada;* esta bulla *não contem nenhuma definição dogmatica*.

Na variedade de biblias existentes (manuscritos com inevitaveis variantes) o concilio de Trento decidiu que se publicasse uma edição da Vulgata, quanto possivel, sem erros. O trabalho já havia sido começado sem nunca se poder conduzir a termo. Sixto V, com o seu temperamento energico e decidido, assentou levá-lo a cabo. Nomeou para isto uma commissão de cardeaes e elle proprio quiz mais tarde tomar parte activa e pessoal na tarefa. Infelizmente a edição sahiu inçada de erros, devidos em parte ao typographo, em parte á precipitação do temperamento do Papa. Os cardeaes fizeram-lhe ver então as imperfeições do trabalho e a impossibilidade de o apresentar como edição definitiva. Sixto V, apesar de contrariado, convenceu-se e *assentou não promulgar* a bulla que já havia de antemão preparado. Seu desejo era recomeçar o trabalho e dar uma nova edição, expurgada quanto possivel, de qualquer imperfeição. A morte sobreveiu, neste interim, e Clemente VIII levou a cabo o que não pudera fazer o seu predescessor. A bulla sixtina, *Aeternus ille,* redigida e impressa *não foi promulgada,* nem se acha registrada na Cancellaria apostolica nem foi incluida no Bullario. E' um documento *sem valor official*. (1).

(1) Quando o embaixador de Veneza, Badoer, por encargo do Senado, representou ao Papa as difficuldades da applicação das disposições da Bulla, que o seu Inquisidor queria urgir, Sixto respondeu que não havia mandado a ninguem executar a sua Bulla e que o Inquisidor agira com precipitação. Insistindo o embaixador em outra occasião, tornou a accentuar o Papa que se acalmasse, que não se inquietasse por causa da Bulla, que o inquisidor não devia executá-la; ella não exprimia mais que uma "especie de desejo." Resposta de Badoer, a 21 de Julho de 1590, ap. F. Aman, **Die Vulgata Sixtina** von 1590. "Eine quellenmaessige Darstellung ihrer Geschichte, Freiburg i. B. 1912. — O leitor que desejar todas as

Ainda que fosse promulgada, a bulla não encerra *nenhuma definição dogmatica*. O Papa nunca teve a intenção de apresentar o seu trabalho com um valor absoluto e definitivo. Queria dar uma edição correcta conforme permittiam as condições scientificas do tempo: *prout optime fieri potuit emendatam*, diz a Bulla. Volvidos seculos, augmentado o thesouro de manuscritos antigos e aperfeiçoados os methodos de critica textual, Pio X confiou á erudição e paciencia dos benedictinos a difficil tarefa de nos dar uma edição mais perfeita da antiga versão jeronymiana da Escritura. Depois de annos e annos de investigação accurada começaram a apparecer os primeiros fructos deste immenso lavor. Só a edição do Genese, apresenta cerca de mil variantes novas. Que dirá agora o Snr. ERNESTO? todas as rodas scientificas, catholicas, ou não, acolheram com applauso o esforço monumental... e ninguem se lembrou de avisar ao universo que se achava compromettida a infallibilidade do Papa. Nem Sixto V, nem Clemente VIII, nem Pio X definiram cousa alguma acerca das edições da Vulgata. E "ensina a logica" que não póde haver contradições entre definições dogmaticas onde não existem definições dogmaticas.

Segundo Exemplo. O concilio de Constança, "com a sancção de MARTINHO V", diz o Snr. ERNESTO, decretou como dogma a superioridade do Concilio sobre o Papa. O concilio do Vaticano definiu o contrario. Cfr. pp. 113-114.

— Outro falsificação historica. O concilio de Constança reunira-se para pôr termo ao doloroso scisma do Occidente. Já obtivera dos que simultaneamente

---

provas historicas de que a Bulla não foi promulgada, além de **Aman**, póde consultar: **Le Bachelet, Bellarmin et la Bible Sixto-Clémentine**, Paris, 1911; **J. B. Courderc, Le Vénérable Cardinal Bellarmin**, Paris, 1893, t. I; **L. von Pastor, Geschichte der Paepste**, Freib. i. B. t. X.

se julgavam papas legitimos que, para o bem universal da Igreja, renunciassem espontaneamente á sua dignidade afim de se proceder á eleição de um novo Papa, incontestado em toda a christandade. Senão quando, após um incidente desagradavel com o bispo de Salisburg a quem Segismundo pareceu dar razão, João XXII, abandonou improvisamente Constança, indo para Schaffhausen e deixando o concilio acephalo. Foi grande a perturbação na assembléa. Afim de evitar uma dispersão dos membros reunidos, procurou-se então dar um fundamento theorico aos trabalhos que se seguissem. No convento dos franciscanos reuniram-se a 29 de Março, os representantes da França, da Allemanha e da Inglaterra e ridigiram 4 artigos, dos quaes o segundo affirmáva a superioridade do concilio sobre o Papa, doutrina recentemente defendida pelos regalistas franceses, ascendentes immediatos do gallicanismo do seculo XVII. No dia seguinte estes artigos foram approvados na assembléa geral á qual não haviam comparecido os representantes da Italia. Dos cardeaes presentes em Constança 4 não vieram e os outros 11 declararam explicitamente assistir á sessão para evitar escandalos, não para approvar o que nella se passava. Os que a votaram eram quase todos prelados de segunda ordem, muitos dos quaes não tinham regularmente direito de voto. Assim, atabalhoadamente, foi approvada a sessão V, que nunca foi considerada conciliar. As sessões consideradas como ecumenicas em Constança foram unicamente as ultimas (da 41.ª a 45.ª inclusive), depois que o concilio começou a deliberar regularmente sob a direcção de Martinho V, eleito posteriormente. Numa destas assembléas regulares (na 45.ª) o novo Papa approvou, nas sessões anteriores o que havia resolvido o Concilio "in materiis fidei *conciliariter et non aliter nec alio modo*." Assim se excluiam explicitamente da appro-

vação pontificia todas as irregularidades da sessão V. Não era conciliar uma sessão, 1.°) da qual se ausentaram voluntariamente 4 cardeaes e os outros protestaram; 2.°) contra a qual se levantou notavel parte da assembléa. 3.°) cujos votos sem suffragios expressos foram dados tumultuosamente. 4.°) em cuja votação participaram individuos que para isto não tinham direito. Confirmações desta conclusão temos ainda no facto de MARTINHO V prohibir com uma bulla de Março de 1408, qualquer appellação da sentença do Papa para o Concilio; prohibição incomprehensivel se elle houvera sanccionado os artigos da sessão V. Mais. O cardeal d'Ailly, aliás favoravel á opinião dos regalistas franceses, publicando 17 mezes mais tarde o seu tratado sobre a "autoridade da Igreja, dos concilios geraes e do Papa," não cita em apoio da sua opinião os decretos da sessão V, esperando ainda uma decisão posterior do Concilio.

Quando, portanto, o Snr. ERNESTO nos diz que o concilio de Constança, *com a sancção de Martinho V*, decretou, etc. torce visivelmente os factos para ajustá-los a um preconceito. E no emtanto fôra tão facil conhecer a verdade. Não era mister para isto manusear os grandes tratados de theologia. Bastaria folhear qualquer curso de historia ecclesiastica bem informado. HEFELE, por exemplo, "na sua excellente historia dos Concilios," escreve: "Martinho V, com effeito, não confirmou senão o que o concilio decretara *in materiis fidei conciliariter et non aliter nec alio modo*. Ora, no seu modo de ver e no de todo o Sacro Collegio, refere-nos D'AILLY, (1) não se consideraram como decretadas *conciliariter* as decisões votadas pela simples maioria das nações, *sem o assentimento dos cardeaes,*

(1) J. Gerson, Opera, ed. E. du Pin, t. II, p. 940. Acerca da opinião do cardeal D'Ailly que não considerava os decretos da 4.ª e 5.ª sessão como expressão authentica da vontade geral do concilio, cfr: L. Salembier, Le Cardinal Pierre D'Ailly, Tourcoing, 1932.

como era precisamente o caso." (1). HERGENROETHER: "Era aquelle o decreto de uma assembléa sem chefe, feito sem intervenção da igreja romana, antes com opposição dos cardeaes, com uma forma de votação contraria ao uso dos antigos concilios, por uma maioria de pessôas quase todas incapazes de votar e que das tres obediencias não podiam representar mais que uma" (2). Mas ao Snr. ERNESTO não lhe convinha apurar a realidade objectiva dos factos.

Terceiro exemplo. Para refutá-lo basta citar as mesmas palavras do Snr. ERNESTO: "O terceiro exemplo vamos respigá-lo no proprio arrazoado do Rev. Franca: 'João XXII condemnou como Papa o que sobre a visão beatifica sustentára como theologo particular!' Este infalivel subiu á catedra de S. Pedro e pregou que, após a morte, os santos não gosam imediatamente da visão beatifica de Deus, heresia notoria que provocou enorme escandalo, á vista do qual, retratou-se o Papa de que ensinara. Confessa o Rev. Franca que nesta retratação agiu o Papa com a infalibilidade inerente ao seu cargo; e não vemos como furtouse a essas condições quando, do pulpito sagrado, alimentava o rebanho de Deus com a divina palavra. Agiu como Papa? Sem duvida nenhuma pois que o era (3). Quiz ensinar a toda a Egreja? Sem nenhuma duvida, pois o sermão foi publico. (4). Pregou *ex-*

(1) **Hefele**, Conciliengeschichte, tr. fr. t. VII, p. 211.

(2) Hergenroether-Kirsch, Kirchengeschichte, tr. ital. V p. 167. Cfr. ainda Pastor, Geschichte der Paepste, Freib. i. B. t. I, L. I, c. III.

(3) Quem por tal esperára? O Presidente da Republica chama o seu mordomo e ordena-lhe "De hoje em diante não quero carnes na refeição; os medicos prescreveram-me o uso exclusivo de verduras." Salta o exegeta de Curityba: Agiu como Presidente da republica? Sem nenhuma duvida, pois que o era." — E conclue-se que o paiz inteiro está pelo novo decreto obrigado ao regimen vegetariano.

(4) E como todos os sermões são publicos segue-se que em todos os sermões se ensina á Igreja inteira. Ensinar á Igreja inteira, preclaro Senhor, significa propôr á Igreja universal uma dou-

cathedra? E como poderia pregar senão ex-cathedra. (1). Concluimos então que João XXII falou infalivelmente quando errou". p. 114-115. — Concluimos então que o Snr. ERNESTO não entendeu o abc da doutrina que se pôs a criticar com tanta desinvoltura.

Quarto exemplo:

Papa Gelasio I (492)

"Certamente que o sacramento do corpo de Christo que recebemos é cousa divina, porque por meio delle participamos da natureza divina. Todavia a **substancia ou natureza do pão e do vinho,** não muda, e não resta a mais pequena duvida de que a **imagem e semelhança** do corpo de Christo se celebram na acção dos mysterios."

Papa Paulo III (1561) (2)

"Si alguem disser que no SS. Sacramento da Eucharistia a substancia do pão e do vinho permanece juntamente com o corpo e o sangue de N. S. J. C. e negar aquella **maravilhosa e singular conversão de toda a substancia do pão no corpo e de toda a substancia do vinho no sangue,** ficando sómente as especies de pão e de vinho será anatematizado."

Basta o confronto. Uma infalibilidade define a Eucaristia nos termos da transubstanciação; define-a outra como perfeito Zwingliano. Se um estiver certo o outro será necessariamente heretico. E ambos são infalliveis" p. 115.

Não o são; porque o Professor de Curityba não tem

---

trina como revelada e que, como tal, por todos deve ser admittida. Ora João XXII, interpretando como theologo particular um texto do 2.º concilio de Lyão, apresentava explicitamente a sua opinião como cousa discutivel: "Propuzemos e alegamos sem nenhuma intenção de determinar, decidir ou crer alguma cousa." Denifle, **Chartularium,** II, p. 435. — O Papa a affirmar declaradamente que não pretende definir cousa alguma; e o professor de Curityba a reclamar: definiu, definiu.

(1) Quase não acreditamos aos nossos olhos; mas é um facto: O Snr. **Ernesto** escreveu estas palavras textualmente. Toda a gente sabe que **ex-cathedra** é uma expressão juridica que indica um complexo de condições a que deve satisfazer um acto pontificio para constituir uma definição dogmatica. Um acto destes, o papa pode escrevê-lo na sua mesinha de trabalho. Para o illustre professor paranaense, **ex-cathedra** equivale a um pulpito material, de madeira ou de marmore, e como não se costuma pregar senão no pulpito, todas as vezes que o Papa sóbe ao pulpito, define **ex-cathedra.** — E' com esta rara profundidade e perspicacia que se pretende pôr em terra "os castellos de carta" da doutrina catholica?

(2) Em 1561, havia 12 annos que Paulo III descansava na paz dos mortos!

poder para decretar infallibilidades a seu talante ou a capricho de seus preconceitos. A columna á direita é uma definição dogmatica do concilio de Trento. E a da esquerda? Do Papa Gelasio, diz o Snr. Ernesto. Definição dogmatica, tambem ella? De modo algum. O professor calou discretamente a sua origem. As palavras citadas são de um tratado theologico escrito pelo papa Gelasio, *De duabus naturis adversus Eutychen et Nestorium*. Ora, com a mesma penna com que o Snr. Ernesto transcreveu estas palavras, cinco minutos antes, tinha copiado estas outras: "Como homem o Papa póde ser erudito como Bento XV, moralista como Gregorio Magno, eloquente como Pio IX. O theologo, o escritor, o pregador são tão falliveis com a tiara, como sem ella." Como explicar que esta advertencia se houvesse tão depressa varrido da memoria do diligente professor? Deste passo, na proxima edição de seu trabalho o Snr. Ernesto nos apresentará como infalliveis as poesias de Leão XIII! Reconhecemos ao professor a liberdade de criticar a doutrina catholica; o direito de adulterá-la systematicamente, não. Deixe este ignobil mister para os libellistas que escrevem sob o impulso de paixões cegas ou se assoldam incondicionadamente aos interesses de um partido. (1).

— *Quinto exemplo*. O concilio de Trento, com

(1) Não ha portanto duas definições dogmaticas, em contradicção: eis o que por ora nos basta. Para entender bem á justa, porém o texto de **Gelasio** é necessario continuar a lê-lo, nas linhas seguintes, omittidas naturalmente pelo Snr. Ernesto: "ut sicut in hanc, scilicet, divinam transeunt, Sancto Spiritu perficiente, substantiam, permanentes tamen in sua proprietate naturae. **Thiel, Epistolae romanorum pontificum genuinae**, Braunsberg, 1868, p. 541, 542. — Aqui **Gelasio** affirma uma "**transformação** na substancia divina" (transeunt in divinam substantiam) e uma permanencia, nos elementos eucaristicos, das suas **propriedades** naturaes (in sua proprietate naturae). E' sob uma linguagem ainda não aperfeiçoada pela disciplina escolastica, a permanencia dos accidentes ou especies sacramentaes, de que falará mais tarde o Concilio de Trento.

a sancção de Paulo III, prohibe, sob anatema, dar a communhão sob as duas especies. O papa Gelasio III, ordena o contrario. Mais duas infallibilidades em conflicto. Cfr. p. 115-116.

— Parece incrivel. O Snr. Ernesto não póde tocar num documento ecclesiastico sem falseá-lo, mutilá-lo, desnaturá-lo inteiramente. O que passa pela entrosagem de sua critica apaixonada sae irreconhecivelmente desfigurado. O allegado decreto do Concilio de Trento não existe. O que acerca da communhão sob as duas especies definiu a assembléa tridentina foi a inexistencia de um preceito divino obrigando os simples fieis a commungarem sob as duas especies. Nestas condições a concessão da communhão é, de facto, uma questão de *mera disciplina ecclesiastica*. A Igreja poderá outorgá-la ou não, conforme a prudencia o suggerir. Ainda hoje, em alguns ritos orientaes, os catholicos commungam sob as duas especies. Em 1564, Pio V, á instancia do imperador Fernando, concedeu aos bispos allemães a faculdade de introduzirem o uso do calice entre os fieis, se verificadas certas condições, assim o julgassem conveniente. Foram tantos e tão graves os inconvenientes que no anno seguinte houve de revogar a concessão. Quanto a Gelasio III, só existiu este Pontifice na imaginação creadora do polytechnico de Curityba. Papas desse nome, a historia só conhece dois e nenhum delles *definiu* cousa alguma acerca da communhão sob duas especies. — Ainda uma vez não póde haver contradicção entre definições dogmaticas onde definições dogmaticas não existem.

— *Sexto exemplo*. "O papa Honorio I foi condenado pelo concilio de Calcedonia, porque em uma carta a Sergio confessou a heresia dos monotelitas." p. 116 (1).

(1) Só por antecipação prophetica. O concilio de Calcedonia reuniu-se em 451. Como poderia condemnar Honorio que foi papa

A difficuldade não é nova, nem mesmo nesta polemica. Proposta por EDUARDO PEREIRA, já lhe haviamos respondido, observando: 1.°) que as epistolas de Honorio são perfeitamente orthodoxas; 2.°) que não constituem nenhuma definição dogmatica. O Snr. ERNESTO não se deu por entendido. Citou um trecho contrario de A. P. DE FIGUEIREDO e accrescentou: "assevera o Rev. Franca que examinou as cartas de Honorio e achou-as orthodoxas. Ou não as examinou ou foi tragado pela heresia dele." p. 117. — Depois de uma affirmação deste porte, quem não esperaria por um exame interno das epistolas de HONORIO, comprobativo desta asserção? Era o dever elementar de qualquer escritor honesto. Não. O Snr. ERNESTO, habituado a inteirar-se do que se passa no seculo VII, pelas informações de escritores do seculo XVIII, dispensou-se destas formalidades de criticos exigentes. (1). Mas não esmiucemos esta questão theologi-

---

quase dois seculos depois, de 625 a 638? O Snr. Ernesto queria referir-se ao concilio de Constantinopla (681). Anachronismos destes, tão frequentes no nosso autor, estão a revelar o noviço, de todo em todo, inexperiente em semelhantes materias. Mas o professor de Curityba é corajoso; anima-se por estas regiões inexploradas com um desembaraço de pasmar.

(1) Pois aqui vae a affirmação textual de Honorio I: "Utrasque naturas in uno Christo unitate naturali copulatas cum alterius communicatione operantes atque operatrices confiteri debemus, et divinam quidem quae Dei sunt, operantem, et humanam, quae carnis sunt, exsequentem: non divise, neque confuse, Dei naturam in hominem et humanam in Deum conversam edocentes: sed naturarum differentias integras confitentes." (ML., LXXX, 475). Ahi está explicita a confissão das duas naturezas, cada qual com as operações que lhe são proprias. E as citações poderiam ainda multiplicar-se. Este ainda o sentido que ás epistolas de Honorio deu o mais autorizado dos seus interpretes, o abbade João Samponi, secretario de que se servira o Papa para escrevê-las (MG., XCI, 327). Mas que montam documentos originaes e contemporaneos? O que ensinou Honorio, não o dizem as suas cartas; sabe-o com segurança indiscutivel Ant. Pereira de Figueiredo. Sobre a sua fronte collocou o Snr. Ernesto a aureola da infallibilidade que para elle já não fulge nos successores daquelle a quem disse Christo: orei para que a tua fé não desfalleça; confirma os teus irmãos.

ca; não é necessario (1). Erradas ou não, as epistolas não constituem de modo algum uma definição *ex-cathedra*. "Di-lo expressamente o Pontifice: non nos oportet unam vel duas operationes *definientes praedicare*" (ML., LXXX, 475). O Papa a declarar que não entende definir, o Snr. C. PEREIRA a obstinar-se em querer ver definições em todos os actos pontificios" IRC. 168. — O Snr. ERNESTO tinha deante dos olhos este texto, tinha as palavras formaes de Honorio — e no emtanto, calando-as discretamente, escreveu: "No caso vertente não ha escusa possivel para o erro da infalibilidade ex-catedra em materia de fé." p. 117. Como explicar e como qualificar semelhante procedimento?

Setimo exemplo. E' o caso de Galileu, ao qual o Snr. ERNESTO consagra 7 paginas. pp. 117-124.

Já estava tardando. Como é que se deixaria de explorar ainda uma vez contra a Igreja a condemnação de Galileu? O professor de Curityba entra no assumpto com uma ingenuidade de creança que desconhece tudo o que se escreveu em resposta a todas as difficuldades sérias. A sua objecçãosinha, elle a repete com a satisfação colombiana de quem acaba de revelar ao mundo civilizado um novo continente.

Não entrando nos outros aspectos da questão, aqui descabidos, limitemo-nos a examinar o ponto da infallibilidade do Papa, que se pretende compromettida. Galileu foi condemnado pela *Congregação do Indice* em 1616 e pela *Congregação do Santo Officio* em

(1) A imprudencia de Honorio, illaqueado na sua bôa fé por uma carta astuta de Sergio, patriarca constantinopolitano, foi não querer que se empregassem as expressões explicitas: duas operações, duas vontades, que lhe pareciam, no momento de somenos importancia. Desta attitude pouco firme serviram-se depois os monothelitas para propagar os seus erros. Esta falta de energia e de prudencia em reprimir um erro nascente foi o que mais tarde havia de recriminar o concilio de Constantinopla contra Honorio **qui pravis eorum assertionibus fomentum impendit**.

1633; isto é, por *duas congregações romanas,* e ninguem nunca affirmou serem estas congregações infalliveis. Mais. Apesar de considerandos de ordem doutrinal, ambos os decretos são *disciplinares* e decretos *disciplinares* não vão ao amago das questões doutrinaes, exigem apenas uma submissão que a autoridade julga conveniente para a defesa do bem commum dos fieis.

A assignatura do Papa que geralmente acompanha estes decretos é apenas um penhor de que os processos correram com regularidade. No caso da approvação *in forma communi* toda a responsabilidade juridica do acto incumbe á congregação. No caso mais raro de uma approvação *in forma specifica,* a decisão das Congregações se transforma num acto pontificio, de que é juridicamente responsavel o Papa, mas que nem por isso é ainda uma definição *ex-cathedra*. As deliberações que condemnaram a Galileu foram approvadas *in forma communi*. Achamo-nos, portanto, deante de simples *decretos das Congregações,* decretos *disciplinares* approvados na *forma do costume*. Nelles não se acha empenhada não só a infallibilidade do Papa mas nem mesmo a autoridade doutrinal da Igreja. Estamos, apenas, na presença de erros de exegese commettidos por alguns theogolos do S. Officio, que, esquecidos dos principios exegeticos já estabelecidos por S. Agostinho e S. Thomaz, julgaram incompativel com a Biblia, uma opinião que mais tarde (Galileu, como é sabido, anteviu, não demonstrou a theoria heliocentrica) deveria receber a chancella da sciencia. Ha nisto materia para grandes escandalos! Qual é a Academia scientifica que não tenha commettido, não digo um, senão muitos erros deste genero?

Nem se diga que a explicação, dada acima, é um subterfugio inventado posteriormente para cortar um nó gordiano. Não; os contemporaneos de Galileu,

theologos ou não, viram nos decretos romanos o que elles eram na realidade: medidas disciplinares, e reformaveis, nunca decisões infalliveis da Igreja ou do Papa. Em 1631 (antes portanto do 2.º decreto) Libertus Fromont, professor de theologia em Lovaina e adversario de Galileu, declarava explicitamente que a theoria copernicana não havia sido definitivamente condemnada "a menos que eu não veja algo mais preciso emanando do proprio Chefe da Igreja." (1). "Como sobre a materia não houve nenhuma definição do Papa, nem dum concilio por elle dirigido e approvado, escrevia em 1651 outro adversario de Galileu, o P. Riccioli, theologo e astronomo, não é de modo algum de fé que o sol gira e a terra fica immovel." (2). Poucos annos depois, em 1660, escrevia outro theologo, o P. Fabri: "Aos partidarios de Galileu perguntou-se muitas vezes se poderiam dar uma demonstração do movimento da terra; nunca ousaram responder affirmativamente. Nada, pois, se oppõe a que a Igreja tome e mande tomar no sentido proprio os textos da Escritura *até que se demonstre a opinião contraria.* Se se achar esta demonstração, o que eu acho difficil, *nenhum obstaculo fará a Igreja* em reconhecer que estes textos se deverão tomar em sentido metaphorico e improprio." (3).

E esta opinião não era só commum entre os theologos, por officio especialistas na interpretação dos documentos ecclesiasticos. Cousa tão elementar, não a ignoravam igualmente os sabios e os fieis instruidos. Citaremos apenas dois grandes nomes. "Estes passos (da Escritura), escrevia Gassendi, pouco depois da condemnação de Galileu, foram interpretados de outro

(1) **Anti-Aristarchus**, 1631, Antuerpia, p. 17.
(2) **Almagestum novum**, Bolonha, 1651, t. I, p. 52.
(3) **Brevis annotatio in systema saturninum** Cfr. **Hugenii**, Roma, 1660, p. 32.

modo, por homens de grande autoridade na Igreja... Não julgo comtudo que seja artigo de fé; não me consta que os cardeaes assim o tenham declarado nem que o seu decreto tenha sido promulgado e recebido em toda a Igreja." (1). Interessante a attitude de DESCARTES que nesta occasião preparava para a imprensa o seu *Système du Monde*. De Amsterdam assim escrevia elle, em 1634, a MERSENNE: "Ne voyant point encore que cette Censure ait esté authorisée par le Pape, ny par le Concile, mais seulement par une Congrégation particulière des Cardinaux Inquisiteurs ie ne perds pas tout á fait esperance qu'il en arrive ainsi que des Antipodes qui avoient esté quasi en mesme sorte condamnez autresfois, et ainsi que mon Monde ne puisse voir le jour avec le temps." (2).

Eis o que especialistas e profanos viram nos celebres decretos contra Galileu. Invocá-los, hoje ainda, contra o dogma catholico, como um "erro da infallibilidade ex-cathedra... demonstrado mathematicamente e experimentalmente" p. 124, é desconhecer o que é demonstração mathematica e experimental, é falsear deliberadamente a historia e a doutrina da Igreja pelo simples prazer de a expôr á desconsideração das massas irreflectidas e intelectualmente indefesas.

Ahi fica quanto conseguiu formular contra o ensino catholico acerca da infallibilidade o professor de Curityba. Nenhuma originalidade, nenhuma sinceridade no argumentar. O Snr. EDUARDO PEREIRA havia confundido infallibilidade com impeccabilidade, havia denunciado no decreto do Vaticano uma apotheo-

(1) De motu impresso a motore translato tres epitsolae, Paris, 1643. t. III, p. 471.

(2) Descartes, Oeuvres, Ed. Paul et Tannery, Paris, 1897 e sgs. t. I, p. 288. E' a melhor edição critica das obras de Descartes, publicada sob os auspicios do Ministerio da Instrucção publica de França. Sobre os sentimentos intimos de Descartes nesta conjuntura Cfr. H. Gouhier, La pensée religieuse de Descartes, Paris, Vrin, 1924, p. 84-88.

se ou deificação do Papa, havia colligido meia duzia de exemplos historicos, nos quaes para mostrar o Papa em erro, dava como definições ex-cathedra actos que nunca tiveram este caracter. Uma por uma, rebatemos todas estas objecções. Volvidos 8 annos, o Snr. Ernesto de Oliveira, como se se não houvera escrito uma linha sobre o assumpto, volta ainda a encher-nos os ouvidos de deificações do Papa, de faltas moraes na Cabeça e nos membros da Igreja, de erros palmares, refutados em todos os bons manuaes de Theologia, mas para elle mathematicamente e experimentalmente definidos *ex-cathedra* pelos successores de S. Pedro. Se alguma differença ha entre o grammatico e o engenheiro, esta é moralmente em favor do grammatico. Eduardo Pereira, ainda que sem justificativa, podia desconhecer o ensino da Igreja; Ernesto de Oliveira acabava de ler-lhe a exposição, transcrevera-lhe uma parte com o proprio punho, e, dez minutos depois, o falsea inteiramente. Nenhuma consideração com as respostas já apresentadas, nenhum esforço leal para comprehender a doutrina catholica; nenhuma preoccupação de informar-se exactamente sobre os factos indo-lhes ás fontes historicas, genuinas e de primeira mão. Esta é precisamente a tactica de quem argumenta sectariamente e escreve ou fala para sustentar um partido, não para conhecer a verdade. Assim é, que se perpetuam, com immenso prejuizo das almas, as infinitas controversias estereis.

Não; ao protestantismo brasileiro cumpre mudar inteiramente de processos polemicos. Exige-o, nos seus representantes, a consciencia da probidade profissional; exigem-no, nos seus leitores, as regras da methodologia scientifica. O amor da verdade e o amor do bem unem-se para condemnar a indignidade de semelhantes methodos de apologia.

EXCURSUS A.

O "protestantismo" de S. Agostinho

Em favor do primado de S. Pedro citaramos entre muitas outras autoridades da Igreja antiga, a de S. Agostinho. O Snr. Ernesto discorda; eis a sua critica:' 'Pedimos venia ao rev. Franca para não darmos o qualificativo merecido (1) á transcripção que S. Revma apensou ao seu volume, de tres passos de S. Agostinho, nos quaes este *Grande Protestante da Velha Escola* affirma que S. Pedro é a pedra fundamental da Igreja; caso fosse assim, teriamos S. Agostinho contra S. Agostinho. Os textos de S. Agostinho, citados pelo rev. Franca em Latim, são os seguintes: "Que ha de incongruente se Pedro, depois deste pecado, foi constituido Pastor da Igreja, tal como Moisés, depois de sua fuga do Egypto, foi constituido chefe da Sinagoga delles?" "A sé de Roma é a propria sé de Pedro a quem não vencerão as soberbas portas do Inferno." "Pedro que momentos antes confessára ser elle o Filho de Deus e que na mesma confissão foi qualificado de Pedra sobre o qual se edificou a Igreja."

Entretanto esses passos não exprimem o verdadeiro sentimento de S. Agostinho e não deixa ser improbidade a citação delles. Porque, S. Agostinho, exemplo unico nas letras, ao termo de sua carreira escreveu sob o titulo de — *'Retratações* — um tratado destinado a corrigir os proprios erros, esparsos em suas

(1) Note o leitor a insinuação malevola deste exordio.

numerosas obras .(1). E eis que entre as opiniões erradas de que se retratou, figura a de haver ensinado em certo logar que no texto de S. MATHEUS XVI, 18, se devia entender pela Pedra a pessôa de S. Pedro. Aqui estão as suas proprias palavras: "Em certo passo, disse eu do apostolo S. Pedro, que a Igreja fôra fundada sobre elle, como sobre uma pedra, sentido esse que celebra o mui espalhado hymno do bemaventurado Ambrosio nestes versos do 'Canto do Galo"; Hoc ipsa petra ecclesiae Canente culpam diluet." Mas lembro-me de que, depois, e por muitas vezes tenho explicado esta sentença do Salvador: 'Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja', neste sentido: que a pedra é Aquelle que Pedro tinha confessado quando disse: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente" Assim foi que Pedro, derivando o seu nome desta Pedra figurava a pessôa da Igreja que sobre ela foi edificada e que recebeu as chaves do Reino dos Céus. Com efeito: Não diz ele: Tu és a Pedra (petra), mas tu és Pedro (Petrus); porque a Pedra era o Cristo e Simão, tendo-o confessado, como toda a Igreja o confessa, foi por isso chamado Pedro. Que escolha o leitor destas duas interpretações a que lhe parecer mais provavel!" p. 69-70.

Decididamente o Snr. ERNESTO não sabe ler. Onde é que S. AGOSTINHO inclue "entre as opiniões erradas de que se retratou", a primeira exegese? O que diz o Santo é que em differentes occasiões dera do mesmo texto duas interpretações diversas, uma, *conforme a antiguidade e que andava nos labios das multidões*

(1) Não é rigorosamente exacto. A palavra "Retractationes" significa mais **revisão** do que **correção**. S. Agostinho quiz, com este trabalho dar um guia seguro para as suas numerosas obras. Por isso enumera-as todas, (eram já 94), com indicação de titulo, da finalidade, occasião e idea dominante de cada uma, rectificando ou precisando o seu pensamento onde é mister. Cfr. F. Cayré, **Précis de Patrologie**, Paris, 1927, t. I, p. 643.

christãs — Canitur ore multorum — outra que elle excogitára partindo de uma philolologia que sabemos hoje inteiramente erronea (1). Condemna alguma dellas em beneficio exclusivo da outra? De modo algum. ambas foram suas, suas são ambas ainda; dentre ellas escolha o leitor a que lhe parecer mais provavel. Onde, Snr. ERNESTO, a inclusão da exegese commum "entre as opiniões erradas?"

Mais. Com aventar outra exegese, a seus olhos plausivel, do texto de S. MATHEUS, o grande Doutor nunca pretendeu negar o primado de S. Pedro; e esta *observação é capital.* Ha outros logares evangelicos que estabelecem com certeza a primazia do Principe dos Apostolos. Foi ponto este sobre o qual nem de leve suscitou S. AGOSTINHO a mais tenue sombra de duvida (2). Entre os textos que citamos, o primeiro reconhece a Pedro, o primado na Igreja, tal como Moisés, na *Synagoga,* não sobre o fundamento da metaphora Pedra, mas sob a figura de Pastor constituido por Christo, como se lê em S. João. Desta convicção explicitamente declarada *um sem numero de vezes* está cheia a obra de S. AGOSTINHO, como veremos logo. Incluindo, portanto, a autoridade do grande Doutor, entre os que affirmavam "O primado de S. Pedro na antiguidade christã", cumprimos escrupulosamente o dever do critico mais respeitoso das opiniões alheias. Ao Snr. ERNESTO concedemos desassombradamente

(1) S. Agostinho que não sabia aramaico e conhecia pouco o proprio grego, pensava que **Petrus** era uma forma adjetiva derivada de **Petra**, e pela diversidade existente **no texto latino** entre **petra** e **petrus**, foi levado — velho professor de retorica — a concluir que no texto de S. Matheus os dois termos designavam cousas diversas. Exegetas de valor que hoje o acompanhem nesta exposição, não sei se haverá um só.

(2) O proprio texto das "Retractações" o demonstra. Se para S. Agostinho, como para o protestantismo, o primado de S. Pedro fôra um erro, uma usurpação, uma tyrannia, como poderia deixar elle, ainda que só como provavel, a escolha de uma exegese que o estabelece irrefragavelmente?

toda a venia para dar ás nossas citações "o qualificativo merecido". Antes, porém, leia o *excursus*, até ao fim.

Não é este o unico logar do seu livro, em que o critico paranaense, injuriando a memoria de S. Agostinho, o chama de Grande Protestante. E' esta expressão um estribilho que lhe vem periodicamente á memoria e dahi passa inconsideradamente á penna. "S. Agostinho, o grande protestante do quinto seculo". p. 277. "S. Agostinho o grande protestante antigo", p. 231. "S. Agostinho o grande protestante do seculo V", p. 238, idem a p. 272. — Ou o Snr. Ernesto nunca leu S. Agostinho ou falseou-lhe, de todo em todo, a doutrina.

Não nos é possivel demonstrar aqui todo o dogma catholico com trechos de S. Agostinho, mas podemos esboçar as suas ideas sobre as questões fundamentaes, dentro de cujos limites restringimos a nossa polemica com o protestantismo.

Para chegarmos a Christo, *a grande via é a Igreja Catholica,* que remonta a Christo e ha de durar pelos seculos afóra. "Segue o caminho da disciplina catholica que de Christo, chegou até nós, por meio dos apostolos e ha de estender-se á posteridade". *(De utilit. credendi,* 20). "Por ahi podes ver quanto vale a auctoridade da Igreja catholica que se firma na successão ininterrupta dos bispos até ás sedes fundamentaes dos Apostolos." *(Contra Faustum,* XI, 2; Cfr *Ibid.* XXVIII, 2; *Epist.* CCXXXII, 3 etc.). Só esta Igreja é a *depositaria indefectivel da verdade;* "Verdadeira esposa do verdadeiro Christo, só tu possues a verdade." (*Contra Faustum,* XV, 3).

E esta verdade da fé, indispensavel para agradar a Deus e chegar ao Christo, onde vae a Igreja haurila? Nas Escrituras, já se vê, primeira fonte escrita

da doutrina revelada. "As Escripturas são santas, e verazes" (*Sermo* XXIII, 3).

Bastam, porém, as Escrituras? Basta o senso individual, independente da autoridade da Igreja, para interpretá-las? De modo algum. (1). Antes de tudo o proprio canon dos livros sagrados não se pode estabelecer sem a autoridade da Igreja. Que Fausto "no-lo demonstre não com quaesquer escrituras, mas com as *ecclesiasticas, canonicas, catholicas*. Outras, entre nós, não tem para esse fim peso algum de autoridade". (*Contra Faustum,* XXIII, 9). "A esta escritura é-nos licito não crer, porque *não está no canon catholico*" (*De Serm. Domini in monte,* I, 65). "Eu não acreditaria no Evangelho, se a isto *me não levara a autoridade da Igreja catholica*" (*Contra Epist. Fundament.* 5). Nenhum livro, portanto, pode apresentar-se-nos com o caracter de inspirado, se a Igreja lhe não garante a inspiração com a sua autoridade infallivel. Notavel modo de falar o deste "Grande Protestante!" "O Senhor ensina as turbas da barca.. o Senhor ensina os povos *pela autoridade da Igreja*" (*Quaest. evang.* II. 2).

Na interpretação das Escrituras, nada de livres exames, nada de individualismos destruidores da unidade christã. O ensino e a autoridade da Igreja são ainda aqui a *regula fidei*. "E como muitos hereges costumam torcer a exposição das Escrituras em favor de suas opiniões, *contrarias á fé do magisterio catholico,* antes deste tratado convem expôr brevemente a fé catholica" (*De Gen. ad litt.* lib. imp. 1). As Es-

(1) Algumas vezes fala o Santo Doutor, como outros Santos Padres, na sufficiencia da Escritura para fundar a fé, mas em sentido muito differente do protestantismo. A escritura basta com effeito para estabelecer a instituição divina do magisterio ecclesiastico, a infallibilidade do Papa, a existencia de tradições divinas não escritas. Nesta accepção, é exacto affirmar-se que sobre a palavras dos livros sagrados descansa todo o edificio do christianismo.

crituras cheias de grandes cousas que se impõem á fé "não te poderão ser uteis se não as entenderes correctamente". (*Epist.* CXX, 13). E não se entendem correctamente quando se interpretam contra o sentir antigo da Igreja. A JULIANO recrimina AGOSTINHO: "Não queres interpretar as palavras do Apostolo *como as interpreta a Igreja*" (*Contra Julianum* II, 87; Cfr ainda II, 104; II, 12; III, 137; III, 61).

A Escriptura, porém, *não é a fonte unica da fé*. Os apostolos não confiaram ao livro a totalidade da mensagem divina. Os ensinamentos de Christo nos chegaram igualmente authenticos e igualmente irrecusaveis atravez do magisterio vivo dos seus enviados. "Entre os dois erros (dos Sabellianos e dos arianos) conservou a verdade a fé catholica, que vem do ensino dos apostolos a nós communicado e por nós recebido *atravez da séric da successão que o transmittirá integro aos posteros.*" (*In Joan. Tract.* XXXVII, 6). "Muitas cousas ha, observadas em toda a Igreja e que por isto com razão se creem prescritas pelos apostolos, *ainda que se não encontrem escritas.*" (*De bapt.* V, 31). "Creio que este costume remonta á tradicção apostolica, como muitas outras cousas que *não se encontram em seus escritos* nem nos concilios posteriores, e *no entanto são tidas por instituições apostolicas porque observadas pela Igreja universal.*" *De bapt.* II, 12. A proposito do suffragio pelos mortos: "Ainda que se não lesse em nenhuma Escritura antiga, neste uso não é pequena a autoridade da Igreja universal, que nas orações rezadas pelo Sacerdote ante o altar inclue tambem o suffragio pelos mortos" (De *cura pro mort. ger.* 3). E o apello á tradição recorre frequente nas obras de S. AGOSTINHO. (Cfr. *De bapt.*, IV, 30, *Epist.* LIV, 1; etc.).

Mas na interpretação tanto das Escrituras como das tradições antigas podem surgir duvidas. Como re-

solvel-as? Pelo exame individual das mesmas Escrituras, responde em circulo vicioso, o protestante. Não, corrige AGOSTINHO, pelo magisterio vivo e autoritativo da Igreja a quem Christo prometteu a sua assistencia infallivel para conservar intacto o deposito da verdade revelada. A Igreja exerce a sua autoridade, antes de tudo, pelos concilios plenarios e universaes, que podem corrigir os erros dos individuos ou mesmo dos concilios regionaes. Estas decisões definitivas são chamadas por S. AGOSTINHO "universae Ecclesiae statuta" *(De bapt.,* II, 2) "universi orbis auctoritas" (Ibid. 5) "universalis Ecclesiae concordissima auctoritas" (Ibid. II, 5). Deante da sua autoridade soberana devem inclinar-se os fieis e os bispos, fossem elles embora doutos e santos como S. CYPRIANO. Já não ha então liberdade de controversia. "Ainda que sobre o ponto em questão as *Escrituras canonicas não tenham exemplo,* observaremos ainda assim a verdade das mesmas Escrituras *submettendo-nos ao que foi sanccionado por toda a Igreja, garantida pela autoridade das proprias Escrituras*. E como é infallivel a Escritura, quem quer que receie enganar-se em tão obscura questão, *consulte* sobre ella a *Igreja* demonstrada com toda a evidencia pelas Sagradas Escrituras" (*Contra Cresc.* I, 39) — Nada de livre exame; onde a Escritura não for clara, onde surgissem controversias, o arbitro supremo inequivocamente constituido pela propria Escritura, é a Igreja. Ás suas decisões supremas deve submetter-se quem quizer ficar com a verdade. *In Ecclesia manebo securus*. O que a Igreja universal crê é conforme á verdade garantida por Deus; "na sua universalidade a Igreja é perfeita e infallivel." (De *Gen. ad litt. imp.* 4). "No seio da Igreja permanece a verdade; *quem quer que delle se separe necessariamente cae no erro."* (*Enarr.* LVII, 6). "Esta é a autoridade da Madre Igreja; *quem con-*

tra ella se revolta, quem ataca este muro inexpugnavel, será esmagado, ipse confringitur." (*Sermo* CCXCIV, 17).

Mas nem sempre é possivel convocar concilios ecumenicos. Ha na Igreja um meio mais simples e mais prompto de defender a integridade da doutrina revelada "Deus collocou a doutrina da verdade no centro da unidade" (*Epist.* CV, 16). O Centro da unidade catholica é a sé de Pedro, é Roma. Pedro recebeu o primado "propter primatum quem in discipulos habuit" (*Enarr.* in Ps. CVIII, 1); cfr. *Sermo* XLVI, 30; CCXCV, 2). Por isto a Igreja Romana, a sé de Pedro "a quem o Senhor depois da resurreição confiou as suas ovelhas" (*Contra Epist. Fund.* 5), é a Igreja "in qua semper apostolicae cathedrae viguit principatus" (*Epist.* XLIII, 7). Estar em communhão com ella é estar em communhão com os apostolos, é estar na verdadeira Igreja (*Epist.* XLIII, 7; 2; *Cont. epist. fund.* 5). Pela successão dos seus bispos ella remonta á *sedes apostolica;* sua autoridade é a mais alta: "columen auctoritatis obtinuit"; "*resistir-lhe é summa impiedade e arrogancia ruinosa*" (De *util. cred.* 35).

Uma occasião magnifica de mostrar com os factos o conceito que tinha S. Agostinho da missão singular de Roma na defesa da fé, offereceu-lhe a questão com Pelagio. Dois concilios africanos reunidos em 416, um em Carthago, outro em Milevio, haviam-lhe condemnado os erros. Afim porém, de evitarem que a heresia nascente se disseminasse por toda a Igreja, *os bispos africanos resolveram pedir a condemnação de Roma,* só valida para toda a Igreja. Possuimos ainda estas cartas sinodaes enviadas, diz a de Milevio, *Domino beatissimo meritoque venerabili et in Christo honorando papae Innocentio.* (Inter Aug. *Epist.* CLXXVI). S. Agostinho com mais alguns collegas

julgaram ainda dever accrescentar mais outra epistola em que pediam tambem a condemnação de Pelagio; uma resposta de Innocencio veria consolal-os e mostrar que o tenue fio de doutrina, (que corre na Africa) sae da mesma fonte que se expande em Roma. (*Epist.* CLXXVII, 19). Os bispos africanos querem a approvação de Roma "hoc a te probari volumus"; só a voz do successor de Pedro trará a paz a toda a Igreja angustiada "Familia Christi... suspenso corde, cum timore et tremore, adjutorium Domini etiam per caritatem tuae venerationis exspectat."

INNOCÊNCIO I responde, e AGOSTINHO annuncia aos seus fieis a sentença do papa nestes termos: "Sobre esta causa foram enviados dois concilios á Sé Apostolica. Chegou-nos a resposta; *está terminada a causa.* Oxalá acabe tambem o erro: Causa finita est, utinam aliquando finiatur et error" (*Serm.* CXXXI, 10). Eis o que valem as decisões dos successores de S. PEDRO para S. AGOSTINHO: são decisões definitivas, inappelaveis, infalliveis, validas para a Igreja Universal. Quem contra ellas se revolta, sae do seio da Igreja de Christo, naufraga na fé, desgarra da verdade salvadora. A Igreja Catholica é a vinha; ai do ramo cortado! A vinha verdadeira, a Igreja que Christo plantou está na communhão com a *Petri sedes.* (*Ps. contra Partem Donati*). "Só a Igreja Catholica é o corpo de Christo. Fóra deste corpo a ninguem vivifica o Espirito Santo... Não têm pois, o Espirito Santo os que estão fóra da Igreja" (*Epist.* CLXXXV, 50).

E que será destes infelizes ramos que já não vivifica a seiva da graça porque se separaram da verdadeira vinha plantada por Christo? Serão condemnados á perpetua divisão; inimigos da unidade, já não conhecerão a paz; só se unirão como os conjurados, por um odio commum á unidade de que se destacaram. "Os que se separam trazem em si a espada da divisão, es-

pada de que morrem, espada de que vivem... Vêde-os, irmãos, os que se separaram da unidade, em quantos pedaços se dividiram, "in quot frusta precisi sunt" (*Sermo*. IV, 34). "Discordam entre si, concordam contra a unidade, dissentiunt inter se, contra unitatem omnes consentiunt" (*Sermo* XLVII, 27).

Atravez destas luctas, os scismas e as heresias passarão; a Igreja permanecerá invencivel; todas as provações não a conseguirão destruir; ella resistirá até ao fim dos seculos. "Non vincetur Ecclesia, non eradicabitur, nec cedet cujuslibet tentationibus, donec veniat hujus saeculi finis." (*Enarr*. LX, 6).

Se queremos ser de Christo, permaneçamos na sua Igreja; In Ecclesia manebo securus. "Amemos Deus, Senhor Nosso; amemos a sua Igreja, a Elle como Pae, a ella como Mãe" (*Ibid*. LXXXVIII). Mas não sejamos avaros da grande graça. Oremos para que tambem as ovelhas dispersas voltem ao redil de Pedro; venham tambem ellas, reconheçam e amem. "Orate et pro dispersis ovibus: veniant et ipsi, agnoscant et ipsi, ament et ipsi." *Sermo*. CXXXVIII, 6.

Assim falava o "grande Protestante do seculo V!"

LIVRO II

A Reforma Protestante

CAPITULO I

Origens da Reforma.

Corpus sumus de conscientia religionis et disciplinae unitate et spei foedere. Eis como, no segundo seculo, definia TERTULLIANO a Igreja catholica: uma sociedade visivel, *corpus,* cujos membros eram vinculados pela unidade da disciplina e da fé. Christo, que a fundara para a immortalidade das gerações, dera-lhe uma estructura solida e plastica, capaz de durar e de adaptar-se a todas as vicissitudes da historia. Uma autoridade suprema, pedra fundamental da Igreja, centro da unidade, com plenos poderes de ligar e desligar; um collegio episcopal, repartido pelo orbe e encarregado de assegurar em cada igreja a unidade da fé e da disciplina. Tal, nos seus elementos immutaveis, a estructura social da Igreja, como saiu das mãos do Salvador; tal a encontramos realizada pelos apostolos desde os primeiros tempos; tal subsistiu até ás origens da Reforma, numa existencia quinze vezes secular. O proprio Oriente, quando se separou de Roma, não tocou na sua organização fundamental. Se a evolução inevitavel de quantos se separam da Sé de Pedro mul-

tiplicou, com o tempo, as igrejas autocephalas, nos primordios do scisma, Phocio não negára o primado de jurisdicção; cedendo ás suas ambições politicas queria transferi-lo das margens do Tibre para o Bosphoro.

Foi a Reforma protestante que, levantando a mão sacrilega contra a estructura divina da Igreja, introduziu, nos paizes que a abraçaram, o agente interior mais corrosivo do christianismo. Antes de estudar-lhe os principios doutrinaes era justo que lhe examinassemos as origens historicas. Em algumas paginas, quase exclusivamente documentadas com citações contemporaneas da época estudada, esboçamos um perfil dos protagonistas do movimento religioso do seculo XVI. Sobre nenhuma daquellas frontes foi-nos possivel ver refulgir a aureola da santidade christã. Homens, naturalmente bem dotados, sim, mas escravizados ás mais violentas e ignobeis paixões, eis o que nos mostrou a historia fiel.

O Snr. Ernesto de Oliveira quiz rehabilitar a memoria dos seus heróes. Não podemos deixar de acompanhá-lo nesta empreza de Sisypho.

Lutero — O patriarcha da Reforma era um "grande servo de Deus". Se o accusamos de entregar-se á crapula e á embriaguez foi por *"odium theologicum* e de jesuita." (1) p. 316. O capitulo é até enci-

(1) "Mas nem todos os catholicos são jesuitas" accrescenta o Snr. **Ernesto**, e cita um trecho inoffensivo de **Lacordaire** em que o grande dominicano põe em relevo as qualidades naturaes de eloquencia e ardor de **Lutero**, o seu caracter de religioso e de sacerdote que o talhavam para grandes cousas... se não se houvera transviado deixando-se levar pelas paixões mal dominadas, de que precisamente o accusamos. O Snr. **Ernesto** parece não perceber o alcance das palavras que cita. Mas porque não continuou a ler o grande conferencista? "Deixemo-lo terminar a sua obra. Terminou... onde o encontro? não já no logar sagrado da tenda cenobitica, mas no atrio de uma casa vulgar, os pés estendidos sobre o fogo domestico, com uma mulher ao lado. Elle, duas vezes consagrado virgem pela uncção do sacerdocio e pelos juramentos do claustro... Sua palavra quebrou a porta dos velhos conventos da Allemanha; perturbou a castidade secular do ancião e a mais pura

mado com estas palavras evangelicas: "dirão contra vós toda a sorte de calumnias por minha causa." Depois de uma accusação desta gravidade toda a gente esperaria que o autor, consciente das responsabilidades que assumia, trouxesse provas esmagadoras destas calumnias forjadas pelo *odium theologicum*. Acreditaes? *nem uma só prova de uma só falsidade!*

Mas emfim o Snr. ERNESTO tenta justificar LUTERO, e para bem impressionar os leitores, reduz muito methodicamente, a tres os capitulos de accusação, seguidos das respectivas respostas.

Primeira accusação. E' o casamento de LUTERO: um sacrilegio em quem duas vezes, como sacerdote e como religioso, promettera a Deus o sacrificio de sua castidade.

O Snr. ERNESTO não vê a desordem moral deste acto, e para justificar o seu heroe cita alguns exemplos de padres infieis ao celibato. A serie abre-se com uma citação de LUTERO relativa á historieta de S. Ulrico bispo de Strasburgo, que narra haver-se encontrado, certa vez, num tanque situado nas proximidades de um convento de religiosas nada menos de 6.000 esqueletos de creancinhas. — Lemos uma e outra vez o trecho, porque não nos resignavamos á evidencia do que viam os olhos, mas é realidade. Toda a gente que lê, sabe, foi esta uma das muitas fabulas exploradas pelo protestantismo nos primeiros tempos de sua ignobil campanha de diffamação contra Roma. Ao lado da historia da papisa Joanna, da fabula de la Casa e ou-

---

ainda do joven; excitou do tumulo todas as concupiscencias da carne... Todo este coração, todo este genio, toda esta eloquencia, toda esta força d'alma, todos estes planos de reforma a terminarem não no diluvio, mas no casamento universal." **Conférences**, t. II. Paris, 1850, p. 64-65. Assim falam os catholicos que não são jesuitas, quando não deploravelmente mutilados por aquelles que não são nem catholicos nem jesuitas. — As deformações elevam-se a 9!

tras muitas, a inventada carta (1) de S. Ulrico deu materia para as mais inverosimeis declamações. "Estes peccados infames e vergonhosos, declamava FLACIUS, esta horrenda impudicicia, a morte barbara de tantas victimas innocentes são ainda hoje acoroçoadas e approvadas por Sua Santidade e pelos seus padres que continuam a diffundir o seu ensino diabolico sobre o casamento e persistem em persegui-lo e proscrevê-lo." (2). Quando algum predicante, principalmente se expadre, contraia casamento, a historieta então era thema obrigado no discurso de nupcias. Numa destas occasiões MATHIAS HOE já avaliava em 16.000 as cabecinhas de creanças encontradas no aquario. Irritado contra estas baixezas, escrevia em 1591 um polemista protestante: "Ouvi dizer a um honesto luterano, desgostado dessas narrações ignobeis e escandalosas que no espaço de um anno já ouvira a historia das 6.000 cabecinhas contada por 6 predicantes e de maneira tão indecente que moços e moças haviam rido e zombado alto na igreja." (3).

Mas emfim a onda lodosa passou. Com o romance da papiza Joanna, tambem a fabula de S. Ulrico desappareceu da circulação polemica e entrou definitivamente na historia, como mais um documento — ao lado das ignobeis caricaturas de LUTERO que a critica contemporanea acaba de desenterrar dos archivos de Wittemberga, — dos processos inqualificaveis de propaganda de que se serviu a *"Reforma"* nascente. Senão quando, no anno da graça de 1931, o Snr. ERNES-

---

(1) Sobre a origem e propaganda da fabula Cfr. **Pistorius, Epist. tres ad Pappum**, p. 116 sgs.; sobre a falsidade da carta **F. A. Veith, Bibliotheca Augustana, Augustae** Vindelicorum 1785 sgs., Alphabetum 4, pp. 225, 232.

(2) **Flacius, Etliche hochwichtige Ursachen** etc., 1570, A. 3 b. A. 4, a.

(3) **Von newen calvinischen Giftsepinnen und Unflattern**, t. II. **Wolfsbach uber die 6.000 Kindskoepfe**.

TO LUIZ DE OLIVEIRA, professor na Escola Polythechnica de Curityba, que tem horror á calumnia, galvaniza na sua obra o cadaver, secularmente sepultado, e o lança á edificação dos brasileiros!!!

E deste mesmo teor são ainda outras accusações indignas, formuladas pelo professor curitybano sem o minimo vislumbre de prova. (1). Passa em seguida a diluir alguns logares communs contra o celibato (2) e julga com isto absolver o seu cliente.

Que tenha havido ou possa haver sacerdotes indignos, infieis aos seus compromissos, é o que todos sabemos; não é necessario para este fim falsificar a historia e inventar contos da carochinha. A Igreja sempre os condemnou, porque ella tem a coragem de dizer que o mal é mal. Mas a que vem tudo isto para a defesa de LUTERO? Na Igreja catholica houve religiosos que prevaricaram... logo LUTERO... fez muito bem em prevaricar tambem elle. Outra, bem outra foi a impressão produzida pela resolução do Reformador entre os proprios correligionarios. A CAMERARIO escrevia MELANCHTON estas linhas tristes: "Será para ti uma surpreza saber que em tempos tão calamitosos e no infortunio de tanta gente de bem, LUTERO parece desisteressar-se das miserias publicas, mergulhar nos prazeres, rebaixar sua dignida-

---

(1) De uma vez para sempre avisamos ao Snr. Ernesto, ou a qualquer outro escritor protestante, que não levaremos em consideração alguma, qualquer referencia sem indicação exacta das fontes, palavras textuaes, livro, edição e pagina. Formular recriminações graves sem citações fieis é de polemista desqualificado que ou não conhece os autores que cita, ou os altera voluntariamente, omittindo as referencias para despistar a policia fiscalizadora da critica.

(2) O celibato, diz elle candidamente, concorre para o "decrescimo da força viva da nação." p. 318. Ignora por ventura, o professor curitybano que o indice de natalidade é muito mais elevado nos paizes catholicos que nos protestantes; e, nos paizes de população mixta é a fracção catholica, que contribue com uma percentagem muito mais alta para o augmento das forças vivas da nação? As estatisticas já foram citadas. Como as esqueceu?

de, justamente no momento em que a Allemanha mais precisa de sua sciencia e autoridade. Eis como, a meu ver a cousa se passou: LUTERO era um homem extremamente leviano e as freiras [por elle soltadas dos conventos] que lhe armavam laços com grande astucia acabaram por envisgá-lo... Espero que a nova existencia o tornará mais sério e o fará renunciar *ás chocarrices que tantas vezes nelle censuramos.*" (1). Como vê o Snr. ERNESTO, não se tratava só de um simples matrimonio; era uma vida inteira de desregramentos profundos que certamente não haviam disposto o frade de Eisleben para uma missão divina de reformador da christandade. Onde estavam os olhos distrahidos do professor paranaense que não cairam nestas terriveis confidencias que haviamos salientado com typos italicos: "*famosus sum amator... toties... misceor feminis... tres simul uxores habui... carnis meae indomitae uror magnis ignibus... ferveo carne, libidine, pigritia, otio, somnolentia... peccatis immergor in hac solitudine... otiosus hic et crapulosus sedeo tota die.* (2). Leu tudo isto o Snr. ERNESTO? E como não lhe doeu a consciencia ao escrever, que, ao dizermos: "em LUTERO a concupiscencia carnal era estimulada pela embriaguez e pela crapula" nos deixamos arrastar pelo "odium theologicum... e de jesuita?"

Segunda accusação. Transcreve o Snr. ERNESTO a phrase acima acerca da embriaguês e da crapula; accrescenta duas — apenas duas!! — das 6 citações com que comprovaramos a affirmação, e passa a defender assim o seu cliente: "achava-se LUTERO fazendo uma estação de repouso no castello de um ami-

(1) **Melanchton, Brief an Camerarius uber Luthers Heirat** vom 16 Junii 1525. Deste importantissimo documento já demos noticia em IRC, p. 197, nota 3.

(2) Estas e outras muitas citações em IRC. p. 196-198; 199.

go (Em 1522? em 1531? em 1534? em 1540? em 1541? — tudo isto estava lá citado, esquecido professor!) e, nessas condições que outra coisa lhe cabia fazer senão comer, beber e gozar da ociosidade? Precisamente é isto o que ele escreve á sua esposa e o faz por expressões em que ha evidentes hiperboles... Naturalmente sua esposa, conhecedora, em toda a sua extensão, do caracter de seu marido, saberia ler na carta, não o que tresleu o seu adversario, mas simplesmente que ele gozava alegremente de merecido descanso." p. 319.

Não queremos vexar o Snr. ERNESTO commentando as indulgencias desta moral puritana que não vê, para os "grandes servos de Deus" outra forma de repouso senão "comer, beber e gozar da ociosidade." A ascetica christã em que se formaram os santos era um pouco mais severa.

Consideremos em si mesma a attenuante allegada. Tambem esta lhe perdoamos ao preclaro professor, porque por ella se vê que nunca folheou uma obra de LUTERO nem manuseou nenhuma outra fonte contemporanea dos inicios da Reforma. Foi uma affirmação innocente que lhe caiu da penna pela urgencia de exculpar o seu heroe. A verdade historica é outra. LUTERO bebeu, não só uma vez quando se achava numa estação de repouso no castello de um amigo, mas muitas e muitas, bebeu sempre, bebeu muito, ultrapassando frequentemente os limites da temperança mais tolerante e chegando aos excessos da mais completa embriaguez. Não ha facto mais certo, mais comprovado, por amigos e inimigos, e pelas proprias confissões do reformador. O conde HAYER de Mansfeld escrevia em 1522: "LUTERO não passa de *um libertino que se embriaga á moda de Mansfeld* e gosta de se cercar de mulheres bonitas." ALEANDRO, legado pontificio em Worms: "Lasso a parte la *ebrietá,* alla quale detto

Luther é *deditissimo*" (1). Eram adversarios? Falem os amigos. A 19 de Outubro de 1522 chegara a Erfurt LUTERO em companhia de varios amigos. MELANCHTON, presente á scena: não se fez, diz, senão "*beber* e gritar, *como de costume.*" (2). Mas é sobretudo nas proprias obras de LUTERO que se podem colher a mãos cheias as confidencias compromettedoras.

Em 1519, carta de 20 de Fevereiro a STAUPITZ: "Sou um homem que me deixo levar pela sociedade, pela *embriaguez* (crapula) pelos movimentos da carne" etc. (3).

Em 1521, de Wartburgo: "Aqui estou *de manhã á noite ocioso* e *embriagado.*" (4). No anno seguinte 19 de Março (1522) elle nota que no momento em que escrevia estava em jejum, ainda não embriagado. (5). Mais tarde dirá: "Não estou bebado neste momento, estou de posse de meus pensamentos." (6). Por vezes o reformador procura attenuar as suas responsabilidades pessoaes invocando os costumes do seu povo: "Deus Nosso Senhor devera contar os nossos excessos no beber, entre os pequeninos peccados quotidianos; porque a elles não podemos renunciar... beber uns bons copos até á alegria é toleravel comtanto que não se chegue á embriaguez." (7).

Em 1531, carta de 15 de Janeiro, a LINK: "a dor de cabeça contraida em Coburgo por *causa do vinho*

---

(1) **Brieger, Aleander und Luther**, p. 170.
(2) C. R. I., 579.
(3) "Homo sum expositus et involutus societati, crapuiae, titillationi, negligentiae, aliisque molestiis praeter ea quae ex officio me premunt." **De Wette**, I, 232.
(4) "Ego otiosus et crapulosus sedeo tota die." **De Wette**, II, 6.
(5) "Sobrius haec scribo et mane" **Enders**, III, 317.
(6) Erl. XXX, 363.
(7) "Ebrietudo est ferenda non ebriositas" **Mathesius** em **G. Loeschè, Analecta lutherana et melanchtoniana**, Gotha, 1892, p. 100, n. 100. — Distincção subtil e interessante, não acha prof. **Ernesto?** Ebrietudo, sim; ebrositas não.

velho, ainda não foi debellada pela cerveja de Wittenberga." (1).

Em 1536, quando os protestantes se reuniram em Wittemberga para lançar as bases de um accordo, LUTERO estava de ordinario muito "alegre". No dia 29 de Maio jantou na casa de MUSKULUS, que assim nos conta o incidente: "Terminada a refeição fomos juntos á casa de CRANACH e ahi *bebemos de novo*. Ao sair, *conduzimos* LUTERO á casa delle, onde, ainda uma vez, á boa moda saxonia, *bebemos a valer*. LUTERO estava maravilhoso de "alegria." (2). Em 1540, á sua Catharina: "Vou comendo como tcheco e bebendo como allemão." (3).

Finalmente na manhã seguinte á morte repentina do reformador, o pharmaceutico de Eisleben, administrou-lhe ainda uns remedios por ordem dos medicos e verificou que... "pelo *excesso do comer e beber* o seu corpo estava cheio de succos corrompidos. LUTERO tivera uma mesa ricamente preparada e *abundancia de vinhos dôces e extrangeiros*. Conta-se que bebia cada dia no almoço e no jantar um sestario de vinho doce e extrangeiro." (4).

Quão longe estamos das explicaçõesinhas de um excesso excepcional, "numa estação de repouso na casa de um amigo"!

Lá ia LUTERO beber "como merecido descanso após os ingentes trabalhos que caracterizaram a sua afanosa vida" p. 319. — Ainda aqui a piedosa interpretação do Snr. ERNESTO está em aberto contraste com os documentos da historia. Outros eram os motivos que levavam "o grande servo de Deus" á inconscien-

(1) **De Wette**, IV, 213.
(2) **Th. Kolde, Analecta Lutherana**, Gotha, 1883, p. 229.
(3) **Burkardt Dr. M.. Luthers Briefwechsel**, Leipzig, 1866, p. 357.
(4) O documento todo em **Paulus, Luthers Lebensende und der Eislebener Apotheker Johann Landau**, Mainz, 1896, p. 5.

cia das alegrias de Baccho. "Porque pensas, escrevia elle a WELLER (6 de Nov. 1530) que eu bebo assim com mais largueza, cavaqueio com mais liberdade e banqueteo-me com mais frequencia, senão para vexar e ridicularizar o demonio que me quer vexar e ridicularizar a mim?" (1). LUTERO era com effeito assaltado por frequentes crises interiores de remorso, de inquietude, de angustias indiziveis. Da sua alma attribulada partem então gritos lancinantes que commovem e excitam a piedade. Ouçamo-lo: "Ninguem é capaz de imaginar quanto custa e que supplicio é para um homem ensinar e crer uma doutrina que não admittem os Padres da Igreja. Que agitações no seu coração pensar que tantos homens excellentes, esclarecidos, doutos e por assim dizer a maior e melhor parte do mundo christão acreditaram e ensinaram tal e tal artigo e, com elles, tantas almas santas, os Ambrosios, os Jeronymos, os Agostinhos! Parece-nos ouvi-los, em gritos de angustia, repetir em côro: A Igreja! A Igrejá! E a alma se confrange de dôr suprema! Oh! é na verdade uma prova rude... separar-se de tantos personagens santos... romper com a propria Igreja e *não ter nem fé nem confiança nos proprios ensinamentos*... Não posso negar a angustia e a perturbação que me causam muitas vezes estes pensamentos." (2). "O que me enche de espanto é *não ter eu mesmo plena confiança na minha doutrina!* Por ella tornei-me o *inimigo de mim mesmo,* emquanto os meus discipulos pensam sabê-la na ponta dos dedos" (3). Por vezes estes combates interiores, estas depressões profundas suggeriam-lhe o pensamento do suicidio. Uma vez contava-lhe um predicante que o maligno lhe havia insinuado a tentação de pôr termo á vida com uma faca-

(1) **De Wette**, IV, 188.
(2) **Erl**. XLVI, 226-229; LX, 82.
(3) **Erl**. LXII, 122.

da. LUTERO exclama: "E' o que me aconteceu muitas vezes. Quando tenho uma faca entre as mãos, salteame este mau pensamento que muitas vezes me impediu completamente de orar." (1). "Conheço alguem que quase se poderia lamentar tanto quanto Job e Jeremias e repetir como elles: "desejaria nunca ter nascido" (2). "Eu tambem sou tentado algumas vezes de bradar: porque vim a este mundo? porque publiquei meus livros? Não pedi a vida! sem pezar veria os meus livros anniquilados." (3). E as citações deste genero poderiam multiplicar-se sem difficuldade .Ellas nos revelam um estado d'alma um pouquinho diverso de quem "gozava alegremente de bem merecido descanço" na candida frase do ingenuo professor curitybano.

Terceira accusação. Chamaramos a attenção do leitor sobre o papel importante que desempenhou o diabo na vida intima do heresiarca que mais de uma vez declarou que a sua vida fôra uma *"serie de duellos"* com Satan. — O Snr. ERNESTO cortou por aqui a citação e retrucou triumfante: "O Rev. Franca acusa pelo prazer da acusação!! Este sentimento das tentações do Diabo todos os santos o tem tido." p. 320. — Evidenemente a analyse psychologica não é o forte do nosso engenheiro. Uma cousa é sentir a tentação do demonio, estar sobre si e apparelhar-se para vencê-la: o que fizeram os santos; — outra, o estar continuamente preoccupado com uma verdadeira obsessão do diabo; o dormir com elle mais vezes do que com a sua Catharina; o vê-lo por toda a parte, nas folhas do livro, nas moscas, nas nozes; o encher as paginas de seus escritos com o nome do maligno (15 vezes em 4 linhas; 146 no Opusculo contra Henrique de Brun-

(1) Erl. LX, 61.
(2) De Wette, V, 153.
(3) De Wette, III, 189.

swick); o dizer que os seus adversarios tinham o "coração satanizado, persatanizado e supersatanizado." Eis o que precisamente não fizeram os santos. Mas o Snr. ERNESTO defende pelo prazer de defender! Parece até ignorar que se trata de um facto tão singular e tão extranho que sobre a demoniomania de LUTERO existe já uma verdadeira literatura.

E aqui fez ponto final o illustre advogado de fr. Martinho. Seus olhos cançados não viram as paginas em que se falava do seu orgulho immenso, da instabilidade de sua theologia, das contradicções continuas de suas doutrinas, das suas attitudes de propheta, de sua linguagem grosseira, vulgar, cynica, descabellada, (1) dos seus appellos para a intolerancia e a violencia, das suas mudanças de opinião decididas por uma questão de despeito, do seu odio implacavel. (2). — Sobre todos estes pontos elle deslisou serenamente sem dizer palavra. Estas bagatelas não impressionaram a austeridade de sua moral puritana nem lhe pareceram destoar no perfil moral de um reformador evangelico.

Acerca de CALVINO não ha porque nos determos. O Snr. ERNESTO concede a procedencia das nossas accusações.

(1) "Pasmosa grosseria, ungeheure Grobheit, "escreve um dos seus modernos biographos, **Hausrath, Luthers Leben**, Berlim, 1905, II, 424.

(2) "Até o sepulcro quero afincar-me em injuriar e ultrajar estes miseraveis [os papistas]! Nunca ouvirão de meus labios uma bôa palavra! Meu trovão reboará aos seus ouvidos, seus olhos serão offuscados pelos meu relampagos, até que succumbam. Uma vez que não posso orar, posso ao menos maldizer! Em logar de dizer: santificado seja o vosso nome, direi: maldito, condemnado e odiado seja o nome dos papistas. Em vez de repetir: venha a nós o vosso reino, direi: maldito, condemnado e exterminado seja o papado. **E' assim que na realidade eu rezo todos os dias sem descanço, com os labios e de coração!**" **Erl.** XXV, 108. Ao nosso "odium theologicum," o Snr. **Ernesto** opporia esta caridade evangelica do "grande servo de Deus." Que oração piedosa!

Calvino foi dos mais intolerantes theocratas que regista a historia. Quem quer que ousasse divergir num apice das suas doutrinas: multa, cadeia, fogueira. — "Não ha a menor duvida sobre esse erro de Calvino," concorda o professor.

Mais. Ao governo temporal, o chefe reformador transportou toda a violencia dos seus processos e instituiu em Genebra um codigo penal digno dos tyrannos mais crueis. — "Calvino instituiu leis de uma extrema severidade! E' um facto!" p. 321. Consente tambem aqui o advogado, sem defesa possivel (1).

A estas duas accusações reduziu o Snr. Ernesto todos os capitulos do nosso requisitorio; havia ainda outros. Mas não insistamos. Uma vez, porém, que entrára, com tanta generosidade, pela via das concessões, porque não ir lealmente até ao fim e concluir que um homem deste porte não poderia ser providencialmente escolhido por Deus para reconduzir a Igreja á integridade primitiva do "puro Evangelho"?

Ao terminar, porém, o seu capitulo sobre Calvino, o Snr. Ernesto, põe-lhe um pequenino fecho de 5 linhas que não podemos deixar de submetter á analyse. E' mais uma prova da sua maneira de argumentar, feita da ignorancia dos factos historicos mais elementares e das regras de logica mais comezinhas.

---

(1) Para distrair, porém, o leitor, accrescenta logo a seguir: "Depois de Roma era Genebra a cidade mais corrupta do mundo... Isso justifica o rigorismo transitorio das leis de Calvino. Mas tambem nos dias de Calvino, ser cidadão de Genebra, valia por attestado de bôa conducta e por carta de credito illimitado em Paris!" — Isto desejara que fosse o Snr. Ernesto; a realidade porém foi outra. Já a deixaramos insinuada por um autor protestante que se especializou no estudo dos documentos da epoca. "No fim da carreira do reformador... a immoralidade... attingiu de um salto o seu apogeu. O systema de repressão mallográra." J. B. Galiffe, Quelques pages d'Histoire exacte, p. 95. E na pag., seguinte: "Nunca a immoralidade secreta foi maior em Genebra do que precisamente na epoca que deveria, mais que qualquer outra, servir de pedra de toque deste systema." p. 96. Tudo isto já haviamos dito. Cfr. IRC. p. 204-205. Sempre em vão!

"Graças a CALVINO, a Suissa tornou-se esse paiz admiravel, cujas instituições politicas e sociaes vão os outros povos copiar para a sua felicidade. Donde veiu para a America do Norte e de lá para o Brasil a idéa do systema republicano federativo? Bau! Bau! Não me venha alguem dizer que do Syllabus de Pio IX." p. 322 (1).

Aos factos. *Dois seculos antes que nascesse Calvino,* a Suissa, a Suissa catholica, a Suissa integral e profundamente catholica, organizava-se em republica federativa e assentava em 1315 a sua primeira constituição que contem em germe toda a vida politica e toda a historia das liberdades helveticas. (2). — Surge CALVINO, sobre um paiz secularmente *livre e republicano,* estabelece a mais odienta das theocracias, reduz Genebra "á la plus infame servitude;" (3). os cidadãos livres, os descendentes de Guilherme Tell são ás dezenas e ás centenas, decapitados, esquartejados, queimados vivos, dilacerados com tenazes aquecidas ao rubro. O Snr. ERNESTO conclue triumfante: "Graças a CALVINO a Suissa tornou-se esse paiz cujas instituições politicas e sociaes vão os outros povos copiar para

---

(1) Posso assegurar ao professor que ninguem lh'o dirá, pela razão muito simples que toda a gente sabe que a Constituição norte americana é de quase um seculo anterior ao Syllabus de Pio IX.

(2) Interessante ainda notar que o movimento partiu, nos fins do seculo XIII, dos tres cantões de Unterwald, Uri, Schwytz, precisamente os que ainda hoje se conservam fielmente catholicos e nos quaes o calvinismo não conseguiu nunca triumphar. Mais tarde em meio do seculo XIV, se lhe accrescentaram outros 5 cantões, Lucerna, Zurich, Glaris, Zug e Berna. Quando por um momento a guerra civil ameaçou perturbar a paz interna dos confederados foi um grande e santo eremita Nicolau Flue quem restabeleceu a harmonia periclitante. **O convenio de Stanz** é outro pacto celebre na historia suissa, o complemento aperfeiçoado da constituição de 1315. Stanffacher, Furst, Melchtal e sobretudo Guilherme Tell, os grandes heróes da independencia helvetica, como Nicolau Flue que a consolidou, foram, porventura, calvinistas, Snr. Ernesto?

(3) **Galiffe, Notices généalogiques,** III, 538.

a sua felicidade." Não é assim que se trata a historia, illustre professor. Bau! Bau!

— Mas em nenhuma outra defesa foi talvez o nosso advogado mais desastroso do que na de ZWINGLIO. "De ZWINGLIO disse o Rev. Franca, não sei que; parece-me que tentou demonstrar ter sido este reformador peior que o papa Borgia ou que João XXIII!... Valerá a pena acompanhá-lo? Se houver insistencia, fa-lo-emos. Que remedio?" p. 322. E ponto final. Como! Não sabe o Snr. ERNESTO o que dissemos de ZWINGLIO? Mas o livro estava debaixo dos seus olhos! Dissemos que ZWINGLIO fôra um parocho escandaloso, que apenas se fez reformador casou logo, mas a sua casa era frequentada por quem não era sua esposa; que, aos seus irmãos, sollicitos pelo bom nome da familia, respondia o pregador do "puro evangelho" que não havia calumnia no que corria a seu respeito, que era de facto sujeito á intemperança e á libidinagem e a outros vicios. Dissemos em summa que ZWINGLIO *como todos os outros reformadores, sem excepção de um só,* antes de demolir o dogma havia feito taboa raza do Decalogo e nenhum legou á posteridade o exemplo da dignidade de uma vida christã irreprehensivel. Mas ao Snr. ERNESTO interessa não saber o que dissemos!!

Por fim, parece que percebeu o advogado a inutilidade dos seus esforços na defesa de uma causa perdida e mudou de bordo. "Ainda que se demonstrasse que todos os reformadores foram grandes pecadores, que foram os maiores pecadores do mundo, não

ficaria resolvida a tese que nos propusemos a discutir neste volume" p. 322. Uma questão de doutrinas não é uma questão de homens.

— Na sua generalidade não ha observação mais exacta, e só deploramos que della tantas vezes se houvesse esquecido o illustre engenheiro que parece não perder ensejo de lembrar os desmandos de 2 ou 3 papas escandalosos. No nosso caso, porém, a questão da moral dos homens implica uma questão de doutrina. Não citamos exemplos pouco edificantes de pastores ou crentes evangelicos; não seria difficil colhê-los a mãos cheias na historia antiga e contemporanea, como é facil a um predicante ou escriptor "evangelico" explorar o escandalo de qualquer catholico, leigo ou sacerdote. (1). Sempre, na Igreja de Deus o joio ha de nascer ao lado do trigo.

Outro é o estado da nossa questão. LUTERO, CALVINO, ZWINGLIO e seus primeiros companheiros apparecem na historia como investidos de uma missão divina: a de reformar a igreja e reconduzi-la á sua pureza primitiva, pureza de doutrina e pureza de costumse. Ora, todos os grandes reformadores enviados pela Providencia, desde os antigos prophetas até aos grandes santos que levaram a effeito a contra-reforma catholica, comprovaram a authenticidade de sua missão com a austeridade de uma vida modelar. Leiamse as vidas de S. VICENTE DE PAULO, de SANTA THERESA, de S. CARLOS BORROMEU, S. FRANCISCO XA-

(1) Desta miseravel apologetica estão cheias as folhas protestantes que circulam na grei dos crentes. Já **Theodoro de la Rive,** um dos grandes protestantes suissos convertidos no seculo passado, nos falava desta "tendence protestante qui consiste à s'echapper aux imperfections humaines et à ne vouloir voir l'Eglise qu'au travers des infirmités inévitables de ceux qui la répresentent sur la terre". De **Genève à Rome,** p. 212. E cita logo a seguir a sentença de **Lamennais:** "C'est le propre des têtes étroites d'être extrêmement frappées des faiblesses des individus et fort peu de l'esprit général des institutions." **Essai sur l'indifference.**

vier, S. Pedro de Alcantara, S. João da Cruz e ter-se-á idéa da grandeza moral a que póde o christianismo elevar uma alma humana.

Ao invês, que vemos nos inicios da Reforma protestante? Todos os seus protagonistas — sem exceptuar um, — offerecem-nos, no ponto de vista moral, o mais triste e degradante dos espectaculos. Não se trata destas inevitaveis fragilidades humanas de que nem os santos são livres, trata-se das paixões mais grosseiras e mais violentas a dominarem, desenfreadas, todos os heroes reformadores e a desencadearem, nos seus primeiros adeptos, uma das maiores crises moraes da historia. (1). Eis o ponto nevralgico da questão, indicado na frase com que terminamos este estudo doloroso: "Se ainda se lhes (aos protestantes) não embotou de todo na consciencia o senso christão respondam lealmente: é possivel que Deus para reformar o christianismo e reconduzi-lo á sua pureza primitiva, tenha escolhido por instrumentos estes abortos de teratologia moral?" IRC. 209.

(1) A' demonstração desta these historica consagramos cerca de 20 paginas do nosos livro anterior (439-458). São documentos contemporaneos do periodo estudado, quase todos dos proprios protagonistas da reforma, em que se affirma, não só de um modo geral a dissolução dos costumes, mas se accentua muito em particular a immensa differença para peior entre a moralidade dos povos reformados, antes e depois da crise protestante. Pedimos ao leitor a paciencia de reler estas paginas — (185-209; 419-439; 439-458) para sentir, em toda a sua efficacia, a força do nosso argumento. — Inutil dizer que sobre toda esta documentação historica o Snr. **Ernesto** passou com o devoto recolhimento de um silencio inviolavel.

CAPITULO II

Principio fundamental da Reforma.

Depois da historia edificante dos reformadores, a coherencia doutrinal dos principios da Reforma. Christo, para perpetuar os seus ensinamentos na terra, fundara um organismo vivo e indefectivel ao qual promettera a sua divina assistencia. "Ide ensinae a todos os povos, disse elle aos seus apostolos, eu estarei comvosco todos os dias até a consummação dos seculos "*Math.* XXVIII, 20. Não obstante todas as fraquezas individuaes dos seus representantes, a Igreja, assistida sempre pela Providencia infrustravel de Deus, será a guarda fiel e incorruptivel do deposito das divinas revelações; será sempre, no dizer de S. Paulo. "columna et firmamentum veritatis". I *Tim.* III, 15.

Lutéro rompeu com esta Igreja de Christo; no ardor violento de paixões irritadas não distinguiu a instituição divina dos abusos humanos; sob o pretexto de reformar, destruiu a estructura intangivel da organização a que o Redemptor confiara a missão de perpetuar a sua obra illuminadora e purificadora das consciencias. Para legitimar esta revolta abroquelou-se com a Escritura. A regra de fé já não era o magisterio vivo e authentico instituido por Christo, mas o simples livro sagrado que os fieis deviam interpretar, cada qual, com o seu juizo privado. O que a um crente lhe parecia não encontrar na Biblia, assistia-lhe o direito de rejeitar como "corrupção papista;" o que

julgava ler no livro divino, só isto se lhe impunha á sua fé. Por nenhuma outra via lhe podia chegar a certeza de uma revelação sobrenatural. A palavra de Deus, se não a fixára a tinta e o pergaminho, cessava de ser palavra de Deus.

A Biblia e só a Biblia, individualmente interpretada — eis a nova regra de fé que o ex-frade substituia á concepção evangelica e tradicional da Igreja. Mas não se levanta impunemente a mão contra a sabedoria das instituições divinas. Falseando um dos pontos fundamentaes do christianismo, o livre exame individual iria, de consequencia em consequencia, devorar-lhe todo o conteudo sobrenatural. Ahi está a historia de quatro seculos: o protestantismo não tem sido outra cousa senão o deslise, mais ou menos rapido, para o racionalismo integral. Antes de, evidenciarmos, mais uma vez, esta verdade, examinemos em si mesmo o principio fundamental da nova fé.

A primeira critica que lhe fizemos foi a sua insanavel contradicção interna. Este principio, base de toda a vida christã *não se acha na Biblia,* "Verdade capital, escrevemos anteriormente, fundamento de todo o christianismo e que, por isso mesmo, se devera *encontrar expresso com clareza insophismavel* na *propria Escritura* No emtanto abro a Biblia, percorro-a de cabo a cabo e não a encontro *uma* só vez nem sequer acenada." IRC., p. 230. Levanta a luva o Snr. Ernesto e começa, promissor: "Bem podemos duvidar de que alguma vez haja feito S. Revma. o que consta de sua affirmação. Por essa causa vamos indicar-lhe alguns desses logares." p. 24. Depois daquella affirmação categorica e desta promessa, quem não esperaria por uma demonstração exegetica em regra, que, de uma vez para sempre, decidisse uma *questão primordial.* Pois acreditam os leitores? O professor curitybano que

achou 50 paginas disponiveis para provar como a + b que o Papa é o Antichristo do Apocalypse ou de Daniel, não encontrou mais que meia pagina — literalmente meia pagina — para assentar, na Escritura, os fundamentos doutrinaes de que depende a propria existencia do protestantismo. E que textos decisivos nos allega?

1.º — *Luc.* XVI. E' a parabola de Lazaro e do mau rico. Condemnado ao inferno o que tão mal usara na terra do dom da fortuna pede ao pae Abrahão, que, não sendo possivel alliviar-lhe os tormentos proprios, ao menos mande quem avise aos seus para que não venham acabar na mesma desgraça. Não, retorquiu o santo patriacha, lá têm Moysés e os Prophetas; que lhes prestem ouvidos. — Qualquer leitor desprevenido veria nestas palavras apenas o que ellas na realidade contêm: Deus não salva, de regra, os homens, por vias extraordinarias, enviando-lhes almas de outro mundo; bastam os meios normaes estabelecidos pela Divina Providencia. O Snr. Ernesto vê "na bocca deste reprobo a doutrina dos catholicos romanos... e na resposta do Patriarcha... a doutrina protestante." p. 24. — E' ver muito. Numa parabola vasada toda nos moldes da antiga lei, o exegeta curitybano vê toda *a regra de fé da futura Igreja de Christo,* de que nem de longe se trata: esta regra é a Biblia, só a Biblia e esta interpretada individualmente pelos fieis, sem nenhuma autoridade doutrinal. Nunca vimos, em materia de demonstração exegetica, tanta moderação de exigencias.

O segundo texto de Isaias, VIII, 19-20, no entretanto, ainda com menos despeza de provas, satisfaz o contentadiço professor. "Ou ha de consultar os mortos acerca dos vivos? A' Lei e ao Testemunho é que se deve recorrer, porque se elles não falarem de conformidade com esta Palavra, não raiará para elles

a luz da alma." — Neste trecho do Antigo Testamento, encontrou o Snr. ERNESTO toda a sua doutrina protestante. Basta, no entretanto, abrir o propheta e ler o versiculo anterior: "E quando vos disserem: interrogae os advinhos e encantadores que nos seus encantamentos sibilam: não perguntará o povo a seu Deus, interrogando aos mortos pelos vivos? A' lei e ao Testemunho" etc.? O sentido é de uma evidencia meridiana. Prenunciando os castigos divinos contra o povo infiel, lembra o Propheta que não é nas superstições do paganismo, mas nos livros sagrados que se encontra a expressão da verdade e da vontade de Deus. Trata-se de regra de fé? Trata-se do magisterio doutrinal da futura igreja de Christo? Trata-se da interpretação da Escritura, individual ou authenticada por uma autoridade estabelecida por Christo? Nem por sombra. O Snr. ERNESTO que se deslocou em esforços contra a evidencia dos textos de S. Matheus, S. Lucas e S. João em que se affirma tão explicitamente o primado de S. Pedro, contentou-se aqui com as illusões de uma miragem. A doutrina protestante está-lhe no coração e no desejo; elle a projectou ingenuamente em trechos da Escriptura onde olhos desapaixonados nada enxergam do que só elle vê.

E conclue satisfeito: "Destes logares e de muitos outros (porque não os citar?) se infere recta e necessariamente que ás sagradas letras é que devemos recorrer etc." p. 25. E' a segunda edição quase textual do que já dissera o seu cliente: "estes passos e muitos outros (!!) da Sagrada Escritura importam um reconhecimento formal do direito e ainda do dever do livre exame e juizo privado." Cá e lá, as conclusões vão infinitamente além das premissas; e os "muitos outros" ficam sempre no tinteiro.

E ahi fica tudo quanto o Snr. ERNESTO poude allegar em favor de sua these protestante. E' muito

pouco; melhor, é nada. São argumentos que nem se discutem, porque nem chegam a ser argumentos. Passando, porém, á offensiva — é o expediente mais obvio para furtar o corpo ás necessidades de uma defesa impossivel — consagrou um capitulo á "doutrina biblica sobre as tradições." Vejamo-lo.

— Em S. Marcos, VII, 13, diz Nosso Senhor: "invalidaes a Palavra de Deus por uma tradição de que vós mesmos sois os autores." S. Paulo aos Colossenses II. 8. "Não vos engane alguem... com falazes sofismas, *segundo a tradição dos homens,* e não, segundo Christo." — Os dois textos estão fóra do assumpto. Em ambos elles o que se condemna é a *tradição dos homens* em opposição á palavra de Deus. Ora, o de que se trata é precisamente de uma tradição *divina,* palavra de Deus tão authentica como a que se fixou com o estilo no pergaminho. Quiseramos um texto em que se dissesse que Deus não pode ensinar uma verdade aos homens ou impôr-lhes um preceito, sem papel e tinta ao lado.

— A seguir, lembra a attitude dos judeus de Beréa deante da pregação de Paulo (*Act.* XVII). Ao annunciar-lhes o Apostolo a bôa Nova, os judeus ouviram-no com attenção e prescrutaram as Escrituras a verificar se as coisas eram realmente assim. — Outro facto allegado fóra de proposito. Os judeus de Beréa não pertenciam ainda á Igreja; a pregação de Paulo devia ser naturalmente uma *demonstração exegetica do caracter messianico de Christo.* Investigar e inquirir da verdade das affirmações dos mensageiros de uma nova fé era para elles um direito e um dever. Se o Snr. Ernesto, antes de escrever sobre a doutrina catholica, se tivesse dado ao trabalho de consultar os

nossos tratados, veria em qualquer manual de apologetica que é este o processo invariavelmente seguido: demonstrar, mediante a Escritura examinada só á luz da razão, o caracter messianico de Christo, pela verificação na sua divina Pessôa, das antigas prophecias. A esta primeira prova segue-se a da instituição da Igreja e da infallibilidade do seu magisterio, tambem *ella feita com a exegese dos textos evangelicos,* considerados exclusivamente com a sua autoridade historica. (1). *Só depois* destes preambulos logicos, é que a intelligencia acceita racionalmente a autoridade do magisterio ecclesiastico, já demonstrado, como divinamente infallivel. Quando, portanto, a proposito dos judeus de Beréa, pergunta o Snr. ERNESTO: "Que fizeram aquelles homens? Recorrer ao magisterio infallivel da Igreja?" p. 33. — Respondemos simplesmente: Não, preclaro professor; a sua interrogação não tem sentido. Para aquelles ouvintes de Paulo ainda não havia Igreja, nem, muito menos, sabiam elles

---

(1) E ahi tem o Snr. **Ernesto** a resposta ao pretendido circulo vicioso a que allude na sua carta-prefacio: "Por onde vemos que o illustrado jesuita, com toda a sua sagacidade, deixou-se prender nas malhas de um perfeito circulo vicioso, demonstrando a autoridade, verdade e divindade da Igreja, pela autoridade, verdade e divindade da Biblia; e a autoridade, verdade e divindade da Biblia, pela autoridade, verdade e divindade da Igreja. Temo-lo então de saida, prisioneiro. Para a nossa completa victoria, bastaria, se quisessemos, lança-lo da Igreja para a Biblia e da Biblia para a Igreja; e ei-lo na impossibilidade de estabelecer um argumento sequer." p. 13-14. — Apenas um equivoco, que o professor teria facilmente dissipado se lhe occorresse a lembrança feliz de abrir um compendio elementar de apologetica, onde, logo nas primeiras paginas, veria o seu argumento, enunciado aqui com o alvoroço de um eureka, classificado e resolvido lá como velho sofismazinho insignificante. A autoridade **historica** do Novo Testamento prova-se com os argumentos racionaes da **critica historica**; a instituição da Igreja por Christo prova-se com a **autoridade historica** do Novo Testamento; só então, da Igreja cuja instituição por Christo já foi **historicamente demonstrada**, é que recebemos os Evangelhos, não como documentos historicos, mas como **livros inspirados**. Nenhum vicio de argumentação circular, mas toda a virtude de uma demonstração plenamente efficaz. Snr. **Ernesto**, é preciso ir devagar!

que era infallivel. A pergunta suppõe uma *ignoratio elenchi*, e o facto allegado tambem elle está fóra do debate. O que nós quiseramos era ver christãos já baptizados e admittidos na Igreja, a examinar individualmente as Escrituras, interpretando-as cada qual segundo o seu juizo privado contra o magisterio dos apostolos e, em consequencia desta interpretação, formulando a sua confissão de fé, fundando a sua capellasinha de adeptos e tudo isto com a sancção de Christo ou dos seus primeiros embaixadores.

E aqui parou o diligente professor. Acerca da doutrina *biblica* das tradições não encontrou mais uma palavra que dizer. Notavel! E, no emtanto, é de presumir que o Snr. ERNESTO tenha lido o nosso modesto trabalhinho. E lá se achavam outros textos, que, por um interessante lapso de memoria, escaparam á critica alerta do professor. E' bom relembrar esquecidas coisas. *Haec olim meminisse juvabit.*

S. João "termina as suas duas ultimas epistolas dizendo expressamente que não quiz confiar tudo á tinta e ao pergaminho, reservando-se para o communicar *de viva voz, os ad os loquemur* (2. *Joan.* 12; 3 *Jo.* 14).

S. Paulo não se cansa de inculcar a necessidade da tradição oral. Aos *Thessalonicenses*: "Estae firmes, irmãos e conservae as *tradições* que aprendestes ou *de viva voz* ou por epistola nossa." (2 *Thess.* II. 15). (Ahi estão nitidamente discriminadas as duas fontes de transmissão do ensino apostolico: a escritura e a tradição). Na mesma carta: "Nós vos prescrevemos... que vos aparteis de todos os irmãos que andem desordenadamente e não segundo a *tradição que receberam de nós*" (III. 6). A Timotheo: "O que de mim *ouviste por muitos testemunhos, ensina-o* a homens fieis que se tornem idoneos para ensinar aos outros" 2 Tim. II. 2. Ahi está, claro, o ensino vivo,

transmittido por tradição de uns a outros. O apostolo já velho, nas vesperas do martyrio, adverte a Timotheo a necessidade de prover quem continue o seu magisterio. Nada de livre exame das Escrituras; sempre o ensino oral feito por mestres autorizados. Nas suas duas epistolas ao mesmo discipulo insiste ainda S. Paulo para que *conserve o bom deposito*: bonum depositum custodi (I Tim. VI, 20; 2 Tim. I. 14) (1). Com os corinthios, na sua primeira epistola congratula-se porque haviam conservado as suas tradições oraes: sicut *tradidi* vobis, praecepta mea sustinetis "I Cor. I, 14)".

De todos estes textos o Snr. CARLOS PEREIRA *nem uma palavra*. "IRC, p. 234."

De todos estes textos o Snr. ERNESTO DE OLIVEIRA *nem uma palavra!!*

Como explicar este silencio? Como conciliá-lo com a lealdade sincera de um polemista que procura desapaixonadamente a verdade? Ahi estão os textos; não são todos; (2) mas são muitos, claros, explicitos, são passos do Novo Testamento que se referem *ex-professo á Igreja christã, ao modo de conservar nella a fé;* são as recommendações dos apostolos, que, no termo de sua existencia, insistem sobre os seus ensinamentos acerca

---

(1) Concluindo a sua analyse das epistolas Pastoraes, Holtzmann, um dos mais conhecidos exegetas protestantes de nossos dias, declara que nellas se encontra a idéa de tradição, a idéa da Igreja visivel onde se encontram, misturados, bons e maus, a idéa da Igreja como autoridade ensinante e como intermediaria entre Christo e cada um dos fieis, emfim a Igreja considerada como objecto de fé, numa palavra, todo o catholicismo em germe "die ganze Katholicitaet in nuce." **Neutestamentliche Theologie**, t. II, p. 280. (Esta nota não se achava no livro anterior).

(2) Cfr. Ainda: Rom. XVI, 17; I Cor. VII, 17; XI, 23; XIV, 33; XV, 1; Phil., IV, 9; Coloss. II, 6. 7; 1 Thess. IV, 2 2 Thess. II, 15; 2 Tim. II. 2; Hebr. II, 3. Em todos estes passos allude S. Paulo ao ensino oral como vehiculo de transmissão das verdades reveladas; nem uma só vez nos fala do livre exame individual das Escrituras. O Snr. Ernesto foi obrigado a recorrer ao pae Abrahão da parabola do máu rico ou ás exhortações de Isaias contra os adivinhos e feiticeiros!!

da transmissão integral do deposito das divinas revelações. O Snr. Ernesto de Oliveira que faz tanto alarde do respeito á Palavra de Deus, como é que despreza todas estas Palavras de Deus, levado por tradições humanas, introduzidas lá pelo seculo XVI na christandade pelo interesse de meia duzia de revoltados!

Sim, porque a regra verdadeira da fé não podia ser uma descoberta de Lutero; devia ser tão antiga como o christianismo. Reconheceram os primeiros christãos a existencia de um magisterio vivo, oral, authentico ao qual Christo houvera confiado a missão de conservar na terra os seus ensinamentos? ou, pelo contrario, sem igreja ensinante, dispersos e desaggregados, não viram senão no exame livre da Biblia o unico meio de attingir a verdade divina? Eis uma questão capital. Para resolvê-la recorremos ás fontes genuinas e immediatas do christianismo primitivo. A começar da primeira geração, *contemporanea ainda dos apostolos,* (1) fomos seguindo o desenvolvimento magnifico

(1) Os mais autorizados entre os protestantes modernos já reconhecem o caracter absolutamente primitivo da idéa catholica de tradição. **Seberg** recolheu numerosos testemunhos do Novo Testamento para demonstrar que essa idéa remonta ao começo da pregação apostolica. Cfr. Lehrbuch der Dogmengeschichte, t. I, 3.ª ed., 1922, pp. 81-84. **Harnack** é mais explicito. No seu celebre Lehrbuch **der Dogmengeschichte**, t. I, 4.ª ed., 1909, p. 184: "em conclusão affirmamos que o conceito caracteristico de tradição (Θεός — Χριστός — οἱ δώδεχα ἀπόστολοι — ἐχχλησίαι) nas igrejas dos convertidos do gentilismo é antiguissimo, uralt ist." Posteriormente, as suas affirmações ainda se tornaram mais precisas, como poderá o leitor verificar em **Das Schreiben der roemischen Kirche an die Korintische**, 1929, pp. 71-72; 75-76. O ultimo escritor protestante que nos chegou ao conhecimento é **E. Gaspar**, autor de uma Historia do Papado, cujo 1.º vol. saiu á luz em 1930. Estudando a organização da christandade primitiva de Jerusalém, conclue: "aqui resalta a idéa de uma autoridade e de uma tradição apostolicas **como essenciaes ao conceito da Igreja**". Passando à igreja de Roma no primeiro seculo: "é manifesto, diz elle, que a idéa de Igreja na carta de Clemente coincide com a que dominava na communidade primitiva de Jerusalém. Autoridade e tradição, como propriedades essenciaes da Igreja, apparecem tambem em Roma no primeiro plano... assim

da doutrina catholica atravez dos seculos. Citamos S. Ignacio, martyr, S. Polycarpo, S. Clemente, S. Irineu, Tertulliano e Origenes, S. Hilario, S. Athanasio, S. Basilio, S. Gregorio Nysseno, S. Jeronymo, S. Epiphanio, S. Cyrillo Alexandrino, S. Agostinho, S. Chrysostomo, S. Vicente de Lerins, S. João Damasceno, pelo menos 17 autoridades de primeira grandeza. (1). Algumas destas ci-

---

apparecem já manifestamente nesta carta os fundamentos do importante conceito catholico de **Successão Apostolica,** como penhor de uma tradição ininterrupta da doutrina salvadora que remonta aos Apostolos e ao proprio Christo." Cfr. **Erich Caspar, Geschichte des Papsttums von den Anfaengen bis zur Hoehe der Weltherrschaft,** t. I, 1930, pp. 4-6. Sobre a importancia universal do principio de tradição para conservar e transmittir todo e qualquer patrimonio religioso, pode consultar-se o trabalho recente de **J. Ranft, Der Ursprung des Katholischen Traditionsprinzips,** Wuerzburg, 1931. — Emquanto assim falavam os que estudam, os polemistas protestantes de 19.ª categoria, numa conjuração permanente contra a verdade, vão repisando as velhas e inconsistentes affirmações de quatro seculos atraz!!

(1) Algumas vezes encontram-se nos SS. Padres expressões em que se affirma a sufficiencia da Escritura para o conhecimento da fé, mas num sentido muito diverso da doutrina protestante. Affirmam que basta a Escritura, porque de facto só com a Escritura se pode estabelecer, como já vimos, a fundação da Igreja, a instituição de um magisterio vivo, authentico e infallivel, a autoridade divina da tradição como vehiculo dos ensinamentos revelados. Nada mais justo. Isolar, porém, estes textos do seu contexto immediato e mediato é deformar intciramente a doutrina dos seus autores. Foi o que mais uma vez praticou o Snr. **Ernesto** com **S. Jeronymo**. No frontespicio do seu livro vem este trecho do Doutor Maximo: "Assim como acceitamos as coisas que estão escritas, tambem rejeitamos as que não estão escritas." **Adv. Helv.** A p. 32 vem citado outro trecho ainda mais inopportunamente, porque nelle diz o santo não receber "opiniões **differentes** da Escritura." Quem, ao ler estas palavras, julgasse que **S. Jeronymo** era um precursor do protestantismo mostraria desconhecer de todo tanto a doutrina quanto a pratica de sua vida. "Não sabes que é costume das igrejas que aos baptizados se imponham depois as mãos e assim se invoque o Espirito Santo? Perguntas onde está escrito? Nos Actos dos Apostolos. Mas **ainda que não houvesse a autoridade da Escritura, o consenso de todo o orbe tem nisto a força de preceito. Muitas outras coisas ha que por tradição se observam nas igrejas com a autoridade da lei escrita.**" **Dial. c. Lucif.** 8 ML. XXIII, 163. — Numa questão dogmatica que dividia o Oriente, como procedeu S. Jeronymo? Decidiu-a só, consultando as Escrituras, elle que as conhecia melhor que nenhum outro contemporaneo? Não. Escreve **ao**

tações eram de uma evidencia meridiana. ORIGENES: "Só se deve crer na verdade que em ponto algum discorda da *tradição* ecclesiastica e apostolica". "Todas as vezes que elles (os herejes) nos citam as Escrituras canonicas nas quaes consentem e creem todos os christãos, parecem dizer: aqui temos em casa a palavra da verdade. Nós, porém, não lhes devemos crer nem *afastar-nos da primitiva tradição ecclesiastica,* sem crer de modo diverso do que nos foi ensinado *por tradição atravez das successões da Igreja de Deus."* S. CHYSOSTOMO: "Os apostolos *não ensinaram tudo por escrito,* mas muitas cousas *sem escrituras* e estas são igualmente digna de fé. Tenhamos, portanto, como digna de fé, tambem a tradição da Igreja. *Ha tradição? Basta."* O Snr. ERNESTO leu todos estes e muitos outros trechos analogos e depois, sem que lhe tremesse a mão, escreveu impavido: "Dos doutores da primitiva Egreja S. Tertuliano [a canonização de Tertuliano corre toda por conta do engenheiro paranaense] *foi o unico* que em *certo caso* julgou dispensavel a Sagrada Escritura para convencer *certa classe* de hereges." p. 37. Que fazer? como argumentar com um homem cujas affirmações affrontam tão atrevidamente a mais incontestavel das evidencias? Que consciencia tem um escritor assim do respeito intangivel aos direitos supremos da verdade?

Em contradicção manifesta com a Escritura, em aberta opposição a todos os ensinamentos da primitiva

papa S. Damaso: "Julguei meu dever consultar a cathedra de Pedro... Vós só conservaes incorrupta a herança de nossos paes... Decidi vós e eu não hesitarei em affirmar tres hypostases" (ML, XXII, 355-6). Eis para Jeronymo a regra viva de fé. (Cfr. outro texto, em situação analoga na IRC. p. 110). Quando, pois, affirma o Snr. Ernesto: "Não podia este santo ser mais canonico... nem mais protestante." p. 32 não faz senão accrescentar mais uma ás suas já habituadas deformações de alheias doutrinas. São dez!!

igreja de Christo, a nova regra de fé, inventada á ultima hora pelos Reformadores do seculo XVI afim de legitimarem a sua revolta, encontra-se tambem em perfeita antithese com as exigencias mais elementares da razão e do bom senso. E' um criterio contradictorio e completamente inadequado á sua finalidade. Desenvolvemos longamente esta demonstração, sobre a qual o nosso critico resvalou rapidamente fazendo apenas aqui ou ali alguma observação cuja inconsistencia nos cumpre agora pôr em relevo.

Antes de tudo, o exclusivismo estreito do criterio protestante não permitte estabelecer a mais importante das verdades: a propria existencia da Biblia como livro inspirado. Afim de que a Biblia represente a Palavra infallivel de Deus é preciso que saibamos com certeza *de fé divina* 1.°) que foi escrita sob a inspiração do Espirito Santo; 2.°) quaes os livros que a constituem. Inspiração e canonicidade: duas questões que não se podem resolver com a propria Biblia que, em nenhum logar, traz um catalogo dos livros inspirados. Ora, como, nenhuma verdade divina, segundo a doutrina protestante, nos póde chegar senão pelo vehiculo da palavra escrita, não ha meio de chegarmos á posse tranquilla e certa da Escritura *como livro divino*. O excesso do biblismo acabou destruindo a propria Biblia. É, a rigor, o que dizia um celebre protestante, que acabou deixando a religião abraçada, havia 3 seculos, pela sua familia, uma das mais distinctas de Genebra: "Queria ao mesmo tempo ser christão e ser logico. Ora, o protestantismo tem este grande inconveniente: se quer conservar-se christão, já não é logico, e se timbra em ser logico, cessa de ser christão." (1).

---

(1) **Theodoro de la Rive, De Genève à Rome,** Paris, 1895, pagina 73.

São incriveis os esforços de acrobacia intellectual feitos pelos protestantes para se desvencilharem deste circulo de ferro que os estrangula. O Snr. ERNESTO volta á carga reeditando antigualhas sem força nem originalidade. "A nossa plena certeza da sua divina autoridade e infalivel verdade provém da operação interior do Divino Espirito Santo, dando testemunho com ela e por ela aos nossos corações." p. 43. Já o Snr. EDUARDO PEREIRA havia dicto a mesma cousa e *já lhe haviamos respondido terminantemente*. O prof. de Curityba fechou os ouvidos e repetiu a mesma cantilena.

Em primeiro logar, nada mais *arbitrario;* é um *deux-ex-machina* inventado para a solução de uma difficuldade inextricavel. Onde é o que o Espirito Santo prometteu esta operação interior *discriminatoria de livros inspirados ou não inspirados?* Faça-se uma experiencia decisiva. Imprimam-se em opusculos semelhantes, alguns livros da Biblia (omittindo outros), uns mutilados, outros interpolados; ao mesmo tempo e no mesmo formato outros livros religiosos, por exemplo: a 1.ª epistola de S. Clemente, as epistolas de S. Ignacio, de S. Polycarpo, o pastor de Hermas, alguns capitulos da Imitação de Christo, ao lado dos Proverbios uns aphorismas de Confucio ou alguns hymnos sagrados dos Vedas, bem escolhidos; entregue-se esta collecção heteroclita aos crentes simples do Snr. ERNESTO, que ainda não conhecessem *aliunde* a Biblia, e elles, consoante a sua doutrina, ao lerem toda esta miscellanea, iriam separando, guiados por uma operação interior do Espirito Santo, os livros inspirados dos que o não são; nos primeiros iriam eliminando os elementos heterogeneos interpolados e exigindo os trechos mutilados, reclamariam depois, entre todos os livros do mundo, os que de industria haviam sido excluidos da miscellanea mas de que elles sentiam falta e, guiados sempre, por esta infallivel operação interior, reconstruir-

riam o canon exacto e completo das Escrituras. Eis o processo para estabelecer o catalogo dos livros sagrados que preconisa o prof. de Curityba. Quem poderá capacitar-se de que este foi o meio escolhido por Deus para authenticar a sua palavra entre os homens?.

— Praticamente todos nós sabemos como se faz entre os protestantes: qualquer sociedade biblica, americana ou inglesa, ou qualquer editor das Janellas Verdes de Lisbôa lhes envia, sob o nome de Biblia, uma collecção de alguns livros e elles os acolhem piedosamente como se caissem do céu. E esta Biblia, elles a receberam da Igreja catholica, cortando-lhe depois, por uma operação interior do Espirito Santo, alguns livros que julgaram apocryphos. (1).

Mas, sobre arbitrario, ridiculo e inapplicavel, o criterio ernestiano é, em extremo, perigoso, abrindo a por-

(1) "Nada menos veridico, protesta energicamente o Snr. **Ernesto**. Da Igreja de Roma só teriamos recebido uma Biblia fulminada com um anatema... a Biblia é a sua propria testemunha." p. 40. Como vê o leitor, o illustre mathematico gosta da retorica e do romance numa questão eminentemente positiva. A questão é esta, Senhor. Quando **Lutero** traduziu em allemão a Biblia, introduzindo-lhe as falsificações que todos sabem e já apontamos, o original de que se serviu, onde o encontrou e donde o tirou? A Biblia de que se servia **Calvino**, onde estava e donde lhe chegou ás mãos? Não foi da Igreja catholica? (Nada menos veridico!!!) Então donde foi? Resposta positiva, clara, peremptoria, sem retoricas insulsas e com documentos historicos á mão. **Lutero** confessava mais sinceramente: "Quanto á Sagrada Escritura e ao pulpito, é dos papistas que os tomamos; sem os papistas que saberiamos nós?" Ed. de **Wirt**, 1551, t. IV, p. 2276. — Em seguida affirma que a leitura da Palavra de Deus é tão efficaz "que pode regenerar e converter os maiores impios." E esta affirmação abre-lhe o ensejo para contar a conversão de S. Agostinho e evitar assim uma questão que o incommodava. Ninguem nega que Deus se possa servir da Biblia ou de outro livro bom para converter uma alma. A nossa questão era saber de quem receberam os protestantes a Biblia e como, sem prestar fé na tradição catholica, podem elles logicamente organizar o canon das Escrituras sagradas. **That is the question.**

ta ao mais perfeito subjectivismo e a todos os excessos do fanatismo individual. Toda a gente se julgará illuminada interiormente pelo Espirito Santo e agirá em harmonia com as suas luzes divinas inverificaveis e incontrastaveis. Toda a historia do protestantismo ahi está a demonstrá-lo.

Em Zwickau, excitados pelo zelo do predicante THOMAZ MUENZER, alguns operarios "divinamente chamados á missão santa" organizaram-se para implantar um "reino de Christo," onde todos seriam iguaes, os bens, communs, nenhuma autoridade, todos os cidadãos, sacerdotes e reis. Foram escolhidos 12 apostolos e 72 discipulos — segundo a Biblia; MUENZER eleito "senhor e mestre." Pouco depois quando ia explodir a sedição, o conselho interveiu e mandou 55 operarios para as enxovias. Os chefes fugiram e com alguns companheiros entraram em Wittemberga onde começaram a pregar "que todos os padres deveriam perecer, mesmo os que já tivessem casado." Todos estes prophetas viam na Escritura a fonte unica de toda a sciencia.

Na Suissa, mesmos excessos. Em S. Gall, em 1525, na presença dos paes, "para cumprir a vontade do Pae celeste," um irmão cortou a cabeça de seu irmão; em Esslingen numa "reunião fraterna" um homem calcou aos pés a propria mulher. Estas extravagancias e crueldades multiplicaram-se tão assustadoramente que os magistrados se viram obrigados a prohibir que "para o futuro ninguem tivesse a audacia de se dizer inspirado por Deus Padre nem se permittisse falar ou agir em seu nome." E factos assim *enchem* a historia das origens do protestantismo.

Dirão: excessos de fanatismo popular. Não; sob outra forma os abusos da "operação interior" se encontram ainda nos chefes mais graduados. LUTERO, lendo que os antigos patriarcas tiveram varias mulheres, não se desgostou da polygamia; a principio não

quis tomar a responsabilidade de a introduzir de novo entre christãos. Uma bôa opportunidade, porém, venceu os seus escrupulos. Felipe, landgrave de Hesse offereceu-lhe para pôr a serviço do "Evangelho puro" e da pilhagem dos mosteiros, o prestigio do seu poder e a violencia de sua espada, comtanto que o autorizassem a ter uma segunda mulher, que o acompanhasse nas viagens, sem tantas despezas de deslocamento da côrte. O "grande servo de Deus" consultou as Escrituras, a operação interior e com 5 outros respeitaveis theologos do christianismo reformado annuiu aos legitimos desejos do piedoso landgrave. O exemplo edificante não ficou sem imitadores. São numerosos os principes protestantes que, pelos seculos adeante, *com autorização dos seus pastores,* deram aos seus povos o alevantado exemplo da bigamia real.

Applicando o criterio individualista ao proprio assumpto que estudamos, isto é, á discriminação dos livros sagrados, LUTERO chegou a conclusões admiraveis. A epistola de S. Thiago não tem nenhum valor, é "uma verdadeira epistola de palha" *eine recht stroehern Epistel.* (1). E esta epistola hoje os protestantes a incluem na sua Biblia.

O Apocalypse não lhe agrada nem merece grande estima; "não é nem apostolico nem prophetico" (2).

Nos Prophetas, em geral, ha muita coisa bôa, inspirada pelo Espirito Santo, mas nem tudo é ouro e prata, "ha tambem muito feno, muita palha, muita madeira." (3).

Eis a que resultados levava a "operação interior" no chefe da Reforma. Mas a mesma maravilhosa "operação" orientava em outras direcções os mais activos dos seus discipulos. MUENZER apresentava tambem

(1) Erl. LXIII, 115.
(2) Erl. LXIII, 169.
(3) Erl. LXIII, 379.

a sua doutrina como "o verdadeiro Evangelho," "a pura palavra de Deus" destinada a fundar "a verdadeira Igreja dos eleitos." Para implantá-la mais evangelicamente exhortava os principes a empunhar as armas e a exterminar com a espada "todos os inimigos do Evangelho." "Os que se oppõem á revelação divina deverão ser assassinados sem misericordia; foi assim que Ezechias, Josias, Cyro, Daniel e Elias mataram outrora os sacerdotes de Baal. Sem esta exterminação necessaria, a Igreja christã nunca poderá ser restituida á sua pureza primitiva." Todos os papistas deverão perecer: "Deus disse: sereis sem misericordia com os adoradores de idolos, quebrareis os seus altares, reduzireis a pó as suas imagens e os queimareis afim de que não pese sobre vós a minha colera." Os impios não têm direito de viver." (1). Pura Escritura, Snr. ERNESTO!

Emquanto MUENZER exhortava os principes a estas "grandes e divinas cousas," CARSLADT, descontente com LUTERO, sentia outras "operações interiores." Tambem elle "levado pelo intimo testemunho de sua alma," apoiado em "textos indubitaveis" começava negando a presença real. "Sustentar a presença real é contrariar a doutrina do sacerdocio de todos" (2). E para melhor pôr em evidencia esta igualdade no sacerdocio universal, renunciou ao titulo "antichristão" de doutor, deixou o habito talar para vestir um camisolão cinzento e começou a pregar, firmado no exame dos textos biblicos, que "os peccados não desagradam a Deus" porque "os peccados foram creados e toda a creatura é bôa." LUTERO fulminava anathemas contra quem dis-

(1) **Auslegung des andern Unterschieds Danielis**, Fl. C 2. D 4.
(2) E o Snr. **Ernesto** com uma ingenuidade admiravel: "Ao que nos conste nenhum protestante negou a presença real de Christo na Eucaristia!" p. 105. E' que da verdadeira historia parece que nada consta ao illustre professor.

cordava de suas interpretações; (1) mas CARLSTADT oppunha que os seus discipulos eram "os unicos interpretes fieis da pura doutrina," e, Biblia na mão, sustentava que ninguem era obrigado a menor deferencia para com "o novo papa de Wittemberg" "o ecclesiasta voraz de vida antichristã." — Contra os catholicos já se vê, não eram menores as violencias.

Os annos passam. Em 1931, um professor de Curityba, que, tambem elle, sente, com a "operação interior", "a plena certeza da sua [dos livros santos] divina autoridade e infallivel verdade" julgou ver com evidencia mathematica que o Papa é o Antichristo do Apocalypse e de Daniel e como não ha maior benemerencia na christandade do que livrá-la do Antichristo, sáe a publico com um volume de 370 paginas, onde na conclusão péde aos poderes publicos de um paiz quase totalmente catholico, que os membros da Igreja romana sejam excluidos do direito commum e postos em regimen de excepção: "o catholicismo romano, em certos paizes, necessita de ser severamente enquadrado num instituto legal." Emquanto não se puderem incendiar conventos, quebrar imagens e pilhar communidades religiosas como nos bellos dias de LUTERO, de CALVINO e de HENRIQUE VIII, "um severo instituto legal" que condemne juridicamente o catholicismo á morte por inanição.

E tudo isto é logico, é coherente, é incoercivel. Desde que para a discriminação dos livros sagrados e para a sua interpretação não existe criterio superior ao

(1) Deante da babylonia causada pelo livre exame que se defendia com "a operação interior," escrevia **Lutero** em 1525: "Um doutor rejeita o batismo; outro quer um terceiro mundo entre o presente e o juizo final; uns ensinam que Christo não é Deus; um diz isto, outro aquillo e tantas são as seitas e os credos quantas as cabeças. Ha mais estultice que acreditar um ser a revelação do Espirito Santo quanto lhe cruza pelo pensamento ou lhe acóde em sonho." **De Wette**, III, 61.

puro subjectivismo individual, "á operação interior," não haverá extravagancia, excentricidade, ou absurdo que se não possa acobertar com o veu das inspirações do alto. E não ha possibilidades de cohibir logicamente o fanatismo religioso. Se cada qual condemna em virtude da sua "operação interior" a interpretação do vizinho, não se lembra que a este assiste o mesmo direito de desprezar todas as interpretações discordantes da sua. Vá dizer-se, por exemplo, ao Snr. ERNESTO (o que LUTERO approximadamente dizia de S. Thiago na sua epistola) que as suas interpretações apocalypticas do Antichristo são um exemplo typico de clerophobia delirante!

Mas ha ainda mais. O criterio proposto pelo professor paranaense, além de ser arbitrario, perigoso e ridiculo, envolve ainda uma contradição immanente, interna, na propria doutrina protestante. Com effeito, outros discordam do illustre professor. Emquanto o Snr. ERNESTO appella com alguns correligionarios para a "operação interior" do Espirito Santo, outros veem na tradição da Igreja, o principal criterio da canonicidade dos livros sagrados. Falem autoridades competentes entre os protestantes. MELANCHTON: "Alguns petulantes, quando forjam suas novidades de trechos da Escritura contorcidos desprezam completamente o *consenso da verdadeira igreja* e todos os concilios sem discernimento." (1) CHEMNIZ, um dos mais conhecidos theologos protestantes da geração posttridentina: "Esta atestação da Igreja primitiva sobre as escrituras inspi-

(1) "Quaedam petulantiora ingenia, cum fingunt ex dictis Scripturae male detortis novas opiniones, prorsus aspernantur consensum verae Ecclesiae et omnes synodos sine discrimine." **Melanchton, Opera omnia, Corpus Reformatorum**, XXIII, 595. Cfr. ainda XXI, 604 e sgs. Falta-nos o tempo para pôr em relevo todas as contradicções internas de **Melanchton**, neste ponto.

radas foi a seguir, em successões continuas transmittida *por tradição* á posteridade e conservada com diligencia em documentos certos da antiguidade, de modo que a igreja seguinte fosse a guarda do depoimento da primitiva igreja acerca da Escritura." (1). Varias confissões protestantes adoptam igualmnte o criterio da tradição e autoridade da Igreja. Lembremos apenas a Confissão da Bohemia, (1535) a Confissão de Wittemberg de 1555, os artigos da igreja *anglicana*, etc. (2).

Como vê, o Snr. ERNESTO, nada menos certo entre os proprios "evangelicos" do que o criterio preferido. Ora, todas as vezes que ha duvida, o unico arbitro das controversias, ensina ainda a doutrina protestante, é a Escritura. Mas a Escritura em nenhum logar promette a cada individuo uma *operação interior discriminatoria de livros sagrados*. Logo, o criterio proposto é em si mesmo contradictorio. Os protestantes acham-se na impossibilidade radical e insanavel de organizar coherentemente o proprio canon das Escrituras; clamam e reclamam "A Biblia, só a Biblia, nada mais que a Biblia" e não nos sabem logicamente dizer o que é a Biblia.

Demos um passo adeante. Supponhamos, por impossivel, constituida sem o auxilio da tradição, o canon

(1) "Haec vero testificatio primitivae Ecclesiae de Scripturis divinitus inspiratis postea perpetua successione per manus tradita est posteritati et in certis antiquitatis historiis diligenter conservata, ita ut sequens ecclesia custos esset testificationis primitivae Ecclesiae de Scriptura." M. Chemniz, Examen Concilii tridentini, Francoforte no M., 1578, p. 52.

(2) São Escrituras sagradas, diz a Confissão bohemia "Quae in bibliis ipsis continentur et a Patribus receptae auctoritateque canonica dotatae sunt." Conf. Wirtemburgica: "Sacram Scripturam vocamus eos canonicos libros V. et N. T. de quorum auctoritate nunquam in Ecclesia dubitatum est." Mesma expressão no art. 39 da Igreja Anglicana.

da Escritura Sagrada. As difficuldades longe de estarem resolvidas começam a multiplicar-se. Se o livre exame individual é o unico criterio da fé, quem não póde ou não sabe ler, fica *ipso facto* excluido do christianismo. O intermediario que se deseja supprimir entre a alma e a Palavra de Deus não poderá eliminar-se senão quando todo o mundo estiver alphabetizado. Pela doutrina protestante, o christianismo appareceu no mundo alguns milhares de annos antes do tempo. O leitor, que dispuzer de dois minutos, poderá reler, mais desenvolvido este argumento (IRC. p. 244-247) que o nosso critico julgou prudente passar em silencio.

Toda a humanidade finalmente sabe ler e tem a sua Biblia na mão. Estão vencidos os obstaculos? Menos que nunca. Então é que começaria o cáos da mais irremediavel Babel. Pela propria natureza das coisas, são tantas as difficuldades da Escritura que, isolada, sem uma autoridade autentica e infallivel a interpretá-la, nunca poderá servir de base exclusiva a uma religião de unidade e de paz. Enunciámos claramente todas estas difficuldades. Que fez o Snr. Ernesto?

Primeiro, uma operação diversiva. Em vez de uma defesa, um contra-ataque. "Si á Sagrada Escritura, com taes dificuldades, acrescentarmos a babel das tradições, acaso não aumentaremos enormissimamente o total dessas dificuldades? Tal é o que fez a Igreja de Roma!" p. 24. — Engano, erudito professor, tal é o que *não* fez a Igreja de Roma que tem, pelo menos o direito, de que lhe não deformem as doutrinas, sob o pretexto de refutá-las. Quando a Igreja ensina que a tradição é regra de fé, refere-se á tradição *activa*, isto é, ao magisterio vivo, autentico, visivel, instituido por Jesus Christo para perpetuar os seus ensinamentos. "Quem vos ouve a mim ouve." Lc. X, 16. "Quem não ouvir a Igreja seja como o ethnico ou o publicano" Mt. XVIII, 17. "Ensinae a todos os povos... eu es-

tarei comvosco todos os dias até á consummação dos seculos." Mt. XXVIII, 20. "A Igreja de Deus vivo que é columna e firmamento da verdade." I. Tim. III, 15. Eis a regra de fé: o ensino vivo e autentico da Igreja. O christão, uma vez convencido da sua instituição divina, crê e recebe os seus ensinamentos com toda a confiança de quem sabe que Deus não falta ás suas promessas nem á fidelidade de sua palavra. Provar por meio da Escritura e da tradição *objectiva* (complexo de documentos em que se fixou a fé dos seculos passados) é um trabalho scientifico, ulterior, utilissimo; não, porém, necessario; poderá fazê-lo quem quiser e para isto dispuser de tempo e de competencia. A ninguem negou jámais a Igreja o direito de verificar e aprofundar os seus ensinamentos. Mas se todos têm o dever de ser christãos nem todos têm a obrigação de se elevar a theologos. — Isto agora de pôr deante de cada homem um livro ou um monte de livros e dizer-lhe que os examine livremente para formar o seu credo é theoria especificamente protestante. O Snr. Ernesto, portanto, não conseguiu mostrar a inconveniencia da doutrina catholica senão desnaturando-a e pervertendo-a na outra que ella combate.

O contra-offensiva fracassou. A defesa directa, esta desfecha no ridiculo. "A Egreja romana, porém, ensina, pelo rev. Franca, (1) que a divina Palavra tem dificuldades de *autenticidade*, de *genuinidade*, de *canonicidade*, dificuldades *historicas*, dificuldades *etnograficas*, dificuldades *linguisticas*, dificuldades *criticas*, dificuldades *gramaticas*, dificuldades *exegeticas*... mil

(1) A Biblia ensina a mesma coisa. Das epistolas de S. Paulo diz S. Pedro haver nellas algumas coisas "difficeis de entender que os indoutos e inconstantes torcem, como tambem as outras Escrituras, para sua propria perdição." 2 Petri, III, 16. Se para os contemporaneos de S. Paulo já havia cousas difficeis, como não as haverá para os que vivemos ha quase dois mil annos da epoca em que foi escrito o ultimo livro sagrado?

e uma dificuldades e que, por essa causa, só devem lel-a os membros do magisterio infalivel da Egreja de Roma." p. 24 (1). E a p. 30 depois de repetir a mesma enumeração exclama: "Vade Retro com as suas dificuldades!"

— O engenheiro paranaense viu deante de si um exercito de objecções em linha de batalha. Travar peleja não lhe pareceu prudente. Perfila-se e commanda: Difficuldades, meia volta! volver. Vade retro. — Mas as idéas, professor, não se tratam como as baionetas dos recrutas bizonhos. As difficuldades não obedeceram; ahi estão ellas tão perfiladas e tão importunas como antes. Alinham-se agora nas pontas deste dilemma: Existem ou não existem, na interpretação e recta intelligencia dos livros sagrados, as difficuldades que apontamos? Não existem? Então pedimos ao polytechnico de Curityba que se vá matricular em *qualquer* faculdade biblica dos grandes centros scientificos da Europa e da America e depois de por lá frequentar durante um ou dois annos as cadeiras de Introducção ao Antigo e ao Novo Testamento, retomaremos a discussão. Existem? E como então estabelecer, como regra de fé um livro cuja comprehensão é sujeita a condições, pela natureza das cousas, irrealizaveis para a maior parte dos homens." (2).

---

(1) A p. 25 repete-se a mesma falsa accusação: "Ao passo que o rev. Franca desaconselha a leitura do livro santo por acenar-nos com as suas mil e uma dificuldades." — Onde desaconselhei tal leitura, honesto critico? Dizer que um livro encerra difficuldades e desaconselhar-lhe a leitura são cousas muito differentes; só as póde confundir um preconceito obcecado. A conclusão que tirei foi outra, e esta o Snr. **Ernesto** calou, a saber que um livro nestas condições não póde ser a **unica** regra de fé de uma religião revelada para a universalidade dos homens. Não teria sido mais elegante que o prof. de Curityba discutisse a conclusão que tirei expressamente e não me attribuisse insidiosamente outra que não é minha?

(2) Numa notinha, apposta á p. 43 do livro do Snr. **Ernesto**, o Snr. **E. W. Kerr**, affirma que varias vezes lendo alguns passos da Escritura (e enumera estes passos) ás pessôas rudes e cultas "jamais encontrou quem declarasse não compreender a Divina Palavra

Com esta bravura do *Vade Retro* terminou o Snr. ERNESTO o heroismo das suas defesas. Tudo debalde. Ahi ficam de pé todas as objecções formuladas anteriormente. Resumimo-las com as palavras do mais douto talvez dos theologos luteranos da Escandinavia moderna. "A Biblia não póde ser o principio unico do conhecimento religioso. A sua propria natureza o impede; nenhum dos seus textos o prova; muitos o contradizem; por mais que se remonte na historia, nunca o foi, por mais longe que se vá no futuro, nunca o será. E' mister ao lado e ao alcance de todos, uma garantia segura de sua origem, de sua pureza, de sua authenticidade, dá segurança do seu texto no conjuncto e nas minucias, da segurança tambem de sua traducção, emfim do valor certo de sua interpretação. Sem isto, nosso principio biblico não tem mais consistencia que uma *frase vazia*" (1). Numa palavra, o principio fundamental do protestantismo é internamente contradictorio, contrario á Escritura, a historia e á razão. São argumentos, Snr. ERNESTO, e contra argumentos, *vade retros* agastados são ridiculos e inoperantes.

---

nesses passos." — Nota fóra do proposito. Ninguem affirmou nunca que toda a Biblia é difficil, que não haja trechos de compreensão mais chã e accessivel. Mas ao lado destes ha outros; e para quem não tem como norma de crer senão a Biblia quem lhe assegura que precisamente num destes passos não se acha revelada uma verdade fundamental e indispensavel á salvação? Sobre a instituição da Eucaristia, o mysterium fidei, por excellencia, não aventaram os protestantes umas duas ou tres centenas de interpretações?

(1) Krogh-Tonning, Le Protestantisme contemporain, p. 16.

CAPITULO III

Consequencias do principio fundamental do protestantismo.

As consequencias são a prova de fogo dos principios. Quatro seculos de historia ahi estão a demonstrar a efficacia corrosiva do criterio individualista, applicado pelos primeiros reformadores ao dominio religioso. A sua força deleteria acabou minando radicalmente o christianismo como doutrina revelada. "A Reforma, escreve um historiador protestante, foi um movimento destruidor do christianismo positivo e do principio de autoridade em materia de fé; não ha autoridade nem certeza dogmatica fóra da tradição ecclesiastica representada pelo catholicismo, e o *protestantismo outra cousa não é senão uma serie ou collecção de formas religiosas do livre pensamento.*" (1).

Ahi está em que veiu parar o esforço de reconduzir o christianismo á "integridade primitiva do puro Evangelho": substituição dos ensinamentos de Christo pelas mil formas cambiantes do pensamento individualista. Se a desaggregação das seitas ainda não attingiu o extremo da atomização completa, é porque, na pratica, o protestantismo renegou o seu principio. Ao livre exame individual preconizado substituiu para as massas o ensino por via de autoridade. Em vez de dar a Biblia a cada crente confiando-lhe a interpreta-

(1) **Revue historique**, t. XLIX, Mai-Août, 1892, p. 103.

ção á "operação interior" do alto, cada seita organizou a sua confissão de fé, reuniu os seus synodos, elaborou o seu catecismo, fulminou anathemas e tentou impor aos seus membros a unidade doutrinal por via de um magisterio humano. Além disto, os reformadores procuraram no poder civil o amparo que lhes faltava na desorganização do proprio christianismo mutilado. Por toda a parte, na Allemanha, na Inglaterra, na Suissa e na Escandinavia, os principes empunharam o baculo e entraram a reger os negocios ecclesiasticos, definindo dogmas e impondo symbolos. A unidade compromettida pelo livre exame era assim assegurada pela energia organizadora do sabre.

Ao estudo desta situação, contradictoria e humilhante, do protestantismo consagramos um paragrapho inteiro (pp. 252-259) que passou completamente despercebido ao critico diligente da Escola Polytechnica do Paraná. Já observamos quantas vezes lhe é grato recorrer a esta efficacissima entre as respostas polemicas: a resposta do silencio.

Em defesa, porém, da unidade do protestantismo aqui e ali aventou timidamente algum esboço de apologia. A sua tactica desenvolve-se, como ha pouco, em dois momentos, um de contra-ataque, outro de defesa.

Na contra-offensiva contesta o Snr. Ernesto a unidade da Igreja catholica pelo prazer de alguns espiritos paradoxaes de negar a evidencia da luz solar. Abordoando-se na autoridade de um correligionario seu, o Snr. Miguel Torres, affirma que nada são as divisões protestantes em confronto das que outrora affligiram a Igreja. Aos catholicos que lembram os nomes das innumeras seitas protestantes, batistas, calvinistas, luteranos, etc., podem os protestantes mimosear as di-

visões sectarias de que fala S. Agostinho: simoniani, menandriani, arabici, helvidiani, etc., etc. (p. 102).

Esdruxula maneira de argumentar! CARLOS PEREIRA vira na diversidade das ordens religiosas o paralelo da multiplicidade de seitas protestantes, como se franciscanos ou agostinianos plasmassem a bel prazer sua confissão dogmatica e não obedecessem, na fé, na moral e na disciplina, á unica autoridade estabelecida por Jesus Christo. O Snr. ERNESTO, que teve o bom senso de abandonar a causa perdida do seu cliente, foi, porém, afuroar outro argumento ainda mais ridiculo e inefficaz. Contra a unidade da Igreja são agora chamados a depor os que sairam desta unidade. Para demonstrar que no Brasil não se fala só o português allega-se o exemplo da Bolivia e da Venezuela onde se fala castelhano. Todas aquellas seitas, preclaro professor, *não são catholicas,* sairam do seio da Igreja, e pereceram como perecem todos os ramos que se destacam do tronco onde circula a seiva da vida. Que no curso da historia tenham surgido individuos, disseminadores de discordias, a oppôrem á integridade da doutrina revelada o particularismo dos seus erros, é cousa muito sabida e comprehensivel. Ha de haver heresias, disse S. Paulo, I Cor. XI, 19. Mas foi precisamente para que estas heresias não dilapidassem o patrimonio da verdade revelada que Christo instituiu um magisterio vivo e authentico ao qual prometteu a infallibilidade de sua assistencia. A Igreja examinou e condemnou aquellas seitas; e os seus adeptos, ou, numa submissão nobre, voltaram á unidade de que haviam saido, ou, numa revolta de orgulhos obstinado, foram prolongar numa igrejinha de despeitados a agonia dos que se destacaram do principio de vida. Na Igreja Catholica ha sempre uma *unidade de direito,* que assegura e perpetua, não obstante as tentativas das paixões humanas, a *unidade de facto*. No pro-

testantismo, não. Não ha autoridade capaz de decidir as controversias; a Escritura, cada qual a interpreta a seu modo e nenhum individuo ou nenhuma igreja póde impor a outrem a propria interpretação. De *direito* e de *facto* o protestantismo é um conglomerado de seitas que tendem a augmentar indefinidamente e a divergir de modo cada vez mais radical. Ora, uma religião que, de direito e de facto, é a discordia crescente não se póde apresentar como a expressão de uma verdade divina. E' uma colleção de formas religiosas do livre pensamento. Se o Snr. ERNESTO não percebe o abysmo de differença que ha entre a unidade catholica e a babel protestante é porque lhe faltou meio minuto de reflexão desapaixonada.

Em outros logares de seu livro cita ainda o professor contra a unidade da Igreja a diversidade de interpretações exegeticas dos theologos catholicos. Outro equivoco. (1). A unidade de fé não implica *identidade de opiniões theologicas*. Na Igreja ha a mais perfeita unidade de fé. Nenhum catholico, theologo ou não, póde riscar um só dos dogmas explicitamente propostos pelo magisterio infallivel da Igreja. Todos

(1) Equivoco acompanhado de deformações palmares da doutrina que se pretende combater sinceramente. Expondo ou maltratando o ensino catholico da tradição, diz o Sr. **Ernesto** que foram declaradas "com o mesmo valor que a Sagrada Escritura para regra de fé aos christãos do mundo habitado, dentre os orientaes, as obras de Sto. Atanasio, de S. Basilio" etc. p. 31. — Onde é que o Snr. **Ernesto** ouviu tal cousa? Meia pagina adeante transcreve um trecho do nosso livro em que se resumiam as condições para que o testemunho collectivo dos SS. Padres constituisse a prova de uma tradição autentica e divina, e começa a transcrição omittindo estas tres linhas que a precedem: "Diremos então que as obras dos Santos Padres **tomadas singularmente são documentos infalliveis, equiparaveis á Escritura? De modo nenhum.**" p. 227. O Snr. **Ernesto** leu estas affirmações categoricas e, sem que lhe doesse a consciencia, escreveu que, segundo a doutrina catholica, os ensinos dos SS. Padres "tem o mesmo valor e autoridade como base e regra de fé, quanto a Sagrada Escritura." p. 31. Inutil fazer commentarios; mas não podemos deixar de elevar a 11 as deformações visiveis e deliberadas do puritano polemista.

recitamos hoje, no mundo inteiro, o mesmo symbolo de S. Athanasio, de *Nicea* ou o *Apostolicum*. Fóra deste dominio, que abraça as verdades da fé, no terreno da sua systematização theologica ou na interpretação de passos da Escritura, cujo sentido não tenha sido officialmente interpretado pelo magisterio ecclesiastico, os theologos podem discordar e discordam innumeras vezes. Póde dar-se o caso de tratar-se ainda de uma verdade de fé, sobre a qual, antes de explicitamente definida, tenham levantado duvidas alguns Padres ou Doutores. Mais tarde, quando sufficientemente esclarecida, sobrevêm uma definição authentica, cessam as hesitações e reaffirma-se a unidade. Esta é precisamente a razão de ser do magisterio vivo instituido por Christo; sem elle, era inevitavel que a revelação salvadora acabasse pulverizada pela instabilidade, pelas paixões e pelos interesses dos homens.

Quando, portanto, o Snr. Ernesto Luiz, sob a epigrafe enfatica de "exemplo memoravel" cita um trecho em que Bellarmino honestamente resume as differentes exegeses dadas a um texto difficil, não faz senão pôr ainda uma vez á evidencia o total desconhecimento da doutrina que pretende criticar. Exemplos "memoraveis" como este, ha-os em barda. Nunca porém, a Igreja affirmou que os seus doutores interpretam sempre unanimemente a Escritura; disse apenas — e o Snr. Ernesto havia, de proprio punho, copiado o passo em que explicavamos o ponto — que, o testemunho dos Padres, *quando em consenso moralmente unanime*, constitue a prova de uma tradição divina. (1). São cousas tão differentes que só não as entende quem fecha obstinadamente os olhos á luz da verdade.

(1) As razões desta doutrina, encontrará o leitor, expostas, em IRC. p. 228. O Snr. Ernesto calou-as como de costume. Atacou a conclusão e omittiu as provas. Delicadezas de polemista!

Não; não é possivel negar a nossa admiravel unidade de fé; é este um dos signaes com que Christo distinguiu a sua Igreja, e este signal não resplende senão na fronte da Igreja Catholica. Só ahi se conservou a organização divina com a qual determinou o Redemptor perpetuar a luz dos seus ensinamentos. Reconheceu-o ainda ha pouco o pastor HAENSEL, no projecto apresentado pela Alta Igreja luterana á assembléa ecclesiastica constituinte da Prussia: "A direcção episcopal da Igreja foi sempre para ella, durante quase dois mil annos, uma fonte de bençam, emquanto a suppressão do episcopado foi a desgraça da nossa igreja evangelica allemã. Podemos pensar o que quisermos das igrejas não evangelicas; á igreja romana em particular podemos recriminar varios usos não conformes ao Evangelho. Uma cousa, porém, é certa; na sua unidade que abraça povos e nações, ella leva sobre nós uma vantagem immensa; nesta unidade, ella vê com certa razão um indice de sua origem divina; mas esta unidade de fé, de culto, de disciplina, tem no seu episcopado o seu factor. Derrui esta columna e toda a construcção da Igreja entrará a vacillar. Esta desgraça tragica foi a nossa, a da igreja evangelica allemã. A abolição do episcopado resolveu-se para nós num mallogro completo, e as massas se afastaram da nossa Igreja." (1).

Negar a unidade de fé na Igreja catholica era um attentado contra a evidencia; defendê-la, entre os protestantes, um paradoxo inconcebivel. O Snr. ERNESTO não recuou ante esta façanha impossivel. CARLOS PEREIRA já nos falára da "harmonia fundamental" que reina entre as differentes fracções do protestan-

(1) **Warum ist fuer unsere Kirche die bischoefliche Verfassung zu fordern, 1921, p. 5.**

tismo, todas unanimes em conservar o symbolo dos apostolos. Não era difficil desfazer esta ingenuidade sem nome. Consagramos-lhe, porém, mais de 30 paginas (IRC, 259-292) para não adeantarmos affirmação sem lhe accrescentarmos a prova ao lado. Reunimos assim uma documentação de factos e textos capaz de levar a evidencia a qualquer espirito sincero. O Snr. Ernesto Luiz não julgou digno de sua alta consideração todo este trabalho positivo e documentado. A' defesa da "unidade espiritual do protestantismo" não chegou a consagrar 3 paginas inteiras. Para assumpto tão importante e para responder a tantas allegações precisas e factos provados é realmente muito pouco. O professor precisava de mais de 50 paginas para provar que o papa era o Antichristo e outras tantas para copiar um artigo da *"Grande Encyclopédie française"* sobre a eucaristia. Para replicar ao livro anterior faltou-lhe naturalmente o espaço; no entretanto, o sub-titulo do seu trabalho promettia outra cousa "Replica ao livro: a Igreja, a Reforma e a Civilização" etc.

Mas emfim o Snr. Ernesto disse alguma cousa; cumpre que examinemos a sua defesa. Das innumeras citações por nós accumuladas, elle desfaz-se com uma pennada elegante: "O que chama o rev. Franca de "dissolução dogmatica do protestantismo" não passa de um amontoado de opiniões de anarquistas, ateus, livres pensadores que, de forma alguma podem representar qualquer das confissões do protestantismo." pag. 100. (1).

E a prova, preclaro professor? — Quem quer que

(1) O Snr. **E. W. Kerr**, no prefacio, já apontára o estratagema facil. A resposta ao nosso livro devera denunciar... "a inclusão de escritores materialistas, agnosticos e anarquistas entre os inculcados no livro como protestantes." p. 8. Veja-se a resposta no texto, em todo o resto deste capitulo.

não seja de todo leigo na moderna literatura dogmatica protestante terá reconhecido nos autores citados os nomes de *pastores* e de *professores* de *theologia* nas faculdades "evangelicas", dos mais acatados, dos que dirigem as grandes correntes do pensamento religioso entre os descendentes de LUTERO. A "alliança Evangelica" riscou a divindade de Christo da formula dos dogmas christãos; 1500 dos 1800 *pastores* da igreja hollandesa deram a sua adhesão publica ao livro de Renan. Eram atheus? eram anarchistas? mas então os pastores protestantes podem negar tudo, Christo, Deus, o Evangelho e *continuar a ser pastores das suas igrejas!* E' precisamente o que diziamos; é precisamente o que nos affirmava ha pouco o *pastor* W. MONOD: o protestantismo não passa de uma collecção de formas religiosas do livre pensamento. O que na realidade prova a asserção do Snr. ERNESTO e a do seu correligionario KERR (p. 8), é ou uma ignorancia completa do mundo intellectual protestante, ou o proposito assentado de negar conscientemente a evidencia da verdade.

Recomeçaremos a nossa demonstração com outro material; (1) e da-la-emos quantas vezes quiserem com documentação sempre nova. E' uma verdade tão incontestavel e tão facil de evidenciar-se que não é preciso grande esforço de erudição para encher, de factos e textos, volumes inteiros.

Depois de se desfazer dos textos incommodos com aquella evasiva miseravel, passa o professor a affirmar

(1) E desta vez poremos deante de cada nome, o respectivo titulo de pastor ou professor de theologia protestante, para poupar ao Snr. **Ernesto** a vergonha daquelle subterfugio, filho de uma ignorancia injustificavel.

ainda: "A unidade do Protestantismo se demonstra pelo seguinte e significativo facto: varias denominações tem compendiado a sua doutrina em artigos de fé: aí está a confissão de fé de Augsburgo, a Tetrapolitana, a Polaca, a Saxonica, a Bohemia, a de Witemberg, a Palatina, a Helvecia, a Francesa, a Holandesa, a Inglesa e a Escocesa. A harmonia dessas declarações de fé, diz SAMUEL EDGARD (Variat. of. the Popery, p. 27 e 28) é verdadeiramente admiravel e constitue um evento extraordinario na historia do homem. Os anaes da religião e da filosofia não apresentam exemplo de uma harmonia semelhante. Em paizes diversos, separados pelos rios, pelas montanhas, pelos mares; de povos, costumes e linguas differentes, sem a menor combinação previa, no gozo de toda a independencia, sem coação alguma os christãos evangelicos apresentaram ao publico as doutrinas da Sagrada Escritura, em forma de confissões, as quaes depois de lidas, parecem obra de um só autor, escritas no mesmo logar e dia. Esse acordo, em todo o seu processo, manifesa o dedo do Céu (!!) e a conduta providencial de Deus. Tinham todos eles, na verdade uma luz, a Palavra de Deus. Guiados por essa lampada os protestantes escreveram as suas confissões, as quaes, excepto em um ponto, para exibirem a fraquesa humana, mostram a mais perfeita uniformidade! E até essa unica divergencia sobre a significação do sacramento eucaristico, desappareceu completamente nos tempos modernos." p. 101.

— Até aqui já nos haviamos convencido de que o prof. da Escola Polytechnica de Curityba desconhecia completamente o catholicismo que criticava; agora, para lhe não attribuirmos uma deformação consciente da verdade, devemos admittir que ignora de todo em todo a historia e a doutrina do seu proprio protestantismo.

Toda a gente, excepto o Snr. SAMUEL EDGARD e o seu discipulo brasileiro, sabe como e porque pulularam, com tanta fecundidade, as confissões protestantes. Houvera unidade doutrinal e não havia mister reeditar cada paiz o seu credo com pequenos intervallos de tempo. Nasceram os symbolos da interminavel e insanavel discordia dos primeiros chefes da Reforma. A propria idéa de propôr uma "confissão de fé" já era uma contradicção ao principio do exame individual exercido sobre a Biblia e só a Biblia. Entre a Palavra escrita — que o Snr. ERNESTO julga tão sem difficuldades — e o crente, os reformadores julgaram dever interpôr o intermediario de uma confissão formulada por theologos sem credenciaes. Era uma contradicção que a necessidade de viver introduziu logo nos costumes do protestantismo contra os seus principios. Mas o que num paiz ou a um reformador parecia verdade inconcussa a outro se afigurava heresia detestavel. As necessidades politicas de colligações contra os catholicos levava tambem os partidos a negociarem allianças a custo de artigos de fé que se cortavam ou se attenuavam. As "confissões" voltavam de novo á incude e saiam modificadas, conforme exigiam os interesses do momento.

Citemos um ou outro destes factos edificantes. Trabalhava-se em Augsburgo na confissão que leva o nome desta cidade, a celebre *Augustana*, redigida por MELANCHTON de accordo com LUTERO. ZWINGLO, discordante, redige tambem elle a sua confissão. MELANCHTON assim a julga numa carta a LUTERO de 14 de Julho: "ZWINGLIO acaba de enviar aqui uma confissão de fé. Ao vê-la *di-lo-ias doido, dicas simpliciter mente captum esse*. Sobre o peccado original e os sacramentos renova as antigas heresias; fala num verdadeiro vasconço, isto é, num dialecto suisso barbaro e incomprehensivel; quer abolir todas as cerimonias;

sustenta com violencia sua doutrina sobre a Eucaristia, não quer tolerar de modo algum os bispos." (1). Apesar das opposições de ZWINGLIO saiu em 1530 a Augustana: 10 annos mais tarde nova edição differente, a *Confessio variata* de 1540 que suscitou interminaveis discussões.

No entretanto os Zwinglianos não desarmaram. Strasburgo e mais 3 cidades quiseram tambem a sua confissão de fé "cautelosa e hypocrita" no dizer de BRENZ. Redigiram-na BUCERO e CAPITO; ao ler esta *Confessio tetrapolitana*, disse o Imperador: "Desta confissão resalta, como fomos exactamente informados, que essas 4 cidades se separam, pela fé, não só de todas as outras cidades do Imperio, mas ainda de toda a nação allemã e ainda da christandade inteira." (2). E assim a cada nova discordia das vontades e desaccordo das intelligencias surgia uma nova confissão de fé. GROTIUS, protestante, juiz competente e perspicaz: "Elaboraram-se em varios paizes confissões variadas e contradictorias (*inter se pugnantes*); as partes antigas não só nunca puderam entre si coagmentar mas de dia para dia iam surgindo novas particulas tão numerosas que já ninguem lhes pode contar o numero." (3).

Destas discordias entre as primeiras confissões surgiu a idéa das *formulas de concordia*. Em 1567, uma; em 1570 outra; em 1573, ainda outra, em 1574 mais outra, em 1575 outra mais; emfim dezenas... A de 1576 é das mais celebres; é a *Solida Declaratio*, nascida "das luctas theologicas e ecclesiasticas que na segunda metade do seculo XVI offuscaram o rosto do

---

(1) Corpus Reformatorum, t. II, p. 193.

(2) Neue Sammlung der Reichsabschiede, t. II, p. 309, § 8.

(3) H. Grotius, Votum pro pace Ecclesiae, Opera theologica, Basileae, 1732, t. IV, p. 654.

Protestantismo allemão." (1). Estas palavras leem-se no *proprio livro das Confissões protestantes*. O enthusiasmo a principio foi grande. Ao trabalho conciliador dos theologos e principalmente de Andrea chamou João HAINTZEL, burgomestre de Augsburgo "o ultimo milagre antes do juizo final." (2). Não tardaram, porém, as criticas e as decepções. Um bom numero dos que haviam admittido a Augustana rejeitou a *Formula Concordiae*. Frederico II, rei da Dinamarca e luterano zeloso, queimou, com as proprias mãos, o exemplar de luxo que lhe fôra enviado e "prohibiu aos seus subditos sob pena de morte comprá-la ou conservá-la em casa." (3). Os theologos de Bremen escreveram que em Andrea, "Satan se transformára em anjo de luz." URSINUS, theologo de João Casimiro, refutou-a seriamente mostrando as contradicções internas do novo symbolo e as opposições evidentes á Escritura; em vez de trazer á Igreja e ao Estado, a paz e a concordia só traria a divisão e a perturbação. Foi o que aconteceu. Se entre os luteranos a formula não foi bem recebida, entre luteranos e calvinistas abriu fonte de novos dissentimentos. "O abysmo entre luteranos e calvinistas, escreve um contemporaneo, foi talmente alargado e aprofundado que quase já se não pode alimentar esperança de ver as cousas durarem longo tempo no mesmo estado. A guerra está á porta e correrá sangue." (4).

---

(1) "Ist aus den theologischen und kirchlichen Kaempfen erwachsen, die das Bild des deutschen Protestantismus in der zweiten Haelfte des 16. Iahrhunderts verduestern." J. Mueller, Die symbolischen Buecher, der evangelisch-lutherichen Kirche, 12 ed. Gutersloh, p. LXVI.

(2) Gillet, J. F., Crato von Crafftheim und seine Freunde, Franchort a M. 1860-1861, t. II, p. 243.

(3) Duplessis-Mornay, Mémoires et correspondances pour servir à l'histoire de la Réformation et des guerres civiles et religieuses en France, Paris, 1824-25, t. II, p. 110-113.

(4) Beitraegen zur Evangelischen Concordiae, 1717, p. 49-50.

Estas profundas e incompativeis differenças doutrinaes entre luteranos e calvinistas *vêm indicadas nos proprios livros das confissões*. Abra o Snr. Ernesto e leia da pag. 779 a 784. Ahi depois de ver a "pura et vera doctrina" dos luteranos sobre a *Ceia*, a *Pessôa de Christo*, o *Baptismo*, a *Predestinação* e a *Providencia*," terá a surpresa de verificar como "*sequitur falsa et erronea doctrina calvinistaraum*," sobre os mesmos pontos fundamentaes. O Snr. Ernesto abriu alguma vez um livro de confissões? Não? E como se atreve a falar do que não sabe? Sim? E como ousa affirmar que "os annaes da religião e da filosofia não apresentam exemplo de uma harmonia semelhante?" (p. 101).

Mas emfim ahi estão as confissões; é abri-las e lê-las para se convencer logo como "parecem obra de um só autor, escritas no mesmo logar e dia."

Como se conhecem os livros sagrados? Qual o criterio de canonicidade das Escrituras? A tradição, respondem os 39 artigos da Igreja anglicana, a *confessio Wirtemburgica* e a bohemia: são livros do Antigo e do Novo Testamento aquelles que, como taes tem sido communmente recebidos na Igreja. (1). Não, contesta a Confissão das Igrejas de França no seu art. 4: "Nós conhecemos que estes livros são canonicos e a regra certa de nossa fé, não tanto pelo commum accordo e consentimento da Igreja, quanto pelo testemunho e persuasão interior do Espirito Santo que no-los faz discernir dos outros livros ecclesiasticos." Assim, na Bohemia ou na Inglaterra, um criterio objectivo: o consenso da tradição ecclesiastica; na França, um criterio subjectivo, a persuasão interior do Espirito Santo. Lutéro, rejeitando por esta persuasão intima a epistola de S. Thiago, é orthodoxo aquem Rheno e he-

(1) As palavras textuaes deixamo-las citadas ha pouco.

rege além. Realmente, estas confissões parecem escritas no mesmo logar e no mesmo dia por um só homem... que fizesse da contradicção e do absurdo a lei fundamental do seu pensamento.

Até que ponto se estende a inspiração dos autores sagrados? Abro a *Formula Consensus helvetica* de 1675; são inspirados no Antigo Testamento até as consoantes, as vogaes e os pontos. (1). Todos estes signaes, que os massoretas lá pelo seculo VIII introduziram no texto hebraico para lhe facilitar a leitura, passaram a ser do Espirito Santo. E esta formula de fé foi imposta aos predicantes sob pena de multa, carcere e exilio. Volto 50 annos depois, em 1725: a confissão acabava de ser abrogada. Já não era herege quem negasse aos massoretas o carisma dos hagiographos. Coherencia de um só homem que escreve na mesma hora duas contradicções!

E os exemplos poderiam continuar indefinidamente. Não ha quasi dogma de fé sobre o qual se não possam apontar variações e contradicções fundamentaes nos symbolos protestantes. E' trabalho já feito e conclusão assentada, entre os que sabem. Perguntamos agora ao professor de Curityba: leu as confissões protestantes? Não? e como ousa falar do que não conhece? Sim? e com que consciencia affirma que "até a unica divergencia sobre a significação do sacramento eucaristico, desappareceu completamente nos tempos modernos?" Ou uma insciencia inconcebivel ou uma inconsciencia inexplicavel.

---

(1) "In specie autem Veteris Testamenti Codex quem ex traditione Ecclesiae judaicae, cui olim oracula Dei commissa sunt, accepimus hodieque retinemus, tunc quoad consonas tum quoad vocalia, sive puncta ipsa sive punctorum saltem potestatem, et tum quoad res tum quoad verba Θεοπνευστος." **Niemeyer, Collectio confessionum in ecclesiis reformatis publicatarum**, Lipsiae, 1840, p. 730. Cfr. **E. Rabaud, Histoire de la doctrine de l'inspiration des Saintes Écritures dans les pays de langue française**, Paris, 1883, pp. 128-132.

Mas porque analysar o conteudo das confissões protestantes? Ainda que fossem harmoniosamente coherentes como documentos escritos por um só homem num só dia, que provariam ellas em favor da "unidade doutrinal" do Protestantismo? Quem ignora que as confissões entre os evangelicos não passam de "farrapos de papel," que cada qual póde impunemente desrespeitar? Que força obrigatoria podem ter estes symbolos de fé propostos por chefes ou synodos desqualificados aos adeptos de uma doutrina pela qual a *unica regra* de fé é a Biblia, livremente interpretada por cada individuo? O valor destes formularios é apenas conservar nas massas doceis e incapazes de livre exame certo vinculo de unidade doutrinal mais ou menos despoticamente imposta pelos pastores. A logica está absolutamente com ROUSSEAU: "A Igreja de Genebra não tem e não deve ter, como reformada nenhuma profissão de fé precisa e commum a todos os seus membros. Se se quisesse ter uma, com isto se ia ferir a liberdade evangelica, *renunciando ao proprio principio da Reforma*... Se estas igrejas e estes synodos... pretenderam prescrever aos fieis o que elles deviam crer, com estas decisões não provaram estas assembléas outra cousa, senão que ignoravam a propria religião." (1). Ante as suas confissões, os pastores e theologos protestantes tomaram todas as suas legitimas liberdades. Em 1905, num congresso "evangelico" reunido em Berlim, o *pastor* RADE, director do *Christliche Welt*, periodico *protestante* e theologo liberal atirou aos conservadores este cartel de desafio: "Citem-me os orthodoxos um só professor culto que em nossos dias siga á letra as confissões de fé e as Escrituras." Ninguem levantou a luva. (2). De facto, uma após

(1) **J. J. Rousseau, Lettres de la montagne,** 2e. Lettre.

(2) Já haviamos citado este facto muito significativo (p. 270) ao lado de innumeros outros. O Snr. **Ernesto** cerra os ouvidos e

outras, todas as doutrinas, que ainda hoje se têm nas folhas mortas destas exomologeses, foram caindo ás rajadas do livre exame e da critica dos que não querem renunciar ao direito hereditario de protestar. A predestinação absoluta era um dos dogmas essenciaes de Calvino e sobre o qual mais insistem os primeiros symbolos dos reformados. Hoje, escreve um *theologo calvinista* (note bem, Snr. ERNESTO, vou sublinhando os titulos dos autores citados). "Nenhuma flôr dos herbarios dogmaticos está mais fenecida, murcha e denegrida." (1). Já em 1831, outro *professor de theologia protestante*, natural de Genebra, assim julgava o mestre: "O calvinismo está em opposição com o Evangelho;" "de todas as formas que tomou a religião numa consciencia de homem é a mais repellente e nos tempos modernos a mais odiosa." (2). "De todos os paizes, affirma outro *prof. de theologia de Genebra*, que foram transformados pela reforma de Calvino, Genebra é hoje o centro do globo menos calvinista." (3). "Na igreja protestante, declara satisfeito o *Pastor* FULLIGUET, o dogma está submettido a uma revisão perpetua." (4).

Na Allemanha, na França e na Inglaterra são os mesmos accentos que ouvimos na Suissa. Na França fale a autoridade do *professor de theologia* C. DOUMERGUE: "De dia para dia se ouve sempre mais dizer

---

continua a cantar as suas ténias sobre a unidade doutrinal do Protestantismo.

(1) **E. Doumergue, Vie de Calvin**, 1910, t. IV, p. 412.

(2) **Jacques-Caton-Chenevière, Essais de théologie**, Genève, 1831, t. II, pp. 499-501.

(3) **Montet**, Cit. por **G. Goyau, La Ville-Eglise**, t. II, p. 212.

(4) **Fulliguet, Précis d'histoire des dogmes**, Genève, 1913, pag. 215. Já se vê a distancia percorrida depois de Lutero que escrevia: "Os artigos de fé não podem ser modificados" (Weimar, XXX, 421). "O Espirito Santo não é sceptico, não inscreve duvidas ou opiniões no coração, senão affirmações mais categoricas e mais inabalaveis que toda a experiencia e toda a vida." Weimar, XVIII, p. 606.

que já não ha pontos essenciaes fundamentaes... Para os que não podem, no seu bom senso, admittir que uma Igreja não tenha doutrina, é então a duvida, a hesitação, a inquietude, o medo." (1). Eis o estado de espirito dos que *conhecem a situação* real do protestantismo. E esta situação é um corollario dos seus *proprios principios fundamentaes*. Demos a palavra a outro grande mentor do pensamento protestante em França, AUG. SABATIER: "Assistimos com interesse e até com sympathia ás tentativas feitas para determinar certo numero de dogmas immutaveis e absolutos numa ou noutra das igrejas protestantes. Para isto trabalharam os theologos mais subtis: *todos fracassaram*. Este fracasso foi tão ruidoso e inevitavel na igreja anglicana e no luteranismo allemão, muito proximos do catholicismo (!!), como nas igrejas reformadas da França, da Suissa, da Escossia ou da America. E' que *por toda a parte a tentativa implica contradicção.*" (2). Por toda a parte, a babel dogmatica, e esta babel, consequencia logica do protestantismo.

Quase simultaneamente encontramos o mesmo pensamento em Ad. HARNACK, prof. de *theologia em Berlim*, "Se nos objectam: estaes divididos, quantas cabeças, tantas doutrinas; respondemos: *é verdade*, mas não desejamos outra cousa; pelo contrario, desejamos mais liberdade, mais individualismo na crença ou na expressão." (3). Livre ao protestantismo de desejar mais anarchia doutrinal, mas então renuncie a apresentar-se ao mundo como a Palavra de Deus:

---

(1) **Foi et Vie**, N.° de 1 de Junho de 1922.

(2) **Aug. Sabatier, Esquisse dune philosophie de la religion**, 2 ed., Paris, Fischbacher, 1897, p. 188. Já desde 1659 o celebre **Spanheim**, na sua **Disputatio Prima de capitibus fidei fundamentalibus**, publicada em Heidelberg, desesperava de qualquer concordia que, dizia elle "seria muito para desejar, mas impossivel de esperar, **optandam quidem esse, sperandam nunquam.**"

(3) **Ad. Harnack, Das Wesen des Christenthums**, tr. fr. p. 328.

esta é certa, absoluta, infallivel e immutavel. Depois destes testemunhos geraes que, se fôr mister, multiplicaremos ainda, poderiamos descer aos dogmas particulares e mostrar como, uns após outros, foram desapparecendo na evanescencia da duvida e da negação. Fá-lo-emos apenas de dois, mas esses capitaes.

O primeiro é a *divindade de Christo*. Negá-la é solapar todos os fundamentos do christianismo. O que citamos no nosso livro anterior é decisivo. Accumulamos numerosos testemunhos de *professores de theologia protestante* dos mais conhecidos e influentes nas universidades allemãs, lembramos grandes affirmações collectivas de *pastores e igrejas inteiras*. Tudo isto, Snr. ERNESTO, não se destróe com uma affirmação insulsa e incompetente de que se trata "de um amontoado de opiniões de anarquistas, ateus e livres pensadores." p. 100. De todas as faculdades de theologia protestante, onde se formam os ministros que vão depois pastorear almas, apenas duas, Erlangen e Rostock, ensinam a divindade de Christo; e serão as faculdades evangelicas covis de anarchistas e atheus? Em Genebra, já em 1816, a *Companhia dos Pastores* recommendava o silencio e a prudencia sobre este ponto e censurava os demasiadamente zelosos. Na Hollanda, de 1800 pastores, 1500 adheriram publicamente á Vida de Jesus de Renan. Em Baden, LAENGIN, pastor em Karlsruhe, negou que Christo era Deus; 99 dos seus companheiros deram-lhe a sua adhesão publica. Serão todos estes *pastores*, centenas e milhares, suissos, hollandeses, allemães, um bando de atheus, anarchistas e livre-pensadores? Toda a gente que lê, sabe neste ponto as opiniões extremadas de SABATIER, MÉNÉGOZ e H. MONNIER, mentores do pensamento protestante, em França, professores nas suas faculdades theologicas, e o ultimo delles, (MONNIER) apresentado para a cadeira de theologia da Sorbona pelos consistorios protes-

tantes por uma maioria de 62 votos contra 39. Não passarão estes consistorios, de assembléas de atheus e livre-pensadores? Será que a orthodoxia protestante não sobrevive senão no peito intemerato do ingenuo prof. de Curityba que assim affronta a mais incontestavel das evidencias e abusa visivelmente da ignorancia dos seus correligionarios brasileiros?

Outro dogma fundamental entre os mais fundamentaes, principalmente para o protestantismo, é *a inspiração da Escritura*. Outrora as suas confissões insistiam sobre o seu caracter sobrenatural de livro inspirado, presupposto indispensavel a um livro que deve servir de regra de fé infallivel; algumas até, foram ao exagero de affirmar inspiradas as vogaes hebraicas, as consoantes e os pontos.

Tempos idos, extinctos luzimentos!

Bem outra é hoje a linguagem da quase totalidade dos mestres em protestantismo. Citamo-los em barda: O Snr. Ernesto excommungou-os irritado: são atheus! são anarchistas! — Não! preclaro professor, são lentes de theologia, são collaboradores das revistas protestantes, são historiadores honestos que referem e registram, ás vezes com dôr, a pura realidade das cousas. Quer ouvir-lhes ainda uma vez, as affirmações veridicas? H. Bois, prof. de *theologia protestante*, no numero da *Revue de Métaphysique et Morale*, commemorativo do centenario de Lutero: considera a Escritura como "documento da experiencia christã, não, codigo infallivel" (1). W. Hermann: o principio escriturario é um principio contradictorio que hoje já ninguem admitte. (2). Abriu-se ha pouco um inque-

(1) Revue de Métaphysique et Morale, Sept. Dez. 1918, p. 704.
(2) Die heute niemand vertreten mag. Die Kultur der Gegenwart. Teil I, Abt. IV, Die Christliche Religion, II Haelfte, Systematische Christliche Theologie, p. 588.

rito sobre as crenças dos ministros e futuros ministros protestantes, nos Estados Unidos. Entre os 200 seminaristas interrogados, 8 %, defenderam a inspiração literal da Biblia. (1). Ahi estão Snr. ERNESTO, os futuros ministros evangelicos, um exercito de "atheus, anarchistas e livres pensadores", a cuja acção evangelica deseja o preclaro professor entregar o futuro do christianismo brasileiro.

ROHNERT, que escreveu uma monographia especialmente consagrada ao nosso assumpto, affirma que os modernos professores "se occupam açodadamente em dilacerar as paginas inspiradas dos livros divinos... Quem mais, quem menos, quase todos os lentes de universidade [em nota exceptua um só] concordam em affirmar que a Escritura é fallivel, inquinada de defeitos, erros e contradicções... Dahi as desavenças, as discussões eternas entre os professores de theologia, dos quaes um destróe o que outro assevera como certo." (2). ROHNERT deplora semelhante estado de cousas, mas não o nega; é um homem de sciencia e de consciencia; informa-se antes de affirmar para saber o que diz.

Aliás, a eliminação da Escritura estava na logica interna do protestantismo. Destruiram a Igreja visivel com o seu magisterio doutrinal sob o pretexto de que entre a alma e Deus não devia haver nenhum intermediario. Mas ha intermediario mais incommodo do que um livro morto? E' a palavra de Deus! E Deus não havia promettido tambem dirigir as almas pela voz dos seus representantes na terra: quem vos ouve, a mim ouve? Quem supprime hoje um magis-

(1) G. H. Betts, The Beliefs of 700 Ministers and their Meaning for Religions Education, New-York, Cincinnati, Chicago, 1928. Cfr. Les Documents de la Vie Intellectuelle, t. V (1930), p. 71.

(2) Rohnert, Was lehren die derzeitigen deutschen Professoren der evang. Theologie ueber die hl. Schrift nud deren Inspiration, Leipzig, 1892, pp. 2-3.

terio vivo assistido por Deus não hesitará em abolir amanhã um livro sem vida, inspirado por Deus. Foi o que fez o protestantismo moderno.

Nesta pulverização crescente e incoercivel de dogmas houve um momento em que os protestantes, para salvar a unidade doutrinal nas seitas que se multiplicavam, inventaram a theoria dos artigos fundamentaes. Os protestantes concordam nestes artigos e discordam nos outros. Refutamos esta velha e insustentavel theoria e sobre ella não voltariamos se não houvesse uma insistencia do Snr. Ernesto. Negáramos a existencia de um fundamento biblico para semelhante distincção. Fala o professor de Curityba: "Venha a resposta da sua propria penna: 'A Unidade e a Trindade de Deus, a Incarnação, Paixão e morte de N. S. J. C. chamam-se mysterios principaes ou dogmas fundamentaes de nossa fé, não porque os outros se possam impunemente negar, senão porque constituem como o centro da doutrina christã, em torno do qual gravitam todos os outros dogmas.' Evidente é a contradicção do rev. Franca comsigo mesmo!" 103-104. — Manifestamente o preclaro professor está soffrendo de um daltonismo incuravel. Antes das palavras nossas acima transcritas havia uma frase que elle teve o cuidado de omittir: "dizemos *no sentido protestante,* porque *em outro sentido* a *distincção é admissivel." O sentido protestante* é que os dogmas fundamentaes se devem crer, os outros se podem negar impunemente. *Neste sentido,* que destróe a noção de dogma ou verdade revelada por Deus, dissemos que a distincção é ficticia e contradictoria e sem nenhum fundamento na Escritura. Em *outro sentido,* isto é, no *sentido logico,* nada mais intelligivel de que haja dogmas que, por sua natureza, precedem outros e os condicionam; assim a Redempção tem como antecedente e fundamento logico a Incarnação; a Providencia

presuppõe a existencia de Deus, etc., etc. Aqui se affirma apenas uma relação de procedencia *logica*, não uma liberdade dos fieis de negar uma verdade manifestada por Deus. Nestas duas affirmações tão distantes uma da outra, vê o Snr. ERNESTO "uma contradicção evidente." E' fazer pouco caso na perspicacia dos leitores.

Continua o professor: "Mas acaso sanccionará a Santa Escritura esta milagreira distincção? Sem nenhuma duvida: 'Recebei aquelle que é fraco na fé, sem disputa de opiniões. Um crê que pode comer todas as cousas, outro que é fraco só come legumes. Que aquele que come não menospreze aquele que não come... Um considera um dia maior que os outros; outro considera eguaes todos os dias. Que cada um esteja plenamente convicto da sua opinião'! Rom. XIV, 1 e sgs." p. 104. — O Snr. ERNESTO estava visivelmente distraido quando transcreveu este texto paulino que *não trata absolutamente de dogmas* ou verdades reveladas que se podem rejeitar impunemente. Na primeira linha o professor escreveu com o proprio punho: sem disputa de *opiniões*. *De opiniões*, Snr. ERNESTO, não de dogmas. E os exemplos que se seguem esclarecem ainda mais o pensamento do Apostolo: comer carnes ou legumes nunca foi *dogma de fé*, Snr. Julgar um dia maior que os outros, nunca foi *verdade revelada*, Snr! E S. Paulo continua: que cada um esteja plenamente convicto *de sua opinião*. De sua *opinião*, Snr! ainda uma vez, trata-se de opiniões individuaes que cada um póde conservar a seu bel prazer: unusquisque in suo sensu abundet. Com que coragem scientifica ousa apresentar-se este passo da epistola aos Romanos para mostrar que ha dogmas de credibilidade obrigatoria e dogmas de credibilidade livre? Dir-se-ia que o prof. de Curityba não tem sequer idéa do que é uma demonstração exegetica.

Quer ver a doutrina de S. Paulo quando fala *de dogmas*, de verdades pregadas em nome de Christo, como o Evangelho da Bôa nova. Abra a Epist. ao Galatas I, 5 e sgs.: "Admiro-me que tão cedo vos afasteis daquelle que vos chamou á graça de Christo (para passar) a outro evangelho... *Si alguem... fosse um anjo do céu, vos annunciasse outro evangelho differente do que vos annunciei, seja anathema.*" 1 Cor. I. 10: "Peço-vos, irmãos, em nome de N. S. J. C. que *digaes todos a mesma cousa*, que entre vós *não haja scismas;* sede perfeitos no mesmo espirito e no *mesmo sentir*." Como agradaria a S. Paulo esta florescencia interminavel de seitas que dilaceram, com scismas interminaveis, a unidade e integridade do corpo mystico de Christo! Ephes. IV, 3 sgs.: "Sêde sollicitos em conservar a *unidade* do espirito no vinculo da paz; *um corpo*, e *um espirito*... *um* Senhor, *uma fé*, um baptismo." E o aposloto freme ante o pensamento dos que negando este ou aquelle dogma, *decairam da verdade*. As suas palavras (as de Hymeneu e Phileto) circulam entre os irmãos "como um cancro." II Tim. II, 17. Assim falava S. Paulo quando se tratava de dogmas.

Se me detive um instante nesta questão vencida foi só para satisfazer aos reparos inconsistentes do Snr. Ernesto A situação hoje é muito mais tragica. Não só o livre exame, na sua incoercivel efficacia de corrosão, foi minando, uns após outros, todos os dogmas do christianismo, fundamentaes e não fundamentaes; mas chegou até a destruir a propria noção de dogma.

Toda a gente sabe a orientação profunda que imprimiram ao moderno pensamento protestante os trabalhos de Lessing, Kant, Schleiermacher, Hegel e Ritschl. A vida religiosa consiste principalmente no sentimento. A crença, ou as verdades que se admittem,

não importa. Os dogmas são apenas o revestimento symbolico e precario da riqueza sentimental da consciencia religiosa. Nascem, vivem e morrem como as folhas das arvores. Hoje, já não se nos dá de saber o que Christo ensinou; basta que imitemos as attitudes de sua piedade, ainda que discordemos completamente dos seus ensinamentos e da sua concepção do mundo. A verdade, que vale sabê-la?

Nestas grandes linhas já terá visto o leitor erudito os traços doutrinaes mais importantes de ala esquerda do protestantismo moderno, conhecido tambem com o nome de protestantismo liberal. Ora, o protestantismo liberal, ha mais de um seculo, não tem feito senão augmentar o numero de seus adeptos, que, em alguns logares, já constituem pela quantidade e pela qualidade, a fracção dominante.

Assim, em França, pertencem a este grande movimento os nomes de E. Ménégoz, Aug. Sabatier, H. Monnier, Stapfer, Réville, Jeanmaire, Roberty, Coquerel, Astié, Raul Allier, *todos professores de theologia ou pastores protestantes*. Jesus, escreve Sabatier, "não promulga nenhuma lei, nenhum dogma; não funda nenhuma instituição official." (1). Paulo Stapfer: "Já que tantas vezes caducaram crenças, deixemo-las cair e não as substituamos. Façamos melhor; abandonemos sobretudo este erro que a *verdade* das crenças religiosas é essencial ao christão." (2). E' o que ha de mais symptomatico e perigoso: o *desprezo da verdade*. Ménégoz: "eu ensino que nós somos salvos pela *fé* independentemente das *crenças*. Eis a minha formula, a formula authentica do fideismo. E' a

(1) **A. Sabatier, Esquisse d'une philosophie de la religion,** Paris, Fischbacher, l. II, c. II, § 3. **Ménégoz** saudou nesta obra: "o maior livro dogmatico da theologia protestante depois da "**Instituição christã** de Calvino."

(2) **Paul Stapfer, L'inquiétude religieuse,** Paris, 1912, paginas 131 e sgs.

unica que autorizo os meus contradictores a me attribuirem." (1). Pouco antes assegurava "que esta theologia era um elemento de concordia (sobre que se poderia ainda discordar!) e sobre esta base, a igreja reformada de França poderia encontrar a cohesão interna que, *hoje com grande detrimento, lhe falta.*" Assim alargados os limites da credibilidade cabem dentro do protestantismo "atheus, anarchistas e livrepensadores." "Se pregassem nas nossas cathedras a doutrina de Buddha, não ficaria surprehendido" escrevia em 1899, um *pastor evangelico* de Genebra, H. Sécrétan (2). Outro *pastor*, W. Monod, julga certo atheismo "mais religioso" que o theismo e a orthodoxia tradicional. (3).

Na *Inglaterra*, o protestantismo liberal, tem feito enormes progressos nestes ultimos annos. A propria *High-Church* contempla, impotente, esta anarchia doutrinal que lhe devora o seio. O *Hibbert Journal* e o *Modern Churchman* são os dois grandes orgãos da corrente liberal-modernista. O Rev. H. D. Major, superior de Ripon Hall, collegio de theologia anglicana em Oxford, escreve: "A experiencia christã provou e prova que, emquanto alguns christãos precisam de dogmas, outros os acham nocivos á sua vida espiritual; o mesmo verifica-se nos sacramentos e nos regulamentos... (Por isso) a igreja catholica (a do futuro) não exigirá dogmas, nem sacramentos como essenciaes para os seus membros." (4). Crê quem quer; quem não quer não crê e todos são igualmente christãos e admittem a Palavra de Deus!! A esta corrente pertence ainda o celebre W. R. Inge, deão da

(1) **E. Ménégoz, Le salut par la foi,** p. 36.
(2) **Lettre a M. Louis Emery,** Lausanne, 1899, pp. 9, 19-20.
(3) **W. Monod,** Aux croyants et aux athées.
(4) **Modern Churchman,** Jan. 1925. O Rev. **Major** é o director da Revista.

igreja de S. Paulo de Londres, que, depois de recitar na liturgia os symbolos tradicionaes, sobe ao pulpito para pregar a sua negação absoluta. "Emquanto nós honramos estes symbolos antigos, escreve em nome das igrejas livres o Dr. SELBIE, e os conservamos no culto divino, não faremos dos credos uma condição necessaria para pertencer ás igrejas reunidas." (1). Varios bispos anglicanos, o de Dusham e o de Birminghan pelo menos, pertencem á nova corrente que se avoluma de dia para dia. O ultimo destes bispos, o Dr. BARNES não crê no peccado original nem na Redempção. E todos estes professores, ministros, pastores e bispos continuam pacificamente na Igreja anglicana, que cobre toda esta anarchia doutrinal com a elasticidade indefinida da sua *comprehensiveness*.

Nos *Estados Unidos* é a eloquencia massiça dos grandes numeros. As ultimas estatisticas dão 20 milhões de catholicos, 27 milhões de protestantes divididos entre mais de 200 seitas (2) e cerca de 75 milhões de habitantes que não pertencem a nenhuma religião positiva. Na grande republica do Norte onde o apoio do Estado não conservou ao protestantismo, como na

---

(1) **Lambert Report**, A discussion by various contributors, pagina 81.

(2) Ao lado dos methodistas, baptistas, presbyterianos, luteranos, seitas mais numerosas, subdivididas cada uma dellas em muitas outras, ha uma legião de capellinhas insignificantes, decoradas de grandes nomes a occultarem minusculas realidades. Os **"General Six Principles Baptists"** com 6 edificios de culto e 456 membros; a **Church of Daniel's Band** com 5 edificios e 392 membros; a **Church transcendent**, com 91 membros; os **Tow Seed in the Spirit Predestination Baptists** com 36 edificios e 679 membros; os **Friends** com 60 adeptos. Fecho estas estatisticas e abro S. Paulo: "Fomos baptizados **num só Espirito**, para formar **um só corpo**, judeus e pagãos, escravos e livres... Deus dispôs o corpo... afim de que nelle não houvesse divisão, **ut non sit schisma in corpore**, mas que os membros tenham igualmente cuidado reciproco uns dos outros." I Cor. XII, 13 sgs. Do corpo de Christo, onde não devia haver divisão, fizeram os reformadores do seculo XVI esta anarchia doutrinal e este caos social a que se não póde applicar senão o nome negativo de quem se revolta: protestantismo.

Europa, certa unidade exterior, o virus corrosivo do livre exame desenvolveu-se sem restricções e acabou destruindo quase por completo o patrimonio doutrinal do christianismo. Mais de 70 milhões de americanos já não encontram satisfação nem paz em nenhum dos innumeraveis credos "evangelicos" e preferem procurar no mais completo subjectivismo a solução do seu problema religioso.

Na *Allemanha*, patria de quase todas as ideas que se coagmentaram no systema do adogmatismo completo, o protestantismo liberal tem-se desenvolvido como em terreno nativo. Em vez de citações isoladas — que já multiplicamos neste e no trabalho anterior, — preferimos adduzir aqui o resultado de um inquerito, entre os *professores de theologia nas faculdades protestantes*, feito em 1913 e publicado no n.º 29 da "*Reformation*." Verificou-se então que na Prussia havia 48 theologos positivos e 64 liberaes, fóra da Prussia 29 positivos e 44 liberaes. O protestantismo liberal constitue, portanto, a grande maioria dos cathedraticos em cujos ensinamentos se formam os pastores evangelicos. Mas as perspectivas para o futuro são ainda mais carregadas. Entre os livre-docentes, para 9 positivos encontram-se na Prussia 20 liberaes, e, fóra da Prussia 4 positivos para 5 liberaes. Entre os professores extraordinarios a razão é, na Prussia, de 7 para 12; fóra da Prussia, de 2 para 8. Ao todo, no mundo dos jovens professores contam-se 45 liberaes contra 22 positivos; mais de 2/3 dos actuaes formadores da mentalidade protestante, rejeitam, portanto, todo e qualquer dogma positivo.

O Snr. Ernesto, depositario infallivel da orthodoxia evangelica, fulmina os seus anathemas sobre quase todos os seus collegas e os elimina da discussão com um expediente de cirurgia: não são protestantes, são "anarchistas, atheus, livre-pensadores." Esquece o

preclaro professor, que os seus correligionarios assim tão mal tratados, com o mesmo direito virão amanhã anathematizar as preferencias theologicas do engenheiro curitybano. Foi o que de facto succedeu immediatamente. Pouco depois de publicado o livro do Snr. Ernesto, saiu, nos jornaes protestantes daqui uma serie de artigos sobre os "graves erros de interpretação da Biblia" contidas na sua obra. Num delles leem-se estes topicos: "A Igreja de Epheso talvez seja a Igreja Presbyteriana (Synodal) do Brasil ou Brasileira, como queira, com seu baptismo infantil, presbyterios anomalos que, em *contradicção á Biblia* não são pastores e bispos, seu complexo systema *antibiblico* de synodos e assembléas geraes sobre as igrejas, seus *credos rigidos*... A Igreja de Philadalphia talvez seja a Igreja methodista do Brasil com seus bispos que são, *anticvangelicamente* superiores aos pastores, com suas *doutrinas de apostasia* e *arminianismo*... Outra seria a Igreja Luterana com sua doutrina semi-catholica, quasi- catholica romana da consubstanciação, sua predilecção pela fornicação com o Estado que é a união da Igreja e Estado, seu mandarismo e *semi-infidelidade quanto á Biblia*"... (1). O Snr. Ernesto, alma ingenua que ignora tudo quanto se passa neste mundo sublunar, escreve confiadamente: "Apesar da apparente diversidade das "seitas" protestantes, relativamente aos pontos essenciaes da fé, ha entre elas muito mais unidade doutrinal que na Egreja de Roma... o que differencia um presbiteriano de um batista é uma cerimonia exterior." p. 101-103. Mal lhe cairam as palavras incautas da penna sae-lhe pela pôa um bom baptista para o qual presbyterianos, methodistas e luteranos, são antibiblicos, anti-evangelicos, mundanos, semi-catholicos (!!) semeadores de doutrinas de apos-

(1) O **Jornal Baptista**, 7 de Janeiro de 1932, p. 15.

tasia etc., etc. Aos baptistas, retrucam naturalmente os alvejados com as mesmas amabilidades. E' a admiravel "unidade doutrinal do Protestantismo". Snr. Ernesto; é a harmonia destas confissões de fé que parecem escritas por "um só autor no mesmo logar e dia."

Fechemos este capitulo com mais uma prova contemporanea e solemne desta insanavel anarchia doutrinal que pesa sobre o protestantismo como uma vingança da verdade que elle desprezou.

Não ha quem não tenha ouvido falar na celebre Conferencia de Lausanne, convocada em 1927 para a reunião das igrejas christãs. Dois annos antes, em 1925 reunião identica se havia congregado em Stockholmo. O objectivo dominante em 1925 foi *Vida e Acção, Life and Work*. Pareceram maduros os tempos para entrar no vivo da doutrina e da organização social. *Faith and Order,* foi o thema reservado para Lausanne. Em Stockholmo cantara victoria o christianismo pratico; em Lausanne era um esforço de concentração interior que se tentava. Affluiram 600 delegados, representantes de cerca de 90 confissões protestantes. Que magnifico ensejo de dar ao mundo a prova insophismavel da "unidade doutrinal."! Os assumptos não podiam prestar-se com mais opportunidade. Sob a orientação geral de Fé e Ordem deveriam tratar-se os argumentos seguintes: *Appello á unidade, O Evangelho mensagem da Igreja ao Mundo, a Natureza da Igreja, a Confissão de fé da Igreja, O ministerio da Igreja, os Sacramentos, a Unidade da Christandade e as igrejas existentes*. Sobre estes themas haviam sido preparadas antecedentemente, com a maior habilidade na redacção, umas tantas declarações que deveriam reunir a unanimidade dos suffragios. Apenas começaram os debates, patenteou-se a irreductivel diversidade das concepções christãs dos congressistas. Discutiu-se com cortezia; não se conseguiu votar uma conclusão una-

nimente acceita sem equivocos. Logo, na primeira Declaração doutrinal sobre o *Evangelho, mensagem da Igreja,* os reformados decidiram abster-se em massa. Para evitar um fracasso ruidoso o celebre Soederblom propôs que, em vez de se votar sobre a substancia da doutrina, os suffragios decidissem sobre a remessa dos textos ás Igrejas. Foi o que se fez. Emquanto os protestantes discordavam, os Gregos, que em Stockholmo haviam soffrido uma dolorosa humilhação, aproveitaram o ensejo para uma desforra em regra. Sem tergiversações declararam que era sua intenção conservar-se fieis á *Igreja* fundada por Jesus Christo, que não sacrificavam nenhum dos 7 sacramentos, que acreditavam na transubstanciação, que, ao lado das santas Escrituras reconheciam a autoridade da "santa tradição da Igreja" e na utilização dos livros sagrados rejeitavam a liberdade de interpretação ou o livre exame. E' de prever com que attitudes consternadas ouviram os discipulos de LUTERO e de CALVINO essas declarações que lhes vinham, precisas e altivas, dos confins do Oriente. Para todos, a Conferencia foi uma decepção profunda. Ao terminá-la, no discurso de encerramento, o metropolita GERMANOS accentuou-a em frases melancolicas e cortezes. Seu desejo e sua esperança era "que as igrejas extranhas á igreja orthodoxa oriental pudessem effectuar uma reunião *parcial;* tanto mais que então, para a nossa igreja orthodoxa, seria mais facil discutir a reunião com igrejas já unidas numa mesma fé, do que discutir com muitas igrejas, cada qual com uma fé differente." Não se podia exprimir com mais delicadeza a impressão dolorosa produzida pela babel dogmatica das igrejas protestantes.

A nota final enviada ás igrejas, depois da dissolução do Congresso, não obstante todos os seus eufemismos e rodeios, traduz o mesmo sentimento. "Esta conferencia foi convocada para examinar as questões

de Fé e Organização. Ella affirma não ter tentado definir as condições da união futura. Seu objecto foi registrar o nivel apparente dos accôrdos fundamentaes manifestados no seio da Conferencia e os pontos de graves desaccordos que subsistem, bem como indicar certas direcções que, para o futuro, poderão facilitar accôrdos mais extensos." Numa palavra: divergencias tão profundas e radicaes que não permittiram sequer a possibilidade de assentar as condições de uma união futura. Pela millesima vez, na historia, mallograva fragorosamente a tentativa de uma *formula Concordiae*. "A Reforma, escreveu um seu historiador protestante, a Reforma nasceu na divisão, na desunião e na discordia e a sua vida tem sido digna do seu nascimento." (1).

E' para lamentar que na grande conferencia de Lausanne não tivesse tomado parte o Snr. Ernesto Luiz de Oliveira. No momento mais critico, quando após tantas discussões estereis e irreductiveis se fossem retirar, humilhados e desilludidos os doutos congressistas, o delegado brasileiro tomaria a mão: *"Vos nescitis quidquam,"* e sacando da algibeira um papelsinho com uma citação anachronica de Samuel Edgard, deante dos 600 pastores e professores, maravilhados, leria impavido e solemne: "a harmonia dessas declarações de fé é verdadeiramente admiravel e constitue um evento extraordinario na historia do homem... parecem obra de um só autor, escritas no mesmo logar e dia!" E reforçando por sua conta a affirmação de Samuel, accrescentaria: "a unica divergencia sobre a significação do sacramento eucaris-

(1) W. Cobbett, A history of the Protestant Reformation, C. VII, n. 202. Dos protestantes allemães, escreve um dos mais notaveis pedagogos escandinavos de nossos dias, Lars Eskeland: "Por sua natureza a igreja luterana não póde viver, porque está fundada num vulcão." Per Skansen, Le grand éducateur Lars Eskeland, nos Etudes, t. 200 (1929), p. 449.

tiio desapareceu completamente nos tempos modernos." p. 101. Ante a evidencia da prova inedita cederiam os illustres representantes do protestantismo mundial; após 4 seculos soára alfim a desejada unificação; o professor da Escola de Curityba ter-se-ia immortalizado com gloria singular. COLOMBO descobrira a America; ERNESTO DE OLIVEIRA revelara á Europa o reino unido do protestantismo.

Um olhar ao Evangelho antes de pôr o fecho a este capitulo.

Aos seus apostolos Christo só lhes fala de um reino, de um rebanho, de uma igreja, *ecclesiam meam*. Quando lhes annuncia a conversão dos gentios, a existencia de outras ovelhas que Elle devera trazer a si, termina com estas palavras: e haverá *um só rebanho e um só pastor* (Joan. X, 16). No seu ultimo discurso, no testamento do seu amor, é sobre a unidade dos seus que insiste, é esta unidade que pede ao Eterno Pae: "Pae santo, conserva-os em teu nome... que sejam *uma só cousa*, como nós... E não oro só por estes, mas tambem por aquelles que, pela sua palavra, hão de crer em mim: que todos *sejam uma só cousa*, como tu Pae, em Mim e Eu em Ti; assim sejam elles *um* em nós; para que o mundo crea que tu me enviaste." (*Joan* XVII, 11 sgs.). Eis o que a oração efficaz de Christo impetrava para os seus: a mais perfeita unidade, analoga á da Trindade Santa, unidade das intelligencias pela fé e das vontades pelo governo; uma unidade *visivel*, porque deveria servir ao mundo de motivo de credibilidade na missão de Christo, (para que o mundo crea); uma unidade indestructivel: sem differença de tempo Christo ora pelos Apostolos e por todos os que hão de crer por meio delles na sua palavra.

O que ensinou o Salvador, repetiram-no os seus mensageiros fieis. "Rogo-vos, diz S. PAULO (*Eph.*

IV, 1 sgs.), eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação *com que sois chamados*... sollicitos em conservar a *unidade* do Espirito no vinculo da paz. Um só corpo, um só espirito, como fostes chamados numa só esperança da vossa vocação." Affirma-se como proprio da vocação christã, a unidade, unidade da sociedade visivel (unum corpus) e unidade do espirito interior (unus spiritus). E o Apostolo continua: "um só Senhor, *uma só fé,* um só baptismo, um só Deus e Pae de todos os homens." Eis a economia magnifica da Igreja de Christo, *igreja essencialmente una,* una no seu aspecto social visivel (unum corpus); no principio formal que o anima, o Espirito de Deus; na fé commum que lhe serve de regra e norma exterior; no rito baptismal que lhe dá origem e crescimento; na gloria de Deus, sua razão de ser suprema. Neste corpo devem unir-se todos os fieis, *sollicitos uns dos outros*: "Somos *um só corpo* em Christo, cada um de *nós, membros uns dos outros.*" Rom. XII, 5. Este corpo é organico; nelle ha differença de funcções, membros diversos. "Em um corpo temos muitos membros mas nem todos os membros tem a mesma operação" (Rom. XII, 4). "Ha diversidade de ministerios, mas o Senhor é o mesmo" 1 Cor. XII, 5. Esta multiplicidade de organs e de funcções em nada diminue a unidade vital do corpo "porque todos fomos tambem baptizados em um Espirito *para um corpo,* judeus e gentios, servos e livres." Não ha portanto igrejas nacionaes. "Ha muitos membros, porém um *só corpo* (1)... para que não haja divisão no corpo, *ut non sit schisma in corpore.*" A diversidade das funcções — apostolos, doutores, prophetas, os que *governam,* (v. 28) — funde-se na unidade organica de um só todo.

(1) Ouçamos o Snr. Ernesto. "Podemos definir a força do Protestantismo pelas seguintes sentenças: 1.°) quanto mais subdividido, tanto melhor; 2.°) quanto menos união organica e hierarchica tanto

Na Igreja primitiva, a unidade foi sempre a menina dos olhos dos fieis discipulos de Christo. A heresia e o scisma appareceram sempre como peccados particularmente diabolicos. Leiam-se S. CLEMENTE, S. IGNACIO, o Pastor de HERMAS, S. IRINEU, S. CYPRIANO, TERTULLIANO, CLEMENTE ALEXANDRINO e ter-se-á a impressão nitida do que representava para os christãos dos primeiros seculos a unidade da fé, a unidade do governo, a unidade do corpo mystico de Christo, a sua tunica inconsutil.

Abramos por ultimo as grandes *Confissões de fé protestantes*: A confissão *Augustana*, art. VII: Ensinamos que a santa igreja, *una*, ha de durar perpetuamente... Para a verdadeira unidade da Igreja basta consentir na doutrina do Evangelho e na administração dos sacramentos." (1). Ahi está a unidade da Igreja proclamada como uma de suas caracteristicas indestructiveis, unidade visivel, manifestada pelo *consenso na doutrina* e na *administração dos Sacramentos*. O *Catecismo Maior* II, III, 51: "Creio que ha na terra uma communhão formada só pelos santos... convocada *numa só fé, no mesmo sentir e julgar, unanime no amor e em tudo concorde, sem seitas, nem scismas.*" (2). Mais explicita, a *Formula Concordiae*: "E' absolutamente necessario que, approvada por una-

---

melhor; 3.°) quanto mais unidade em amor, tanto melhor; 4.°) quanto mais democracia, tanto melhor." p. 91. — Christo diz: que sejam uma só cousa; **Ernesto Luiz**, quanto mais subdividido, melhor. Christo diz: um só rebanho e S. Paulo: um só corpo; Ernesto Luiz: quanto menos união organica e hierarchica tanto melhor. Podemos definir a fraqueza do Protestantismo na sua mais perfeita antithese com os ensinamentos do Evangelho...

(1) J. Mueller, **Die Symbolischen Buecher der evangelisch-lutherischen Kirche**, 12 ed. Gutersloh, 1928, p. 40. Se a Igreja una deve durar perpetuamente, onde estava a Igreja una antes de Lutero?

(2) "in una fide, eodem sensu et sententia, in amore unanimem et per omnia concordem, sine sectis et schismatibus." **Mueller**, p. 457.

nime consentimento haja uma formula compendiada ou modelo em que *se encontre a doutrina commum.*" (1).

Eis a unidade da Igreja, tal qual no-la representam os Evangelhos, a pregação dos apotoslos, os ensinamentos dos primeiros christãos, o testemunho official dos proprios reformadores. Nada mais evidente. A unidade é o sigillo da verdade. Uma revelação divina que varia, se corrige, se retracta é uma palavra humana, precaria e fallivel.

Possue o protestantismo esta indispensavel unidade? Acabamos de demonstrar á saciedade que não. Negar a anarchia doutrinal, confessada implicita ou explicitamente pelas proprias assembléas protestantes, é fechar teimosamente os olhos para não ver a luz meridiana. O protestantismo não possue nem poderá possuir nunca a harmonia da fé. Falta-lhe o principio formal da unidade. Por sua propria regra, pelo livre exame individual applicado ás Escrituras, as discordias, que estalaram incoerciveis nos primeiros dias, ir-se-ão aggravando, com o correr dos tempos, cada vez mais profundas e irreductiveis. A razão o demonstra; os factos ahi estão a confirmá-la. A fragmentação progressiva só terminará com a mais perfeita pulverização individualista. Então da doutrina de Christo não subsistirá mais uma só verdade para luz e paz das consciencias humanas. O protestantismo introduziu, com a sua regra de fé, um erro fundamental e, por meio delle dilapidou todo o patrimonio do christianismo. Estamos bem longe da verdadeira Igreja de Deus, *columna et firmamentum veritatis*. O que se eleva ante os nossos olhos consternados é uma torre de Babel.

---

(1) Mueller, p. 568. São verdadeiras estas declarações doutrinaes? Então o protestantismo que não lhes corresponde, é falso. Não são verdadeiros? Então o protestantismo começou a errar pelos seus primeiros symbolos de fé.

EXCURSUS B.

A leitura da Biblia e os catholicos.

Varias vezes no seu livro accusa o Snr. ERNESTO á Igreja de prohibir aos seus filhos a leitura dos livros sagrados e exalta a Reforma por haver aberto aos povos as fontes da Palavra divina. A pag. 44-45 cita um trecho magnifico em que o pranteado Cardeal ARCOVERDE exhorta instantemente os fieis á leitura dos Santos Evangelhos. O facto pareceu-lhe tão novo que, sem perceber o ridiculo a que se expunha não hesitou em qualificar "de protestantissima essa pastoral do rev. Cardeal Brasileiro, porque bem longe está de exprimir o sentimento da Egreja de Roma, com referencia á leitura da Sagrada Escritura, como passamos a demonstrar." p. 45. Em outras palavras, o eminente Pastor Brasileiro desgarrava da orthodoxia ou cometia uma falta de indisciplina.

E' realmente de lamentar a leviandade com que o professor de Curityba trata assumptos tão graves. Esquece-lhe até o ler com attenção. Nesta mesma pastoral, neste mesmo trecho que elle acabava de transcrever, lembrava Sua Eminencia o exemplo de "diversos senhores bispos (que) inflamados de apostolico zelo, em doutas pastoraes e piedosos mandamentos recommendam com instancia *aos fieis, ás familias, aos homens de todas as classes sociaes* a preciosa e salutar leitura dos Santos Evangelhos." E este movimento dos bispos era impulsionado "pelas bençãos e animações do augusto e magnanimo Leão XIII." — Mas tan-

to Leão XIII quanto os cardeaes e bispos catholicos "estão bem longe de exprimir o sentimento da Egreja de Roma." Esse, conhece-o bem o protestante de Curityba, que se promptifica até a no-lo demonstrar.

A demonstração promettida é a evocação do canon 14 do Concilio de Tolosa reunido em 1229, no qual se prohibe aos fieis ler dos livros sagrados mais do que se acha no Psalterio e nas Horas da Virgem.

Lastimamos apenas que o Snr. ERNESTO esquecesse de advertir aos seus leitores: 1.°) que o concilio de Tolosa é *particular* e suas decisões não obrigam senão uma pequena região da christandade; 2.°) que esta medida disciplinar foi *momentanea* e não perpetua; 3.°) que a motivaram *razões da maior importancia*. Devastavam então os albigenses o sul da França; nenhuma doutrina era mais perniciosa á ordem social, civil e religiosa. Matrimonio, familia, propriedade, tudo era subvertido por esses revolucionarios que DOELLINGER chamou "os comunistas do tempo." Para fanatizar as multidões, um dos meios empregados era a leitura da Biblia, sobre cuja interpretação descabelada se pretendia firmar a renascença religiosa dos novos tempos. Que muito se impusessem as restricções do concilio de Tolosa como medida salutar de disciplina, de ordem, de defesa social? (1). Porque não explicou o Snr. ERNESTO todas estas circunstancias aos seus leitores? Porque affirmou, que, antes da Reforma "esse livro foi sonegado ao povo e era crime de morte possui-lo" e por isso "a humanidade caiu em espessas trevas?" p. 48.

Para que se veja com que precipitação o professor adeanta as affirmações mais cerebrinas, basta lembrar o zelo com que a Igreja procurou sempre tornar

(1) Pouco adeante cita o Snr. Ernesto proibições de Pio IX sem alegar textos, nem contextos, nem fontes, conforme o seu louvavel costume. Mais tarde diremos duas palavras destas proibições.

accessiveis ao povo o Livro Divino. Apesar de ser o latim, na idade media, lingua ao alcance de quase todos os leitores, bem cedo *em todos os paizes da christandade* se multiplicaram *as traducções vernaculas* da Biblia que se reproduziam em manuscritos cada vez mais numerosos. Os estudos recentes já nos permittem seguir a historia destas traducções de que daremos aqui um brevissimo compendio.

A Biblia foi um dos primeiros livros que se tentaram traduzir em *francês;* os primeiros ensaios que *datam do seculo XII* pertencem á idade de ouro da literatura francesa. Já em 1100 encontramos duas traduções do Psalterio em dialecto *normando.* Pouco a pouco se foram traduzindo os outros livros sagrados. No reinado de S. Luiz (sec. XIII) appareceu a Biblia francesa completa, de que hoje possuimos dois manuscritos. De grande popularidade gozou mais tarde a *"Bible historiale complétée,"* que, foi a primeira Biblia francesa *impressa* em 1487.

Na *Espanha,* o perigo albigense inspirou prohibições analogas ás do concilio de Tolosa. Exconjurado o perigo, Affonso X de Castella, (1252-1286), providenciou para que se traduzissem em espanhol os livros santos. A *Biblia Alfonsina,* que é do seculo XIII, foi seguida nos dois seculos immediatos de varias outras versões anonymas, feitas umas sobre o texto latino de S. Jeronymo, outras sobre o original grego ou hebraico. Como se vê, excepto os 30 ou 40 annos que durou a ameaça albigense, a vulgarização da Biblia, antes da Reforma foi animada e facilitada na Espanha. Ao lado da Biblia espanhola surge bem cedo a *Biblia catalã,* cujo manuscrito mais antigo, ainda hoje existente, remonta ao seculo XIV. O tradutor foi o dominicano Romeu de Sabruguéra, professor de theologia da Universidade de Paris em 1306 e provincial da Provincia de Aragão em 1312.

Portugal, apesar da semelhança de idioma facilitar nelle o uso das versões espanholas, teve tambem muito cedo, a sua tradução vernacula. Fernão Lopes na sua *chronica d'El-Rei D. João* refere que esse rei (1385-1433) mandara traduzir quase todo o Novo Testamento, e já sob o reinado de D. Diniz os monges de Alcobaça com uma *"historia d'abreviado Testamento Velho"* haviam tambem vertido os *Actos dos Apostolos*. Remontam, portanto, aos principios do seculo XIV, as primeiras versões portuguesas dos Livros Santos de que temos actualmente conhecimento.

Na *Inglaterra* ascendem ao seculo VII (Poemas de Cardmon) os primeiros ensaios de vulgarização dos Livros Santos. No começo do seculo VIII S. Aldhelmo, bispo de Sherborne, traduziu os Psalmos. No seculo X já conhecemos uma versão dos *evangelhos* em anglo-saxonio. Traduções e parafrases dos outros livros santos encontram-se por todo o seculo XIII e XIV. A heresia de Wiclef, um dos precursores do protestantismo, veiu crear difficuldades no seculo XIV á maior vulgarização da Biblia inglesa.

Entre os *hollandeses,* como precursores das versões propriamente ditas, encontramos as *biblias historiaes* que remontam ao seculo XIII. A mais antiga a *Ryembyebel,* de Jacob van Maerlant é de 1271. Foi uma destas biblias a primeira que se imprimiu em 1477. O *Novo Testamento,* e sobretudo as collecções de *Epistolarios* e *Evangeliarios* (collecções dos textos liturgicos) multiplicaram-se extraordinariamente. Conhecemos edições de 1478, 1481, 1482, 1484, 1486, 1488 (duas), 1489, 1490, 1493, 1496 (duas). Todo o povo podia assim seguir em vernaculo a liturgia official da Igreja. Com o apparecimento do protestantismo redobrou a actividade dos editores catholicos. Só Guilherme Vosterman, entre 1528 e 1546, publicou 6 edições da Biblia completa e 6 outras do Novo Testamento.

Neste mesmo intervallo, por outros editores catholicos, foram impressas mais de 15 edições do Novo Testamento.

Entre os *eslavos,* conversão ao christianismo e tradução da Biblia foram simultaneas. S. Ciryllo e S. Methodio que no seculo IX annunciaram o Evangelho no Oriente europeu, foram ao mesmo tempo os fundadores da sua literatura ecclesiastica e nacional. A Biblia vertida em paleo-slavo constitue o mais notavel dos seus monumentos primitivos. Entre os *polacos* já encontramos no seculo XIII um *Psalterio* traduzido e mais tarde a *Biblia inteira.* Da chamada *"Biblia da Rainha Sofia,"* conserva-se na Hungria um manuscrito que remonta a 1455. Os *hungaros* já no começo do seculo XI traduziam para o *magyar* os *Psalmos* e os *Evangelhos.* No seculo XV, um eremita da ordem de S. Paulo, fallecido em 1456, da familia dos principes de Transylvania, vertia para a lingua do paiz a Biblia inteira.

Não se contam os manuscritos das *versões italianas* da Biblia, anteriores a Reforma. No seculo XIV e XV dominicanos e principalmente franciscanos vulgarizavam entre o povo a leitura da Biblia na linguagem vernacula. E' interessante o caracter popular e leigo que ainda hoje se lê em muitos destes manuscritos antigos. Um delles é copiado em 1369, por um prisioneiro politico "in civitate Venetiarum in carcere quo nominatur Schiava," uma daquellas terriveis enxovias dos doges de Veneza, situadas para além da *Ponte dei Sospiri,* que ainda se vê em nossos dias; outro é tambem trabalho de um encarcerado que presta este serviço a um grande senhor de Veneza "ad petitionem domini." Outro ainda que se conserva na *Laurenciana* foi copiado "di propria mano" por "Piero di Gieri del Testa Girdami" em 1479. — A Biblia andava nas mãos de todos, sacerdotes e leigos, senhores e plebeus. Ape-

nas inventada a typographia, foi logo impressa a Biblia italiana para facilitar-lhe a vulgarização. Só em 1471 appareceram em Veneza duas grandes edições.

A *Allemanha,* patria de Lutero e do protestantismo, é talvez a nação da Europa em que mais diffusa se achava a leitura dos livros santos, tanto em latim como em vulgar. Os primeiros fragmentos biblicos vertidos para o baixo allemão ascendem ao *seculo VIII*. No seculo IX encontramos a tradução dos *Psalmos* e a composição das *Biblias historiaes* que tornavam mais accessivel ao povo o conteudo historico dos dois Testamentos. No seculo XI, um monge de S. Gall, NOTKER LABEO (m. 1022) e um abbade de Ebersberg, VILLIRAM (m. 1085) dão-nos novas traduções de varios livros do A. T. Estas traduções parciaes tornam-se mais frequentes com o tempo e é certo que nos primeiros annos do seculo XV, antes da invenção da imprensa, já existia em lingua vulgar, uma versão integral da Biblia. A invenção dos typos facilitou extraordinariamente a diffusão dos livros sagrados. *Antes de* 1477 já se haviam impresso 5 *edições* da Biblia. (Moguncia, 1472; Strassburg, 1466, (duas) Nueremberg, 1470; Augsburgo, 1475). De 1477 a 1522 sairam mais 9 *edições* (7 em Augsburgo, 1 em Nueremberg, 1 em Strassburgo). Nesta mesma epoca publicaram-se mais 4 edições completas da Biblia, em baixo allemão. (Colonia (duas) 1480; Luebeck, 1494; Halberstadt, 1522). Da Vulgata, — e o latim era então lingua accessivel á maioria das pessôas instruidas — até 1500, já se haviam tirado *quase* 100 *edições*. A primeira obra d'arte que saiu das officinas do celebre editor Koburger foi uma Biblia magnifica, illustrada com mais de 100 gravuras em madeira. Em 10 annos, de 1479 a 1489, KOBURGER publicou ainda 15 *edições* da Biblia e Amerbach, 9. Este numero extraordinario de reimpressões dos livros santos mostram, com uma diffusão

admiravel da instrução popular, o interesse que despertava a sua leitura em sacerdotes e leigos de todas as camadas sociaes. Afim de facilitar aos mais desherdados da fortuna o conhecimento da historia sagrada, começou-se a publicar na segunda metade do seculo XV a chamada *Biblia dos pobres,* series de 48 ou 60 imagens, tiradas do Antigo e do Novo Testamento acompanhadas de curtas explicações. Em pouco tempo e de modo instructivo, aos simples e rudes podia explicar-se a historia dos factos mais interessantes á vida christã.

A' leitura da Biblia, que assim se diffundia entre o povo, a Igreja era a primeira a estimular os fieis com os seus conselhos. "Tudo o que ensina a santa Igreja, lê-se na *Porta do céu* publicada em 1513, tudo o que ouves nos sermões e outras instruções, tudo o que está escrito nos livros espirituaes, tudo o que cantas para a gloria de Deus, as orações que fazes para obter a salvação de tua alma, as contradições e provas por que passas, tudo deve excitar-te a ler com humildade e devoção as Santas Escrituras, as Biblias que agora se acham traduzidas e impressas em lingua allemã e espalhadas *por toda a parte em grande numero,* completas ou abreviadas e que se podem hoje comprar por pouco dinheiro." (1). O *Pequeno Jardim abençoado* de 1509 aconselha: "Lê e medita com zelo a S. Escritura, principalmente as epistolas e os evangelhos dos domingos e dias de festas." (2). O editor da *Biblia de Colonia*: "Todo o christão deve lê-la com devoção e respeito. A gente instruida deve servir-se da tradução latina de S. Jeronymo; mas as pessôas sem letras, os

---

(1) **Hasak, Der christliche Glaube des deutschen Volkes beim Schluss des Mittelalters,** Regensburg 1868, p. 19.
(2) **Id.** Op. cit. p. 12.

homens simples... devem servir-se da presente Biblia em versão allemã." (1). Em edições menores, como já dissemos, reuniam-se muitas vezes os textos biblicos empregados na liturgia. O fim destes *Evangeliarios,* dizia-se expressamente muitas vezes, era "levar os fieis á leitura assidua e amada da Biblia, particularmente do Evangelho que, em força e verdade, sobrelevam as outras partes da Escritura."

Os innumeros testemunhos positivos da epoca dão a ver como de facto era muito commum entre o povo a leitura da Biblia. João Eck affirma de si que, aos 10 annos, já a havia lido toda. Adão Potken, na sua infancia (1470-1480) aprendêra de cór os 4 evangelhos e, mais tarde, aos seus alumnos de 11 ou 12 annos lia todos os dias alguns capitulos do Antigo e do Novo Testamento. Ao humanista Conrado Celtes escrevia a celebre abbadessa de Nueremberg, Caridade Pirkheimer: "A Biblia é o campo do Senhor; a sciencia divina nella tira a amendoa da casca, o espirito da letra, o oleo do rochedo, a flôr dos espinhos." (2).

Com que consciencia ousa então escrever o Snr. Ernesto, que, antes da Reforma "esse Livro foi sonegado ao povo e era crime de morte possui-lo?" Onde viu que "para multiplicarem as copias desse Livro, *os protestantes inventaram a arte de imprimir?*" Será possivel tanta ignorancia! Conhecia o professor estes factos? Se os não conhecia, com que consciencia accusar e falar em assumpto que se ignora? Se os conhecia, como sobrepôr assim uma paixão sectaria aos interesses da verdade? E' triste e doloroso!

Resumindo. *Antes da Reforma,* com raras excepções, locaes e momentaneas (Sul da França e Es-

(1) Cfr. **Geffken, Der Bildercatechismus des 15 Iahrhunderts,** Leipzig, 1855, p. 8-9.
(2) Cfr. **Janssen, Geschichte des deutschen Volkes,** t. I, c. II.

panha, no tempo dos albigenses, Inglaterra, depois de Wiclef), por toda a parte, a Igreja facilitou e promoveu a leitura das Escrituras Sagradas. Muito e muito antes que surgisse o protestantismo, *já a Biblia havia sido traduzida em todas as linguas faladas na christandade*. Apenas inventada a imprensa, immediatamente em todos os paizes os prelos catholicos foram multiplicando prodigiosamente as edições do Livro sagrado, assim em latim como em vulgar. *São factos*.

Só *depois da Reforma* appareceram as primeiras medidas restrictivas de caracter geral. O *Indice Tridentino* na sua Regra 4 diz: "como a experiencia mostra que a leitura da Biblia em vernaculo concedida — *a todos e sem discreção, passim et sine discrimine,* — produz, pela temeridade dos homens, mais detrimento que vantagens a decisão, neste ponto, fica a juizo do bispo ou do parocho," que poderão permittir essa leitura a quantos nella escontrarem alimento á sua fé e piedade. Esta medida geral de Pio IV é de 1564; em outros paises, disposições analogas haviam sido tomadas anteriormente. Possuimos hoje um exemplar de uma Biblia portuguesa em que na primeira pagina se concede a Sá de Miranda a autorização de usá-la.

Com ligeiras variantes estas disposições se foram modificando até chegarmos á disciplina actualmente em vigor. Em nossos dias, todos os catholicos podem ler a Biblia em vernaculo, contanto que se trate de edição approvada pelas autoridades ecclesiasticas e acompanhada, nos pontos mais difficeis, de notas e esclarecimentos. Pela primeira destas condições assegura-se a integridade dos Livros sagrados que não se abandona aos caprichos do primeiro editor; pela outra, facilita-se a quem não fez estudos especiaes de exegese a recta interpretação dos passos mais obscuros. Preenchidas estas clausulas, inspiradas no bom senso mais elementar, a todos os fieis é, não só permitida, senão ainda acon-

selhada a leitura dos livros santos, sobretudo do Novo Testamento que mais de perto interessa a vida christã. Não ha lingua moderna em que os catholicos não encontrem, em magnificas edições, traduzida toda a Biblia. Dizer depois disto que a Igreja fecha aos seus filhos as paginas inspiradas da Palavra de Deus é faltar conscientemente á verdade e á justiça.

Os motivos que inspiraram as medidas restrictivas promulgadas depois do Concilio de Trento cifram-se no abuso inqualificavel que das Sagradas Escrituras fez o protestantismo. LUTERO arvorara cada christão em arbitro soberano de sua fé e de sua moral. A interpretação dada pelo individuo aos textos da Escritura constituia para elle a norma inappelavel do seu christianismo. Não houve impiedade nem immoralidade que não se acobertasse com algum texto sagrado. Que o diga um predicante contemporaneo: "Com a Biblia na mão devastaram os hussitas as regiões; justificaram os calvinistas a sua theocracia e com a mesma Biblia condemna o piedoso LUTERO qualquer movimento democratico e popular, prova o seu direito divino de ser tido por homem de ordem superior." (1). Com a Biblia na mão practicaram-se não só as maiores atrocidades mas justificaram-se todos os erros e blasphemias. Não ha seitasinha protestante — das centenas e centenas a pullularem por toda a parte — que para defender as suas excentricidades não tenha encontrado algum testemunho dos livros divinos, por ella infallivelmente interpretado em virtude "da operação interior" de que nos fala o Snr. ERNESTO.

Mas as irreverencias não se limitaram á interpretação dos livros inspirados, foram até ao desrespeito de sua integridade. Ouçamos os contemporaneos.

---

(1) A. Kalthoff, Das Zeitalter der Reformation, Iena, 1917, papina 85.

"Para os calvinistas, dizia o luterano HUBER, a Sagrada Escritura é uma gaita de fole com que cantam, afinam e instrumentam como bem lhes parece. Com este systema de continuas transposições acabar-se-á facilmente transformando o Antigo Testamento num Alcorão e o Alcorão em Novo Testamento." (1). Os calvinistas não ouviam calados, nem lhes faltava resposta afinada na mesma solfa. "Desde que existe a Igreja, nenhum hereje teve a audacia de falsificar, dilacerar e disfigurar a Sagrada Escritura, como os luteranos, que no emtanto querem passar por verdadeiros prophetas do Senhor; vae-lhes a vida em perturbar e desvairar a consciencia dos credulos." (2).

Para sanccionar estas falsificações e mutilações blasphemas da Escritura, os exemplos vinham de mais alto. Os patriarcas da Reforma foram tambem neste ponto os modelos imitados e superados pelos seus successores. ZWINGLIO, para defender as suas heresias eucharisticas, onde o texto original dizia: este *é* o meu corpo, traduziu em 4 logares differentes, isto *significa* o meu corpo. (3). LUTERO, na sua tradução, falseou

(1) S. Huber, Rettung des Spruches Rom. VIII wider die alten und neuen Calvinischen Raupen, Ursel, 1598, p. 27-28. No mesmo anno outro luterano Pretorius escrevia: "A palavra de ordem de todos os calvinistas, ei-la: falsificar a Escritura Sagrada, blasphemar, negar a verdade, enganar e empalmar a gente simples." Calvinische Gasthaus, 1598, F. A. — A. 2.

(2) Ein christlich Gesprech zwischen einem Landfarrherr und einem Gelehrten des Rechts, 1599, f. A. 3.

(3) O theologo protestante Conr. Schluesselburg escrevia em fins do seculo XVI: "Não é possivel de modo algum excusar este crime de Zwinglio; a cousa é por demais manifesta; no texto grego não se lê significat mas ἐστί ." Theologia calvinista, Francofurte, a M. 1592, l. 2, f. 43 b. E na folha seguinte f. 44 a: "Não o podeis negar nem occultar porque andam pelas mãos de muitos os exemplares dedicados por Zwinglio a Francisco, rei de França e impressos em Zurich no mês de Março de 1525, in 8.°. Na aldeia de Munder, na Saxonia, no anno 60 eu vi na casa do reitor do collegio, Humberto, não sem grande maravilha e perturbação, exemplares da Biblia allemã, impressa em Zurich, onde verifiquei que as palavras do Filho de Deus haviam sido adulteradas no sentido dos sonhos de Zwinglio. Em todos os 4 logares (Mt. 26; Mc., 14; LC., 22; I

quantas vezes lhe aprouve, o texto sagrado. Quando a palavra divina podia suscitar difficuldades á sua doutrina, elle as amoldava suavemente, e, se era mister, introduzia novos termos que alteravam radicalmente o sentido. S. Paulo escrevia aos Romanos: "Julgamos que o homem se justifica pela fé, sem as obras da Lei." LUTERO transpondo a ordem das palavras e accrescentando, por sua conta um *só*, põe a principal força da frase na justificação *só* pela fé. (1). E falsificações neste genero encontram-se innumeraveis na versão allemã da Biblia que ao protestantismo legou o seu fundador. Confessa-o abertamente PAULSEN: "Convem observar que Lutero não se ateve de modo algum á letra e á interpretação grammatical do texto escrito; serve-se da letra quando esta é por elle e contra os outros, por exemplo, contra os suissos. Quando não é por elle, continua seguro de si e sabe o que deve estar na Escritura. E' bem conhecido com que liberdade submete á sua censura cada um dos livros sagrados e lhes aquilata o valor pela harmonia com a sua doutrina, chegando até a ajudar o texto quando não lhe parece offe-

---

Cor., 11) em que se referem as palavras da instituição do Filho de Deus, o texto achava-se assim falseado: Das bedeutet meinen Leib, das bedeutet meinen Blut, isto significa o meu corpo, isto significa o meu sangue."

(1) Eis a tradução de Lutero "So halten wir es nun, dass der Mensch gerecht werde, ohne des Gesetzes Werke, allein durch den Glauben." — Outras habilidades de tradutor. Da palavra **Igreja, Kirche,** só se serve Lutero no Antigo Testamento para designar os lugares em que se adoravam os idolos; no Novo Tesatmento para significar a Igreja de Christo emprega o termo "communidade" **Gemeinde**. Era preparar geitosamente no povo o odio á Igreja e prejudicar a sua autoridade invocada contra as innovações luteranas.

— Nos trechos em que os termos — justo, justificar — contrariavam a sua doutrina da justificação exterior pela fé, verte-os equivocamente por **fromum**, piedoso. Por exemplo, Apoc. 22, 11: qui justus est, justificetur adhuc, Wer fromm ist, der sei immerhin fromm. Destas escamoteações está cheia a versão allemã de Lutero, a que, aliás, não faltam qualidades literarias incontestaveis.

recer com a necessaria decisão a pura doutrina da justificação só pela fé." (1).

Ante esta innundação de Biblias falsificadas, ante esta intemperança de interpretações esdruxulas e perniciosas, haveria attitude mais prudente e mais salutar que a tomada pelo catholicismo? Antes, como depois da Reforma, ainda que de modo differente por serem differentes as circunstancias, ninguem zelou com mais cuidado, com mais carinho, com mais respeito pela integridade e conservação das Escrituras sagradas do que a Igreja catholica. E' a verdade pura e incontestavel.

---

(1) F. Paulsen, Geschichte des Gelehrten Unterrichts, Leipzig, 1919, t. I, 2.ª ed. p. 206-207.

LIVRO III

Nações Catholicas e Nações Protestantes

CAPITULO I

Grandeza economica e politica dos povos catholicos e dos povos protestantes.

§. *Nações catholicas.*

A supposta superioridade das nações protestantes sobre as catholicas tem sido amplamente explorada, nos meios de cultura intellectual inferior, como argumento popular contra a Igreja. Nada mais facil do que deslumbrar os ingenuos com a grandeza da Allemanha, da Inglaterra e dos Estados-Unidos, e, depois, por uma associação espontanea ás crenças religiosas desses povos, concluir apressuradamente: Ahi está a efficiencia civilizadora da Reforma; os povos protestantes marcham na vanguarda do progresso; os catholicos ahi estão definhando num estiolamento de arvores rachiticas, sem seiva e sem porvir.

O argumento é facil e impressiona; tão facil e tão impressionante que qualquer espirito pausado entra logo a reflectir e a duvidar. No intuito de alhanar o exame destas conclusões precipitadas, submettemos as suas premissas a uma analyse mais esmiuçadora. Não ha facto tão complexo como a civilização de um povo;

não ha effeito em que entrem tantas e tão variadas causas como a formação e o desenvolvimento de uma nacionalidade. Reduzir a grandeza de um povo a algumas cifras de commercio e explicá-las pelo factor religioso é simplificação pueril, que poderá fazer mossa nas turbas irreflectidas mas que a um espirito critico parecerão ridiculas infantilidades.

A primeira duvida que surge immediatamente ao espirito é a da propria existencia de nações catholicas e de nações protestantes. De que povo se póde dizer com verdade que esteve sujeito nestes ultimos tres seculos á influencia exclusiva de uma ou outra destas confissões religiosas? Com a facilidade do moderno intercambio intellectual, com a circulação de ideas e de livros, os povos já não são hoje unidades isoladas, plasmadas pela influencia de uma só religião ou systema fechado de philosophia. Ha um pouco de tudo em toda a parte. No caso concreto que estudamos não se trata só de communhão de ideas que se diffundem livremente; são as proprias nações que na sua constituição demographica se acham largamente divididas entre os differentes credos religiosos. Na *Hollanda* os catholicos representam 35 % da população (2.836.000), os protestantes 52 % (3.983.000). O papel que nos destinos do paiz tem desempenhado os primeiros, varias vezes á frente do governo, é bem conhecido por quantos sabem a historia contemporanea. Com que justiça chamar, sem restricções, a Hollanda um paiz protestante?

Na *Allemanha*, a proporção entre as duas confissões, apesar dos desfalques da guerra (as provincias perdidas no Oriente, e no Occidente, eram de maioria catholica) é pouco inferior: 32 % de catholicos e 64 % de protestantes. O "Centro" tem representado na politica do paiz uma funcção de primeira importancia. Nos tempos difficeis, que ha 15 annos, vem atravessan-

do a nação, quase todos os chefes de governo — von Hertling, Wirth, Marx, Bruening, tem sido catholicos. Será equidade não ver na Allemanha senão um fructo da influencia protestante?

Na *Suissa* é ainda maior o contingente catholico, quase 40 %; as differentes seitas reformadas elevam os seus adeptos a 56 %. Será justo affirmar, sem grandes resalvas, que a Suissa é um paiz protestante?

Nos *Estados-Unidos* só a Igreja catholica conta um numero de membros (20 milhões) quase igual ao de todas as centenas de seitas protestantes que reunidas não attingem 30 milhões. O progresso do catholicismo tem sido magnifico, paralelo ao progresso material da nação e á decadencia correlativa do protestantismo confessional. Em 1790 quando foi consagrado o primeiro bispo catholico, o antigo jesuita JOHN CARROLL, os catholicos eram apenas 40.000, cerca de 1 % da população total. Em 1852, reuniu-se o primeiro concilio plenario de Baltimore; eram 5 arcebispos e 26 bispos; os catholicos, 2.500.000, já representavam 10 % da população. Hoje são mais de 20.000.000, isto é, cerca de 17 % dos habitantes da grande Republica. Quem poderá sem injustiça não ver nos Estados Unidos senão a influencia do protestantismo?

Acerca das nações catholicas têm cabida as mesmas resalvas. Ao lado de um grande nucleo que se conserva fiel ás crenças avitas, ha o contingente forte de adeptos de outras religiões, de incredulos e de livres pensadores, que, não raro, exercem na orientação dos negocios publicos, uma influencia desproporcionada ao seu numero.

Se a divisão dos povos em categorias rijas de catholicos e protestantes presta o flanco a todas estas criticas bem fundadas, maiores são ainda as restricções que se impõem quando se trata do conceito de civili-

zação de um povo. Muito frequentemente com este vocabulo se designa o bem estar material ou a grandeza terrena; o que, para logo occorre, é a prosperidade economica, o desenvolvimento industrial, o poderio militar, a influencia politica. Mais raramente se quer com elle alludir á pureza dos costumes e á elevação moral da vida. Ora estes dois aspectos da civilização, longe de ser solidarios, andam não poucas vezes divorciados. Não é excepção encontrar um povo no apogeu do seu esplendor material, e carcomido já até á medulla pelos vicios que um dia o levarão á ruina total, á dissolução e á morte. Com as nações verifica-se o que a cada passo vemos nos individuos: os mais ricos nem sempre são os mais honestos; os de musculos mais rijos não primam necessariamente pela delicadeza de sentimentos e nobreza d'alma. O valor especificamente humano está muitas vezes na razão inversa das qualidades animaes.

Ora, nestes dois aspectos da civilização a influencia do factor religioso é muito diversa. Sobre as virtudes e os attributos moraes de um povo influem mais directamente a bondade e a elevação de suas convicções religiosas. No desenvolvimento de sua prosperidade material, esta influencia, indirecta pela natureza das cousas, é, por isso mesmo, mais reduzida e limitada por barreiras intransponiveis. Aqui os factores que figuram em primeiro plano são os proprios agentes da ordem material. As riquezas naturaes, a bondade do clima, as facilidades de communicação com as grandes vias de commercio, a perspicacia politica dos estadistas, a competencia e a fortuna dos grandes cabos de guerra exercem uma acção decisiva nos destinos humanos das nações. Ao philosopho da historia cabe examinar a intervenção destas causas, a sua variação e interdependencia, para explicar, senão na sua totalidade, ao menos, em grande parte, o diagramma da evo-

lução dos povos. Isolar uma nação no seu apogeu de prosperidade material, dos factores historicos que lhe condicionaram o desenvolvimento para dahi concluir a verdade de suas crenças religiosas é um processo apologetico que nem o Evangelho, nem a razão, nem a historia sanccionam. Poderiamos assim provar successivamente a excellencia do polytheismo romano sobre o monotheismo judaico, do mahometismo arabe sobre o christianismo antigo, do catholicismo sobre o protestantismo etc. Basta deslocar no correr dos seculos a applicação do criterio superficial para obter os resultados mais inverosimeis e contradictorios. No seculo XVII as grandes nações catholicas — França, Hespanha, Italia, Portugal, pelo seu poder politico e militar, pela cultura das sciencias e das artes, pela extensão dos seus dominios coloniaes, estavam á frente da civilização emquanto os povos protestantes se debatiam em guerras intestinas, sob o despotismo religioso implantado pela Reforma. Nos seculos X e XI os arabes, embriagados pela conquista, elevaram rapidamente o edificio de uma grandeza social que em muitos pontos sobrelevava ao das nações christãs, trabalhadas por males internos de que só um ou dois seculos depois conseguiram desembaraçar-se. Não façamos, pois, da momentanea prosperidade material de um povo um criterio de suas crenças religiosas.

Estas observações, de ordem methodologica, são de importancia decisiva. Por ellas se vê que não é possivel tirar em favor de um credo, nenhum argumento apologetico, da situação material de atrazo ou prosperidade dos povos que o abraçaram. Uma prova efficaz da verdade do protestantismo exigiria que se evidenciasse a superioridade dos povos protestantes, no *ponto de vista moral,* precisamente *desde que,* e *porque* abraçaram a Reforma; emquanto os povos catholicos nunca attingiram igual elevação na pratica das vir-

tudes christãs *precisamente porque se conservaram sempre fieis aos principios do catholicismo* Ora, de semelhante demonstração, *exigida pela critica mais obvia,* nunca se tentou sequer um esboço. "Après cela qu'on nous parle de la décadence des nations latines, vieux cliché digne d'un mauvais instituteur de village... cela n'a pas d'importance, et ceux qui savent ce que pèsent ces discours, laissent á la vie le soin d'en montrer le mensonge." (1).

Sobre estas exigencias de methodo que condicionam a propria possibilidade da demonstração, o Snr. Ernesto teve por melhor não fazer observação alguma. Na sua applicação ao estudo da evolução historica dos povos catholicos é que elle julgou poder revidar com vantagem. Nunca, porém, a sua critica foi mais deficiente, superficial e pueril. Dir-se-ia que estamos argumentando com um preparatoriano de 15 annos, que se põe a philosophar com os seus conhecimentos rudimentares de compendio. Citamos factos, analysamos influencias de ideas, fomos quanto possivel ás fontes primeiras e mais autorizadas do assumpto. O professor contenta-se com fazer umas observações desconnexas, incoherentes, appellando, quase sempre, para terceiros mediante enormes transcrições de trechos que julga favoraveis ás suas posições. E' precisamente o methodo de perpetuar controversias recusando, de caso pensado, o esclarecimento definitivo da verdade. Estudam-se as fontes, reconstitue-se a historia com os documentos contemporaneos, desfazem-se balelas infundadas. Dir-se-ia que se deu um passo decisivo para a solução final do debate. Qual! O adversario foge o corpo, declina a discussão no dominio dos documentos e vae entrincheirarse de novo na mesma barricada, onde se defende com a citação de um autor escolhido a

(1) **Pierre Charles, La Robe sans couture, Bruges, 1923, p. 123.**

dêdo e, dois ou tres seculos posterior aos acontecimentos que se estudam. E como ha em historia autores para todas as opiniões (não foi debalde que escreveram os Quinets, os Michelets e outros) as questões eternizam-se, alimentadas pelo desamor consciente da verdade e pelas paixões do sectarismo intractavel.

Sem submettermos todo este estudo, que já fizemos particularizadamente, a uma nova analyse critica, não deixaremos de salientar este feitio de argumentação do Snr. Ernesto em tres ou quatro casos determinados.

Espanha. Para explicarmos a decadencia politica da Espanha no seculo XVIII e XIX apontamos as causas inherentes á sua propria formação nacional, os erros de politica economica e financeira commettidos por Felippe II e seus successores, os grandes desastres navaes, as desvantagens da situação geografica que a obrigava a combater as vezes simultaneamente nos Paizes Baixos, na Italia e no Ultra-mar, o trabalho de solapamento social dos principios da revolução e finalmente a guerra injusta com os Estados-Unidos. Todos estes factores explicam naturalmente a diminuição de influencia politica e militar sem appellar para os principios religiosos. Quando esses agentes ainda não actuavam, e o catholicismo era mais profundo, a Espanha elevára-se a altura de uma das maiores potencias do mundo e escrevera as glorias de uma historia que difficilmente será igualada. Nenhum outro povo deu á civilização tantas nações por elle formadas.

Sem discutir a influencia destes factores, o Snr. Ernesto faz algumas observações, que convem examinar.

"S. Revma. aponta causas economicas, geograficas, politicas, militares, intelectuaes e sociaes, quan-

do é certo que ao poder espiritual, sobre todos os mais cabe orientar e consolidar a nação para enfrentar e remover todas essas causas de decadencia." p. 331. — Assim é; ao poder espiritual cabe remover as distancias entre a Italia e os Paizes Baixos; amainar os ventos desencadeados em tempestades; crear, no subsolo, minas de carvão de pedra, indispensaveis á industria; abrir escola de economia politica e obrigar Carlos V ou Felipe II a seguir-lhe os ensinamentos; persuadir efficazmente aos protestantes norteamericanos que não se empenhem numa guerra, originada de uma "grande calumnia seguida das maiores injustiças" p. 330, no dizer do proprio Snr. ERNESTO. Evidentemente o professor de Curityba não conhece os homens, nem sabe o que é a historia. Bem folgara de saber que conselhos, o "poder espiritual" da Igreja Anglicana murmura aos ouvidos de Mac-Donald para resolver a questão da India, ou que exhortações efficazes fez o luteranismo allemão a Guilherme II para impedir a catastrophe de 1918, que desgraçará ainda por varios decennios uma grande nação.

— "Em vez de serem de ordem natural, as causas da decadencia da Espanha são visivelmente de ordem sobrenatural." p. 331. Isto, diz ainda o Snr. ERNESTO, é o que se conclue das catastrophes navaes que por varias vezes desarvoraram e devoraram as suas armadas. Nellas vê piedosamente o autor, as manifestações irrecusaveis do dedo de Deus a castigar a Espanha pelo seu catholicismo. — Observamos que estas vistas sobre a Providencia são de todo subjectivas e portanto, fogem a qualquer discussão. Com igual direito poderá alguem ver no desastre de 1918 o dedo de Deus a castigar o luteranismo allemão, e na derrota de Nassau a humilhação providencial dos reformados hollandeses. — E foi tambem certamente de ordem sobrena-

tural a recusa á Espanha de riquezas carboniferas, etc. E' um providencialismo de vistas muito curtas.

— "Junte-se a esses desastres de ordem natural, mas desencadeados pelo céo, a expulsão e o exterminio dos judeus e o *assassinato de um milhão de protestantes com quem estava a fina flor da cultura intelectual e a capacidade espiritual e moral* da nação e nenhum misterio haverá em que tal nação tenha entrado em franca decadencia." p. 332. — Ahi está explicado o grande mysterio! *Um milhão de protestantes espanhoes assassinados!!!* O homem que talvez até agora escreveu mais apaixonadamente contra a Inquisição espanhola foi LLORENTE, sacerdote interdito, revoltado, traidor de sua patria, expulso da Espanha em 1814 e da França em 1822, libellista rancoroso e sem consciencia. Archivista do celebre tribunal durante muitos annos, escreveu-lhe uma historia que elle mesmo se incumbiu de desacreditar de antemão. Para subtrai-la a qualquer verificação critica queimou os documentos de que se servira. Pois bem, LLORENTE, em pessôa, calcula em 30.000 as victimas da Inquisição, durante *tres seculos e meio,* incluindo neste numeros judeus, mouros, christãos e herejes de todas as categorias. (1). Os trabalhos mais recentes da critica allemã calculam que este total deve ser reduzido pelo menos de 2/3. Os executados pelo odiado tribunal não chegam a 10.000 em 350 annos. LEA, protestante e pouco benevolo para os catholicos, confessa que: "o numero de execuções foi muito menor do que se imagina e, se os documentos não foram destruidos, ficaramos surprehendidos de ver quão poucos herejes foram condemnados ao fogo...

---

(1) Llorente, Histoire critique de l'inquisition d'Espagne, t. IV, p. 271.

Os inquisidores occupavam-se de facto muito mais em obter conversões do que em fazer martyres." (1).

Um milhão de protestantes assassinados! Mas o Snr. Ernesto nunca abriu uma pagina de historia espanhola. Em todo o tempo que durou a Inquisição, os protestantes nunca passaram de poucas unidades dispersas e adventicias. Mas o professor de Curityba contou-os, encontrou, só de *assassinados, um milhão!!!* Mais; estas victimas são-lhe conhecidas de perto; eram a fina flor da cultura e da virtude castelhana!!! Não sei se o conscienciosо historiador paranaense queimou os seus archivos depois de utilizados. Se lhe esqueceu este auto-da-fé cauteloso, mande immediatamente aos grandes centros da erudição européa todos estes documentos de valor inapreciavel. Por lá ninguem sabe que a Espanha teve um milhão de protestantes na sua população, e muito menos que toda esta fina flor de intelligencia e de bondade, pereceu numa hecatombe de que não ha memoria na historia. Decididamente para o glorioso professor, mais um titulo á immortalidade neste descobrimento original!

---

(1) H. Lea, Histoire de l'Inquisition au Moyen Age, t. I, p. 489, 619. Hoje já se descobriram novos documentos para o estudo da Inquisição; á sua luz, os computos de **Llorente**, não passam de "frivolos calculos de probabilidade." **O. Peschel, Das Zeitalter der Entdeckungen**, p. 151. Não seria inopportuno lembrar aqui as innumeraveis violencias dos protestantes. "A impiedosa repressão dos camponezes na Allemanha em 1525 fez 100.000 victimas, destruiu mais de 1.000 conventos, varias centenas de burgos e aldeas (Cfr. Janssen, l'Allemagne et la Reforme, t. II, p. 596). No saque de Roma, em 1527 os luteranos mataram para cima de 6.000 romanos (Cfr. ibid., t. III, p. 139). O balanço da perseguição na Inglaterra sob Henrique VIII e Isabel, conta-se por milhares de victimas (Cfr. Cobbett, "Lettres sur la Reforme")... Na França a ouvi-los (os protestantes) dir-se-ia que nunca houve outras matanças afóra da noite de S. Bartholomeu em 1572; muito antes, porém, os huguenotes haviam posto o paiz a fogo e sangue: matanças de St. Gilles (1562), matanças de Nimes, de Augoumois, de Saintouge... (Cfr. Gaffre, "Inquisition et inquisitions," p. 427, com referencias)." **Landrieux, l'Inquisition**, Paris, 1911, p. 157.

— Ultima causa da decadencia espanhola. "Quem é culpado de ter esse povo em pleno seculo XX mais de metade da sua população de analfabetos?" — Naturalmente, os catholicos e os frades. Adivinhou o leitor perspicaz. "Que fazem lá tantos milhares de frades e de freiras que não ensinam o povo a ler? Rezem menos e cumpram com esse elementarissimo dever inerente ao poder espiritual, e farão jus de certo modo, ás esmolas de que vivem." p. 332.

Quando escrevo estas linhas, a Republica espanhola, imitando os dignos exemplos da Reforma protestante, acaba de inaugurar na Peninsula o regimen da liberdade, expulsando os que desejam viver segundo a sua consciencia e instaurando o respeito a todos os direitos com a confiscação dos bens alheios. Tenho, por isto, deante dos olhos alguns dados recentes do que faziam os "frades" no dominio da instrucção. Citarei um ou outro. Nas *Escolas Pias* dirigidas pelos Escolopios, educavam-se mais de 31.000 creanças, quase todas gratuitamente. Os jesuitas, na só cidade de Madrid, por si ou pelas associações por elles fundadas ou dirigidas repartiam a instrucção a 27.351 creanças pobres, sem nenhuma especie de remuneração. Em todo o paiz sobem a centenas de milhares os meninos de um e outro sexo, instruidos e educados pelos religiosos que sabem rezar e... trabalhar para o bem do proximo. (1).

(1) "O rev. Franca acusa injustamente o povo espanhol da incapacidade para o commercio, para a agricultura e para a industria... para as sciencias experimentaes." p. 332. — Onde é que o Snr. Ernesto leu semelhante accusação? Eis o que dissemos: "Só no terreno das sciencias experimentaes, comparada com a da Italia e a da França, a sua produção tem sido relativamente insignificante. Talvez a inferioridade industrial do paiz não tem posto á prova da concorrencia os recursos do seu genio inventivo." p. 324. Entre affirmar que a produção nas sciencias experimentaes não tem sido tão importante quanto a de outros paizes, e isto talvez porque o pouco desenvolvimento industrial não estimulou o seu genio inven-

Precisemos ainda mais estes dados interessantes. Aqui vae uma estatistica dos meninos que, no anno de 1931, frequentaram as escolas mantidas pelos religiosos de um e outro sexo:

RELIGIOSAS

		dos quaes	
Carmelitas da Caridade	41.919		14.799 gratuitos
Irmãs de Caridade	104.727	" "	87.793 "
Servas de S. José	5.283	— —	—
Escravas do Sagrado Coração .	9.710	— —	—
Terciarias franciscanas	5.132	" "	3.793 "
Filhas do Christo Rei	6.638	— —	—
Irmãs da Doutrina Christã ..	3.950	— —	—
Irmãs da Immaculada Coiceição	3.110	" "	1.000 "
Religiosas do Serviço Domestico	2.531	" "	2.331 "
Jesus-Maria	3.242	" "	1.192 "
Religiosas do Sagrado Coração	3.340	" "	1.642 "

RELIGIOSOS

Maristas	19.350	" "	4.121 "
Salesianos	10.603	" "	9.164 "
Sagrado Coração	1.450	— —	—
Jesuitas	9.981	" "	7.321 "
Irmãos da Doutrina	19.796	" "	9.960 "
Agostinianos	2.368	— —	—
Irmãos das Escolas Christãs ..	32.024	" "	30.524 "
Religiosos da Instrucção Christã	1.925	— —	—
Total	287.079		173.640

Estas informações são ainda muito deficientes, não só nos dados que se referem ás proprias congregações ensinantes mencionadas mas principalmente pela omissão de innumeraveis outros institutos religiosos, dos quaes não nos foi possivel colher indicações precisas. Mas ainda assim o total é imponente. A quase 300.000 creanças ministravam os religiosos o ensino,

---

tivo, e accusar o povo espanhol de **incapaz** para a industria — vae uma distancia que só não enxerga a precipitação do Snr. Ernesto. Poucas linhas antes, o diligente professor havia copiado este periodo nosso: "é a todos conhecido o seu (da Espanha) resurgimento economico, industrial e politico para nelle insistirmos longamente." p. 324. — Mais uma falsificação consciente: já estamos na duzia!

quando os surprehendeu o decreto liberal da nova democracia espanhola, e desse total quase 70 % recebiam instrucção gratuita.

O quadro seguinte dá-nos o numero de alumnos educados *gratuitamente* durante os ultimos cincoenta annos, nas escolas e collegios dirigidos pelas 8 — apenas 8 — congregações ou ordens religiosas seguintes:

Irmãos das Escolas Christãs	400.000
Irmãos da Doutrina Christã	500.000
Salesianos	150.000
Jesuitas	100.000
Carmelitas da Caridade	300.000
Religiosas do Serviço Domestico (operarias)	130.000
Filhas da Caridade	1.025.000
Associação Catholica das Damas de Madrid	400.000 (4)
Total	3.005.000

Mais de 3 milhões de alumnos educados gratuitamente pela acção dos religiosos.

Antes de insultar a generosidade dessa dedicação, Snr. Enesto, não fôra mais elegante informar-se escrupulosamente da verdade? Que nome tem uma accusação feita antes do exame dos factos, contraria á realidade dos factos?

Depois destas gloriosas façanhas de alta critica, o professor recolhe-se na sua devoção apocalyptica e conclue: "Rogamos a Deus que tenha piedade dessa nobre nação e não vingue nela o sangue de um milhão de martires ali sacrificados ao fanatismo e á crueldade do grande Dragão Vermelho de sete cabeças e dez cornos." p. 333.

O que pedimos é que Deus arranque as escamas dos olhos e os preconceitos do coração a estes animos apaixonados, infundindo-lhes mais escrupulos nas af-

(1) Estes dados encontramo-los nos **Documents de la Vie Intellectuelle**, t. XII, (1932), pp. 37-38.

firmações e mais respeito aos direitos da verdade, superior aos interesses de sectarismos acanhados.

Portugal. Disseramos que as causas da decadencia politica de Portugal eram analogas ás de Espanha e com ligeiras alterações se lhe podiam applicar as considerações anteriores. Commenta o professor: "Com ligeiras alterações, applica o rev. Franca a Portugal as considerações feitas a respeito de sua irmã iberica... Com extrema *ligeireza* aliás... Onde as tempestades que lhe submergissem as naus e os marinheiros? As guerras mal succedidas? As emprezas mal administradas? Bem ao contrario. Aos portos de Portugal chegavam navios cheios de ouro, e, do Oriente, navios repletos de especiarias: houve até excesso de riquezas!" p. 335.

Onde as tempestades? — Mas é só o Snr. Ernesto que ignora a historia naval lusitana! Nunca ouviu falar talvez num livro classico de Bernardo Gomes de Brito intitulado *Historia tragico-maritima*, em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiveram as naus de Portugal? — "E as riquezas fabulosas da India? sumiam-se, escreve um dos melhores historiadores contemporaneos, sumiam-se, como em voragem na construcção, aprestos e equipamento de tantas armadas, no soldo continuo e armamento dos exercitos, nos *naufragios successivos* que lançavam para o fundo do mar naus, riqueza e vidas." (1).

As guerras mal succedidas? — Mas Alcacer-Kibir, Senhor, onde Portugal perdeu a sua independencia, passando pouco depois para a corôa de Espanha, justamente no momento em que neste paiz se applicava uma politica economica desacertada e ruinosa.

"Chegavam navios cheios de ouro... excesso de riqueza". — Precisamente, este foi o grande mal.

(1) Francisco Rodrigues, Historia da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal, Porto, 1931, t. I, vol. I, p. XCIII.

Descuidou-se a economia pela finança. O ouro foi-se em armadas sobre armadas, o luxo enervára a firmeza dos animos; mas o paiz ficava pobre... A miragem das aventuras attraia os enthusiasmos, e, o paiz, sem braços, (1), ia descuidando as fontes solidas de sua riqueza. Nenhum paiz, já notava em 1535 o flamengo CLENARDO, descuidou tanto a agricultura como Portugal (2). Como se vê as causas da decadencia portuguesa foram analogas ás da Espanha, e, em que pese ao Snr. ERNESTO, "com ligeiras alterações" se lhe podem applicar as considerações acima.

Mais particularmente sensivel a Portugal foi a desproporção entre a pequenez da metropole e a vastidão do seu imperio colonial. — "E o caso da Inglaterra?" p. 333 pergunta, entre parenthesis, o nosso critico. O caso da Inglaterra é muito diverso. A sua superficie é *quase quatro vezes;* a sua população, *oito vezes maior* que a de Portugal. Inglaterra é, por isto, na Europa, uma grande potencia; Portugal sempre foi um pequeno estado. Mais. O caso da Inglaterra ainda não está liquidado. O seu imperio colonial começou muito depois que o do minusculo reino lusitano; durará tanto quanto este? Só o futuro o dirá com certeza. Antes, é imprudencia invocar o caso inglês. O exemplo que deveria ter naturalmente occorrido ao professor curitybano é o da Hollanda, de população sensivelmente igual á de Portugal. Tambem ella se expandira rapidamente no Oriente e no Occidente; mas o mesmo desequilibrio entre a cabeça e o corpo provocou num e noutro caso a mesma crise. O grande imperio colonial de Hollanda, protestante, acha-

(1) O velho de Rastelho já se insurgia contra a viagem da India:

Por quem se despovoe o reino antigo
Se enfraqueça e se vá deitando a longe. **Lusiadas**, IV, p. 101.

(2) "Si usquam neglectui habita fuit agricultura, id potissimum locum apud nos habuit." **Epist**. p. 17. Evora, 15 de Março de 1535.

se hoje reduzido quase ás mesmas proporções, e pelas mesmas causas, que o de Portugal catholico. Aliás, este factor da decadencia lusitana, não o fomos descobrir nós para necessidades occasionaes da polemica. E' ponto liquidado entre os historiadores e sociologos portugueses que não vem os factos sociaes atravez das lentes deformadoras do sectarismo estreito. "A seiva da arvore social, escreveu HERCULANO, esgotou-se no bracejar descomposto. A Asia e a Africa perderam-nos." (1). "O impeto expansionista da energica nação, insiste mais recentemente MALHEIRO DIAS, projectara-se ás distancias inverosimeis. Mas tão desmarcadas empresas já lhe causavam o ofêgo e arquejo da fadiga." (2).

O Snr. ERNESTO salta por cima de todas estas realidades: "o que produziu a decadencia de Portugal foi o analphabetismo e as cronicas de santos... de tal maneira é prejudicial essa leitura que quantos a ella se dedicam exclusivamente, ainda com o mero escopo de estudar a nossa lingua, são feridos pelo espirito de minucias e pela esterilidade mental." p. 335. — Por este motivo provavelmente o illustre professor se impoz, nesta materia, um regime ascetico de jejum completo. Assim se furtou á influencia dos exemplos edificantes da santidade e ás lições opportunas do bom escrever.

Para demonstrar num "precioso flagrante, "a decadencia portuguesa, remata o adversario a sua critica

---

(1) Alex. Herculano, **Opusculos** VI, 40.

(2) **Malheiro Dias, O Piedoso e o Desejado**, 11. **Francisco Rodrigues**, que os cita, reforça-lhes a opinião com o peso de sua autoridade. **Op. cit.** XCII. Um historiador protestante, que se esforçou por fazer justiça aos jesuitas, escreveu tambem: "Politica colonial em desproporção com as forças do paiz dizimava a população e foi a causa da ruina total." **Boehmer, Les Jésuites**, p. 86. Sobre as causas da decadencia portuguesa ver o estudo de **Newton de Macedo, O inicio da decadencia**, na **Historia de Portugal**, Edição monumental da Portucalense editora.

citando um largo trecho... de Camillo Castello Branco. O grande romancista fôra passar uns tempos numa aldeia do Minho; teve lá suas rusgas com o Vigario e... vingou-se escrevendo umas paginas comicas sobre os costumes dos seus minhotos e suas minhotas. No genero, um escritor galhofeiro, como Camillo, poderia divertir-se do mesmo modo com qualquer aldeia de qualquer paiz. O que realmente nenhum homem sensato poderia nunca esperar era que um profesor de Escola Polytechnica quisesse resolver questões de philosophia da historia com... romances de Camillo!!!

Mas já que o Snr. ERNESTO gosta do genero leia tambem estas paginas. São de HERCULANO e valem muito mais que a do seu cotnemporaneo. "Quando os inglezes se ririem de elles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos, como creanças pelas barbas abaixo... Mas quando compararem as venturas do homem de trabalho inglês com a triste sorte do peão português, risada. Quando oppuserem as virtudes e illustração das suas classes infimas á barbaria e estupidez das nossas, duas risadas. Quando encherem as bochechas das suas velhas liberdades (do tempo de Ricardo III, de Henrique VIII, de Isabel, de Cromvell e de Carlos II) das suas leis de propriedade em particular, e da clareza, simplicidade e rectidão de todas as suas leis em geral, e nos atirarem á cara o absolutismo dos nossos antigos monarchas, a bruteza da nossa ordenação, a intolerancia dos inquisidores, trinta risadas. Quando emfim nos offerecerem, em escambo das nossas crenças e dos nossos costumes religiosos, os seus costumes e a sua crença, que esborôa ha mais de dois seculos em quatrocentas crençasinhas, com seus nomes mui arrevesadinhos, quatrocentas risadas, ou antes uma risada só, mas retumbante, macissa, inextinguivel, como aquellas famosas gargalhadas de Homero. O caso é disso. Se caissemos na troca, ficava-

mos logrados." (1). E por ahi vae, tomando pouco depois mais gravidade no pensamento e na forma. Como historiador, HERCULANO vale mais que Camillo. E poderiamos ainda citar CASTILHO, OLIVEIRA MARTINS, RAMALHO ORTIGÃO, etc., etc. Não enverede o Snr. ERNESTO por este caminho.

— Detivemo-nos um pouco mais nestes dois paizes, porque nelles a nossa posição era menos favoravel. Sobre os outros deslisaremos mais rapidamente, fazendo uma ou outra pequena observação para analysarmos mais do espaço o caso da Irlanda.

A proposito da *França*, uma defesa de caracter mais pessoal, indispensavel. Disseramos o grande mal que á patria de S. Luiz fizéra a apostasia official de seus governos, que, desde a Revolução francesa, com raros intervallos, tem tomado attitudes subdola ou abertamente hostis á influencia catholica. — Os desastres sociaes que desta deschristianização crescente resultaram, registam-no imparcialmente historiadores e sociologos de todos os matizes; muitos dentre elles affirmam sem reticencias que só na volta aos principios christãos encontrará a França o segredo de sua conservação e prosperidade. Entre estes citámos LE PLAY, TAINE, BOURGET, LEROY-BEALIEU, BRUNETIÈRE, VOGUÉ e outros. Sobre a citação de TAINE observa o Snr. ERNESTO com uns tons mysteriosos de quem acabara de colher o flagrante de uma fraude: "Não desejamos qualificar como merece a citação de Taine que acabamos de ler pela pena do rev. Franca. Jamais vimos tão magistralmente applicada a doutrina da Egreja ca-

(1) **Alex. Herculano, Lendas e narrativas**, Lisbôa, 1903, t. II, p. 183, 184. Leia-se todo o "excurso patriotico" seguinte (pp. 185-208), onde, em tom serio o historiador confronta o culto catholico e o protestante.

tolica romana que autoriza o emprego de termos equivocos para (diz ella que *sem mentir!*) induzir os outros a uma persuasão contraria á verdade. A citação de Taine é textual; não difere do original por uma virgula sequer. Entretanto quem a ler no rev. Franca será levado a pensar que quando falava ele do *Christianismo* referia-se ao *Catholicismo romano.*" pagina 343. — Eis, pois, o principio de critica firmado pelo honesto professor: quando Taine fala de christianismo só se refere ao protestantismo. Porquê? Paginas antes transcrevera o nosso critico uma pagina, cheia de enthusiasmo juvenil, em que TAINE, na sua *Historia da Literatura inglesa,* descrevia, entre idyllios e reboricas, a transformação maravilhosa porque passara a Inglaterra, abraçando a Reforma. "Fica assim demonstrado, conclue muito convencido o Snr. ERNESTO, que quando TAINE, diz que 'só o Christianismo seria capaz de salvar a França' referia-se e sem nenhuma duvida áquele que ele proprio apontou como o facda da grandeza da Inglaterra e da Alemanha, ou seja, ao Christianismo como representado pelo Protestantismo." p. 343. — A critica não é o forte do nosso engenheiro. A interpretação por elle apaixonadamente aventada (sem nenhuma duvida!! fica demonstrado!!) *está em aberta contradicção com o contexto immediato de* TAINE. O Snr. ERNESTO, que foi ao historiador frances para verificar se eu não havia cortado alguma virgula, não leu o periodo que precede immediatamente ao citado? Ei-lo aqui: "Hoje, *depois de* 18 *seculos,* nos dois continentes, do Ural ás montanhas rochosas, nos *mujiks* russos e nos *settlers* americanos, o Christianismo opéra como outrora nos artifices da Galiléa... Elle é ainda para 400.000.000 *de creaturas humanas* o orgão espiritual, o grande par de azas indispensavel" etc. (1).

(1) Taine, Origines de la France Contemporaine, XI, p. 146.

O Christianismo que existe *ha* 18 *seculos* é o protestantismo de Henrique VIII ou de Isabel? O Christianismo que alimenta a vida espiritual dos *camponezes russos,* é o protestantismo de Lutero e de Calvino? O Christianismo que é o grande par de azas para 400 milhões de creaturas humanas é o protestantismo, que nesta epoca contava pouco mais de 100 milhões de adeptos? "Fica assim demonstrado, sem nenhuma duvida" que o Snr. ERNESTO *não sabe ler.*

Mas não é mister *inferir* do que TAINE affirma qual o seu pensamento; elle o deixou exarado da maneira *mais explicita e insofismavel.* "Hoje, escreve elle com todas as letras, depois de 18 seculos, nos dois continentes... sob o seu envolucro *grego, catholico* ou *protestante* [o christianismo] é ainda para 400 milhões de creaturas humanas o orgam espiritual etc. "(p. 146). Ahi está, evidente como a luz do sol meridiano; não é preciso saber pensar, basta saber ler. E o Snr. ERNESTO viu estas palavras!! E o Snr. ERNESTO teve a audacia de escrever depois: "fica assim *demonstrado*... sem *nenhuma duvida*... que TAINE referia-se... ao Christianismo como representado pelo Protestantismo."!!

Mas ainda ha mais luz. TAINE, a principio, referia-se ao christianismo, em geral, sob a triplice forma por elle mesmo expressamente discriminada. Applicando mais tarde as suas conclusões geraes ao caso particular da França mirava naturalmente a forma de christianismo que lhe plasmara a nacionalidade e lhe dera os seus grandes dias de gloria, o christianismo de Clovis, de S. Luiz e de S. Joanna d'Arc, de Bossuet e de Racine, de Fénelon e de Corneille.

E' continuar a leitura do grande historiador e ouvi-lo lamentar a attitude dos elementos officiaes contra a religião nacional. "Sob a primeira como sob a terceira Republica o Estado vê na Igreja uma rival e um adversario, e, por isso, entra a persegui-la ou a moles-

tá-la; e vemos hoje com os nossos olhos como a minoria que governa pode ferir, continuamente e por longo tempo e num ponto sensivel, a maioria governada, como dissolve as congregações de homens e enxota de suas casas a cidadãos livres cujo unico delicto é querer viver, orar e trabalhar em commum; como expulsa as religiosas e os religiosos dos hospitaes e das escolas, com que prejuizo para os hospitaes e para os doentes, para a escola e as creanças, com que repugnancias e descontentamentos do medico e do pae de familia, com que profusão inepta dos dinheiros publicos e com que sobre-carga gratuita do contribuinte já tão onerado... Outros inconvenientes do systema francez são ainda peiores "p. 171. Ahi está o christianismo a que alludia TAINE, o christianismo que mantinha com os seus religiosos as escolas e os hospitaes, o christianismo que uma minoria sectaria e obcecada perseguia com violencias e expulsões. Não era "*sem nenhuma duvida*" o protestantismo.

Passa em seguida o autor das *Origens da França contemporanea* a expôr algumas caracteristicas doutrinas do catholicismo (nem sempre com exactidão objectiva) e termina com esta reflexão: "Ha cem annos a roda gyra, sem parar, neste sentido [o da repaganização das massas] e isto é grave, mais grave ainda para a nação do que para a Igreja. No mais, em França o christianismo interior, pelo duplo effeito de seu envolucro *catholico* e francês, reafervorou-se no clero, sobretudo no clero regular, mas esfriou no mundo e é principalmente no mundo que é necessario o seu calor. "p. 188.

Têm ahi os leitores os elementos necessarios para julgar com que objectividade citamos o pensamento de TAINE.

E o Snr. ERNESTO DE OLIVEIRA que, havendo visto tudo o que acabamos de citar, affirmou impavidamente aos seus clientes que "sem nenhuma duvida", "ficava

demonstrado", se referia TAINE ao protestantismo, queremos tranquillizar a delicadeza puritana dos seus receios. Não hesite, escrupuloso professor, qualifique como merece a citação de TAINE, vergaste como é de justiça, esta applicação magistral da doutrina de Igreja catholica que autoriza o emprego de equivocos. Fica-lhe tão bem esta attitude de Catão. Ninguem dirá, que o illustre apologista do protestantismo induz "outros a uma persuasão contraria á verdade."

— Sobre a *Austria* haviamos notado a difficuldade de insuperavel de conservar por longo tempo uma grande unidade politica resultante de tantas heterogeneidades ethnicas historicas. Commenta o professor: "E' interessante observar que a mesma causa que levou uma nação protestante á unidade politica conduziu uma catolica ao esfacelo e á desintegração! Este facto registado pelo rev. Franca vale sosinho pela mais cabal apologia. O livre pensamento conduz á unidade politica, ao passo que a unidade dogmatica, imposta ex-cathedra, produz a desintegração, á morte. Está certo! Registe-se!" p. 347.

Registe-se mais este descaso pelas demonstrações dadas, e mais esta superficialidade de raciocinio. Não haviamos apenas indicado um facto; apontaramos tambem a sua explicação natural. O imperio dos Habsburgos era o mais heterogeneo conglomerado politico que se conhecia na historia moderna. Dentro dos limites da monarchia dual falavam-se 10 linguas! magyares, tchecos, croatas, ruthenios, polacos, eslovenos, rumenos e italianos fremiam sob a corôa de Francisco José numa ansia incoercivel de autonomias e independencias. Na Allemanha, era a diversidade dos regimes politicos, mas, com insignificantes excepções, a unidade da lingua e da raça. O Snr. ERNESTO fecha os olhos a tudo e vae repetindo o seu estribilho inconscien-

te: a unidade dogmatica produziu a desintegração da Austria; o livre pensamento, a unidade da Allemanha!

O livre exame unificou a Allemanha! Que ironia historica! Conhece o illustre professor a evolução da grande nação germanica? O protestantismo nella só apparece como factor de discordia, divisão e decadencia. Aos documentos.

Quasi 40 annos depois da revolta de LUTERO, em 1553, escrevia um contemporaneo MELCHIOR OSSA: "A nobre nação allemã está dilarecada, devastada, saqueada pelas guerras intestinas. Os arcebispados de Treviri e de Moguncia, os bispados de Spira, de Worms e de Eichstaedt foram lamentavelmente despojados... o inimigo da fé christã, o Turco ameaça a nossa patria com os seus furores... mas o peior de tudo é que já não ha entre nós nem lealdade, nem honra, e os vicios de dia para dia tomam maior ascendencia." (1). Na mesma data, em despacho de 25 de Fevereiro de 1553, dizia o Imperador: "De memoria do homem e mesmo de ha muitos seculos, nunca esteve tão má e tão compromettida a situação da nobre nação allemã." "No espaço de 30 annos, depois de destruir a unidade da fé, o fogo atirara-se com extrema violencia sobre o poder interno e externo do Imperio, cujo prestigio tinha desapparecido. *O bem estar e a prosperidade da patria não passavam de uma lembrança*. A Allemanha, que nos fins do seculo XV era a primeira nação da Europa, na agricultura, nas minas, no commercio e na industria, via declinar a sua grandeza. Já os soberanos extrangeiros humilhavam a Hansa e lhe punham o pé no pescoço. A agricultura e toda a vida rural estavam no estado mais deploravel. A sciencia e as artes, que a doutrina da Igreja, sobre a efficacia das bôas obras, outrora estimulava a sempre novas con-

(1) Langenn, Melchior von Ossa, p. 132.

quistas, haviam caido no ultimo desprezo." (1). CAMERARIO, o celebre philologo, amigo de MELANCHTON, escrevia 5 annos depois da paz de Augsburgo: "A religião, a sciencia, a disciplina, a lealdade parecem-me condemnadas a uma ruina fatal. A Allemanha está ameaçada do mais lamentavel destino, menos pelos seus inimigos externos do que pelos seus proprios filhos. Que dirão as outras nações ou que já não dizem"? (2).

Passavam os annos e a situação, longe de melhorar, aggravava-se de dia para dia. "O povo allemão, escrevia em 1570 LAZARO DE SCHWENDI, vê declinar o seu nome antigo, o poder imperial quase não existe, não passa de um fantasma." A impressão produzida nos extrangeiros era das mais tristes e dolorosas. Em 1561 o conde de Luna, embaixador da Espanha, escrevia a Felipe II. "Em verdade, a Allemanha está num estado miseravel; não só os negocios religiosos vão do mal a peior, mas o soberano já não é obedecido; já ninguem lhe é fiel; o prestigio do rei romano, menos que mediocre, é nullo." (3). Por seu lado o enviado da Republica de Veneza tinha a Allemanha do seu tempo, na conta do "estado mais corrompido e menos policiado da Europa, *guastissimo et corruttissimo.*" (4). A um dos seus amigos em Paris, escrevia em 1556, GUILHERME MÉNANDER: "Augmenta a desordem, apesar da paz de Augsburgo; já não ha segurança publica, o que prejudica immensamente ao commercio e á industria; bandos de malfeitores percorrem as

(1) **K. Lanz, Correspondenz des Kaisers Karl V,** aus den k. Archiv und der Bibliotheque de Bourgogne zu Brussel. Leipsik, 1844-1846; t. III, p. 543; t. I. p. 57.

(2) Outras expressões analogas de **Camerario,** ap. **Doellinger, Die Reformation,** t. II, p. 586-594. **Bullinger** escrevia a **Calvino** em 1550: In Germania, omnia convulsa sunt.

(3) **Schmidt, Allgemeine Zeitschrift fuer Geschichte,** t. VIII, p. 21-22.

(4) **Schmidt, M. J. Neuere Geschichte des Deutschen,** Frankental, 1785-86, t. II, p. 146.

provincias extorquindo impunemente sommas dos habitantes dos campos." (1). Nos fins do seculo, com o exacerbar-se das luctas intestinas, escrevia PERELLIUS: "Estamos alarmados ao ver que as chammas da discordia, que já incendiavam bôa parte da Europa, entre nós augmentam, de intensidade, cada dia... As autoridades estão cada vez mais divididas, temos pouca esperança de ver o Imperio sair deste oceano de afflicções e contendas, e de ver renascer na Allemanha a paz e a concordia religiosa." (2). No anno 1617, precisamente no primeiro centenario da introducção do protestantismo, um observador que estudava profundamente o seu tempo, assim nos pinta a situação da sua desolada patria. "Que allemão leal, que amigo sincero da patria, catholico ou protestante, poderá contestar-me neste ponto?... Na antiga Igreja, nossos paes, unidos durante tantos seculos numa mesma fé e num mesmo sentimento, tinham fundado innumeraveis institutos de beneficencia para allivio dos pobres, leprosos e necessitados, estabelecido universidades e escolas. Graças á sua liberalidade, os pintores e escritores haviam enriquecido a nossa patria de obras primas e a Allemanha era objecto de espanto e admiração das outras nações; Deus dera-lhe poder, gloria e prosperidade; ella occupava o primeiro logar entre os povos christãos. — Hoje, que é de nós? Tudo destruido, tudo anniquilado." (3). E as citações poderiam multiplicar-se indefinidamente. (4).

---

(1) **Miszellanen gemeinnuetzigen Inhaltes**, p. 72-3.

(2) **Ein Kurtzes anmuhtliches Gespraech zwischen einem Edelmann und einem Bauer ueber der Welt Laeuften und sonderliche Conjuncturen**, 1617, p. f. D. 1-C-2.

(3) **A. Wolf, Lucas Geizkofler und seine Selbstbiographie**, 1550-1621, Wien, 1878, p. 11-12, 20.

(4) Ao estudo da decadencia intellectual e moral provocada pela Reforma consagramos cerca de 40 paginas (394-418; 439-459) onde acumulamos, ás dezenas, as citações mais insuspeitas de testemunhas contemporaneas. De nada nos custará ampliar e multi-

Eis o que da Allemanha fez o livre exame protestante. A primeira nação da christandade, no sec. XV, entrou a decair e a debater-se num cáos de discordias, guerras intestinas, revoluções continuadas, em que a prosperidade economica, a cultura intellectual e artistica, a morigeração dos costumes soffreram um longo ecclipse *de mais de dois seculos!* Só recentemente é que a grande nação entrou a convalescer do mal immenso que lhe causou a Reforma. A sua moderna unificação de governo, deve-a, não ao livre exame que a desaggregou por tanto tempo, mas á ambição que tinha a seu serviço o genio politico de Bismarck. Confederaram-se então os estados allemães, mas a unidade nacional, profunda e sincera, a unidade das intelligencias e dos corações, essa, não sabemos quando a poderá reconquistar o grande povo, que teve incontestavelmente, no protestantismo, uma das maiores remoras de sua prosperidade e grandeza.

Belgica — Contra a admiravel organização economica e industrial, contra o incontestavel progresso, em todos os dominios, da pequenina Belgica, um dos paizes mais catholicos do mundo, o Snr. Ernesto não achou que objectar. Mas tentou diminuir-lhe a força demonstrativa e achou uma explicaçãosinha para o facto, como elle a sabe encontrar. A Belgica assim se desenvolveu por estar ao lado de paizes protestantes. "A um lado a Alemanha protestante, do outro a Inglaterra protestante, do outro a Holanda protestante e do outro, afinal, a França leiga e livre-pensadora. Dai que o seu catolicismo deve ser um catoli-

---

plicar ainda estas provas; é trabalho facil para quem entrou em relações directas com as fontes historicas deste periodo. Se ha tese verdadeira e documentadamente averiguada é a que aqui defendemos.

cismo liberal... um quasi protestantismo; eis porque não se apresenta com o mesmo caracter deleterio que nos outros povos." p. 362.

Aqui estão dois irmãos, fortes, gordos, robustos; qualquer hygienista de fracas posses explicaria o facto, appellando para a mesma hereditariedade sadia e para o mesmo regimen de alimentação e de vida. O professor de Curityba encontrou outra explicação; os dois irmãos estão assim viçosos, porque todos os dias, quando vão á escola, se sentam um ao lado do outro, no mesmo carro. A Belgica não se desenvolveu, economica e industrialmente, por possuir os mesmos recursos naturaes que os seus vizinhos mas por confinar com elles. Nella, por exemplo, ha menos pobres que em qualquer outro paiz por achar-se ao lado da Inglaterra onde o pauperismo multiplica, de maneira incrivel, as suas horrendas devastações.

Mas nem nessa explicação a geographia lhe foi propicia. A Belgica confina com a Hollanda protestante, mas as provincias hollandesas limitrofes (o Brabante e o Limburgo) são *das regiões mais catholicas do mundo*. A Belgica limita com a Allemanha protestante, mas os territorios allemães que della se extremam (Provincias Rhenanas) são das que se conservaram mais fieis á antiga fé e ás antigas tradições do catholicismo. A Belgica raia ainda com o Luxemburgo e o Luxemburgo é um estado profundamente catholico. Engana-se pois, uma vez o Snr. Ernesto quando julga que a juxtaposição protestante explica a grandesa da Belgica; engana-se segunda vês e mais redondamente quando crê que o catholicismo belga é um quasi protestantismo. Nenhum povo mais profunda e mais sinceramente catholico; nenhum mais devoto da Virgem (os santuarios de Nossa Sénhora pululam no pequenino territorio do rei Alberto), nenhum mais zeloso de suas imagens e das reliquias de seus grandes

santos; nenhum mais assiduo na frequencia dos sacramentos; nenhum mais devotamente submisso ao Pae commum dos fieis. Vá, Snr. ERNESTO, veja, e aprenda, antes de falar; é o unico meio de não maltratar a verdade. (1).

— Ainda, a proposito da Belgica, julgou o critico pilhar-nos em flagrante delicto de contradição. "Decaem os paizes mais tradicionalmente catolicos: são causas naturaes! Aparece um com todas as condições naturaes a seu favor e progride: é a religião!" p. 363. — Mas onde affirmamos que a religião era a causa do desenvolvimento economico e industrial da Belgica? Eis as palavras em que collocámos a questão. "A sua situação geografica, a actividade da raça, a riqueza de suas minas, a fertilidade do solo, (*causas todas de ordem natural*) tudo a talhava para um grande povo num pequeno territorio. O catholicismo de subditos e governo *impediu-lhe* porventura o surto do progresso? E' de ver." IRC, p. 334. Ahi está, em toda a sua cohe-

(1) E' extremamente doloroso ver a caricatura que das magnificencias do culto e da vida catholica faz aqui o professor de Curityba: "Imaginemos um individuo catholico romano morando entre tres protestantes e um livre pensador. Este catholico ha de necessariamente mandar os seus filhos á escola, pelo simples facto de ver assim fazerem os seus visinhos. No dia que sair-se com alguma milagreira, com alguma reliquia, com alguma **"Nossa Senhora da Aparecida,"** ou quejandas superstições, apiedar-se-ão da sua credulidade os seus visinhos protestantes, mas o seu visinho livre-pensador soltar-lhe-á em plena face uma gargalhada. Quando quiser dispender seu dinheiro na compra de alguns ossos de santos, dalgum pacotinho de **"leite da Virgem Maria,"** dalguma indulgencia ou dalguma benzedura... não lhe faltará quem lhe diga ser mais proveitoso comprar com esse dinheiro um pão para os seus filhos. Nem ainda poderá ele frequentar os bordeis, mentir, jurar com restrições mentaes, etc., cousas justificadas pela moral catholica... provocará escandalo." p. 362. — Sem commentarios. Parece-nos ouvir a intemperança de linguagem e as acusações inacreditaveis dos primeiros predicantes do seculo XVI que andavam quebrando imagens e queimando igrejas em nome do "puro Evangelho." Em quatro seculos o protestantismo não aprendeu cousa alguma, nem quanto á verdade das doutrinas nem quanto á delicadeza das expressões. E' triste!

rencia, a these que desenvolvemos uniformemente em todo o nosso estudo. A grandeza economica e industrial de um povo depende directamente de agentes de ordem natural; o catholicismo não os suppre onde a natureza é avara; onde é generosa, não lhes impede o desenvolvimento espontaneo. O Snr. ERNESTO citou o primeiro dos periodos acima para provar que o phenomeno tinha a sua explicação em condições naturaes, *omittiu o segundo* em que precisávamos a influencia do factor religioso, para concluir com o epifonema triunfante que acima transcrevemos. (1).

Irlanda. O Snr. EDUARDO PEREIRA, no seu parallelo entre paizes protestantes e catholicos, confrontára a situação de irlandeses e escoceses para concluir a superioridade destes sobre aquelles. Era desconhecer toda a historia da desditosa Irlanda. Lembramos em resumo algumas paginas do martyrio indizivel a que a Inglaterra submettera por seculos a visinha mais fraca. "Em nenhum capitulo, replica o Snr. ERNESTO, se evidenciou no mais alto grão o metodo do rev. Franca de mistificar a Historia." p. 350. Como assim? "Consistiu a sua consumada habilidade em tomar guerras de indole inteiramente politica como guerras religiosas, para então culpar os protestantes dos horrores delas; fez mais ainda, creditou aos protestantes crimes de papas e de reis catolicos." (2).

---

(1) E' mais uma falsificação visivel do pensamento de um autor que o Snr. **Ernesto** tem debaixo dos olhos no proprio momento em que escreve. São 13!

(2) Neste capitulo declara o Snr. **Ernesto** que "sobre a sua mesa estão os 25 vols. da **Historians, History of the World**, editada pelo **Times** de Londres, obra esta tida e havida, por justos motivos, como o maior monumento da Historia Universal até hoje publicado no mundo... E' com as informações dessa fonte autorizada que confutaremos as balelas vehiculadas pelo rev. Franca." p. 350. — Trata-se de uma obra de vulgarisação scientifica, em que os proprios editores declaram, a principio, resumir os trabalhos dos historiadores mais autorisados. No tomo XX e no XXI, que

Dois capitulos de accusação; examinemos um depois do outro, começando pelo segundo.

— Das desventuras da Irlanda são responsaveis os papas e reis catholicos.

O Papa? Sim; porque Adriano IV, por uma bulla de 1155 vendeu a Irlanda ao rei da Inglaterra e "permittiu a esse rei que conquistasse a ilha *a ferro e fogo,* (1) com todo o seu catolicismo." p. 354.

Antes de tudo, sobre este supposto documento pontificio pairam as mais bem fundadas duvidas de authenticidade. Já no seculo XVII STEPHEN WHITE e JOHN LYNCH, autor do *Cambrensis eversus,* levantavam as primeiras suspeitas que a critica moderna iria corroborar. Adversario decidido da genuinidade é o prof. THATCHER, da universidade de Chicago, nos seus *Estudos sobre Adriano IV*. FERDINANDO LOT affirma sem mais que se trata de um documento espurio *"fabriqué après coup."* Com effeito, nos manuscritos conhecidos nota-se a ausencia da data e da assinatura; o primeiro historiador que o pôs em circulação,

---

tratam da Inglaterra, as principaes autoridades indicadas são **Aubrey, Buckle, Burke, Burnet, Green, Guizot, Hume, Macaulay, L. Ranke,** etc., etc. Como se vê, é um trabalho de simples compilação, sem indicação de fontes primarias, sem nenhuma originalidade scientifica, sem outra pretensão que pôr ao alcance do publico os resultados disseminados em muitas obras de mais difficil accesso. Obra de alta vulgarização destas que tão **frequentemente** se encontram em todos os generos na velha Europa. O nosso provinciano, deslumbrado, proclamou-a infantilmente: "o maior monumento de Historia Universal até hoje publicado no mundo." Dir-se-ia que o professor de Curityba nunca entrou numa biblioteca historica! — O peior, porém, é que o Snr. **Ernesto** não soube sequer ler o seu prodigioso monumento. Para reconstituir a verdade deturpada só nos serviremos das autoridades por elle mesmo tão emphaticamente preconizadas.

(1) No documento, que o Snr. **Ernesto** transcreve immediatamente lêm-se estas palavras: "permittimos que entre nessa ilha para alargamento dos limites da Igreja, repreensão dos vicios, correcção da moral e avançamento da religião de Christo... e salvação do paiz... esforça-te por incutir nesse povo uma bôa moral..." O professor exacto traduz e resume estas expressões na permissão de conquistar o paiz a **ferro e fogo!**

Giraldus Cambrenisis goza de reputação que não é das melhores. Não nos é possivel entrar aqui nos pormenores de uma discussão critica que iria longe, e que não é necessaria.

Trata-se, pelo menos, de um documento duvidoso. Mas, que fosse authentico! Toda a gente que conhece o direito publico de outras eras sabe como assistia ao suzerano de um estado a faculdade de transmittir a outrem os seus direitos de suzerania. como de uma corôa para outra passaram frequentemente territorios inteiros pelos enlaces matrimoniaes entre principes. Hoje, estas transferencias fazem-se por conquistas militares, por occupações pacificas, ou conchavos entre as nações que podem. Segue-se, porventura, que a transmissão de uma provincia ou de um estado, feita, segundo as regras do direito internacional vigente de uma soberania para outra, outorgue a essa a licença de opprimir, exilar, matar e perseguir de todos os modos os novos subditos? Em que direito publico leu o nosso critico semelhante desconchavo? Daqui ha 4 seculos, quod Deus avertat! um governo protestante, implantado no Brasil, entende protestantizar esta terra de S. Cruz pelos processos classicos na historia do protestantismo e ainda hoje discretamente preconizados pelo Snr. Ernesto de Oliveira. Começa o doloroso rosario de perseguições, attentados e violencias. Os habitantes do Acre, invictamente fieis ás tradições religiosas da nação, resistem com valor á violação de suas consciencias. São expoliados, espingardeados, deportados em massa. De quem a culpa? Talvez do governo que assim posterga todos os direitos naturaes e positivos? Não; assim pensam os que costumam mystificar a historia. Os representantes em 2300 da escola critica recentemente fundada pelo professor de Curityba lerão por outra cartilha. Irão desenterrar das prateleiras empoadas do Itamaraty o venerando tratado

de Petropolis e das iniquas oppressões infligidas aos heroicos acreanos pelo governo protestante de 2300 responsabilizarão... o Barão do Rio Branco que em 1903 ao Brasil annexou definitivamente o territorio outrora litigioso.

— Ao lado do Papa, são tambem culpaveis pelos males da Irlanda, os reis catholicos. Como assim? "Isto se demonstra (!) na *Irish History and Irish Character* de Goldwin Smith, onde se lê: "Outra fonte de desgraças (para a Irlanda) foi a disposição da Cristandade no periodo da Reforma e a terrivel guerra religiosa que se seguiu. *A Irlanda tornou-se, então, uma victima das tentativas de Luiz XIV, para destruir a religião de Inglaterra por intermedio dos seus suditos da casa dos Stuarts*". Depois desta citação commenta o Snr. Ernesto: "Fica *assim demonstrado* (!!) que os irlandeses foram ainda uma vez vitimas dos reis catolicos manobrados já se sabe por quem, seus amigos ursos, que se serviram desses infelizes como da mão do gato para destruirem o Protestantismo nascente na Inglaterra." p. 356-7.

— Ahi está! Em Goldwin, uma affirmação vaga, imprecisa, sem citação de nenhum facto determinado, de nenhum documento digno de fé; no Snr. Ernesto outra accusação sem provas, visivelmente apaixonada, feita na vulgaridade de um estilo menos digno... Fica assim demonstrado!!!

Mas supponhamos real todo o fundamento alludido; tenhamos por certo que as intervenções de Luiz XIV tenham aggravado a situação Irlandesa. A culpa é da França ou, ainda mais, do Papa? Uma pobre nação, fraca, pequena, é expoliada de todos os seus direitos, tratada como nenhum outro povo foi tratado na historia; (1) na ansia mais legitima de paz e li-

(1) Para que o leitor tenha presente, em resumo, a dolorosa historia da infeliz Irlanda, pedimos queira reler IRC., p. 336-341,

berdade implora o auxilio de outros povos mais fortes que talvez lhe possam pôr um termo ao seu insupportavel martyrio. Ah! o responsavel, não é o povo opressor, é a nação que lhe estende a mão amiga!! Um viajante honesto é salteado por um bandido; trava-se uma luta desigual; cruza pelo horizonte um guarda civil; o innocente apita por soccorro; redobram as violencias do malfeitor. A culpa? toda da policia. — Fica assim demonstrado... como creditamos "aos protestantes *crimes de papas e reis catholicos!*" Isso sim, que não é mystificar a historia!

Vae mais longe a minha "consumada habilidade." Apresentei "guerras de *indole inteiramente politica* como guerras religiosas."

— Novos equivocos do diligente professor. Que entre Irlanda e Inglaterra haja profundas animosidades nacionaes, tão antigas quase como as origens modernas dos dois povos, é o que nem sequer de longe pensamos em contestar. Mas a estas divergencias de ordem social e politica, veiu a Reforma protestante acrescentar outras, não menos profundas, de *ordem religiosa*. A' oppressão do irlandês por irlandês, seguiu-se a perseguição do Irlandês porque catholico. As leis intolerantes e vexatorias impostas pelos poderes ingleses, começaram a distinguir, na propria Irlanda, entre cidadão e cidadão, favorecendo o *irlandês protestante* e expro-

---

ou, com documentação mais rica L. **Paul-Dubois, l'Irlande Contemporaine e la question d'Irlande.** "Estas guerras, escreve elle, são na realidade guerras de exterminio. Matam-se os irlandezes como bestas feras." E lembrando nomes dos principaes agentes do poder inglês continua: "Nada iguala, no seculo XVI, a barbaria fria e prolongada destes logar-tenentes da "bôa rainha Bess," **Sussex, Monntjoy, Raleigh, Pelham, Grey, Carew;** os pormenores que nos subministram os ingleses, como o proprio **Carew, Spenser, Holinshed** ou Sir J. **Davies,** dão arrepios." E tudo isto acontecia quase um seculo antes... que Luiz XIV entrasse no scenario da politica européa!! Mas estas questõesinhas incommodas de cronologia, só as levanta quem gosta de mystificar a historia!

priando, opprimindo, matando, o *irlandês catholico*. O Snr. Ernesto, quando tentou evadir por aquelle subterfugio ridiculo tinha deante dos olhos, o quadro dessas leis hediondas. "Um catholico não podia possuir um cavallo cujo valor passasse de 5 esterlinas e se um protestante podesse asseverar que excedia esta somma, era autorizado a apoderar-se do animal, pagando 5 esterlinas (1696); nenhum catholico podia comprar bens fundiarios nem arrendar terreno por mais de 30 annos (1703); se o lucro obtido das terras assim alugadas ultrapassava um terço das entradas, o protestante que o descobrisse podia appropriar-se do excesso (1710); morrendo um catholico, se na sua descendencia havia algum protestante, este era declarado unico herdeiro dos bens com exclusão de todos os parentes catholicos ainda mais proximos... prohibição aos protestantes de instruir catholicos e a estes de abrir escolas ou enviar os filhos ao continente em busca de instrução e sciencia; autorização aos magistrados de enviar os filhos das familias catholicas á Inglaterra para se instruirem nos principios da Reforma... nas familias catholicas se a mãe se declarava protestante, o pae perdia o direito de educar catholicamente os filhos; os sacerdotes fieis, condemnados ao exilio, os apostatas, amparados officialmente com honorarios annuaes de 20, 30 e 40 esterlinos (1704-1705)." IRC. p. 339-340.

Nas proprias guerras inspiradas por motivos politicos e nacionalistas, um era o tratamento dos irlandeses catholicos, outro o dos protestantes.

Nos tempos de Isabel, (1558-1603): "O dominio absoluto da Irlanda era essencial á segurança de Isabel; para este fim ella teve... depois de 1569 de sustentar *uma guerra constante contra a religião dos habitantes do paiz!* Estas palavras do historiador irlandês bem servem como de chave *para toda a historia*

da Irlanda durante o reino de Isabel." E' o que se lê no "maior monumento de Hist. Univ. até hoje publicado no mundo." t. XXI, p. 406.

Nos tempos de JAYME I. (1603-1625): "Embebido de ideas absolutistas, JAYME não era para tolerar dissentimentos religiosos. Em 1605 saiu um decreto de expulsão dos sacerdotes romanos; seguiu-se-lhe uma perseguição geral e activa, que, tão longe esteve de dar resultados, que elles continuaram a affluir de fóra. As mais severas leis inglesas contra os leigos catholicos não tinham sido repromulgadas na Irlanda; na ausencia de leis, lançarão mão de meios illegaes para constranger á uniformidade. No conjuncto, o protestantismo fez pouco progresso, ainda que o numero dos colonos protestantes augmentasse." Ahi está outro texto que escapou aos olhos distraidos do Snr. ERNESTO, quando manuseava o seu monumento sem par no mundo. t. XXI, p. 421.

Tempos de CROMWELL (1649-1650) "Medidas de grande severidade foram tomadas *contra os sacerdotes catholicos;* diz-se, porém, que CROMWELL tinha grande numero delles a seu serviço, que o tinham bem informado. *Todas as classes de protestantes foram tolerados* e Jeremias Taylor pregou sem ser molestado" t. XXI, p. 425. (1). Ainda estas palavras se lêm no

(1) O professor paranaense mostra grande interesse em exculpar a **Cromwell**, das atrocidades praticadas na Irlanda. "Quanto a Cromwell, o unico genuino protestante entre os referidos, ele só expropriou os bens dos que foram apanhados em armas, em franca revolta contra a republica. Tinha o direito de fazê-lo? Ninguem o nega." p. 358. A p. 360: "Na sua mensagem ao Parlamento inglês dando conta das suas vitorias diz Cromwell: "Não massacrei, não destrui, não bani da Irlanda alguem que não fosse apanhado com armas na mão." — Santa ingenuidade! Sobre as grandes accusações formuladas contra **Cromwell**, o testemunho invocado como decisivo, é o do proprio Cromwell, numa relação official ao Parlamento!! A historia sabe algo mais. "Conforme outras relações feitas por escritores realistas e até parlamentares, a carnificina não durou só dois dias, mas officiaes, descobertos após 5 ou 6 dias durante os quaes haviam sido escondidos pela humanidade de alguns

"maior monumento da Historia" que deveria confutar "as balelas veiculadas pelo rev. Franca."

O Snr. Ernesto tinha deante dos olhos toda aquella legislação penal *contra os catholicos;* leu todos estes trechos da sua monumental historia em que se vê a desigualdade de tratamento infligido aos subditos irlandeses, precisamente por *causa da differença de seus credos*. Como explicar então que o escrupuloso professor tenha affirmado que eu tomei como guerras religiosas *"guerras de indole inteiramente politica?"* Não, decididamente o Snr. Ernesto não mystifica a historia!

— Por outra tentativa de coartada procurou o advogado do protestantismo alliviar o seu cliente das grandes responsabilidades nas desgraças da Irlanda. "O anglicanismo em seus primordios era, por suas doutrinas e suas praticas essencialmente catolico romano, com uma unica diferença: um papa inglês em vez de um papa romano. O anglicanismo só paulatinamente aceitou alguns principios do credo reformado e isso, após intensa lucta, durante varios seculos. As paginas de Taine, acima transcritas, no-lo mostram claramente. Assim é que os opressores da Irlanda eram catolicos, tão catolicos, como os de Roma. E só de tal laia poderiam ter sido as atrocidades descritas pelo rev. Franca." p. 353-4.

---

soldados, **foram mortos a sangue frio**; e durante a matança, **mulheres e creanças tiveram a mesma sorte que os homens em armas**"... "Cromwell ficou na Irlanda mais de 9 meses, e a guerra não se extinguiu ainda por dois annos depois de sua partida. De passo, perguntaremos á vista **destes sacerdotes enforcados, destes religiosos promiscuamente abatidos**, que significa o desafio de **Cromwell** a que lhe apontem "o exemplo de um só homem que desde a sua chegada a Irlanda, tivesse sido assassinado, destruido ou exilado, sem estar com armas na mão." t. XX, p. 99, 101. E o Snr. **Ernesto** leu estas verdades no "maior monumento da Historia;" e affirmou o que o leitor acaba de ver!!

A defesa não podia ser mais radical. Pena é que o Snr. Ernesto tenha em somenos consideração a capacidade retentiva dos seus leitores. "As paginas de Taine acima transcritas" dizem cousa bem diversa da que precisa o nosso advogado para a sua defesa. Descrevendo-nos a transformação social e religiosa produzida pela Reforma na Inglaterra, aponta-nos o historiador francês as suas differentes causas.

"Henrique VIII permitiu a publicação da Biblia inglesa. A Inglaterra tinha agora o seu livro" (1), p. 291 — Estamos *em tempos de Henrique* VIII (1509-1547).

"Não basta ter ouvido ao Rei, é necessario responder-lhe. E a religião não se completa senão quando a prece do povo se vem juntar á revelação de Deus. E, assim em 1549, das mãos de Cramer, Pedro Martir, Bernardo Ochin, e Melanchton, recebeu a Inglaterra o seu *Livro de Orações.*" p. 294 (2). — *Estamos em tempos de Eduardo VI,* em 1549.

"Uma coisa falta ainda para a completa caracterização desta religião viril: o raciocinio humano... Com *Latimer e seus contemporaneos* a predica, como a religião, muda de objecto e de caracter." p. 297 — "Latimer e seus contemporaneos" *viveram sob Henrique VIII.*

E resumindo a evolução espiritual do povo inglês, termina Taine: "Nada ha então de admiravel em que

(1) **Taine** engana-se apenas de 250 annos. Data de 1290 a tradução inglesa da Biblia. Estas paginas de **Taine** estão inçadas de erros historicos, innumeros e palmares; não os analysamos por meudo por nos faltar o espaço e sobretudo por não ser necessario. O leitor da IRC tem nas mãos os **documentos originaes, as fontes** de primeira mão, para tirar áquelle trecho, todo o seu effeito de literatura fôfa.

(2) E' interessante como as mais bellas orações louvadas por **Taine** são tiradas **quase á letra da velha liturgia catholica.** Mas para **Taine,** que ignorava todas as doutrinas e a historia da Igreja, tudo é novo, tudo saiu da prodigiosa Reforma, como Minerva da cabeça de Jupiter.

com a ascenção de Isabel entrasse a Inglaterra de velas desfraldadas no Protestantismo." p. 303.

A impressão que nos fica das "paginas de Taine acima transcritas" onde elle "descreve *magistralmente* o inicio e a razão de ser da Reforma protestante", pagina 277, é que, separando-se de Roma com Henrique VIII, a Inglaterra começou a orientar-se para o protestantismo; recebeu a Biblia, renovou a sua religião, introduziu os grandes elementos de seu progresso social, e, após, algumas fluctuações, entrou de velas desfraldadas no Protestantismo *com a ascenção de Isabel* que governou de 1558 a 1603. Eis o de que ainda se lembravam os leitores não desmemoriados. Ora, a perseguição contra a Irlanda, as leis atrozes de oppressão, e violencia contra os catholicos da ilha dos santos, entraram a multiplicar-se *justamente no reinado da "rainha Virgem"* e continuam quase ininterruptamente sob os seus sucessores, JAYME I (1603-1625), CARLOS I (1625-1649), JAYME II (1685-1689) GUILHERME III (1689-1702) etc., etc. (1). A Inglaterra tor-

(1) E' importante frisar, na faina de perseguição contra os catholicos, não só o papel dos reis protestantes, mas da **propria Igreja anglicana**. Demos a palavra a **William Cobbett**: "Foi depois de Jayme II que o codigo penal se tornou realmente horrivel. E aqui é da maior impotrancia para a causa da verdade, que encontramos os verdadeiros autores deste codigo, a saber **o clero da Igreja estabelecida**. E' cousa que resalta com bastante evidencia de toda a historia desta igreja; mas até ao reino de Jayme II o soberano pertencia á religião da Igreja de modo que as perseguições pareciam vir delle ou della. Agora, porém, que o rei era pela suavização do codigo penal e pela tolcrancia, viu o mundo quaes eram os perseguidores reaes... Jayme II desejava acabar com o codigo penal (contra os catholicos); seu desejo era uma tolerancia geral. Promulgou um decreto suspendendo todas as leis penaes relativas á religião e assegurando a todos os seus subditos a liberdade de consciencia. Este foi o seu crime, pelo qual, elle e sua familia foram para sempre postos á margem. E' o que ninguem pode negar. O clero da Igreja pôs-se contra elle. Seis bispos apresentaram-lhe uma petição insolente contra o exercicio dessa prerogativa que haviam possuido e exercitado todos os seus predecessores... Elles foram os mais activos e encarniçados adversarios deste rei desventuroso cujo unico delicto real foi querer dar a todos os seus subditos a liber-

na-se mais ferozmente perseguida quando entrou "de velas desfraldadas no Protestantismo." Os reis mais protestantes são os que precisamente fazem na historia a figura mais odiosa.

Que fazer? O Snr. Ernesto adopta um alvitre extremo. Esquece tudo o que transcrevera de Taine e... muda a historia. A Inglaterra não é protestante; só acceitou paulatinamente alguns principios reformados após *"varios seculos"* de lucta. (Quantos, preclaro professor? 4 ou 5?). Os oppressores da Irlanda eram catholicos, tão catholicos com os de Roma, por que só de tal lado poderiam sair as atrocidades conhecidas contra a Irlanda. Queimem-se todos os tratados de historia até hoje conhecidos. Diga-se de ora avante que Isabel, Jayme I, Guilherme III eram catholicos, tão catholicos como os de Roma!

Deante destas affirmações nada ha que responder. O Snr. Ernesto revolucionou toda a escala de valores conhecidos. A tantas outras descobertas originaes no campo da historia, o professor de Curityba acaba de acrescentar mais esta; é ainda um novo titulo ás glorias da sua immortalidade!!

§ 2. *Nações protestantes.*

Parallelo ao estudo da evolução economica e politica das nações catholicas, esboçamos outrosim uma analyse semelhante do desenvolvimento dos povos que se dizem protestantes. Os dois paragrafos se completavam como duas metades de uma demonstração integral. A proposito das nações catholicas o Snr. Ernesto fez as observações que acabamos de ver; acerca das outras calou discretamente.

---

dade de consciencia." **A history of the Protestant Reformation in England and Irland**, c. XV, n. 432-33.

Ao falar, porém, de Henrique VIII, esboçou algumas tentativas de justificação da intolerancia inglesa contra os catholicos. Não queremos deixá-las sem resposta.

Dos seus bons tempos de catholica, trazia a Inglaterra, a jovial Inglaterra de outrora, *merry England,* com as mais bellas tradições de liberdade, as instituições mais originaes da sua vida social e politica. A *Magna Carta* é de 1215, o *Parlamento britannico* de 1268.

A *Reforma,* neste, como em tantos outros pontos, assignalou um regresso lamentavel. Com ella estabeleceu-se um regime de tyrannia e de oppressões que por tres seculos deshonram a historia das liberdades inglesas. As leis então votadas e executadas não fariam má figura ao lado dos edictos imperiaes de perseguição dos imperadores romanos. O professor de Curityba procurou lavar o protestantismo dessas responsabilidades criminosas. As razões allegadas são dignas de ouvidas.

— Antes de tudo "HENRIQUE VIII nunca foi protestante." p. 304. — Que HENRIQUE VIII não abraçasse as doutrinas de LUTERO ou de CALVINO, de accordo; que elle não rompesse com a Igreja catholica e, pela scisma, não levasse a Inglaterra ao seu protestantismo, nada mais falso. HENRIQUE VIII negou o primado do Papa, rompeu a unidade visivel da Igreja, pilhou os mosteiros e attribuiu-se a plenitude de poder para dogmatizar e legislar em materia religiosa. E' a essencia do protestantismo. Foi o que fez LUTERO na Allemanha e CALVINO na Suissa. Nos dogmas que conservou do catholicismo, o rei inglês distancia-se do frade allemão, como este se extrema do reformador suisso. Em Londres julgaram bem manter a transubstanciação; em Wittemberga, inventou-se a consub-

stanciação; Genebra repelliu uma e outra. Nunca os protestantes conseguiram formular um credo homogeneo; a parte positiva de suas crenças varia de chefe para chefe, de paiz para paiz; no seu elemento negativo, concordam: ruptura com o centro da unidade christã, faculdade de cada qual organizar a seu geito um novo simbolo. Eis o que já se encontra em germe no reformador inglês. E porque não abraçou Henrique VIII as doutrinas protestantes do continente? Por motivo de ordem pessoal. Quando Lutero rompeu com a Igreja, Henrique, ainda catholico, assumiu uma attitude definida contra o frade revoltado e contra elle escreveu uma obra que lhe mereceu o titulo de *Defensor fidei*. Retratar-se agora, não ficava bem. As mesmas vantagens dos protestantes continentaes — independencia de Roma para todas as liberdades e licenças moraes, e confiscação dos bens dos mosteiros, elle podia usufrui-los sem a identidade das outras doutrinas.

Mais; Henrique VIII não podia deixar de ter resentimentos profundos contra os chefes do protestantismo allemão que o haviam insultado da maneira mais atróz. Delle escrevera, Lutero, entre outras amenidades, esta, de cuja transcrição pedimos venia ao leitor: "Este louco, este excremento de porco e de asno, quer sujar com as suas immundices a corôa do meu Rei celeste; contra elle é preciso atirar lama e monturo, contra este libertino mentiroso, contra este doudo rematado." (1). Melanchton, mais comedido no tom, porém mais violento nas idéas, aconselhava abertamente o assassinio do rei: "O tirano inglês mandou matar Cronwell e quer romper o casamento com

(1) Cfr. **Weimar**, t. X, II, p. 180 sgs.; p. 227 sgs. O leitor desculpará esta linguagem desbriada; **Lutero** é assim. Repugna-nos frequentemente só o transcrevê-lo.

Anna Cleves. Tem razão o poeta tragico: nenhum sacrificio poderia ser mais agradavel aos deuses que o de um tirano. Que o Senhor inspire este espirito a um homem de coração e de energia." (1). Compreende-se como HENRIQUE VIII não sentisse nenhum desejo de se inclinar agora deante das infallibilidades dogmaticas de innovadores contra os quaes tanto fel se lhe havia accumulado n'alma. Na sua vaidade, não quis ser um pedissequo vulgar, aspirou a ser chefe tambem elle, na sua ilha, como outros o eram no continente.

Mas — e a observação é decisiva — não foi Henrique VIII o unico a perseguir os catholicos. Já o deixamos demonstrado; foi precisamente quando a Inglaterra, com Isabel, "entrou de velas desfraldadas no protestantismo" que a perseguição se tornou mais cruel, mais systematica, mais inexoravel. O leitor já conhece o terrivel arsenal de leis fabricado contra os catholicos pela intolerancia do protestantismo inglês.

Não, atalha o Snr. ERNESTO, não é ao protestantismo que cabe esta responsabilidade, é ao anglicanismo; prova é que os protestantes tambem foram perseguidos. "A Egreja protestante tem sido perseguida na Inglaterra, até mui recente data... Basta um exame superficial dessas leis, nas proprias citações feitas, para verificar-se que atingiam tanto aos catolicos como aos protestantes que não reconheciam a su-

(1) **Corpus Reformat.** t. III, p. 1076. Mais tarde, quando **Henrique** se separou de Roma, **Lutero** mudou de clave. No seu **Aviso de 3 de Setembro de 1531**, sobre o divorcio de Henrique VIII, depois de se declarar nitidamente pela indissolubilidade do casamento, accrescenta, para contentar o rei, que, obtida a permissão da primeira mulher "elle poderia casar com outra rainha a exemplo dos patriarcas que tiveram varias esposas." **Enders**, IX, p. 88. **Melanchton** afina pelo mesmo diapasão: "O rei pode estar tranquillo em consciencia (tutissimum est regi) se tomar uma segunda mulher, conservando a primeira." E' a sancção official da polygamia!

premacia da Igreja catholica (!!) anglicana, os chamados não conformistas." p. 309 (1).

— Mas foi sempre assim, preclaro professor; o protestantismo mostrou-se sempre e em toda a parte intolerante, intolerante com todos, com os catholicos, em primeiro logar, depois com todos os outros irmãos em protestar. Mal um chefe ou uma seita se sentiu bem firmada e com poderes superiores ás demais, entrou logo a perseguir as rivaes. E' a historia de todo o protestantismo, que lamentamos sinceramente seja um livro fechado com sete sigilos para o seu illustre advogado do Paraná.

Que homem foi mais intolerante que LUTERO? Quem aconselhou mais energicamente o emprego da violencia? Não falemos das suas invectivas celebres contra os catholicos, já amplamente conhecidas. Estamos na guerra dos camponezes que excitados pela "palavra de Deus" iniciaram a revolução social que tanto sangue derramou na Allemanha. LUTERO excita os principes a vinganças sangrentas: "desembainhae o sabre, batei, estrangulae o mais que puderdes." "Foi mister cortar-lhes as orelhas a golpes de arcabús afim de que os miolos saltassem pelos ares. A taes alumnos, tal palmatoria." "O asno quer ser batido; o povo, governado pela força. Deus o sabia, e por isso não deu aos governos uma cauda de raposa mas uma espada." (2). Em 1527, escrevia a seu ami-

(1) Não é exacto. Muitas dellas só attingiam os catholicos: 1581, pena de morte ao sacerdote que ouvisse confissão; 1585, pena de morte ou confiscação dos bens contra todo sacerdote, jesuita ou seminarista que ousasse permanecer ou entrar em territorio inglês; mesma pena contra quem ousasse hospedá-los ou protegê-los; 1677, catholicos privados do direito de voto; 1688 expulsão de todos os catholicos do territorio inglês; 1700, premio de mil esterlinas a quem prendesse sacerdote ou bispo catholico ou provasse que havia celebrado missa. Não é pois "apenas uma que não está nas condições" acima. p. 309.

(2) **Weimar**, XVIII, 396-397.

go SPALATINO: "Até aqui, numa louca esperança presumia dos homens algo de sobrehumano, isto é, que elles se pudessem guiar com o Evangelho. Mas a experiencia mostra que, despresando o Evangelho devem ser constrangidos com a lei e a espada." (1).

Contra os judeus são as suas expressões inacreditaveis de despreso e violencia. "E' um povo obstinado, incredulo, orgulhoso, perverso, maldito, um caldo de iniquidades." O seu desejo era atear-lhes fogo a todas as synagogas e escolas, atirar-lhes enxofre e pimenta e se nellas se pudesse pôr o fogo do inferno, melhor. O que não pudesse queimar deveria ser enterrado, de modo que ninguem lhe pudesse ver os restos. "Eis como se deve agir para honrar a Nosso Senhor e a christandade inteira: é por estes actos que se verá se somos sinceramente christãos. Abaixo as suas casas; tirem-se-lhes todos os livros de oração, o Talmud e a Biblia; prohiba-se, sob pena de morte, aos rabinos de ensinarem; interdiga-se-lhes a usura; arranquem-lhes das mãos todas as mercadorias, as joias de ouro e prata... E se tudo isto ainda não basta, expulsem-se para o campo como cães damnados." E terminando a apostrofe: "Fiz o que dependia de mim; veja cada qual onde está o seu dever; eu fiz o meu!" (2).

Com os seus collegas os sacramentarios e zwinglianos, não era menor a violencia. Já conhecemos algumas das suas manifestações de rancor. Quando se tratava de elaborar a confissão de fe de Augsburgo (1530) BUCERO escrevia: "Não se póde imaginar odio mais implacavel, mais atrós e mais cruel de que o que nos votam os luteranos." A respeito de MELANCHTON, em carta de 17 de Julho: "Acabo de ouvir que esta

(1) **Enders**, VI, 6.
(2) **Erl.** XXXII, pp. 217, 233-36, 252-4; 259-60.

noite FELIPE escreveu a alguem: não é possivel restituir a paz á Allemanha senão mandando-nos á morte." (1). Quando os zwinglianos, derrotados pelos catholicos, foram por estes tratados com moderação e tolerancia, LUTERO deplorou-o: "A bem dizer, a victoria dos suissos sobre os zwinglianos não nos deve alegrar muito; não vale a pena enaltecê-la tanto, porque os catholicos toleram a crença zwingliana como elles a chamam, e não condemnam heresia tão manifesta; ao lado da propria fé que declaram infallivel, supportam outra, o que evidentemente deve consolar e confirmar os sacramentarios." (2).

Na Suissa, mesmo regime. Na intolerancia, CALVINO não se deixa vencer por LUTERO. Apenas se foi firmando em Genebra o seu poder, saiu logo uma "Confissão de fé" "laquelle tous bourgeois et habitants de Genêve et subjetz du pays doyvent jurer de garder et tenir." As doutrinas de Calvino condensadas em symbolo são impostas a todos os genebrinos *"sob juramento."* Quase todos se submetem, alguns reagem. Aos recalcitrantes notifica o Conselho que "se não quiserem jurar a reforma ils aient á vider la ville et aillent demeurer autre part où ils vivront á leur plaiser." Calvinismo ou exilio. Que o diga BOLSEC: discordou da doutrina da predestinação do mestre; enxovia, desterro. Em Genebra, escreve um erudito calvinista contemporaneo: "é o Conselho que approva a confissão de fé, que ordena e recolhe as adhesões, é o secretario do Conselho que sobe ao pulpito de S. Pedro para exigir o juramento; os cidadãos que o não quiserem prestar serão punidos com o exilio." (3).

(1) "Nihil potest fingi Lutheranorum odio implacabilius, nihil aeque atrox et dirum." **Zwinglii**, Opera, XIII, 459-473; "Audio hac nocte Philippum scripsisse cuidam: non posse pacem restitui Germaniae nisi nobis internecioni datis." **Brugger, Zeitschrift fuer Kirchengeschichte**, t. IV, p. 623, n. 3.

(2) **De Wette, IV, 349.**

(3) **E. Doumergue, Jean Calvin**, t. II, p. 237.

Na esteira aberta pelos primeiros reformadores navegaram os discipulos, dignos emulos das primeiras tradições. Por toda a parte, o protestantismo implantou-se pela violencia e as seitas vão destronando umas ás outras, a poder de exilios e mortes. Um ou outro exemplo.

Em 1583 sobe João Casimiro, calvinista, ao governo do Palatinado, luterano. Em outros tempos, os discipulos de Lutéro haviam carregado a mão sobre os de Calvino. Agora "abria-se outro capitulo." Os pastores residentes foram expulsos, mais de cem predicantes tiveram que expatriar-se; na universidade os antigos theologos foram demitidos e substituidos por outros, partidarios da confissão triunfante. Como os eleitores da Saxonia e do Brandeburgo recriminassem a João Casimiro os seus rigores excessivos, respondeu-lhes o administrador que não fizera senão expulsar um bando de indignos exploradores, blasfemadores, impios, homens, quasi todos, pelos seus costumes execraveis e doutrinas falsas, incapazes de prestarem a menor utilidade á Igreja de Deus; todos esses "farsantes, entumescidos de orgulho, cupidos, ambiciosos, egoistas, bebados" arruinavam a disciplina christã e escandalizavam as suas ovelhas pelos seus excessos gastronomicos, pela sua paixão do jogo, da dansa e do luxo. (1).

Frederico IV, eleitor Palatino, que, constrangido pelo seu tutor, abraçou, ainda creança, o calvinismo, resolveu mais tarde "dotar o seu paiz, o seu povo, e, se fôra possivel a christandade inteira, da unica doutrina orthodoxa do reformador francês." Os meios foram naturalmente os mais energicos e efficazes. Neumark, luterana, foi submetida pelas armas em 1592 e teve que acolher um presidente calvinista, im-

(1) **A. Kluckhohn, Die Ehe des Pfalzgrafan Iohann Casimir mit Elisabeth von Saxen,** Munchen, 1874, p. 147-148.

posto. Em Tirschenreuth, o logar tenente Valentim WINDSHEIM ameaçara os habitantes, que recalcitravam "de ir convertê-los á frente de um exercito de lansquenetes." As violencias de palavras e de factos multiplicaram-se em scenas vergonhosas de ferocidade e depravação. "Os calvinistas, escrevia ALBERTO D'HELBACH, capellão do conde luterano de Simmern, não cessam de tratar os nossos de canibaes, vampiros, comedores de Deus, cyclopes, pelagianos, guardas de porcos, cães, epicureus, etc." (1).

No *Hesse-Cassel,* o calvinismo entrou a ser religião de estado quando o landgrave MAURICIO, depois de o abraçar (1604) "se sentiu levado a participar aos seus subditos a propria felicidade." "Tenho direito, declarara elle aos predicantes luteranos, de exercer em minhas terras o poder episcopal... meus predecessores regularam as coisas religiosas conforme a palavra de Deus; o poder que elles exercitaram tambem eu, por minha vez, o possuo." E citava a Escritura (os reis de Israel, Ezechias, etc.). Os "poderes episcopaes" entraram logo em acção. No Alto-Hesse 60 predicantes refractarios foram exilados. Para a senhoria de Smalkalde, onde se esboçava uma resistencia mais organizada, foram enviados 2.000 soldados e 6 peças de artilharia. Destruição das imagens, devastação dos templos, multas, refens, torturas levaram a bom termo "a reforma," em nome do livre exame. (2).

Um dia é da caça, outro, do caçador. Hontem os calvinistas; hoje os luteranos. Que o diga o chanteller KRELL, a quem, pouco antes de sua morte, o predicante NICOLAU BLUM recriminava de haver falsifi-

(1) Reus trepidans, p. 61. Lembra-se o Snr. Ernesto da sua admiravel "uniformidade doutrinal."?

(2) **H. Heppe, Einfuehrung der Verbesserungspunkte in Hessen von 1604-1610,** Cassel, 1849, pp. 133-154.

cado a Biblia de LUTERO e ter tido "a intenção perversa de introduzir secretamente no Eleitorado todas as subtilezas venenosas de CALVINO." KRELL foi executatado em Dresden a 9 de Outubro de 1601. Na espada que o decapitou lia-se esta inscrição: "desconfia dos calvinistas Dr. N. Krell." Neste dia lugubre um discipulo de LUTERO parafraseou assim o Psalmo 2: "Eu disse aos luteranos: vós sois os meus filhos; eu não gerei os calvinistas e os quebrarei com sceptro de ferro" (1). O eleitor CHRISTIANO II exigiu então de todos os seus subditos, leigos ou ecclesiasticos, um juramento em que declaravam "ficar firmemente adherentes á pura doutrina do Formulario da Concordia, nada empreender contra ella, em segredo ou em publico, e, no caso de descobrir em outros a velleidade de passar ao papismo ou ao calvinismo, manifestá-lo immediatamente ao eleitor, sem se deixar intimidar por nenhuma ameaça, receber suas ordens e pôr-se ás suas disposições."

Ao ler a defesa do Snr. ERNESTO poderia ainda o leitor ser levado a crer que a perseguição dos catholicos na Inglaterra foi um caso isolado e excepcional, explicavel, segundo o engenheiro curitybano, pelo caracter catholico conservado pelo anglicanismo que apenas substituiu ao papa romano, um papa inglês. Não se poderia fazer mais violencia á historia. O protestantismo foi sempre e em toda a parte de uma intolerancia violenta e aggressiva. A perseguição aos catholicos esteve, durante seculos, na ordem do dia de todos os estados que adheriram á Reforma. Citemos apenas um ou outro facto dos innumeraveis que bastariam para encher volumes. Iremos escolhendo não nos primeiros annos que se seguiam á revolta religiosa: todos sabem com que furia iconoclasta foram então

(1) **Strobel, Neue Beytraege zur Literatur, Besonders des sechzehnten Iahrhundert,** Nuremberg, 1790-1794, t. V, p. 401.

perseguidos os catholicos, devastadas as saus igrejas, confiscados os seus bens. Recuaremos de cerca de um seculo para encontrarmos a perseguição e a intolerancia systematizadas em regulamentações juridicas.

Na *Escocia* presbyteriana, em principios do seculo XVII era severamente prohibido alugar casa a quem fosse suspeito de catholico; tres cidadãos de Edinburgo, por haverem hospedado a um sacerdote foram condemnados á morte, mas a sentença não foi executada; João Logan pagou com 5.000 esterlinas o "delicto" de ouvir missa; quem houvesse commettido o mesmo crime no extrangeiro perdia para si e para os seus herdeiros todos os bens que passavam para a Corôa. Em 1615 João Ogilvie, por ser sacerdote e jesuita, foi executado em Glascow.

Na *Dinamarca*, Colen, sacerdote catholico, foi em 1624 expulso do paiz e um negociante que o havia acolhido em sua casa, justiçado. Um decreto real de 18 de Fevereiro do mesmo anno prohibia a todos os sacerdotes e religiosos a estadia no paiz, sob pena de morte. Assim se implantou e se defendeu na Dinamarca a religião do livre exame.

Na *Hollanda* renovavam-se periodicamente as disposições legaes contra os catholicos. A luteranos e calvinistas, anglicanos e anabaptistas reconhecia-se o direito a exercicio publico do proprio culto; aos hollandeses fieis á religião dos seus paes, não. Em 1612 os Estados Geraes expediram decretos contra a actividade dos ecclesiasticos e a frequencia de escolas catholicas; aos officios publicos era, em quase toda a parte vedado o accesso aos catholicos. Quando os calvinistas que triumpharam no synodo de Dordrecht subiram ao poder os antigos edictos penaes contra os catholicos foram renovados e aggravados. A 26 de Fevereiro de 1622 fechava-se a entrada na Hollanda a qualquer ecclesiastico extrangeiro e prohibia-se, sob

as mais severas multas o culto catholico, ainda de caracter privado. Este edicto foi renovado em 1624, em 1629 e ainda em 1641. Em Utrech prohibia-se sob pena de 50 florins o antigo costume de pôr-se um rosario nas mãos dos defunctos; em 1644 foi vedado ás senhoras catholicas que não tinham filhos fazer testamento. Que regime liberal para propagar e defender uma religião cujo principio era o direito individual ao livre exame!

Tal é a historia do protestantismo; se não nos minguara o espaço continuariamos a citar factos sobre factos; não é a documentação que nos falta. Por toda a parte, a Reforma se implantou com a violencia, violencia contra os catholicos, violencia de uma seita contra as outras. Quando, portanto, o Snr. ERNESTO accusa o anglicanismo de perseguir os *não conformistas* e não ser, por isso, protestantismo, engana-se; o facto inglês é apenas mais um capitulo de uma historia geral. (1). Em nome do livre exame não conformistas foram vexados na Inglaterra como na Suissa, na Allemanha como na Suecia e na Hollanda.

— Citaramos entre outras leis inglesas de oppressão a que obrigava os subditos a reconhecer a supremacia espiritual da rainha. — "Essa lei, retruca o critico, attingiu muito mais profundamente aos protestantes que jámais reconheceram a supremacia espiritual de alguem que não fosse Jesus Christo." p. 309. E na pag. anterior: "Os protestantes fieis ao mandamento de J. C.: Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus!... negavam-lhe (ao Rei) peremptoriamente qualquer direito de intervir nos nego-

(1) O que se fazia na Inglaterra era explicitamente approvado no continente. A 22 de Outubro de 1548 escrevia **Calvino** ao duque de **Somerset**, então regente, que lhe incumbia o dever de exterminar com a espada todos os que se oppusessem ao estabelecimento da nova Igreja. **Opera**, XXIII, p. 81.

cios do reino de J. C. cujo unico cabeça é o Divino Espirito Santo."

Ou o professor de Curityba ignora de todo em todo a historia e a doutrina do Protestantismo ou abusa indignamente da bôa fé dos seus leitores. O que fizeram immediatamente os protestantes por toda a parte foi crear o seu papa fardado, entregando aos principes o baculo e dando a Cesar-Pontifice o dominio das consciencias.

LUTERO, a João Principe Eleitor da Saxonia: "Agora que no principado de V. A. cessaram a coacção e a autoridade do papa.. *a vós como a chefe supremo incumbe o dever de regulamentar tambem todas estas cousas.*" (1).

MELANCHTON: "Os principes piedosos não só devem fundar escolas mas tambem *escolher a doutrina*... com autoridade certa e firme. Nelles e na Igreja requer Deus esta diligencia." Ao senado de Humburgo, em 1550: "E' certissimo que *pertence ás attribuições do Senado* que a Igreja seja bem ensinada (recte doceatur) e que se não espalhem dissidios." (2).

JURIEU: "E' certo que os principes são *os chefes natos da igreja christã, senhores assim da religião* como do estado." Para resolver as eternas controversias entre as seitas alvitra que: "os theologos falem como advogados, os *politicos* ouçam e *julguem sob a autoridade dos principes.*" (3).

KNOX, um dos chefes reformadores da Escocia: "*Ao magistrado civil* compete de modo especial a ordenação e reforma da Religião." (4).

E "os protestantes nunca reconheceram a supre-

(1) De Wette, III, p. 136.
(2) Corpus Reformat. XI, 328; VII, 666.
(3) Ver estas e outras citações em **Bossuet, Hist. des variations,** addit. ao liv. XIV.
(4) Westminster Review, t. LIV, p. 453.

macia espiritual de ninguem que não fosse Jesus Christo!!"

Os factos responderam aos ensinamentos dos grandes chefes. "E' incontestavel, confessa JURIEU, que a reforma foi feita *pelo poder dos principes*. Assim, em Genebra, foi o Senado; em outras partes da Suissa, o Grande Conselho; na Hollanda, os Estados-Geraes; na Suecia, Dinamarca, Inglaterra, Escocia, foram os reis e os parlamentos." (1). A segunda confissão de fé da Escocia leva por titulo: Confissão geral da verdadeira fé christã segundo a palavra de Deus e *as actas do nosso Parlamento*. — E os protestantes "fieis ao mandamento de J. C. dae a Cesar etc. negavam peremptoriamente etc."!!

Passemos aos mais officiaes entre os documentos protestantes: ás suas confissões de fé.

Confissão Helvetica posterior (1562). art. XXX: "Ensinamos que o cuidado da religião *pertence antes de tudo ao magistrado santo*. Que elle tenha nas suas mãos a palavra de Deus."

Confissão hungarica (1562), art. XXXII: "nada deve estar mais a peito dos magistrados christãos do que ter a Igreja constituida segundo a palavra de Deus, e defender e vingar-lhe a autoridade contra os que a desprezam e perturbam."

Confissão escocesa (1560), art. XXIV: "Affirmamos que o dever principal dos reis, principes e outros magistrados é conservar a religião pura e purificá-la de suas manchas, quando adulterada. Não só para conservar a ordem civil senão tambem para a defesa da religião foram elles instituidos."

Confissão de Westminster (1647) c. XX. n. 4. Os que publicarem ou defenderem opiniões que "são

(1) Cfr. **Alzog, Universalgeschichte der christlichen Kirche,** Mainz, 1860, p. 841. O leitor que desejar mais promenores e documentos pode reler IRC., 221-226; 255-259.

destructivas da ordem e paz externa que Christo estabeleceu na sua Igreja, podem ser legalmente chamados a juizo e contra elles se poderá proceder com as censuras da Igreja e o poder do magistrado civil." (1).

E "os protestantes jámais reconheceram a supremacia espiritual de ninguem."!!

Como explicar no Snr. ERNESTO esta affirmação tão em contraste com os ensinamentos dos paes da Reforma, da historia do protestantismo e de suas formulas officiaes de fé!! Não ha nenhuha desculpa para o prof. de Curityba. Todos estes e muitos outros documentos já se haviam citado na IRC. O advogado do protestantismo leu-os, calou-os e... repetiu a affirmação. Ainda uma vez, chamamos a attenção do leitor sereno para estes processos de polemica visivelmente sectaria. Não se procura a verdade, não se levam em consideração desapaixonada os argumentos adduzidos, não se toma conhecimento dos factos mais indiscutivelmente averiguados e allegados. Affirma-se, affirma-se, affirma-se, o que é falso, o que é demonstradamente falso, o que é conhecidamente falso... porque assim o exigem os interesses que se defendem. Eternizam-se as discussões e a verdade fica desesperadamente immolada aos preconceitos de seita.

— Por ultimo, desculpa o Snr. ERNESTO o rigor das leis inglesas porque "só differem pela sua benignidade excessiva das que foram promulgadas *pelos papas contra os protestantes.*" p. 311. — E pouco depois reproduz alguns canones do 4.º Concilio lateranense. (1215). Já estava tardando uma tirada sobre a Inqui-

---

(1) **E. F. K. Mueller, Die Bekenntnisschriften der reformierten Kirche** in authentischen Texte, Leipzig, 1903, pp. 220, 447; 261-2; 586-7; 835. E' a colleção authentica das confissões das igrejas reformadas.

sição, "accessorio gasto da tragi-comedia do fanatismo anticlerical." (1).

Neste assumpto o professor discorre com a innocencia de quem ignora tudo o que se escreveu até hoje sobre o argumento. Elle não conhece os *albigenses,* destruidores de toda a ordem social e civil, anarquistas violentos e incendiarios, contra os quaes foram promulgados estes decretos (Cfr. IRC. p. 155); elle ignora toda a constituição social da idade media, o direito penal então vigente, o papel das autoridades civis e das ecclesiasticas. Tudo isto é historia e doutrina. O que elle quer é reunir meia-duzia de accusações para desfazer no leitor a impressão inevitavelmente dolorosa da legislação do protestantismo inglês e não inglês. — Se é necessario mesmo falsificar a chronologia e romancear a historia, elle não hesita. S. Fernando, rei de Espanha apparece-nos carregando lenha e assoprando fogo nas fogueiras da Inquisição, provavelmente para queimar mais depressa o *milhão de protestantes;* Luiz VIII, rei da França, é elevado ás honras dos altares; S. Pio V, que foi Papa nos fins do seculo XVI, convoca o concilio de Narbona em 1235, e os decretos do concilio de Latrão *em* 1215 são adduzidos em prova da "benignidade excessiva das leis que foram promulgadas pelos papas *contra os protestantes*"!!

Não teria sido muito mais proveitoso para a polemica que o Snr. Ernesto tivesse encarado com mais sinceridade as 35 paginas consagradas á evolução das nações protestantes? Aí mostramos como, sob o catholicismo se haviam formado estes grandes povos. Dos seus bons tempos de catholica trouxe a Inglaterra, as suas instituições mais liberaes, as suas grandes universidades, as suas melhores tradições. O protestan-

(1) E. Prado, Collectaneas, S. Paulo, 1906, t. IV, p. 225.

tismo abriu nella um parenthese odioso de intolerancia, oppressão e tyrannia de que só, aos poucos, ao cabo de tres seculos conseguiu convalecer.

A Allemanha era a primeira nação da Europa nos fins do sec. XV. Agricultura, commercio, industria, instrucção, tudo nella florescia admiravelmente. Veiu a Reforma, começou o despotismo, a discordia civil, a decadencia de toda a vida economica, industrial e intellectual. Tambem aqui, sobre a grande nação de outrora, dividida, dilacerada e convulsa, fez o protestantismo pesar as dolorosas consequencias de suas devastações por mais de duzentos annos.

Nos Paizes Escandinavos — Suecia, Noruega e Dinamarca — mesma paralysia ou retrocesso do movimento civilizador. A tyrannia dos soberanos, a escravidão das classes populares, a divisão e desharmonia civil acompanharam a passagem para o protestantismo.

Eis o effeito, constante e geral, da Reforma nos paizes que a abraçaram. Demonstramo-lo amplamente (IRC, 342-378) com a historia na mão. Esquecer tudo isto, envolvendo esta verdade num grande sophisma de omissão, para diluir panegyricos ao progresso economico das nações anglo-saxonicas *no seculo XIX,* é explorar a inconsciencia dos leitores na maior parte irreflectidos e desapparelhados para as grandes analyses historicas. O progresso dos povos protestantes nos tempos modernos é devido a causas extrinsecas á sua religião. Indicamo-las por meudo no outro livro; sobre uma dellas apenas chamamos agora a attenção. A prosperidade economica dos povos foi condicionada no seculo passado pela machina de vapor e a actividade triunfadora da machina pelo preço e abundancia do combustivel. Os povos ricos em jazidas carboniferas acharam-se em situação singularmente favoravel de desenvolvimento industrial. Catholicos ou protestan-

tes tomaram naturalmente o passo sobre os concurrentes menos dotados pela natureza. Foi a Inglaterra protestante e foi a França (nordeste) catholica; foi na Allemanha a Renania catholica ao lado da Saxonia protestante. Foram a catholica Belgica, a catholica Tcheco-Slovaquia que não cederam no desenvolvimento das industrias á Escocia presbyteriana. Em todo este progresso, nenhuma influencia dos credos religiosos; simples consequencia economica do jogo espontaneo de factores naturaes. Os progressos recentes de electro-dynamica vão permittindo substituir na acção dos maquinismos a energia hidro-electrica á calorifera. E ahi está, em nossos dias, a Italia catholica, desprovida de minas de carvão mas rica de quedas dagua, a conquistar rapidamente um dos primeiros logares entre os maiores países industriaes do mundo.

— E' este esquecimento das causas mais obvias da prosperidade economica dos povos que sugere ainda ao Snr. ERNESTO as mesquinhas observações da p. 364: "Se o rev. Franca tivesse se lembrado de comparar o Brasil com os Estados Unidos... todos os factores naturaes capazes de explicar a superioridade de um povo sobre outro, são, no Brasil, mais favoraveis a nós do que a eles... Nós com todos os factores naturaes mais por nós que por eles, e ainda, com a extraordinaria vantagem de sermos mais inteligentes (!!) porque não apresentamos um desenvolvimento relativo egual senão porque a religião catolica romana tem amesquinhado com crendices e superstições a mentalidade brasileira?" — Numa palavra, o Brasil é naturalmente mais rico e mais intelligente que a America do Norte; se não se desenvolveu tanto é porque somos catholicos, e os norte americanos, protestantes.

Se leramos este parallelo superficialissimo sob a penna de um jornalista sem responsabilidades, não nos maravilharamos; mas assignado por um engenheiro, que se diz lente numa faculdade superior do país, é de pasmar!

Tome uma carta geografica, preclaro professor; esqueça o seu protestantismo e observemos.

A primeira differença, capital para a civilisação de um povo, é que o territorio norte americano se estende de oceano a oceano; o trabalho de colonização e utilisação do solo poude ser atacado simultaneamente dos dois extremos, estimulado pelo commercio aqui com a Europa, ali com a Asia. No Brasil, o mar só nos banha a fronteira oriental; a grande serra que para logo se eleva difficultou extraordinariamente a penetração para o interior. As nossas cidades rendilharam a costa; a população distribuiu-se por uma estreita faixa maritima; e quase todo o immenso territorio patrio, por falta de commercio possivel, ficou e ficará ainda, por largo tempo, quase despovoado e inexplorado.

Mais. Toda a gente conhece a relação entre a extensão das linhas da costa de um paiz e o seu desenvolvimento economico. Africa, o mais atrazado dos continentes, conta apenas 1 kilometro de costa para 1420 kilometros quadrados de terra. LAPPARENT offerece-nos a seguinte tabela comparativa. Por um kilometro de costa:

	Kilometros de territorio
Africa	1420
Asia	763
America do Sul	689
Australia	534
America do Norte	407
Europa	289

Emquanto os Estados-Unidos vêm immediatamente após a Europa, a America do Sul só leva vantagem á Africa e á Asia. Se no continente sul-americano distinguirmos o Brasil (7920 kms. de costa, 8.307.218 kms.^{2} de area) encontraremos para cada km. de costa uma superficie de 1.048 kms.^{2}, o que nos colloca no penultimo logar, superior apenas ao do continente negro, e incomparavelmente abaixo da posição norte americana. (1).

Passe agora, professor, a observar as coordenadas geograficas. O immenso territorio da Republica do Norte está na zona temperada; a quase totalidade do brasileiro, na zona torrida. O que representa o clima na beleza e saude da raça, na capacidade de trabalho, na resistencia á fadiga, no espirito de iniciativa, sabem-no todos os hygienistas e sociologos, excepto o Snr. Ernesto Luiz.

Outro passo. A civilização americana não é autochtona; é uma civilização de emprestimo, importada do Velho Mundo. Ora, a distancia que separa os Estados-Unidos da Europa é, pelo menos, duas vezes menor que a que medeia entre o Brasil e os grandes fócos da cultura antiga. Rapidez e economia nas communicações muito mais favoraveis aos do Norte. Por essa circunstancia e, mais, pela semelhança do clima, as grandes correntes immigratorias dirigiram-se de preferencia para a patria do dollar. De 1840 a 1914 mais de 30 milhões de europeus desembarcaram nos portos norte americanos. Era o braço do homem indispensavel para valorizar as riquezas brutas da natureza. Entre estas riquezas, muito superiores ás nossas (2), salientamos as jazidas de carvão de pedra e de

(1) Cfr. E. Prado, Collectaneas, t. IV.

(2) Já se foi o tempo em que um patriotismo ingenuo e pueril decantava as opulencias da nossa natureza em dithyrambos de arrojo andaluz: E' o melhor paiz do mundo! é o mais rico do planeta! — A sciencia fria da vida economica já reduziu muitos des-

petroleo, cuja influencia preponderante no desenvolvimento economico, acabamos ha pouco de assignalar.

E ahi está, como, não um estudo profundo, mas uma simples inspecção de um mapa, põe por terra todos os castellos de carta do professor curitybano. A sua economia politica, atacada de um daltonismo incuravel, não viu nenhuma destas differenças capitaes, e escreveu muito despachada: "*todos os factores naturaes* capazes de explicar a superioridade de um povo... são mais favoraveis a nós do que a eles." O unico factor decisivo, foi aos seus olhos, o religioso. Os Estados-Unidos, neste ponto, são como toda a gente sabe, a maior babel que conhece o mundo. Nesta confusão inextricavel ha, ao lado de 20 milhões de catholicos, uns 30 milhões de protestantes, divididos e subdivididos em dezenas e centenas de seitasinhas diversas, cada qual com o seu credo, o seu culto, a sua organização ecclesiastica differente. Eis o grande factor, o unico factor da civilização norte americana!!

E que foi o que, neste esplendor de cultura, mais impressionou o protestante brasileiro? Estará lembrado o leitor como o Snr. Napoleão Roussel (Cfr. IRC. p. 303), para provar a superioridade da Escocia sobre a Irlanda, pôs-se numa aldeia a contar o numero dos talheres e dos candieiros, dos gansos e das peruas. Ernesto Luiz é mais moderno. Em 1928, escreve elle, havia nos E. U.: "18 milhões de banheiras, 15 milhões de ferros electricos de engomar, 5 milhões de maquinas de lavar roupa, 5 milhões de ventiladores electricos, 5 milhões de fogareiros electricos, 755 mil refrigeradores electricos." p. 364. — Bemaventurado o povo protestante! O protestantismo lhe multiplica logo os automoveis e telefonios, as banheiras e os ferros de en-

---

ses enthusiasmos infantis ás suas justas proporções. Cfr. **E. Prado, Collectaneas**, IV, p. 134 e sgs. O Snr. **Ernesto Luiz** ainda está na fase dos idyllios pre-scientificos.

gomar!! Creio que não é precisamente este o objecto do sermão da montanha.

Deslembrado pelas grandes cifras norte-americanas, porque o illustre professor não levantou um pouco mais alto a sua attenção? Porque não contou os suicidios? São poucos os paizes que levam a palma ao coefficiente norte americano. Porque não enumerou os divorcios? São 200.000 cada anno. Nenhum povo da christandade póde competir com o da republica estrellada no numero de lares desmantelados pela infidelidade conjugal, pela deserção de um dos conjuges, pelas injurias e sevicias graves. Porque não estudou a delinquencia geral e, sobretudo, a criminalidade infantil? Tambem aqui as cifras avultam em proporções edificantes. Para estudar a influencia do factor religioso não teria sido este um dominio mais favoravel que o das banheiras e dos ventiladores? Assim não o julgou, na sua alta prudencia, o illustre advogado do christianismo "puramente evangelico." Que a familia se desaggregue numa dissolução alarmante, que o numero dos individuos a terminar, num acto de desespero, uma existencia sem finalidade e sem energia, que entre as gerações a subir se multipliquem os candidatos á delinquencia, são nonadas despreziveis. Ha muitos automoveis? ha muitos telefonios? O protestantismo não se preoccupa de outra cousa.

CAPITULO II

A Igreja e a instrucção.

Depois da prosperidade economica e da grandeza politica, a cultura intellectual. As benemerencias incontestaveis da Igreja neste importante dominio, a immensa perturbação e decadencia dos estudos occasionadas pela Reforma, estudámo-las amplamente em 40 paginas, onde, em logar de affirmações e declamações, cedemos a palavra á voz dos factos e dos documentos contemporaneos de irrecusavel autoridade.

A este extenso capitulo o Snr. Ernesto Luiz replicou, como era bem em tempos de crise: com grande parcimonia. *Duas paginas* e não mais (367-368). Mas neste pequeno espaço não lhe faltou a habilidade rara de inserir uma meia duzia de falsidades.

"Nada mais facil ao rev. Franca do que demonstrar que na Edade Media só a Igreja de Roma ensinava." p. 367. Ainda bem; não favorecia a ignorancia. Mas pequeno merecimento é este aos olhos do professor, "porque tambem quasi só ela aprendia." E como argumento lá vem a citaçãosinha de um artigo da *Revue des Deux Mondes* em que o Visconde de G. d'Avenel "explica amplamente este facto." "Sabe-se que na Edade Media os homens da Egreja eram os unicos a ensinar e quasi os unicos a aprender. Destinados aos clerigos e não a todos — não se cuidava de ministrá-la aos irmãos conversos, obreiros agricolas das abadias, a cultura intelectual por tal forma conservou esse

cunho de exclusividade que o filho d'um servo não podia pretendê-la..." "E na verdade, acrescenta por sua conta e risco o nosso critico, ir á escola era o mesmo que ingressar na clericatura." p. 367.

Numa palavra, só o clero sabia; só elle apprendia, só elle ensinava. Supponhamos por um instante que fosse verdade. Que inferir dahi contra a Igreja? Não era mais uma prova de sua benemerencia no dominio do progresso intellectual? Numa época em que os povos recem-saidos da barbaria não presavam senão a força bruta e a habilidade no manejo das armas, a Igreja, com a sua influencia, com o exemplo de seus ministros, teria conservado bem alto o prestigio da intelligencia. Nos presbyterios e nos mosteiros se conservavam os preciosos tesouros da antiguidade e se perpetuavam as tradições do magisterio que augmenta e transmite o patrimonio da cultura humana. Por este titulo teria a Igreja merecido menos da civilização moderna?

Mas o facto é historicamente falso. Affirmando-o o Snr. Ernesto, ainda uma vez, assumiu a grave responsabilidade de quem contesta a verdade conhecida como tal.

Em todas as escolas, addidas ás catedraes ou aos mosteiros, havia duas subdivisões franqueadas respectivamente aos clerigos e *aos seculares*. A legislação ecclesiastica de toda a idade media insiste sobre a necessidade de facilitar e diffundir a instrucção. No seculo VIII, Theodolfo, bispo de Orleans, baixava o seguinte decreto: "Os sacerdotes mantenham escolas *nas aldeias* e *nos campos;* e se *qualquer* (quislibet) dos fieis lhes quiser confiar os seus filhos para apprender as letras não os deixem de receber e instruir... nem por isso *exijam salario ou recebam recompensa alguma...*" (1). Este decreto foi adoptado, palavra por

(1) **Sirmond, Concilia Galliae**, II, 215.

palavra, pelos regulamentos ecclesiasticos da Inglaterra. E quase todos os concilios da epoca reproduzem estas ou outras leis semelhantes concernentes á diffusão do ensino *popular*. Lembremos os de Aix-la-Chapelle (789), Thionville (805) Moguncia (813), Paris (829), Meaux (845), Paris (846), Valencia (855). O Concilio de Saponnière ordena em 859 que "se *fundem em toda a parte escolas publicas,* ubicumque constituantur scholae publicae." (1). Leis universaes reforçavam para toda a Igreja os decretos dos bispos, dos synodos diocesanos e dos concilios particulares. EUGENIO II escrevia: "E' preciso esforçar-se por estabelecer professores capazes de ensinar as *artes liberaes* e o dogma catholico em *todos os bispados* e em *todas as parochias.*" (2). O concilio ecumenico de Latrão, em 1179 assim legislava no seu canon 18 para a Igreja universal: "Ordenamos que em todas as igrejas cathedraes se proveja um beneficio conveniente a um mestre, encarregado de ensinar *gratuitamente* aos clerigos dessa igreja e a *todos os alumnos pobres.*" (3). — Leu bem, professor, esta legislação da Igreja? — Ensino *para todos* — ricos e pobres, clerigos e leigos; ensino *gratuito;* ensino distribuido por toda a parte, nos bispados e nas parochias, nas *cidades,* nas *aldeias* e nos *campos,* e isto em tempos em que a invenção da imprensa ainda não havia facilitado extraordinariamente a transmissão dos conhecimentos humanos! Como entender que o Snr. ERNESTO, *conhecendo estes documentos* (já citados quase todos na IRC.) ousasse escrever que "ir á escola era o mesmo que ingressar

---

(1) **Concilia** (Ed. Labbe), VIII, 674.
(2) **Annales Ordinis S. Benedicti**, II, p. 505.
(3) **Mansi, Conciliorum Collectio**, XXII, 227-228. A abbadia de Salzburgo, para frisar a gratuidade do ensino que nella se administrava, mandara gravar na entrada este verso: Discere si cupis, gratis quod quaeris, habebis. (ML. t. CI, p. 757).

na clericatura?" Como admitir esta resistencia obstinada e impenitente á luz da verdade?

Continuemos a observar os factos. Ahi ficam as leis; vejamos as realizações. São magnificas. A Igreja inundara a Europa de estabelecimentos de ensino. Ao lado de cada igreja, uma escola; todo o centro de piedade era ao mesmo tempo um fóco de irradiação intellectual. "A antiga França não contava menos de 60.000 *escolas* (poucas mais conta a moderna); cada cidade tinha seus grupos escolares como se diz em Paris, cada parochia, seu pedagogo, seu *magister,* como se diz no Norte. No seculo XIII *todos os camponezes da Normandia sabiam ler e escrever*... Antes de 89 não havia menos de 19 cidades universitarias para onde affluiam numerosos alumnos. Os nobres não menos *que os plebeus* não eram hostis ao saber e ás letras... O ensino publico *era muito florescente na idade media*. A guerra de 100 annos e as guerras de religião lhe deram um golpe fatal." (1). Attendeu bem o Snr. Ernesto? ensino *publico muito florescente;* 60.000 *escolas; todos os camponezes* sabiam ler e escrever; e esta admiravel organização dos bons tempos medievaes, desmantelada pelas guerras que se seguiram á scisão religiosa do protestantismo.

Passemos á *Allemanha*. "O *catholicismo* enchera a Allemanha como o *resto da Europa,* de escolas *populares;* decretara que o clero admittisse nessas escolas os *filhos dos servos* e dos livres; que todo o sacerdote encarregado de cura das almas exercesse o magisterio ou por si ou por meio de um clerigo; que os bispos nas suas visitas procurassem abrir escolas onde não existissem; que o pastor de cada parochia subsministrasse aos pobres o ensino *gratuito*... A Igreja catholica fi-

(1) **Ch. Louandre, Les études historiques en France depuis la guerre,** na Revue des Deux Mondes, 15 Janv. 1877, p. 452-3.

zera mais. Antecipando o pensamento de S. João Baptista de la Salle, os discipulos de Gerardo von Groote ensinavam aos pobres a ler e escrever, a religião e as artes mecanicas. Dos Paizes Baixos onde havia sido fundada a Ordem, levaram estes irmãos no seculo XIV a luz da sciencia e da caridade a ambas as margens do Rheno, á Westphalia, á Saxonia, á Pomerania, á Prussia e á Silesia. No mesmo tempo, os mosteiros de religiosas subministravam *ás filhas do povo* as professoras *que a Reforma lhes havia de tirar...* Destarte o catholicismo havia lançado a pedra angular do ensino, constituindo assim para o povo como para os literatos a *base da civilização germanica.*" (1).

Rendu alludiu ha pouco ás escolas fundadas pelos "*Irmãos da vida commum*" de Gerardo von Groote; a actividade desses benemeritos educadores, animados e protegidos pelos papas Eugenio IV, Pio II, Sixto IV e pelo celebre Cardeal Nicolau de Cusa, manifestase com evidencia no grande numero de alumnos que affluiam ás suas escolas. Em Zwolle oscilavam entre 800 e 1000; em Alkmaar eram 900; em Herzogenbusch 1200; em Daventer, lá pelo anno 1500, elevaram-se a 2.200. (2). Sob o papado, escrevia Lutero: "o demonio havia estendido as suas rêdes por meio dos mosteiros e das *escolas* de tal maneira *que sem um milagre de Deus não era possivel que dellas escapasse uma creança.*"

Os estudos historicos mais recentes não tem feito senão confirmar e documentar mais ricamente essas conclusões. Paulsen, professor em Berlim e o mais

(1) E. Rendu, **De l'éducation populaire dans l'Allemagne du Nord**, Paris, 1855, p. 6-7.

(2) Delprat, **Die Bruederschaft der gemeinsamen Lebens**, Leipzig, 1840, pp. 32, 37, 47. Em Magdeburgo e Eizenach **Lutero** frequentara estas escolas gratuitas.

abalisado historiador protestante da pedagogia allemã: "Póde affirmar-se, escreve, que, no fim da idade media, cada cidade que não fosse muito pequena tinha uma ou mais escolas. Nas cidades maiores encontra-se um grande numero dellas, ecclesiasticas ou civis, umas ao lado das outras; nos antigos bispados, como Colonia, Worms, Strassburgo, Hildesheim prodominam as escolas catedraes e monachaes; nas novas grandes cidades burguesas como Burnberg, Hamburgo, Lubeck são mais numerosas as municipiaes." Pouco antes escrevera: que os ultimos seculos da idade media não são de decadencia, "mas, pelo contrario, um periodo de poderoso surto da civilização em todos os dominios; verdade que, em nenhum delles, se deixa ver mais claro que no campo da instrucção publica." (1).

Multiplicavam-se as escolas e a Igreja urgia o dever das familias de bem educarem os filhos. Num catecismo, escrito em baixo allemão e impresso em 1470 (o leitor está lembrado que para o Snr. ERNESTO foram os protestantes que inventaram a imprensa!), lê-se, entre outras cousas, no capitulo dos deveres dos paes: "Devem mandar-se os filhos bem cedo á escola de mestres conceituados para que sejam formados ao respeito, não apprendam cousas indignas na rua e não commettam peccado." (2).

Com este zelo, não é de maravilhar a diffusão da cultura popular na Allemanha antes do protestantismo. Apenas inventada a imprensa, as edições dos bons livros se foram multiplicando e a avidez da leitura accentuando-se de dia para dia. "Em nossos tempos, lê-se no *Guia d'alma*, toda a gente quer ler e escrever; o que, em se tratando de bons livros, é bom

(1) **Fr. Paulsen, Geschichte des gelehrten Unterrichts**, Leipzig, 1919, t. I, p. 20-21, p. 17.

(2) **Janssen, Geschichte des deutschen Volkes**, t. I, c. II.

e louvavel." "Só no territorio de Utrecht, escrevia, JOÃO BUCH reformador catholico do seculo XV (1479), ha mais de 100 associações livres de Irmãs e Beguinas que possuem um numero consideravel de livros allemães, (estamos nos primeiros dias da imprensa!) e os lêm todos os dias, em particular, ou, em commum, no refeitorio." "Os nobres do nosso paiz, bem como *a gente do povo, homens e mulheres,* tem muitos livros onde leem e estudam." "Em Zwolle, Zutphen e Daventer, por *toda a parte,* nas cidades e nas *aldeas,* leem-se e ouvem ler-se livros allemães." "Em Windesheim e em outros conventos já havia nesta epoca *bibliotecas allemãs populares, á disposição de todos."* (1).

Estas bibliotecas multiplicam-se em todo o paiz e não deixa de ser interessante investigar a origem popular de muitas dellas. Em Xantem, é um mestre carpinteiro, MATHEUS HOLTHOF, que deixa a sua casa e jardim a uma associação de Irmãos "para que, com o dinheiro apurado, comprem bons livros christãos que possam ser uteis ás almas dos leitores; e estes devem rezar pela pobre alma do doador." Um oleiro de Francoforte sobre o Meno dá a somma de 335 florins de ouro para a biblioteca do convento dos Carmelitas "afim de que esta biblioteca contribua para a gloria de Deus, de sua santa Mãe, para a *utilidade de todos,* e para que os livros *sejam conservados com honra."* (1477). Em Ulm, desde 1450, uma familia burguesa funda uma biblioteca para a cidade, a primeira deste genero na Allemanha. (2).

Com razão, pois, escreve PAULSEN: "Na idade

(1) **J. Buschius, Liber reformationis monasteriorum quorumdam Saxoniae,** in **Leibnitzii, Script. Rer. Brunschw.** Hannoverae, 1710, p. 926; **K. Grube, Johannes Busch,** Freib. i. B. 1881, p. 163.

(2) Cfr. **Janssen,** t. I, c. III.

media a cultura foi *popular*. Todos tinham uma lingua, uma fé, uma poesia, uma Igreja, uma arte."

Veiu a Reforma com a violencia destruidora de um immenso cataclysma social. "O *diruantur* dos artigos de Smalcada, esta palavra barbara e cruel, sôa como o martello dos demolidores onde quer que penetre a Reforma." (1). Demolição de igrejas, pilhagem de mosteiros, destruição de imagens, expulsão de religiosos, devastação, saque e morte foi o funebre cortejo que acompanhou a implantação do protestantismo em toda a parte. Se com a profunda convulsão soffreu a vida relgiosa, moral e economica, não menos desorganizada ficou a instrucção popular. Os testemunhos contemporaneos são unanimes. "As escolas vão caindo em completa ruina," "já não se cuida de aprender cousa alguma;" "deixam perecer as escolas" "faltam sacerdotes e escolas" para a educação dos pobres. "Os homens do povo afastam-se das escolas e retiram de todo, os seus filhos dos estudos." São expressões de LUTERO e, semelhantes a estas, encontram-se inumeras outras em todos os seus contemporaneos e correligionarios. (2).

Esta triste situação de decadencia intellectual *continuou e aggravou-se por seculos*. Quase *duzentos annos* após o advento da Reforma, nos fins do seculo XVII, escreve PAULSEN: "as universidades allemãs cairam no *mais baixo estado que ainda se viu* na estima publica e na influencia sobre a vida espirtual do povo allemão." (3).

---

(1) **Pierre Charles, La Robe sans couture**, Bruges, 1923, pag. 133. Dos collegios de conegos e cenobios que não pudessem ser convertidos em uns tantos usos, diziam estes artigos que "se abandonassem depois de devastados ou se destruissem, vasta deserantur aut diruantur." **Muehler, Symb. Buecher**, p. 306.

(2) O leitor poderá relê-los na IRC., 400-413.

(3) **Paulsen, Die deutschen Universitaeten und das Universitaetsstudium**, Berlim, 1902, p. 49-50.

O professor de Curityba, que não podia deixar de ter lido todos os documentos coevos (que citamos) de uma eloquencia incontestavel, deixou-os na sombra de um silencio culpado para affirmar aos seus leitores, *contra a verdade conhecida,* que em LUTERO e CALVINO repontavam "as origens da cultura moderna que o Protestantismo nobremente mantem na vanguarda da civilização contemporanea." p. 368 (1). Com um homem assim, é possivel uma discussão sincera?

— Com a affirmação acima lança o Snr. ERNESTO a ponte para os tempos modernos. "O quadro seguinte, escreve elle, fala por si e dispensa qualquer comentario: (p. 368):

Analfabetos.

Europa	%	*America*	%
Allemanha	0,05	E. Unidos	7,7
Dinamarca	0,2	Canadá	11,0
Suecia	0,2	Terra Nova	35,2
Suissa	0,3	Uruguay	39.8
Hollanda	0,8	Cuba	43,4
Escocia	1,6	Chile	49,9
Inglaterra	1,0	Argentina	54,4
Belgica	7,9	Porto Rico	66,5
França	14,1	Mexico	70,7
Austria	18,7	Columbia	73,0
Italia	37,0	Costa Rica	80,2
Espanha	58,7	Bolivia	82,9
Portugal	68,9	Brasil	85,2
Russia	69,0		

---

(1) E' admiravel este protestantismo. A elle se deve a cultura moderna; a elle, a invenção da imprensa (!!); a elle, a forma republicana na Suissa (!!). Mais! "se alguem entrar no vale dos gloriosos Valdenses, cujas tradições protestantes remontam aos dias

O Snr. ERNESTO julgou que este quadro "dispensava qualquer comentario." O noviço mais leigo em materia de estatistica dirá pelo contrario que poucos quadros estatisticos exigem tantos commentarios. Antes de tudo, qual a fonte em que foram hauridas estas cifras? Não se nos diz. Esta exigencia elementar em qualquer trabalho serio e absolutamente indispensavel num escrito de indole polemica, foi de todo descurada. Não duvidamos da sinceridade do illustre professor, mas ir ás fontes é um direito e em consultá-las immediatamente nunca se perde tempo.

Mais. A que anno se referem aquellas percentagens? São todas do mesmo periodo e portanto equiparaveis? ou, pelo contrario, pertencem a epocas differentes e compara-se o Brasil de 1870 com os Estados Unidos de 1930, a França de 1880 com a Hollanda de 1910? Não no-lo diz o Snr. ERNESTO, e esta omissão é profundamente deploravel num engenheiro, num professor de Escola polytechnica! Dir-se-ia que o illustre profissional nunca manejou estatisticas na sua vida. Que vale uma estatistica sem data?

Mais ainda. O quadro dá-nos as percentagens dos analphabetos. Percentagens sobre que? sobre a população total? sobre a população escolar, a começar de 5, 6, 7, 10 ou 15 annos? Tambem o descaso desta indicação, que condiciona *de modo essencial* a comparabilidade entre os differentes paizes, revela um escritor inteiramente leigo em materia de estatistica. Toda a gente sabe que alguns paizes dão a percentagm dos analphabetos na população total, outros na população que se suppõe já susceptivel de instrução. O limite minimo desta capacidade não é igualmente ava-

---

dos apostolos (!!!) [Porque não a Adão e Eva?] não encontrará um analphabeto sequer, nem homem, nem mulher, nem creança!!!" p. 368. Deste passo, os filhos de protestantes brevemente serão alphabetizados antes de nascer!! Maravilhoso protestantismo!

liado pelos differentes departamentos estatisticos. Ha estatisticas dos Estados Unidos em que a percentagem dos que sabem ler é calculada sobre a população de *idade superior a* 10 *annos;* na Europa, de regra, este limite é mais baixo: 5 annos na França, Portugal, Espanha, 6 na Polonia, 7 na Belgica e na Tchecoslovaquia. A differença nos resultados é consideravel. Um paiz que conta os analphabetos na população total terá sempre a sua percentual representada por varias unidades (10 a 12 %) emquanto essa taxa poderá descer abaixo da unidade nos paizes sufficientemente cultos em que se toma como termo de comparação a população em idade escolar de 5, 8 ou 10 annos para cima. Assim, por eexmplo, na Hungria a percentagem de analphabetos em toda a população é de 23 %, na população superior a 6 annos, de 15 %. (1).

Uma vez, porém, que se descuram todas estas exigencias fundamentaes e se nos calam as fontes mysteriosas desses numeros, não nos resta senão recorrer directamente ás estatisticas officiaes para lhes verificar, a exactidão. Tomo o *Aperçu de la démographie des divers pays du monde,* publicado pelo Officio permanente do Instituto Internacional de Estatistica, com séde em Haya; infelizmente sobre a instrução as informações não são completas. Dos paizes citados pelo Snr. ERNESTO apenas 4 se encontram mencionados, e em 3 destes, as cifras adduzidas pelo professor *são inteiramente falsas*. A percentagem relativa á Belgica é sensivelmente a mesma. Na Espanha, a percentagem de analphabetos era, em 1920, de 46 %, o Snr.

(1) Cfr. **Annuaire statistique hongrois,** t. XXXVII, 1929, Budapest, 1931, p. 341. Assim a Finlandia em 1920 apresentava apenas 1 % de analphabetos, mas estes eram contados, contra o costume de todos os outros paizes, na população **de idade superior a 15 annos.** Compreende-se agora o que vale a affirmação do Snr. **Ernesto:** "como todos os outros povos protestantes, a Finlandia não tem analphabetos." p. 363.

ERNESTO elevou-a para 58 %; na França, na mesma data, 9 %, o Snr. ERNESTO augmentou-a para 14; no Chile, a percentagem era de 42 %, o Snr. ERNESTO subiu-a a 49. Augmento de 12 unidades no primeiro caso; de 5, no segundo, de 7 no terceiro. (1). Abro o *Anuario Statistico Italiano*, e encontro para 1921 a percentagem de 28 % de analphabetos, que o Snr. ERNESTO eleva de 9 unidades para 37 %. (2).

Não ha, pois, fiar-nos dos numeros indicados. Procuremos outros meios de avaliar a diffusão comparada do ensino, e, de passagem, se nos offerecerá, o ensejo de apontar os varios factores naturaes que podem contribuir para a diminuição dos analphabetos sem appelar para o protestantismo. (3).

Numero de alumnos por 1.000 *habitantes.*

E. Unidos	203	Suecia	139
Belgica	188	Espanha	122
Canadá	185	**Japão**	114
Hollanda	172	Italia	110
Grã Bretanha	171	Argentina	98
França	161	Uruguay	79
Allemanha	158	Chile	68
Suissa	158	Finlandia	61
Noruega	157	Portugal	59
Dinamarca	155	Mexico	57
Austria-Hungria ..	146		

Já começa a desapparecer aquella gradação invariavel, visivelmente *arranjada* para uma apologia do

---

(1) **Aperçu**, etc. p. 87.

(2) **Annuario Statistico Italiano**, Anno 1928, VI, p. 71.

(3) Os dois quadros seguintes são tirados da **Estatistica da Instrução**, I Parte, Estatistica Escolar, Vol. I. pp. CCXX, Rio, 1916. Os dados referem-se aos annos de 1907-08, ou immediatamente proximos. Ahi encontrará tambem o leitor, em longa nota, a indicação das fontes officiaes dos differentes paizes de que foram extraidos os dados que utilizamos.

protestantismo. A crermos nas tabelas do Snr. Ernesto tanto na Europa como na America, os primeiros logares eram todos dos protestantes, os ultimos, sem excepção, dos catholicos. Aqui a catholica Belgica occupa o primeiro logar da Europa, o segundo, depois dos Estados-Unidos, muito acima das suas collegas protestantes, Suecia, Noruega, Dinamarca, etc. Acima tambem destes povos está a França, como a Austria está acima da Suecia e a protestante Finlandia desce a um dos ultimos logares, depois do Chile e immediatamente antes de Portugal.

Encaremos o assumpto sob outro aspecto.

Numero de escolas por 10.000 *habitantes*

E. Unidos	30	Hollanda	11
Suecia	27	Allemanha	10
Italia	24	Argentina	10
França	22	Mexico	9
Belgica	20	Equador	9
Irlanda	19	Chile	9
Espanha	17	Uruguay	9
Finlandia	17	Grã Bretanha	8
Dinamarca	16	Russia	7
Suissa	16	Japão	6
Portugal	13		

Aqui dos 7 primeiros logares, 5 pertencem a paizes catholicos. Este quadro, porém, tem outro valor instructivo mais importante: mostra-nos de que factores naturaes depende a diffusão de um ensino no paiz. A Allemanha e a Argentina, por exemplo, têm o *mesmo numero de escolas* por 10.000 habs. No entanto enquanto a Allemanha instrue 158 alumnos por 1.000 habitantes, a Argentina, consegue apenas distribuir a instrucção a 98. E' que a superficie do territorio alle-

mão é 6 *vezes menor* que o argentino, e a densidade da população quase 40 *vezes maior*. Para obter o *mesmo resultado*, a republica sul americana deveria despender um esforço financeiro e administrativo muito maior que o antigo imperio europeu.

E ahi temos as causas naturaes da desigualdade de instrução nas differentes nações. Onde a população é mais densa, a alphabetização é mais facil. Os paizes industriaes levam, neste ponto de vista, grande vantagem aos agricolas: nos grandes centros urbanos, onde se accumula o operariado, é mais facil abrir escolas que disseminá-las pelas populações ruraes, naturalmente mais dispersas e rarefeitas. Appliquem-se estes criterios á distribuição do analphabetismo num e noutro continente e ver-se-á, talvez sem nenhuma excepção, que a diffusão popular do ensino é funcção da densidade demographica e da maior ou menor industrialização do povo. E ahi está, porque, de modo geral, ha menos analphabetos no norte da Europa que no Sul. As minas de carvão de pedra industrializaram todos os povos — catholicos e protestantes — e permitiram-lhes com muito menos despezas generalizar a instrução popular. A Tchecoslovaquia, catholica, (80 %) porém mais industrial apresentava em 1920 apenas 7 % de analphabetos enquanto a vizinha Estonia, mais protestante (76 %) que a Allemanha ou a Hollanda, contava, na mesma data e nas mesmas condições de avaliação quase 13 % de illetrados. (1).

A Italia, que até ha poucos annos, era essencialmente um paiz agricola, sem grandes centros urbanos, mantinha por 10.000 habitantes, um numero de escolas (24) muito maior que a Dinamarca (16), a Suissa (16) e a Hollanda (11), mas com resultados, na diffusão real do ensino, muito inferiores.

(1) Cfr. **Annuaire statistique hongrois**, p. 341.

O quadro seguinte porá em maior evidencia, o influxo destes factores. Nelle vemos distribuida pelas differentes provincias da Italia a percentagem dos esposos, que, no acto do casamento, sabiam ler e escrever. (1).

Piemonte	99,06	Umbria	82,99
Liguria	97,88	Lacio	88,67
Lombardia	99,05	Abruzzos	76,82
Venezia Tridentina	99,69	Campanha	74,06
		Puglia	71,85
Veneto	95,29	Basilicata	65,58
Venezia Giulia ..	90,85	Calabria	61,43
Emilia	93,96	Sicilia	74,70
Toscana	90,08	Sardenha	68,50
Marcas	83,33		

As regiões industriaes do norte apresentam uma percentagem de analphabetos, comparavel á dos melhores paizes do mundo. No Piemonte, na Lombardia, na Venezia — os grandes centros da industria italiana, a taxa dos que não sabem ler não chega a 1 %. Na Toscana, na Umbria e no Lacio — mais agricolas, — vae crescendo o numero dos ignorantes do alphabeto, e a sua percentagem attinge as cifras mais elevadas na Sicilia e na Sardenha, onde a população é mais rarefeita e a agricultura, a quasi exclusiva occupação dos habitantes. Que tem que ver com tudo isto o factor religioso? São, porventura, menos catholicos que os sicilianos, os filhos da Venezia, da Lombardia ou do Piemonte?

Outra confirmação não menos interessante. Antes que, no seculo XIX, a machina de vapor e o carvão de pedra que lhe condiciona a actividade, houvessem

(1) A estatistica refere-se ao anno de 1926. Cfr. **Annuario Statistico italiano**, p. 71.

modificado a situação economica dos paizes do Norte da Europa, eram a Allemanha e a Inglaterra, precisamente quando mais protestantes, que apresentavam, em relação á França e á Italia um numero maior de analphabetos. Citemos uma estatistica interessante de um zeloso presbyteriano que viajou pelos paizes catholicos no primeiro quartel do seculo XIX: "Em todas as ruas de Roma, a pouca distancia, umas das outras, encontram-se escolas primarias para a educação dos meninos da classe media e infima. Roma com uma população de 158.678 almas tem 372 escolas primarias, 452 mestres e 14.099 alumnos. Berlim com uma população *duas vezes maior* conta apenas 264 *escolas*. Roma possue uma universidade frequentada por 600 estudantes e os Estados do Papa com uma população de 2 milhões e meio contam 7 universidades. A Prussia protestante conta apenas 7 para uma população de 14 milhões. O facto que Roma tem pelo menos 100 *escolas mais que Berlim,* bem que a sua população seja a metade, basta para dissipar todas as calumnias." (1). Eis a differença entre paizes catholicos e protestantes, antes da era do carvão de pedra. Não foi o protestantismo que alphabetizou os povos!

Para o insinuar aos seus leitores o Snr. Ernesto esqueceu a influencia natural de outros factores, apagou completamente da lembrança a historia dos dois seculos que se seguiram immediatamente á Reforma e falseou as estatisticas contemporaneas. Não é por estes processos que se costuma defender a verdade!

---

(1) **Laing, Notes of a traveller,** Cit. por **Haulleville, Dell'avvenire dei popoli cattolici,** p. 215-216.

CAPITULO III

A Igreja, a Reforma e a moral.

Com a moral entramos no dominio da influencia directa da religião. Não é contando automoveis nem banheiras que se aprecia a grandeza religiosa de um povo. Christo, com a sua Boa Nova, não nos veiu communicar o segredo do "conforto;" veiu trazer-nos o principio de uma vida sobrenatural mais elevada: *ego veni ut vitam habeant et abundantius habeant*. Mais respeito á consciencia, mais grandeza d'alma, mais heroismo no soffrimento, mais amor do proximo, mais temor de Deus, maior fidelidade na pratica dos seus mandamentos, mais perseverança no cumprimento dos deveres domesticos e sociaes, eis o campo proprio em que directamente se exerce a efficacia civilizadora da vida religiosa. O verdadeiro christianismo achar-se-á onde houver mais santidade, não onde se contarem mais dollares nem se armarem mais canhões.

E no entretanto, — quem tal o crera? sobre este ponto, silencia completamente o advogado paranaense do protestantismo!

Haviamos demonstrado que o primeiro effeito da ruptura religiosa do seculo XVI foi um desencadeamento da mais dissoluta immoralidade. Accumulamos, umas sobre outras, as citações, citações de *autores protestantes e contemporaneos*, citações dos proprios protagonistas da Reforma. *"Depois da pregação da nossa doutrina,* escreve LUTERO, os homens entregaram-se ao roubo, á mentira, á impostura, á crapula, á embria-

guez e a toda especie de vicios. Expulsamos um demonio e vieram *sete peiores*. Principes, senhores, nobres, burgueses e agricultores perderam de todo o temor de Deus." (1). Babylonia, Sodoma e Gomorra, a corrupção que precedeu o diluvio são os termos de comparação frequentemente empregados pelos escritores do tempo para descrever a depravação de costumes entre os novos evangelicos. Vinte paginas (IRC., 439-458) enchemos de documentos e provas historicas de primeira mão e ao terminá-las nos comprometemos "a reconstruir uma e muitas vezes o quadro bosquejado acima com o mesmo numero de referencias authenticas e contemporaneas." (p. 457). Contestou, por ventura o Snr. Ernesto, a authenticidade de uma só das nossas citações? Não. Adduziu um só documento, contemporaneo da epoca estudada, que pudesse não digo destruir mas sequer atenuar o effeito desastroso daquele côro unisono de vozes a se succederem como o dobre funebre que annunciava á posteridade o indiscutivel fracasso moral da Reforma? Tão pouco. O professor protestante, tão diligente em levantar estatisticas de carvão e petroleo, em contar ventiladores e fogareiros, emmudeceu sobre este ponto capital.

E não paramos aqui as nossas investigações. Depois de indicarmos as causas de uma rehabilitação parcial dos costumes nos povos "reformados," levamos a nossa investigação ao estudo parallelo da moralidade actual entre as nações catholicas e as protestantes. As estatisticas nos subministravam um instrumento de observação social mais preciso e rigoroso, e sobretudo, independente do subjectivismo das apreciações e da parcialidade na escolha de factos isolados ou particulares. O resultado a que chegamos foi, que, em todos os phenomenos sociaes em que as cifras nos podem

(1) Weimar, XXVIII, 763.

informar sobre a moralidade de um povo, — natalidade illegitima, divorcio, suicidios — as populações catholicas, em identidade de outras condições, se avantajam notavelmente ás protestantes. (Cfr., IRC., pag. 459-509).

Que oppõe o Snr. ERNESTO a toda esta demonstração de importancia capital e decisiva? Nem uma só pagina! Prevendo talvez o effeito desastroso que esta omissão produziria no animo dos seus leitores, terminou o seu prefacio com estas palavras: "As mentiras estatisticas, aventadas pelo rev. Franca, terão por certo muito valor, mas não para nós: acaso não bastará a demonstração de que a maior parte das citações que passaram pela sua pena sairam com a marca da fabrica? Eis porque passamos por algumas delas um tanto sumariamente." p. 20. Neste trechinho de ouro se desenha todo o perfil moral de um polemista. De cerca de 500 autores e de 1000 citações que allegamos no nosso trabalho, o Snr. ERNESTO não provou a falsidade *de uma só*. Mas é bom que, desde as primeiras paginas já vá o leitor suggestionado com "a demonstração (!!) de que a *maior parte* (!!!) das citações que passaram pela minha pena sairam com a marca da fabrica." Os numeros, porém, são ainda mais rebeldes, e as estatisticas menos amolgaveis que as citações. Que fazer? Processo efficacissimo: "passar por algumas delas *um tanto sumariamente*." Mas, apesar disso, os nossos numeros são averbados delicadamente de "*mentiras estatisticas*." Mentira, professor? Como o sabe? Verificou-as? tem provas de sua falsidade? Então, porque não adduzir estas provas? Porque dar de "mentiroso" a um autor, e não justificar cabalmente o uso de qualificativo tão pouco parlamentar? Se havia assumpto, sobre o qual a ethica profissional exigia que se não passasse "um tanto sumariamente" era precisamente este.

Mentiras? Não, illustre professor, não são mentirosas as estatisticas que citamos. Lá encontrará as fontes onde as bebemos. Não enfileiramos cifras, calando-lhes a origem. Haurimo-las das *fontes officiaes* publicadas pelos Departamentos estatisticos das differentes nações; haurimo-las dos mais conceituados mestres na sciencia, mestres de reputação mundial illibada, como Oettingen, G. von Mayr, Masaryk, Bertillon, Krose, etc., etc., que, todos por sua vez, indicam os documentos de origem official dos quaes transcreveram os seus quadros. Não, professor, não são mentiras; são verdades e verdades que duram ainda. Ha cerca de 10 annos foi escrito o livro a que o Snr. teve intenção de replicar. As conclusões, então firmadas, continuam a ser exactas. Com material inteiramente novo, com documentação recente poderiamos refazer toda a demonstração anterior chegando ao mesmo resultado. Hontem, como hoje, continua a ser *verdadeiro* e *estatisticamente demonstravel*, que, muito maior entre protestantes que entre catholicos, é o numero de divorcios, de suicidios, de fraudes conjugaes, etc., etc. O catholico, nas adversidades da vida, encontra na sua religião, uma fonte de energias mais profundas, uma capacidade de resistencia mais forte que o protestante. Na fidelidade aos deveres conjugaes, na restricção artificial da natalidade, a superioridade efficaz da moral catholica é tambem de uma evidencia mathematica. Hoje, todos os povos protestantes, *sem excepção de um só*, apresentam um indice de natalidade insufficiente para lhes conservar a população num nivel estacionario. — Entraram na fase do declinio. *E' um facto*. Se a civilização occidental não perecer na immensa catastrofe de um suicidio criminoso, só o deverá á acção efficazmente preservadora da Igreja.

Mentiras? não, professor; são verdades, verdades amargas, verdades que destroem todos os castellos de

cartas das affirmações inconsistentes da superficial apologetica protestante, verdades destas que se não podem contestar senão passando por ellas "um tanto sumariamente" e chamando de "mentiroso" ao adversario, mas sempre verdades, verdades, verdades.

Não queremos mal ao professor de Curityba pelas amabilidades com que nos mimoseou. A culpa não é delle, é da causa que defende. Semelhantes processos de polemica não irritam nem desconsideram um humilde mas sincero defensor da Igreja; ao protestantismo, sim, comprometem-no irremediavelmente.

ANTES DE CONCLUIR

Quatro paginas, antes da conclusão, dedica o Snr. Ernesto ao "problema religioso no Brasil." Pouco espaço para tão grande assumpto. Mas nelle cabem todas as ideas do autor que neste ponto são poucas e elementares. Afim de protestantisar a Terra de Santa Cruz, é preciso começar por descatholicizá-la e para este objectivo não ha meio mais efficaz que uma intervenção energica dos poderes civis na vida religiosa da nação. O professor não ousa dizer os seus planos com clareza, lança mão de circunloquios, de euphemismos avelludados, affirmando menos nas letras de fôrma e suggerindo mais nas entrelinhas.

A principio, uma declaração indispensavel: "como protestante e genuino discipulo de Calvino somos e devemos ser propugnadores pela liberdade do pensamento ampla e completa para todos os credos religiosos, politicos e sociaes." p. 369. Nesta liberdade "ampla e completa," onde ha sombra amiga para todas as opiniões em todos os dominios, cumpre, porém, abrir uma excepção grave. "Nem por isso deixamos de reconhecer que o Catholicismo romano, em certos paizes, necessita de ser severamente enquadrado num instituto legal." Singular maneira de respeitar as liberdades alheias! Sob o sol do direito commum, nesta immensa patria livre, poderá respirar desafogadamente o protestantismo e... quem o protestantismo quiser agraciar com um "pode viver." A Igreja catholica não foi julgada digna dessa benevolencia; entre "todos os credos religiosos, politicos e sociaes", merecedores indis-

tintamente do respeito legal não ha logar para a Igreja; a religião que plasmou a nossa nacionalidade, que se identifica com a historia da nossa formação espiritual e a vida das nossas tradições mais gloriosas, a religião da quase totalidade dos brasileiros, essa não póde respirar o ar puro da liberdade de todos. Enquadrem-na severamente num instituto legal; lancem-lhe uma camisa de força; peiem-lhe a espontaneidade dos movimentos, suffoquem-na legalmente numa asphyxia lenta e progressiva. E' assim que "os protestantes e genuinos discipulos de Calvino" entendem a liberdade.

E qual seria a natureza destas molduras legaes e severas que deveriam enquadrar a Igreja?

Antes de tudo, guerra ás ordens religiosas. A Monarchia já havia resolvido extingui-las por "constituirem um perigo nacional." A republica "entregou todas as suas propriedades nas mãos da Igreja de Roma." — Perdão, professor, não entregou cousa alguma, respeitou apenas os principios mais comezinhos da justiça; procedeu como procede todo o governo honesto que não se apodera do que lhe não pertence. Vieram depois os frades extrangeiros, "exercitos de milhares e milhares;" "uma verdadeira nuvem, negra como a noite, escureceu o Sol e o Ar do Brasil." E que "fazem aqui estes exercitos extrangeiros? Recolhem as rendas dos immensos patrimonios que lhes foram doados, esmolam e engordam." p. 370. Nunca se formulou requisitorio mais formidavel contra as instituições religiosas. Verdade historica dos factos, sentimentos de direito e de justiça, respeito á fama e á honra do proximo, tudo converge para fazer da accusação do protestante uma obra prima de veracidade, equidade e delicadeza. E o professor paranaense conclue, satisfeito e tolerante: "Não deixa de ser crime gravissimo abrigar um paiz em seu seio um exer-

cito de solteirões que nada produzem, e que, nem ao menos concorrem officialmente (!!) com a sua prole para a potencialidade da nação; é mais que crime, é pecado!" p. 370. O leitor que tire as consequencias destas premissas.

Mas o peior é que esses religiosos ensinam e educam os brasileiros. Poderá haver crime mais irresgatavel? Devem ser brasileiros "os que plasmam e dirigem consciencias de brasileiros. E' assim no Mexico; é assim no Japão; e assim deve ser no Brasil." p. 369. Quanto ao Japão, engana-se o Snr. Ernesto Lá ensinam os religiosos como aqui. Jesuitas lá e jesuitas cá. Em vez do Japão, poderia o professor substituir a Russia. Russia e Mexico: ahi estão dois modelos de liberdade, de paz, e de grandeza social, dignos de serem imitados pela nossa Republica. "E' assim no Mexico... assim deve ser no Brasil."

Entre catholicos não creio, seja grande o prestigio do Snr. Ernesto; entre os seus correligionarios é de presumir sejam mais acatados os seus pareceres e mais docilmente seguidas as suas suggestões. Ignora porventura o Snr. Ernesto que existem no Brasil varios collegios protestantes, dirigidos *por extrangeiros,* residentes aqui ou *fóra daqui?* Ignora que estes mentores da mocidade brasileira, se acham, muitas vezes, pela religião, pela raça, pelos interesses economicos e politicos, em contraste com os mais profundos interesses da unidade espiritual e da paz e harmonia da familia brasileira? Abrir fogo contra elles, denodado professor. Immediatamente, um memorial ao governo da Republica, pedindo sejam incontinente fechados estes estabelecimentos. "Sejam brasileiros os que plasmam e dirigem consciencias de brasileiros." E' uma questão de coherencia e de sinceridade de convicções. Comece, pois, pelos seus a sua acção purificadora de xenofobia nacionalista. Quanto aos collegios catholicos,

as innumeras familias brasileiras que lhes confiam de preferencia os seus filhos ahi estão a assegurar-nos que não constituem "um perigo nacional."

Na sua reacção anticatholica o Snr. Ernesto atira a barra mais longe. E' preciso que o governo entre nas suas vistas, "esse problema... é nacional. E necessita de urgente estudo e solução! Em caso contrario, teremos de seguir passo a passo a trilha do Mexico". p. 372. Mais de uma vez se nos agita ante os olhos o exemplo da infeliz Republica latina do Norte. Todos estamos ainda lembrados das vergonhosas paginas com que o despotismo dos seus governos nodoou a civilização contemporanea. Bispos exilados, sacerdotes espingardeados, mulheres e crianças, deportadas, jovens crucificados; pilhagens, desterros, oppressões inauditas, execuções sumarias, roubo, carnificina e morte; pareciamos transportados ás epocas mais tristes da historia. Todo o mundo civilizado execrou, com os estygmas mais candentes, os excessos de uma tyrannia que já se não julgava possivel em nossos dias. O professor de Curityba vê por outro prisma. "O que ao mundo pareceu uma perseguição religiosa, outra coisa não era que legitima defesa." p. 372. E como no Brasil, estamos ameaçados do mesmo perigo, ou o governo toma a iniciativa da oppressão legal, ou, num exercicio de legitima defesa, "teremos de seguir passo a passo a trilha do Mexico." (1).

(1) O clero italiano sobretudo desperta os temores do Snr. Ernesto. "O Brasil deve lembrar-se de que o clero italiano já não é o representante apenas de um poder espiritual; mas tambem o de um poder politico extrangeiro, que nem sempre poderá ter seus interesses em concordancia com os nossos e ser-nos amigo." p. 371. — Realmente o perigo é grave e cumpria denunciá-lo á cegueira dos nossos governos. Estamos sob a ameaça imminente de vermos amanhã os couraçados do Papa a bombardearem as nossas capitaes e as bandeiras pontificias a tremularem nas nossas alfandegas. — Outros missionarios extrangeiros que aqui vem espargir biblias e se abrigam á sombra de um pavilhão imperialista a projectar sua sombra inquietante sobre todas as nações menos armadas, esses não impressionam a hyperestesia nacionalista do patriota de Curityba.

Não se enganou o nosso critico, affirmando que era pela liberdade de pensamento como "protestante e genuino discipulo de CALVINO." Por uma admiravel hereditariedade todo o sangue do reformador suisso corre nas veias do seu admirador curitybano. CALVINO entendia de modo bastante original a liberdade de pensamento. A sua profissão de fé protestante, elle a impôs cumpulsoriamente e sob juramento, a uma cidade que, poucos annos antes, era toda catholica. Quem a recusasse jurar, cadeia, exilio. Com Miguel Servet o respeito do livre exame chegou até ás amabilidades da fogueira. O protestante brasileiro é um genuino discipulo do grande Mestre. CALVINO em Genebra, CALLES no Mexico — magnificas perspectivas que no horizonte das liberdades nacionaes rasga o Snr. ERNESTO LUIZ DE OLIVEIRA!

CONCLUSÃO.

Ahi está o livro que a imprensa protestante annunciou ao Brasil como "colossal," "estupendo," "argumentação fulminante," "uma das mais brilhantes defesas do Evangelho," "o livro mais notavel da actualidade."

No ponto de vista da sciencia, nada mais miseravel. Não houve disciplina que não fosse pelo Snr. Ernesto maltratada sem dó nem piedade. Geographia e historia, theologia e exegese, economia politica e estatistica sairam doloridas a sangrarem por todos os poros das deshumanas flagellações que lhes infligiu o critico sem compaixão.

No ponto de vista da moralidade profissional do polemista, nada mais triste. Nenhum escrupulo em calar argumentos, em desrespeitar verdades evidentemente demonstradas, em repetir accusações victoriosamente rebatidas, em omittir referencias indispensaveis, em deformar e falsear visivel e conscientemente pensamentos dos autores citados. Nenhum respeito aos direitos superiores e intangiveis da verdade. Em vez de uma critica serena, o libello de um sectarismo apaixonado.

Fechemos, desconsolados, este livro infeliz. E falemos aos protestantes como sempre lhes quiseramos falar, num ambiente de sinceridade completa que nenhuma preoccupação polemica venha perturbar.

Já lá se vão quatro seculos que o protestantismo, separando-se da Igreja, rompeu a unidade espiritual do Occidente. E' tempo de cair a poeira levantada pelos primeiros combates e tomarem os contendores consciencia sincera de suas respectivas posições. Cessem os protestantes de repetir as suas velhas accusações demonstradamente falsas; cessem de confundir o culto dos santos com a idolatria, o governo dos successores de S. Pedro com a tyrannia de uma vulgar ambição humana; cessem de encarar a Igreja catholica com esta hostilidade intractavel, pouco evangelica e offuscadora das verdades objectivas. Com uma franqueza meritoria, é o conselho dado recentemente pelo pastor JENDERZOK, de Lietzen: "Amigos ou inimigos da Igreja romana, devemos absolutamente apprender a melhor conhecê-la. Se quiserdes comprehender a essencia do catholicismo, comprae um catecismo romano. Elle vos mostrará que riquezas espirituaes possue esta Igreja." (1). Outro protestante, GUENTHER, pastor adjunto de Oberloessnitz: "Temos muito que tomar da vida espiritual tão rica do catholicismo romano. Sem duvida, convem provar tudo conforme o principio do Evangelho. Mas em face da Igreja romana, que, enfim de contas, é a nossa Igreja-mãe devemos conservar a attitude mais irenica." (2). Esta attitude pacifica — mais racional e mais christã, — levará a um conhecimento real da verdadeira Igreja catholica e fará tombar a barreira de preconceitos levantados pelos primeiros odios e pelas primeiras paixões, que se não podem eternizar sem detrimento da verdade.

---

(1) Die Hochkirche, 1921, p. 338.

(2) Ibid. p. 337: "Der roemisch-katholischen gegenueber... die doch unsere Mutterkirche ist, muessen wir eine klare Irenik halten." Die Hochkirche, é o orgão de uma nova igreja luterana, a Alta Igreja, que pretende tambem reagir (Cfr. Ibid. p. 363) "contra a estreiteza da igreja evangelica de viver só protestando contra Roma e multiplicando puras negações que não satisfazem a ninguem."

Conhecimento mais sincero do catholicismo e exame mais leal do protestantismo. Depois de quatrocentos annos a Reforma não fez senão dividir e separar. Ahi estão as seitas ás centenas; ahi está a fé christã mutilada em mil crenças diversas e mutaveis ao sabor das fraquezas e ignorancias humanas. Ora, a unidade de fé é uma condição essencial de uma religião revelada, *una fides;* a união da communidade christã é o desejo supremo de Quem fez da caridade e do amor o seu grande mandamento: *ut sint unum*. No proprio protestantismo, sentem-no todas as intelligencias mais elevadas, todas as consciencias que ainda não perderam de todo o senso do christianismo. Numa allocução pronunciada ante a Federação protestante em Paris, W. Monod, resumindo o espirito da conferencia de Stockolmo, dizia em 1925: "Trata-se de reformar a Reforma, de levar a termo um esforço de concentração, de reorganização, trata-se de lutar contra o *anarquismo* no sentido proprio por uma volta decisiva ao principio de ordem e de unidade... Numa palavra é um retorno ao senso do universalismo e da catholicidade... A Conferencia quis quebrar a corrente centrifuga da dispersão protestante." (1). Harnack, na Allemanha, em allocução pronunciada no seu jubileu, dissera estas palavras graves: "Desde a separação da Igreja catholica, tornou-se, entre protestantes, muito fraco o senso de uma confraternização real e efficaz dos homens pelo Evangelho e o esforço pela realização do pensamento: um só pastor, e um só rebanho. O verdadeiro catholico sente a bençam de uma grande communhão christã muito mais vivamente, o scisma da christandade com muito mais dor, e o dever da reunião com muito mais intensidade... O grande

(1) Cfr. H. Monnier, Vers l'Union des Eglises, Paris, 1926, p. 78.

pensamento de que pelo christianismo se ha de reconstituir a unidade dos povos não póde ser substituido por outros ideaes. Alegramo-nos quando vemos brilhar no mundo dos interesses materiaes um nobre patriotismo. Mas que miseravel é o homem que no patriotismo sauda o seu mais alto ideal... Com todas as forças devemos esforçar-nos pela unidade christã dos homens... (que não é) sonho de sonhos mas um objectivo inseparavel do Evangelho. Que estejamos hoje tão embotados, é uma consequencia da nossa separação... e só um protestante de vista muito curta poderá desconhecer que ella não só prejudicou aos nossos adversarios mas tambem a nós." (1).

E ante este espectaculo de ruinas, de divisões, de discordias e de incertezas soffrem as almas verdadeiramente christãs. Um grande convertido, descendente de uma das mais nobres familias de Genebra, protestante desde os tempos de Calvino, notou-o com justeza: "E' um facto, já muitas vezes observado, que, emquanto, no catholicismo, as almas quanto mais sentem a necessidade da religião e da fé tanto mais se confirmam na sua fé e melhor pratica a religião, no protestantismo, pelo contrario, a alma, quanto mais elevada, quanto mais inclinada ás cousas espirituaes, tanto mais soffre e hesita, quanto mais sêde de certeza sente a intelligencia, tanto mais é trabalhada pela duvida." (2).

E a nostalgia da unidade e o desgosto pelas interminaveis divisões descem das almas superiores para as massas que se vão gradualmente afastando das organizações ecclesiasticas protestantes. Nos Estados-Uni-

(1) **A. Harnack**, no **Internat. Monatschrift fuer Wissenschaft, Kunst und Technik**, Heft, 11, 1917, pp. 1350-1353. Citações como estas poderiamos colhê-las sem difficuldade em quase todos os protestantes de alma elevada.

(2) **Théodore de la Rive, De Genève a Rome**, Paris, 1895, Préface, p. XVII.

dos ha mais de 70 milhões de habitantes que não pertencem a nenhuma denominação christã, como por lá dizem. Na Allemanha, o mal vae-se aggravando de geração em geração. Quando foi do centenario de Lutero, confessou-o nestes termos um pastor-chefe (Hauptpastor) de Hamburgo, o prof. Dr. HUNZINGER: "Ha mais de meio seculo atravessam as igrejas regionaes evangelicas uma crise que attinge no presente o seu ponto culminante. Desta crise ha um aspecto mais externo, outro interior. Externamente é a diminuição progressiva da organização ecclesiastica (Kirchlichkeit é intraduzivel), internamente o afrouxamento do caracter confessional." (1). Outro personagem celebre, outrora pregador da corte imperial, DRYANDER, define a situação das almas nas igrejas protestantes, "um grave embrutecimento moral e um afastamento progressivo da igreja." (2).

Ora esta situação dolorosa, resultante de um mal progressivo e irremediavel, é a consequencia logica e historica do principio fundamental do protestantismo. Emquanto não houver um *centro de unidade,* emquanto o livre exame individual fôr soberano inappelavel em materia de fé, não ha como coibir "a corrente centrifuga da dispersão," nem lutar victoriosamente contra "o anarquismo no sentido proprio." Cumpre reformar a Reforma, mas reformá-la radicalmente, voltando ao christianismo tal qual o fundou Christo.

O Salvador prometteu a sua assistencia divina aos apostolos para que continuassem a pregar até a consummação dos seculos *tudo* quanto Elle nos havia ensinado; assegurou-nos ainda que as portas do inferno não haviam de prevalecer contra a *sua Igreja,*

(1) Hunzinger, Deutschland unter Kaiser Wilhelm II, p. 976.
(2) "Eine schwere moralische Verwilderung, eine zunehmende Entkirchlichung." Aufgabe der Kirche. Ein Wort in ernster Zeit, Berlim, 1919, p. 2.

fiel depositaria incorruptivel da fé. Mas para isto deu-lhe um fundamento indestructivel, levantou-a sobre a rocha de Pedro. Naquelle momento solemne, em Cesaréa de Philippe, ante os olhos do Salvador extasiado passavam, umas após outras, as gerações christãs sequiosas de verdade e de vida, e para que o tesouro a todos chegasse intacto e puro, todas ellas teriam o seu Pedro eternamente vivo, a sua rocha, sobre o qual, descançando a Igreja haveria de vencer os assaltos dos poderes inferiores. "E ahi temos o sentido profundo e religioso do facto da determinação de Pedro para rochedo sobre o qual se deveria construir a Igreja: tu és o Christo, filho de Deus vivo." Fé em Christo, Igreja, Pedro, tudo é solidario. Onde não ha Pedro, onde se denunciou a fidelidade a Pedro, ahi tambem se desmoronou a communhão da fé, e, com a communhão da fé, a propria fé em Jesus Christo. Sem Rocha, não ha Igreja nem Christo... No Christo, a fonte da vida divina foi aberta uma vez para todas, a vida cheia de graça e de verdade. Para os povos como para os individuos não poderá haver vida duradoura e fecunda que se não venha alimentar nesta vida divina primordial. No nosso Occidente não póde haver communhão de espiritos nem unidade de almas que nesta fonte divina não venha haurir os seus surtos, as suas aspirações e esperanças. O Christo é, e não poderá deixar de ser, o Coração da humanidade, a sua unica e verdadeira patria. Nelle só, poderá ella encontrar o repouso de sua alma. Estamos convencido que ao Occidente não resta outra alternativa senão a de desapparecer com a sua civilização — já se ouvem os prophetas de sua morte — ou regenerar-se nAquelle que é nossa vida. E só lhe poderá trazer a vida do Christo a Igreja edificada sobre Pedro por Christo, porque só ella recebeu a promessa de que as portas do Inferno não prevaleceriam. Ella só possue o pe-

nhor da duração, só a ella pertence o futuro... Na agitação que separa, desloca e secca as almas no Occidente só ella é portadora de um ideal commum, de forças religiosas que permittem construir, de energias moraes positivas e de um verdadeiro surto vital... Olhando ao passado ou ao futuro, fóra da Igreja de Pedro não vemos nenhuma unidade dynamica interna, nenhuma historia seguida e coherente, mas um emmaranhar-se de acontecimentos sem finalidade, convulsões de um corpo que já não tem alma. Para viver, precisamos da Igreja." (1).

Onde estiver a Igreja ahi está Christo; onde estiver Pedro, ahi está a Igreja.

LAUS DEO.

(1) K. Adam, Das Wesen des Katholizismus, tr. fr., p. 126-8.

INDICE ALPHABETICO

dos

ASSUMPTOS TRATADOS

Agostinho S. — e o seu "protestantismo" 91-100.

Allemanha, protestantismo liberal 168; instrucção na idade media, 253; trad. da Biblia, 182; dividida e prejudicada pelo protestantismo, 212-215; intolerancia protestante, 232-34, 235-37.

Biblia, falseada pelos protestantes, 132-135, 187-189; que lhe não podem estabelecer o canon, 129-131, 136-137; e lhe negam a inspiração 160; sua leitura entre catholicos, 177-187.

Calvino, perfil moral 112-115; intolerancia 234.

Cesarpapismo entre os protestantes, 238-242.

Concilio de Jerusalem e o primado de S. Pedro, 44-45.

de Nicea e o primado do bispo de Roma, 64-69.

de Constança e a infallibilidade do papa 78-81.

de Tolosa e a prohibição da leitura da Biblia 178.

de Trento e a leitura da Biblia 185.

Confissões de fé protestantes, contradictorias 150-155, e o poder civil 241.

Dissolução do protestantismo, 147-176.

Divindade de Christo negada por protestantes, 159-160, 278-279.

Esponha, traducção da Biblia, 179; causas de sua decadencia 196-208; instrucção e os religiosos, 200-203.

Estados Unidos, dissolução do protestantismo, 167; paralelo entre — e o Brasil 246-49.

França, protestantismo liberal 165; traducção da Biblia 179, instrucção na idade media 253.

Galileu e a infallibilidade do Papa, 86-89.

Hollanda, traducção da Biblia 180; intolerancia prot. 238.

Honorio I e a infallibilidade do Papa, 84-86.

Igreja fundada sobre Pedro 5-26; 52; indefectivel 69-72; na theologia de S. Agostinho 91-100; promove a instrucção 250-257.

Infallibilidade, necessaria á Igreja 72-74; falseada em seu conceito pelos adversarios 74-76; 90; objecções historicas contra a — 76-89; S. Agostinho e a —96-100; S. Jeronymo e a — 128, nota.

Inglaterra, protestantismo liberal 166; intolerancia protestante 231; traducção da Biblia, 180; opprime a

Irlanda 218-224; quando se fez protestante, 224-227; 229-231.
Inquisição 198-200; 242-3.
Instrucção e os religiosos, na Espanha, 200-203; na idade media 250-253; nos tempos modernos, causas do analfabetismo, 258-265.
Intolerancia protestante na Irlanda 222-224; na Inglaterra, 231; na Allemanha, 232-234; 235-37; na Suissa, 234; na Escocia, 237; na Dinamarca, 238; na Hollanda, 238; no Brasil, 271-275.
Irlanda opprimida pela Inglaterra, 218-224.
Italia, traducção da Biblia, 181; instrução popular, 263-265.
Lausanne, Conferencia de — 170-173.
Livre exame. suas consequencias 132. V *Regra de fé*.
Lutero, costumes desregrados 102-110; remorsos pungentes 110; falsea a Biblia 187; — e Henrique VIII, 230; sua intolerancia 232; — e o poder civil 239.
Papa, necessario à Igreja 54-56; successor de S. Pedro, 56; V. *Infallibilidade*, *Primado*
Paulo S. e o primado de S. Pedro, 36-43.
Pedro S. V. *Primado*.
Portugal. traducção da Biblia, 180; causas de sua decadencia 203-207.
Primado de S. Pedro, no Evangelho, 5-26; na Igreja primitiva 15, 34-48; na historia da Igreja 27-33; em S. Agostinho, 91-94; — e S. Paulo, 36-43; confessado pelos protestantes, 11-12; 48.
Regra de fé protestante, contraria á Escritura, 119-122; á historia do Christianismo, 126-128, 95-100; á razão, 129-136.
Samaria, missão de S. Pedro á — 34, 36.
Suissa, immoralidade desencadeada pela Reforma, 23, 132; origem catholica de suas instituições republicanas 24.
Tradição na Biblia 122-126; 138-139; em S. Agostinho, 96-100; na historia da Igreja 126-129; reconhecida pelos protestantes, 126.
Unidade da Igreja vãmente contestada, 143-147; inculcada no N. T. 173-176.

INDICE ONOMASTICO

Adam K., 282.
Agostinho S., 1, 24, 27, 31, 41, 57, 91, 100, 127.
Aleandro, 107.
Alford, 12.
Allier, 165.
Alzog, 240.
Aman, 77.
Ambrosio S., 25, 27.
Aphraates S., 27.
Asterio, 28.
Astier, 165.
Athanasio S., 67, 127.

Basilio S., 127.
Bernardo S., 24.
Betts, 161.
Bloomfield, 12.
Boehmer, 205.
Bois, 160.
Bonifacio I, 57.
Bossuet, 239.
Brieger, 108.
Brugger, 234.
Bullinger, 213.
Burkardt, 109.
Buschius, 256.

Calixto S., 57.
Calvino, 239.
Camerario, 213.
Camões, 204.
Cayré, 92.
Cassiano, 28.
Charles P., 195, 257.
Chemniz, 136.
Chenevière, 157.
Clemente S., 57, 61-63, 127.
Clenardo, 204.
Cobbett, 172, 199, 227.
Coquerel, 165.
Courderc, 73.
Cypriano S., 2, 27, 57.
Cyrillo de Alexandria S., 27, 127.
Cyrillo de Jerusalem S., 28.

De la Rive, 116, 129, 279.
Delprat, 254.
De Maistre, V, 57.
Denifle, 82.
Descartes, 89.
D'Herbigny, 21.
Doellinger, 213.
Doumergue, 157, 234.

Keil, 12.
Keim, 12.
Kerr, II, VIII, 140, 148.
Kluckhohn, 235.
Knabenbauer, 12.
Kneller, 24.
Knox, 239.
Kolde, 109.
Krogh-Tonning, 141.
Kuinoel, 12.

Lacordaire, 102.
Laing, 265.
Lamennais, 116.
Landrieux, 199.
Langenn, 212.
Lanz, 213.
Lea, 199.
Leão Magno S., 27, 57.
Le Bachelet, 73.
Leibniz, 3.
Lightfoot, 38, 63.
Llorente, 199.
Loesche, 108.
Loisy, 13, 31.
Louandre, 253.
Lutero, VII, 72, 102-112, 131 133, 135, 157, 230-234. 239, 267.

Macario, 28.
Macedo N. de, 205.
Major, 166.
Malheiro Dias, 205.
Mallock, 73.
Mansi, 252.
Mansel, 12.
Mathesius, 108.
Maximo S., 27, 28.
Melanchton, 106, 108, 136, 151, 231, 239.
Ménander, 214.
Ménégoz, 159, 165, 166.
Meyer H. A. W, 11.
Monnier, 12, 159, 165, 278.
Monod, 149, 166.
Montet, 157.
Mueller J., 153, 175, 176, 242, 257.

Niemeyer, 155.
Nilo S., 27.

Occo XIII.
Optato de Milevio S., 27, 57.
Origenes, 27, 127, 128.

Pastor, 73, 80.
Paul-Dubois L., 222.
Paulsen, 189, 255, 257.
Paulus, 109.
Perellius, 214.
Per Skansen, 172.
Peschel O., 199.
Pfleiderer O., 12.
Pistorius, 104.
Polycarpo S., 127.
Prado E. 243, 246, 247.
Prat F., 38, 40.
Pretorius, 187.
Proclo, 28.

Rabaud, 155.
Ranft, 127.

Ephrem S., 27.
Epiphanio S., 27, 28, 127.
Estevam S., 57.
Eusebio de Cesaréa, 28, 65, 66.

Fabri, 88.
Felix II, 57.
Flacius, 104.
Figueiredo A. P., 19, 28, 66.
Firmiliano, 28.
Franzelin, 26.
Fromont, 88.
Fulliguet, 157.

Galiffe, 113, 114.
Garrucci, 24.
Gaspar, 126.
Gassendi, 89.
Gaudencio, 28.
Geffken, 184.
Gelasio I, 83.
Gelasio de Cyzico, 67.
Gerson, 80.
Gillet J. F., 153.
Goyau, 157.
Gouhier, 89.
Gregorio de Nazianzo S., 27.
Gregorio de Nyssa S., 27, 127.
Grotius, 152.
Grube, 256.
Guenther, 277.
Gury, VI.

Haensel, 142.
Haintzel, 153.
Harnack, 48, 63, 69, 126, 158, 279.
Hasak, 183.
Hase K. v., 12.
Hausrath, 112.
Hayer, 107.
Hefele, 64-67, 69, 81.
Helbach, 236.
Heppe, 236.
Herculano A., 205, 207.
Hergenroether, 81.
Hermann W., 160.
Hilario S., 127.
Hoe, 104.
Holtzmann H. J., 11, 125.
Honorio I., 85.
Huber, 187.
Hunzinger, 280.

Ignacio S., 57-60, 127.
Inge, 166.
Innocencio I., 57.
Irineu S., 57, 61, 127.

Jalaguier, 12.
Janssen, XIII, 184, 199, 255, 256.
Jeanmaire, 165.
Jenderzok, 277.
Jeronymo S., 11, 27, 57, 127.
João Chrysostomo S., 27, 31-33, 42, 46, 127-128.
João Damasceno S., 127.
Juelicher, 12.
Julio I, 57.
Jurieu, 239.

Kattenbusch, 48.
Kalthoff, 186.

Rendu, 254.
Réville, 165.
Riccioli, 88.
Roberty, 165.
Rodrigues F., 203, 205.
Rohnert, 161.
Rosenmueller, 12.
Rousseau, 156.
Rufino, 65.

Sabatier, 158, 159, 165.
Salembier, 80.
Samponi, 85.
Schelling, 11.
Schluesselburg, 187.
Schmidt, 213.
Schmidt M. J., 213.
Schrevel, 38.
Seeberg, 126.
Simplicio, 57.
Siricio S., 57.
Sirmond, 251.
Sixto V, 77.
Socrates, 68.
Sohm, 63.
Sozomeno, 67.
Spanheim, 158.
Stapfer, 165.
Strobel, 237.

Taine, 208-211, 226.
Tertulliano, 27, 101, 127.
Theophilacto, 27.
Thiel, 83.
Thompson, 12.

Veith, 104.
Vicente de Lerins S., 127.
Victor S., 57.
Victorino, 28.

Weiss, 12.
Weizsaecker, 48.
Wellhausen, 12.
Wendland, 12.
Wiseman, 13.
Wolf A., 214.

Zorell, 23.
Zosimo, 57.
Zwinglio, 234.

INDICE ANALYTICO

Prefacio . . . . . I - XVIII

LIVRO I

INTRODUCÇÃO

CAPITULO I

O PRIMADO DE S. PEDRO NO NOVO TESTAMENTO

§ 1 — *O Primado de Pedro no Evangelho* 5-33
Tu es Petrus 6
As chaves do Reino dos Céus 13
Tudo o que ligares na terra 16
Confirma os teus irmãos 20
Apascenta as minhas ovelhas 21
A voz dos seculos 27
§ 2 — *O Primado de Pedro na Igreja Primitiva* . . . 34-53
Missão a Samaria 34
S. Paulo "campeão anti- papal" 36
Exercicio do Primado de Pedro 43
Conclusão 52

CAPITULO II

O PRIMADO DE S. PEDRO NA HISTORIA

§ 1 — *O successor de S. Pedro* 54-72
Perennidade do primado 54
Discussão do testemunho de S. Ignacio... 58
Discussão do testemunho de S. Clemente.. 60
O concilio de Nicéa 64
Onde a verdadeira Igreja? 69
§ 2. — *O magisterio infallivel dos successores de S. Pedro* 72-90
Imfallibilidade necessaria 72
Deformações repetidas da doutrina catholica 74
Erros dos papas 76

EXCURSUS A

"O protestantismo" de S. Agostinho 91-100

LIVRO II

A REFORMA PROTESTANTE

CAPITULO I

ORIGENS DA REFORMA

Os fundadores do protestantismo: Lutero 102
Calvino 112
Zwinglio 115

CAPITULO II

PRINCIPIO FUNDAMENTAL DA REFORMA

A nova regra de fé 118
A' luz da Biblia 119
Da historia 126
Da razão 128

CAPITULO III

CONSEQUENCIAS DO PRINCIPIO PROTESTANTE

Dissolução do protestantismo 142
A unidade catholica 143
A babel protestante 147
As confissões de fé 147
Dissolução dogmatica 149
Adogmatismo completo 156

EXCURSUS B.

A leitura da Biblia e os catholicos 177-187

LIVRO III

NAÇÕES CATHOLICAS E NAÇÕES PROTESTANTES

CAPITULO I

GRANDEZA ECONOMICA E POLITICA DOS POVOS CATHOLICOS E DOS POVOS PROTESTANTES

§ 1 — *Nações catholicas* 190-227
Observações preliminares 190
Espanha 196
Portugal 203

França 207
Austria 211
Belgica 215
Irlanda 218
§ 2 — *Nações protestantes* 227-249
Inglaterra; intolerancia protestante 229
O protestantismo e o poder civil 239
Allemanha, Suecia e outros paizes protestantes; 243
Estado Unidos e Brasil 245

CAPITULO II

A IGREJA, A REFORMA E A INSTRUÇÃO

Na idade media, instrucção popular 250
Nos tempos modernos, analfabetismo 258

CAPITULO III

A IGREJA, A REFORMA E A MORAL

Silencio significativo, ... 266
Estatisticas falsas? 268
ANTES DE CONCLUIR 271
CONCLUSÃO 276

Indice alfabetico dos assumptos tratados 283
Indice onomastico 285
Indice analytico 289